Anais do
18º CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

ANAIS DO
18º CONGRESSO
EUCARÍSTICO NACIONAL

FICHA TÉCNICA

Equipe de Redação:
Pe. Arthur Gusmão Simões Barza
Inácio José Buonafina Callado Filho
Pe. Moisés Ferreira de Lima
Valdemisa Lilioso de Lucena

Projeto gráfico, diagramação e capa:
Diego Alberto Cortez

Fotografia:
Pastoral da Comunicação da Arquidiocese de Olinda e Recife
Christian Farias
Henrique Santos Fotojornalismo

Direitos reservados à Arquidiocese de Olinda e Recife

“Queremos que as nossas ruas sejam também as ruas por onde Cristo passa; que as nossas casas sejam casas onde Ele tenha lugar; que nossa vida de cada dia seja tocada pela sua presença.”

Dom Antônio Marto, Cardeal
Legado Pontifício para o 18º CEN
Durante a homilia na Celebração Eucarística de conclusão do 18º CEN

TEMA:
PÃO EM TODAS AS MESAS

LEMA:
REPARTIAM O PÃO COM ALEGRIA E NÃO HAVIA NECESSITADOS ENTRE ELES.
(cf. At 2,46)

11 a 15 de novembro de 2022

ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE

PROVÍNCIA ECLESIÁSTICA DE OLINDA E RECIFE

REGIONAL NORDESTE 2 DA CNBB

Dom Antônio Fernando Saburido
Presidente

Mons. Albérico Bezerra de Almeida
Secretário Geral

Mons. Luciano Brito
Pe. Moisés Ferreira de Lima
Diác. Aerton Carvalho
Diác. Sérgio Vasconcelos
Ir. Paula Souza, PDDM
Comissão Executiva

Diác. Aerton Carvalho
Comissão de Finanças

Dom Genival Saraiva de França
Comissão Teológico-Pastoral

Pe. Moisés Ferreira de Lima
Comissão de Liturgia

Simone Oliveira
Comissão de Comunicação

Gilberto Gomes Barbosa
Comissão de Infraestrutura

Diác. Francisco de Assis Marcelino
Comissão de Acolhida e Hospedagem

Pe. Antônio G. de Medeiros Filho, SDB
Comissão de Voluntariado

Maria Antonieta Torres da Silva
Comissão de Cultura

Ir. Ivonete Kurten, FSP
Comissão da Feira Católica

Vandson José de Holanda
Comissão de Saúde

Pe. Fábio Farias
Comissão de Novas Comunidades

Ana Rita Suassuna
Tomé França
Comissão Interinstitucional

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 9
PERCURSO HISTÓRICO 13
ANOS PREPARATÓRIOS 22
CELEBRAÇÃO NA MATRIZ DO ESPINHEIO 22
HINO 23
LOGOMARCA 25
ORAÇÃO 27

ABERTURA DO ANO EUCARÍSTICO (2019) 29
LANÇAMENTO DO TEXTO-BASE 30
CELEBRAÇÃO DE ABERTURA DO ANO EUCARÍSTICO 30
CELEBRAÇÃO DE RELANÇAMENTO DO CONGRESSO 31
CELEBRAÇÃO DE RELANÇAMENTO DO CONGRESSO NOS VICARIATOS 32
TRÍDUO EUCARÍSTICO 32
CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA COM RITO DE ORDENAÇÃO DIACONAL 32
CELBRAÇÕES NAS COMUNIDADES 32
SOLENIDADE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DO CORPO E SANGUE DO SENHOR 32

SEMANA EUCARÍSTICA NA IGREJA MATRIZ DA BOA VISTA 34
CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA COM RITO DE ORDENAÇÃO PRESBITERAL 36
“RUMO AO CONGRESSO”: Encontros de preparação para o 18º CEN 37
ENCONTROS E ATIVIDADES DENTRO DO ANO PREPARATÓRIO 37
ENCONTRO ARQUIDIOCESANO DE LITURGIA 37
FESTIVAL DE ARTES DAS JUVENTUDES 37
ENCONTRÃO COM AS JUVENTUDES 38
PASSEIO CICLÍSTICO 38
LIVES DE ESTUDO DO TEXTO-BASE 38
SÉRIE DE CONCERTOS 39

O LEGADO PONTIFÍCIO 41
PEDIDO DE DOM ANTÔNIO FERNANDO SABURIDO AO PAPA FRANCISCO 41
NOMEAÇÃO DO LEGADO PONTIFÍCIO 42
CHEGADA 42
ENCONTRO E CELEBRAÇÃO COM OS ESTUDANTES DE TEOLOGIA 43
CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA – PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA | BOA VIAGEM 44

CELEBRAÇÃO DO 18º CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL 45
CELEBRAÇÕES 45
ORAÇÃO DA TARDE COM OS BISPOS E RECEPÇÃO 46
CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA DE ABERTURA 47
CELEBRAÇÕES E ADORAÇÃO EUCARÍSTICA NA CAPELA DO CENTRO DE CONVENÇÕES 53
MOMENTO MARIANO E CELEBRAÇÕES NAS PARÓQUIAS DA ARQUIDIOCESE 55
VIGÍLIA DAS JUVENTUDES 56
CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA COM PRIMEIRA COMUNHÃO EUCARISTICA NAS PARÓQUIAS DA ARQUIDIOCESE 58
CELEBRAÇÃO EUCARISTICA NAS COMUNIDADES PAROQUIAIS DA ARQUIDIOCESE 58
CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA COM OS MILITARES E FORÇAS AUXILIARES 59
CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA DE CONCLUSÃO E PROCISSÃO COM O SANTÍSSIMO SACRAMENTO 59

SIMPÓSIO TEOLÓGICO 65
CATEQUESES PÚBLICAS 130
ENCONTROS DO LEGADO COM GRUPOS ESPECÍFICOS 131
EXPOSIÇÃO: TESTEMUNHAS DE SANTIDADE 138
EXPOSIÇÃO: PASTORAIS SOCIAIS 139
FEIRA CATÓLICA 139
APRESENTAÇÕES CULTURAIS 142

CASA DO PÃO 145
O DIA DA INAUGURAÇÃO 145
A CASA: PRESENÇA E SERVIÇOS 147

RELATÓRIO FINANCEIRO 148

CONCLUSÃO 150

ANEXO (NOTAS DE RODAPÉ) 151

APOIO:

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO

HOME CENTER
Ferreira Costa

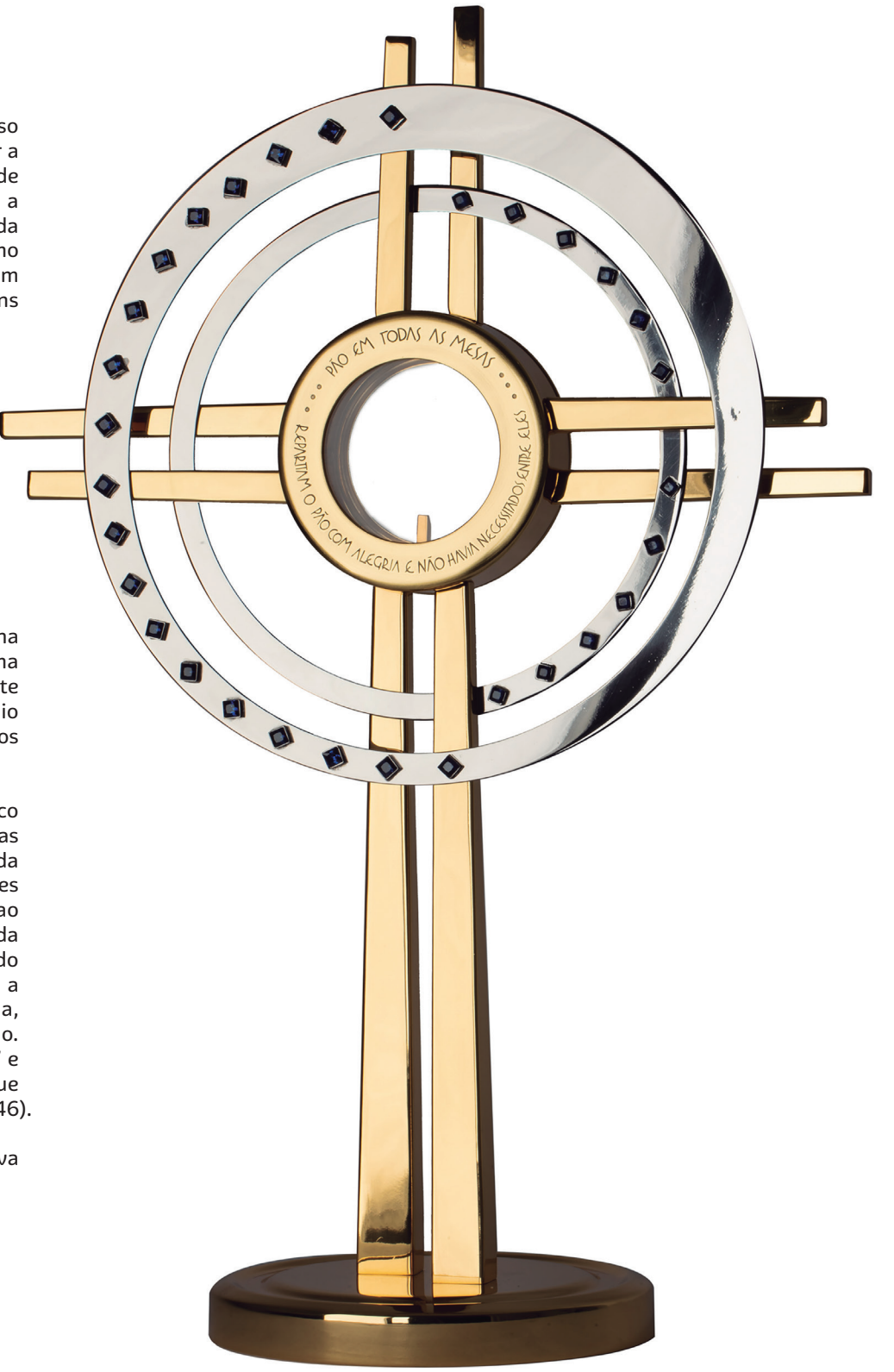
APRESENTAÇÃO

Qualquer pessoa que, de alguma forma, tenha participado do 18º Congresso Eucarístico Nacional, sediado em nossa Arquidiocese de Olinda e Recife, pôde admirar a unidade de organização e a quantidade imensa de pessoas envolvidas em cada atividade deste Congresso. Escrevo estas linhas poucos dias depois do Congresso, ainda sob a profunda emoção que ele provocou. Sem dúvida, uma avaliação mais profunda de cada elemento e dos frutos do Congresso precisará de maior perspectiva histórica. Seja como for, para que quem ler este livro possa aproveitar melhor o que está escrito e também formar a sua própria visão a respeito do que aconteceu, quero recordar alguns elementos objetivos:

1. O contexto histórico do Congresso.

2. O contexto teológico.

3. Os frutos do Congresso para a nossa amada Igreja de Olinda e Recife e para todas as Igrejas do Brasil.



O contexto histórico do Congresso

Todos sabem que, na Igreja Católica, os Congressos Eucarísticos surgiram na França do século XIX, em um contexto social e eclesial muito diferente do nosso. Era uma época marcada pelas revoluções liberais e por uma Igreja que tentava se afirmar perante uma sociedade dita esclarecida e mais ciosa de sua autonomia e que reagia ao domínio eclesiástico de outros tempos. Também, no Brasil, os primeiros congressos eucarísticos nacionais foram marcados por uma visão de Igreja hegemônica na sociedade.

Conforme o texto-base, preparatório para o nosso 18º Congresso Eucarístico Nacional, todos os mais recentes congressos eucarísticos tiveram como tema palavras de ordem social que ligam a Eucaristia ao compromisso da partilha e da superação da fome e da miséria (p.12-13). No entanto, a nossa sociedade é marcada por desigualdades sociais que, a cada dia, aumentam mais (p.10). A cultura da partilha existe em meio ao povo mais pobre e foi fundamental no tempo mais pesado da pandemia. Contudo, ainda sentimos que, muitas vezes, em nossa Igreja, não unimos suficientemente esse cuidado da partilha com o amor à Eucaristia. Se a Igreja continua celebrando diariamente a Eucaristia e isso não muda a forma como as comunidades e cada cristão vivem a partilha, então parece que a Eucaristia ainda não cumpriu plenamente a profecia da comunhão. Por isso, foi um desafio tomar como tema deste Congresso “Pão em todas as mesas” e como lema o versículo dos Atos dos Apóstolos, conhecido por uma canção pastoral que lembra que os discípulos “repartiam o pão e não havia necessitados entre eles” (At 2, 46).

Quisemos cuidar de que o tema não ficasse apenas teoricamente na justificativa do Congresso e este pudesse deixar algo como herança, sinal e instrumento de sua

realização. E na terça-feira, 15 de novembro, último dia de sua celebração, inauguramos, no centro do Recife, a Casa do Pão. Situada na Rua do Imperador, no coração da cidade do Recife, onde residem muitas famílias em situação de rua, esta casa procurará acolher os pobres com amor, oferecendo não somente o pão alimento, mas também o pão do saber, da profissionalização, da saúde, da higiene pessoal e, sobretudo, o pão da Palavra que dá vida em abundância.

No texto-base preparatório ao nosso Congresso, já refletíamos que, se no tempo do 3º Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Recife em 1939, o contexto mundial era de guerra e a realidade nacional era de ameaça à ordem democrática, o chamado "Estado Novo", este 18º Congresso também ocorreu em um contexto de mundo dominado por notícias de guerra. Embora a imprensa se concentre na guerra que as grandes potências desenvolvem na Ucrânia, o mundo atual sofre ao menos vinte e oito conflitos de caráter internacional, quase todos acontecendo em países pobres da África e da Ásia e por responsabilidade dos grandes impérios e dos conglomerados econômicos que lucram com a venda de armas. Em um olhar mais interno para dentro da nossa própria Igreja, este Congresso foi uma manifestação de que é possível nos reunir e celebrar a unidade, mesmo no seio de diferenças que podem ser legítimas, desde que ninguém defenda a violência ou o ódio, contrários ao Evangelho de Jesus, e nunca deixem de ligar a Eucaristia ao compromisso da paz e da unidade.

Mais do que em outros tempos, vivemos em um mundo pluralista e uma Igreja na qual também se manifesta a diversidade. Embora não tivesse explicitado isso, este Congresso Eucarístico tentou o milagre de reunir os irmãos e irmãs que, no seio da mesma Igreja, interpretam a fé e a missão de formas diversas e, às vezes, até contrárias, na unidade da Ceia do Senhor e na esperança de que todos e todas concordem em colaborar para que a Eucaristia tenha como consequência social que haja pão em todas as mesas.

O contexto teológico do Congresso

O primeiro desafio do nosso Congresso era como realizar um ato eclesial que reuniria dezenas de bispos e padres de todo o Brasil, em celebrações litúrgicas realizadas em lugares públicos e com milhares de pessoas, sem cair no triunfalismo e na cultura de uma Igreja-Cristandade, identificada com uma sociedade, na qual, justamente, somos chamados a nos inserir como vozes proféticas que clamam por mudanças estruturais e imediatas.

De fato, nos seus escritos e nas suas alocuções, o Papa Francisco tem insistido em retomar a proposta do Papa São João XXIII que, nos tempos do Concílio Vaticano II, propunha como objetivo da Igreja "voltar às fontes", ou seja, converter-se ao Evangelho de Jesus. É claro que essa proposta nem sempre é perceptível, mesmo a nós, pastores e ministros da Igreja. Alguém que, durante este Congresso, entrasse no espaço dos stands da "feira católica" poderia pensar que se ainda há padres e mesmo bispos que têm como gosto estético aqueles paramentos com ornamentos dourados e aqueles cálices preciosos, é sinal de que este Congresso ainda se situa na cultura de uma Igreja-Cristandade, que se vê como poderosa e ostenta sua glória perante o mundo. Graças a Deus, não foi esta cultura que este Congresso ressaltou. Em todas as missas, os paramentos dos celebrantes eram cuidadosamente sóbrios e, no final, a cada bispo, foi dada como recordação deste Congresso uma reprodução da cruz peitoral de madeira, usada pelo servo de Deus, nosso saudoso profeta Dom Helder Câmara.

Neste 18º Congresso Eucarístico, diferentemente dos anteriores ao Concílio Ecumênico Vaticano II, não quisemos um congresso centrado na devoção à reserva eucarística, e sim todo direcionado à celebração da Eucaristia como Ceia do Senhor e profecia do "pão em todas as mesas". Havia uma capela da adoração e foi apreciada, mas todo o Congresso foi direcionado para as celebrações e para os encontros de diálogo teológico e pastoral. Em uma das oficinas, Dom Leonardo Cardeal Steiner afirmou: *"Não tem sentido celebrar a Eucaristia num modelo de espiritualidade intimista". (...) "Destacar a comunidade eclesial como sujeito da ação litúrgica, ajuda a superar uma concepção da ministerialidade que gravita em torno da individualidade do ministro".* Esse clericalismo litúrgico nem seria evangélico nem de acordo com a sinodalidade que o Papa Francisco está propondo a toda a Igreja.

Os frutos do Congresso para a nossa amada Igreja de Olinda e Recife e para toda a Igreja do Brasil.

Em minha palavra de abertura deste Congresso Eucarístico, recordei que, a partir do Concílio Vaticano II, a nossa Igreja tem sido chamada sempre mais a viver um permanente diálogo de amor e respeito à humanidade. É o que temos aprendido com o Papa Francisco. Ele insiste em se colocar como irmão e propõe uma fraternidade universal para além da pertença religiosa, conforme a Encíclica Fratelli Tutti. Seus escritos e palavras vão sempre no sentido de sublinhar a alegria do Evangelho, como pontua a Exortação Evangelii Gaudium, a felicidade que consiste em ser santo, na Gaudete et exsultate, e a Igreja como hospital de campo a acolher toda e qualquer pessoa ferida.

A partir deste Congresso Eucarístico, meu desejo é que as nossas celebrações da Eucaristia suscitem nas comunidades o cultivo da delicadeza com as pessoas e a abertura para dialogar com a humanidade, o que o Papa Francisco chamou de "cultura eucarística", uma espécie de "eucaristicidade" que tem sua fonte na comunhão do Corpo do Senhor na Eucaristia e se expressa em um permanente cuidado de comunhão e diálogo em nossas relações sociais. Como afirmei na abertura do Congresso: "O nosso esforço maior deve ser o de suscitar em nossa Igreja e na sociedade o que, no 52º Congresso Eucarístico Internacional, em Budapeste, Hungria, o Papa Francisco chamou de 'cultura eucarística', ao afirmar: 'A celebração da Eucaristia torna-se incubadora das atitudes que geram uma cultura eucarística, porque impele a transformar em gestos e comportamentos de vida a graça de Cristo que se doou totalmente. (...) A Eucaristia é fonte que se traduz também em cultura eucarística, capaz de inspirar os homens e as mulheres de boa vontade nos âmbitos da caridade, da solidariedade, da paz, da família e do cuidado com a criação'".

O nosso Congresso aconteceu neste momento em que o atual Papa colocou toda a Igreja universal em um processo sinodal que agora se estenderá até 2024. O texto-base preparatório ao Congresso já chamava a atenção para o fato de que, "etimologicamente, o termo Congresso significa caminhar juntos, como assembleia reunida" (p.11). Ora, é o mesmo sentido da palavra "sinodalidade", provavelmente o termo que, neste momento, é dos mais usados, em todos os ambientes católicos. Ora, esta sinodalidade que, como diz o Papa, é a forma normal de a Igreja ser, deveria se expressar profundamente em nossa forma de celebrar a Eucaristia.

É compreensível que o rito usado em nossas celebrações eucarísticas, mesmo após a necessária reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, não tenha ainda podido expressar de modo mais forte esta sinodalidade. Não foi pensado neste contexto nem para esta finalidade. Atualmente, no ambiente diversificado e plural da nossa Igreja, alguns grupos nem o aceitam e pedem a volta ao rito pré-conciliar, promulgado pelo Papa Pio V. Por trás de cada rito, há uma eclesiologia. Não adiantaria celebrarmos com as palavras e gestos do Missal reformado a partir do Concílio Vaticano II, se o espírito do qual estamos imbuídos e o estilo com o qual celebramos continuam sendo o da missa pré-conciliar. Diante disso, o que talvez possamos esperar é que este diálogo continue e haja, cada vez mais em nossa Igreja, o cuidado de mantermos a unidade no respeito às diversidades e no diálogo com a humanidade de hoje.

Em uma das noites durante o Congresso, foi-nos oferecido, em um teatro clássico da cidade (o Teatro Santa Isabel), um concerto de músicas litúrgicas e pastorais, que, tempos atrás, eram cantadas nas missas de diversas paróquias e mesmo em conventos e mosteiros. Cânticos compostos, em sua maioria, por padres da nossa Arquidiocese, como Reginaldo Veloso, Geraldo Leite e Silvio Milanês, cânticos da maior qualidade musical, feitos a partir de profunda pesquisa nas culturas do nosso povo mais empobrecido e com letras de grande fidelidade à Bíblia e à tradição litúrgica (salmos e cânticos bíblicos). No entanto, atualmente, estes cânticos parecem relegados a concertos assim ou a grupos pastorais menos ligados a nossas paróquias. Que pena! Como fruto deste Congresso, podemos desejar que Deus toque em nossas mentes e corações para nos dar uma sensibilidade maior para esta abertura cultural e que, mesmo na fidelidade à liturgia romana, possamos caminhar muito mais nos caminhos da inculturação litúrgica da Eucaristia e da missão.

Outra dimensão fundamental da Eucaristia a ser valorizada com urgência é que a Ceia de Jesus é o sacramento da unidade cósmica. Em cada missa, cantamos: "Santo, Santo, Santo é o Senhor. O ceú e a terra estão cheios da vossa glória". Na Encíclica Laudato si, o Papa nos recomenda uma espiritualidade ecológica e cada Eucaristia deveria nos ajudar a nos colocar nessa reconstrução da unidade com o cosmo. De todos os quadrantes do mundo nos vêm apelos para reconstruir uma mística da consciência planetária que seria ecológica conforme a Ecologia Integral, ou seja, ambiental, social e espiritual.

Concluo esta reflexão expressando minha profunda gratidão a todos e todas que colaboraram, com amor e muito empenho, para a realização deste Congresso e por poder ter sido o operário primeiro dessa construção e ter visto que ele foi além de tudo o que poderíamos esperar. Como a pandemia nos obrigou a adiá-lo por dois anos, nós nos aproximamos da fonte ainda com mais sede. E esta imagem me faz deixar vocês com esta expressão linda da meditação de São Gregório de Nissa, pastor da Igreja oriental, no século IV. No sermão de sua ordenação presbiteral, ele propunha: *"Imagine-se uma pessoa que caminha no deserto, sob o sol escaldante do meio-dia. Você está sedento e não tem água. De repente, à margem do caminho, eis uma fonte de águas límpidas e transparentes ali ao seu alcance. Sem dúvida, não lhe passará pela cabeça ficar raciocinando sobre a natureza da água, nem perder tempo com estudos sobre como aquela água chegou até ali. A água se esconde sob a fonte que jorra sem cessar. O viajante não terá acesso a toda água que permanece escondida no seio da terra. A água não cessa de correr para saciar a sede do peregrino. Ele bebe e se sacia para continuar capaz de ter sede e vir de novo beber da fonte. Bebe da água e do desejo de se saciar".*

Dom Antônio Fernando Saburido, OSB
Arcebispo de Olinda e Recife

PERCURSO HISTÓRICO

A história do 18º Congresso Eucarístico Nacional, a se realizar no Recife, começou em 2017. Durante a 55ª Assembleia Geral da CNBB, realizada em Aparecida/SP, entre os dias 26 de abril e 05 de maio de 2017. A Arquidiocese de Olinda e Recife foi escolhida para ser a sede do 18º Congresso Eucarístico Nacional na sessão registrada na ata nº 04, com data de 29 de abril de 2017, dos números 13 ao 22:

13. *Dom Leonardo Ulrich Steiner introduziu o tema dos Congressos Eucarísticos Nacionais e por isso solicitou a presença da comissão: Dom Murilo Sebastião Krieger, Dom Antônio Fernando Saburido, Dom Mauro Aparecido dos Santos e como assessor Mons. Antônio Luiz Catelan Ferreira. Solicitou também a presença de Dom Alberto Taveira para fazer o seu relato sobre a realização do Congresso Eucarístico Nacional, ocorrido na cidade de Belém do Pará.*

14. *Dom Alberto Taveira Correa agradeceu a contribuição, na forma de uma coleta nacional, para o Congresso Eucarístico Nacional realizado em Belém, a qual superou em muito a expectativa. Ressaltou a grande ajuda que isso significou para a realização desse evento, sem ter dívidas, além de ajudar também nas obras do seminário da arquidiocese. Em seguida, pediu que fosse exibido um vídeo que demonstrou o seu agradecimento e principalmente o significado da realização desse Congresso.*

15. *Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger agradeceu essa manifestação por parte de Dom Alberto Taveira Correa. Na sequência, solicitou que os participantes da Assembleia acompanhassem o relatório produzido pela Comissão para tratar dos Congressos Eucarísticos. Esse texto, "Diretrizes para os Congressos Eucarísticos Nacionais" (09ª/55ª AG [Com]), iniciou com a apresentação do que seria a "identidade do Congresso Eucarístico", como particular manifestação do culto eucarístico, em que uma Igreja local convida outras Igrejas locais para estudarem e aprofundarem um aspecto particular do Mistério Eucarístico. Depois de destacar as dimensões da celebração da Eucaristia na vida dos fiéis e na vida da Igreja, Dom Murilo falou sobre a importância da realização dos Congressos Eucarísticos Nacionais. Destacou as diferentes responsabilidades na realização dos Congressos Eucarísticos Nacionais: por parte da CNBB, da Igreja Particular que sedia o Congresso Eucarístico, assim como das comissões que se encarregam de sua*

preparação. Apresentou as diretrizes específicas para a sua realização: critérios de escolha da Igreja que sedia um CEN; modalidades para o envolvimento da Igreja no Brasil; as fases da realização dos CENs; a celebração; o pós-Congresso e os custos econômicos.

16. *Dom Leonardo Ulrich Steiner agradeceu o trabalho realizado pela comissão. Resumiu o conteúdo do texto que traz uma reflexão, mas também uma proposta de direcionamento da escolha da sede de um Congresso Eucarístico Nacional.*

17. *Dom Antônio Fernando Saburido comentou o pedido feito pelo regional NE 2 de que Recife aceitasse o convite para sediar o próximo Congresso Eucarístico Nacional. E, apesar dos temores quanto ao custo e a necessidade de recursos humanos, e com o apoio e incentivo do regional, a arquidioceses aceita, com a alegria, a possibilidade de sediar o próximo Congresso Eucarístico.*

18. *Dom Genival Saraiva de França recordou que, quando se tratou desse assunto na Assembleia Geral de 2016, Dom Aldo Pagotto apresentou o nome da cidade de João Pessoa. Todavia, a escolha da sede foi remetida para esta Assembleia. Como a indicação de João Pessoa está registrada em Ata, em razão da sede vacante da arquidiocese da Paraíba, apresentei essa situação aos membros do Colégio de Consultores. Entendemos que não temos condição de assumir a proposta de sediar o Congresso Eucarístico Nacional. A esse respeito, ouvi o arcebispo nomeado para a arquidiocese da Paraíba, Dom Manoel Delson Pedreira Cruz, OFMCap, que concordou com essa decisão. Assim sendo, retiramos a proposta apresentada em 2016.*

19. *Dom Leonardo Ulrich Steiner, na sequência, colocou em votação a candidatura da arquidiocese de Olinda e Recife para sediar o próximo Congresso Eucarístico Nacional, a qual foi aprovada por unanimidade por todos os presentes. Em seguida, abriu a palavra para intervenções por parte dos participantes.*

20. *Cardeal Sergio da Rocha, lembrando a periodicidade prevista de quatro em quatro anos, alertou para a dificuldade da coincidência de datas, 2020, do Congresso Eucarístico Nacional e o Congresso Eucarístico Internacional.*

21. *Dom Geraldo Lyrio Rocha lembrou que são poucos os brasileiros que participam dos Congressos Eucarísticos internacionais, deste modo não há interferências no Congresso Eucarístico Nacional.*

22. *Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger comentou que, com a experiência adquirida, acredita que estamos dando passos importantes na consolidação e aprimoramento da organização dos Congressos Eucarísticos Nacionais.*

02/08/2017: Em reunião do Conselho Pastoral na Cúria Metropolitana, Dom Fernando Saburido anunciou que o Congresso Eucarístico Nacional de 2020 teria como sede a Arquidiocese de Olinda e Recife, seguindo a aprovação da Assembleia Geral da CNBB no mesmo ano. Foram nomeados os dois primeiros membros da comissão para o Congresso: Mons. José Albérico Bezerra de Almeida (vigário episcopal do vicariato Olinda) e Pe. Moisés Ferreira de Lima (presidente da Comissão Arquidiocesana de Pastoral para a Liturgia).

Foi proposto o tema "Pão em todas as mesas" para o Congresso Eucarístico, mas não ainda definido.

16/08/2017: Durante do Conselho episcopal onde se tratou sobre o Congresso Eucarístico Nacional foram dados alguns passos: Foram pensados novos nomes para a comissão de organização; definiu-se que a então "Casa da Juventude", no terreno da Cúria Metropolitana, seria a sede da Secretaria Geral do Congresso Eucarístico; discutiu-se mais ainda sobre a proposta do tema – "Pão em todas as mesas" – e do lema – "Repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles (cf. At 2,46) –, deixando-se a sua definição para uma data posterior; à Comissão de Liturgia, sugeriu-se simplicidade nos paramentos a serem confeccionados e entregues aos bispos presentes réplicas da cruz peitoral de Dom Helder Câmara.

Nesta reunião também se elaborou um esboço da programação para o Congresso Eucarístico. Ele aconteceria de 12 a 15 de novembro de 2020, começando com uma missa, na quinta-feira, 12 de novembro, na Arena Pernambuco. Na sexta-feira, dia 13, celebrar-se-ia a Primeira Comunhão de todas as paróquias da Arquidiocese, também na Arena Pernambuco. No sábado, dia 14, os bispos e padres congressistas celebrariam nas paróquias e comunidades da Arquidiocese. Finalmente, no domingo, 15 de novembro, o Congresso seria encerrado com a Celebração Eucarística na Praça do Marco Zero, seguida de uma procissão eucarística até o Pátio do Carmo, no centro do Recife. Ao longo dos dias do Congresso, realizar-se-iam exposições, feiras e um simpósio teológico no Centro de Convenções, em Olinda.

20/09/2017: Dom Fernando Saburido comunicou a aceitação de Dom Genival Saraiva de França para integrar a comissão teológico-pastoral do Congresso Eucarístico, juntamente com o diácono Sergio Sezino Douets Vasconcelos.

04/10/2017: Ficaram decididos o tema e o lema do Congresso: ***"Pão em todas as mesas" e "Repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles" (cf. At 2,46; 4,34)***, respectivamente.

Após se discutirem diversos assuntos relativos à organização e à logística das celebrações, falou-se da necessidade de escolher uma composição para ser o hino do 18º Congresso Eucarístico Nacional.

18/10/2017: Iniciaram-se os contatos com possíveis compositores para o hino do Congresso, tais como Pe. João Carlos, Pe. José Campos, Reginaldo Veloso, Gilson Celerino e Pe. Lino Duarte. Igualmente, começou-se a pensar na logomarca do Congresso, sendo sugerido por Dom Antônio Tourinho, bispo auxiliar de Olinda e Recife à época, um concurso, com a finalidade de se escolher a melhor proposta. O arcebispo Dom Fernando Saburido confiou à Comissão Arquidiocesana de Pastoral para a Liturgia a tarefa de elaborar a oração do Congresso.

01/11/2017: Enviaram-se cartas aos compositores solicitando propostas de letras e música para o hino do Congresso até a data de 30 de janeiro de 2018.

Dom Fernando Saburido comunicou que, na Assembleia Geral da CNBB de 2018, os preparativos para o Congresso seriam apresentados aos bispos participantes, assim como uma proposta para que a coleta em prol de sua realização se fizesse já no mesmo ano.

Foram feitas algumas visitas ao Centro de Convenções e à Arena Pernambuco para se verificarem suas estruturas e viabilidades.

06/12/2017: Após as visitas aos locais supracitados, confirmou-se que a celebração da Primeira Comunhão se faria na Arena Pernambuco, o simpósio teológico se realizasse no Centro de Convenções e a celebração de encerramento do Congresso se desse na Praça do Marco Zero. Concluiu-se, após a exposição de Mons. José Albérico, a conveniência da seguinte programação:

- Abertura do Congresso no dia 12 de novembro de 2020, às 19 horas;

- Sexta-feira, dia 13, com missas em todas as comunidades da Arquidiocese com participação dos padres e bispos do Congresso;

- Sábado, dia 14, às 16 horas, missa da primeira comunhão eucarística, na Arena Pernambuco;

- Simpósio teológico: dias 13 (manhã e tarde), 14 (manhã) e 15 (manhã) de novembro;

- Catequeses nas paróquias e igrejas do Centro do Recife e missas nos distintos ritos nas igrejas do Centro.

13/03/2018: Estando presentes na reunião representantes das províncias eclesiásticas do Regional NE 2 (Pe. Elison Silva, da província de Maceió; Pe. João Paulo, da província de Olinda e Recife; e Pe. Espedito da Silva, da província da Paraíba), foram apresentadas a eles as decisões já tomadas até então.

Pe. João Paulo sugeriu que houvesse um gesto concreto com o objetivo de destacar a dimensão social da Eucaristia. Tal proposta foi aprovada e decidiu-se criar uma comissão, composta pelo Pe. João Paulo e pelo Sr. Vandson Holanda (da pastoral da saúde), para apresentarem propostas nas próximas reuniões.

As religiosas Pias Discípulas do Divino Mestre, a Universidade Católica de Pernambuco e os Oblatos de Maria Imaculada ficaram encarregados de apresentarem, em outra ocasião, suas propostas para a logomarca do Congresso.

02/05/2018: A comissão central começou a avaliar as propostas de logomarca. A primeira apresentada foi a das Pias Discípulas do Divino Mestre. Logo depois, mostrou-se um plano de mídia para o Congresso.

Ainda nessa data, foram apresentadas e ouvidas as primeiras sugestões de hinos para o 18º Congresso Eucarístico Nacional. Na ocasião, começaram a ser avaliadas quatro canções: a primeira composta por Reginaldo Veloso; a segunda pelo Pe. José Campos; a terceira pelos seminaristas Rafael Menezes e Renato Matheus; e a última pelo Mons. Lino Duarte.

05/06/2018: Dom Fernando Saburido expôs a boa recepção que a apresentação do 18º Congresso Eucarístico Nacional tivera na 56º Assembleia Geral da CNBB de 2018.

Ainda neste dia, outra proposta de logomarca, de autoria do casal Maria Antônia Simões Monteiro de Pontes Sacramento e Guilherme de Lima Sacramento, da Paróquia Nossa Senhora de Fátima (Boa Viagem), foi submetida à avaliação da comissão central. A mesma comissão fez observações ao projeto do casal e àquele das Pias Discípulas do Divino Mestre, com propostas de melhorias e revisão.

02/04/2019: Decidiu-se que a Arquidiocese de Olinda e Recife viveria, de 3 de setembro de 2019 a 3 de setembro de 2020, um Ano Eucarístico. Para a celebração de abertura, convidar-se-ia Dom Sérgio Cardeal Rocha, arcebispo de Brasília.

Por parte do Governo do Estado de Pernambuco, ficou confirmada a Arena Pernambuco como o local para a celebração de abertura do Congresso Eucarístico e foi apresentado, sendo aprovado por todos os presentes à reunião, o site do Congresso (cen2020.com.br).

Dom Genival Saraiva de França comunicou que, para compor a comissão que prepararia o simpósio teológico, seria convidado Dom Paulo Jackson, bispo de Garanhuns, em virtude de sua experiência acadêmica, e que a comissão seria coordenada pelo Diácono Sergio Vasconcelos.

Pe. Luciano Brito e Ir. Élide Fogolari falaram sobre as inscrições para o Congresso, propondo que se repetisse a experiência do Multicom do Regional NE 2. Assim, ficaria uma empresa responsável pelas inscrições, com a aprovação de Dom Fernando Saburido.

15/04/2019: No Seminário Nossa Senhora das Dores, em Caruaru, reuniu-se a comissão teológica do Congresso Eucarístico Nacional, composta por Dom Genival Saraiva de França, Dom Paulo Jackson, Pe. Josenildo Tavares e Diác. Sergio Vasconcelos. Dom Genival agradeceu a Dom Paulo por aceitar o convite para integrar a comissão e, juntos, elaboraram uma proposta para a programação do simpósio teológico, elegendo possíveis palestrantes e temas a serem abordados.

02/05/2019: O arcebispo Dom Fernando Saburido relatou como foi boa a recepção dos preparativos para o Congresso por parte da 57ª Assembleia Geral da CNBB de 2019. Além disso, discutiu-se sobre a taxa de inscrição para participação no simpósio teológico e os possíveis conferencistas.

02/07/2019: Dom Limacêdo Antônio da Silva, que presidia a reunião, sugeriu que fossem ofertadas catequeses públicas aos presentes no Centro de Convenções, ao longo dos dias do Congresso.

Ir. Ivonete Kuerten, responsável pela feira católica do Congresso, apresentou propostas para a composição do evento, dispondo-se a avalizar a viabilidade junto à comissão jurídica do Congresso, presidida pelo Pe. Francisco Caetano Pereira.

Pe. Josenildo Tavares, OMI, apontou a necessidade da ocupação do andar superior do Centro de Convenções, ao passo que ficou acordada uma "Exposição dos 'servos de Deus'", posteriormente chamada de "Testemunhas de Santidade", na qual seria oferecida aos participantes a oportunidade de conhecerem mais as vidas de homens e mulheres que têm fama de santidade, especialmente na região do nordeste brasileiro.

Por fim, decidiu-se que seria oferecida hospedagem nas casas paroquiais e de famílias aos bispos, sacerdotes, diáconos e leigos durante os dias do 18º CEN, a exemplo do que se fez no 17 º Congresso Eucarístico Nacional, em Belém.

07/08/2019: Foi criada uma comissão para relações interinstitucionais, a fim de envolver representantes dos governos municipais e estadual na organização do Congresso. Foram sugeridos os nomes de Cristina Melo, primeira-dama do Recife; Sileno Guedes, que estava à frente da Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude do Estado de Pernambuco; Ana Luíza, primeira-dama de Pernambuco e Odim Neves, da Prefeitura de Olinda. Ficou assim constituída a Comissão Central para o 18º CEN:

- Dom Antônio Fernando Saburido - Presidente
- Mons. Albérico Bezerra de Almeida - Secretário Geral
- Gilberto Barbosa - Comissão de Infraestrutura e finanças
- Dom Genival Saraiva de França - Comissão Teológico-Pastoral
- Pe. Moisés Ferreira de Lima - Comissão de Liturgia
- Pe. Luciano Brito - Comissão de Comunicação
- Diác. Francisco de Assis Marcelino - Comissão de Acolhida e Hospedagem
- Pe. Antônio G. de Medeiros Filho, SDB - Comissão de Voluntariado
- Maria Antonieta Torres da Silva - Comissão de Cultura
- Ir. Ivonete Kurten, FSP - Comissão da Feira Católica
- Vandson José de Holanda - Comissão de Saúde
- Pe. Francisco Caetano Pereira - Comissão Jurídica

Março de 2020: Chegado o ano de 2020, o mundo enfrentou uma crise que encontra poucos precedentes na história. A pandemia da COVID-19, que vitimou milhões de pessoas em todo o mundo, obrigou todas as esferas da sociedade a replanejarem seus projetos e se adaptarem a uma nova rotina, em virtude das restrições de mobilidade e de aglomeração que se impuseram.

No contexto das conhecidas consequências políticas, sociais e econômicas resultadas da crise do coronavírus, também o planejamento e a realização do Congresso Eucarístico Nacional no Recife foram afetados.

Segue abaixo a transcrição de uma mensagem, datada de março de 2020, de Dom Fernando Saburido, enviada, através do aplicativo de mensagens eletrônicas WhatsApp, aos bispos do regional Nordeste 2 da CNBB:

Prezados irmãos da presidência e demais arcebispos e bispos do nosso Regional NE2

Gostaria de partilhar com todos os irmãos uma preocupação que URGE uma decisão, o mais breve possível, por razões pastorais, econômicas e administrativas.

Trata-se realização do 18º Congresso Eucarístico Nacional em novembro próximo, assumido pela Arquidiocese de Olinda e Recife, em comunhão com o nosso Regional NE2.

Com a paralização mundial, por conta da Covid-19 e as consequências pastorais, sociais e econômicas que estamos vivendo e continuarão por bom tempo, a Comissão Central do Congresso está vendo a necessidade do seu adiamento, talvez para novembro do próximo ano.

Mesmo que tudo passe dentro de alguns meses, vamos viver uma verdadeira experiência de um pós-guerra. As pessoas, certamente, não terão motivação nem condições psicológicas e econômicas de virem a Recife.

Temos contratos em andamento que precisariam ser suspensos, uma vez que estão paralisados por conta da situação.

Faço uso desse meio devido à impossibilidade de prever nosso próximo encontro e a urgência que o assunto exige.

Tendo o parecer dos senhores, poderei entrar em contato com a presidência nacional da CNBB na busca da definição.

Peço, por favor, que expressem sua concordância ou não, o mais rápido possível, através desse nosso grupo.

Que Deus nos abençoe a todos e nos dê fortaleza para nos mantermos firmes no anúncio da esperança.

Obrigado,

Dom Fernando Saburido

Mensagem

Logo após obter as respostas dos bispos do regional NE2, todas no sentido de compreenderem a necessidade do adiamento do Congresso, Dom Fernando dirigiu-se, pelo mesmo meio, ao secretário-geral da CNBB, Dom Joel Portella Amado:

Prezado Dom Joel

Estou precisando muito fazer uma consulta à presidência da CNBB Nacional e queria sua intermediação e orientação.

Trata-se da viabilidade da realização do 18º Congresso Eucarístico Nacional, em novembro próximo, diante da pandemia que estamos vivendo no mundo inteiro.

Faço isso, por esse meio, por ser mais urgente e prático. Mais adiante, poderemos formalizar, como se faz necessário.

Encaminho abaixo a mensagem que enviei para os irmãos bispos do Reg.NE2, com suas respectivas respostas.

Peço, encarecidamente, que converse com a presidência sobre o assunto e nos oriente.

Obrigado,

Dom Fernando Saburido, OSB.

Arcebispo de Olinda e Recife".

Mensagem

A resposta de Dom Joel Portella veio no dia 30 de março de 2020, comunicando a concordância, por unanimidade, por parte da presidência da CNBB, com o adiamento do 18º Congresso Eucarístico Nacional para o ano de 2021.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
Secretaria Geral

SG Nº0247/20

Brasília, 30 de março de 2020

Exmo. Sr.
D. Fernando Saburido,
Arcebispo de Olinda e Recife

Ref: ADIAMENTO DO XVIII CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Excelência Revma,

De acordo com sua solicitação, a **Presidência da CNBB**, por unanimidade, manifesta sua **concordância quanto ao adiamento** do XVIII Congresso Eucarístico Nacional para o ano de 2021.

Trata-se de atitude de profundo bom senso diante de um quadro imprevisível, não apenas quanto ao tempo de duração da pandemia causada pelo coronavírus quanto em relação às sequelas econômicas que poderão advir.

Em sintonia, portanto, com V. Excia e com os demais irmãos bispos do Regional Nordeste II consultados e que se manifestaram positivamente quanto ao adiamento, esta Presidência também assim se posiciona.

Receba, pois, caro D. Fernando, o apreço e a solidariedade da Presidência da CNBB, bem como o desejo e as orações para que todas as tratativas que deverão ser feitas para o adiamento ocorram na almejada paz.

Em Cristo Jesus,

D. Joel Portella Amado
Bispo auxiliar de S. Sebastião do Rio de Janeiro
Secretário Geral da CNBB

SE/Sul Quadra 801 Conj. B / CEP 70200-014 - Brasília - DF – Brasil
Fone:(61) 2103 8300 / 2103 8200 / 98173 5967 / 98173 5958
e-mail: secpresidencia@cnbb.org.br Site: cnbb.org.br

Ao tomar ciência da decisão, Dom Fernando a repassou imediatamente aos bispos do regional Nordeste 2 e aos fiéis da Arquidiocese empenhados na preparação do Congresso, por meio do WhatsApp.

Meus queridos irmãos e irmãs

Feita a devida consulta aos bispos do Regional Nordeste 2 e à Presidência da CNBB recebi, através de telefonema do Secretário Geral da CNBB - Dom Joel Portella Amado, a confirmação de que toda a presidência está de acordo com o adiamento do 18º Congresso Eucarístico Nacional, a ser sediado pela Arquidiocese de Olinda e Recife, para o período de 12 a 15 de novembro de 2021, em comunhão com os 21 bispos do Regional que também se manifestaram favoráveis, devido à pandemia da Covid-19 presente em todo o mundo.

Mais adiante será enviada a comunicação pela própria CNBB, para todas as dioceses do Brasil, oficializando a mudança.

Dom Fernando Saburido

Arcebispo

Recife, 30 de março de 2020

Mensagem

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

0446/20

Brasília, 12 de novembro de 2020

Aos senhores Arce/bispos,
em suas sedes.

Ref: 18º Congresso Eucarístico Nacional

Prezados irmãos,

Após escuta do Conselho Permanente e, de modo especial, a Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Missionária e Cooperação Intereclesial, aprovou-se o segundo adiamento da data para o 18º Congresso Eucarístico Nacional, a ocorrer em Recife.

Conforme indicação da Arquidiocese organizadora, o 18º CEN ocorrerá no período de 11 a 15 de novembro de 2022. Exatamente para o mesmo período, estava previsto também o Congresso Missionário Nacional, cujos organizadores optaram por buscar uma nova data.

Em comunhão e serviço,

Dom Joel Portella Amado
Bispo auxiliar de S. Sebastião do Rio de Janeiro
Secretário Geral da CNBB

SE/Sul Quadra 801 Conj. B / CEP 70200-014 - Brasília - DF – Brasil
Fone:(61) 2103 8300 / 2103 8200 / 98173 5967 / 98173 5958
e-mail: secpresidencia@cnbb.org.br Site: cnbb.org.br

As consequências da pandemia da COVID-19 foram além das previsões feitas no início de 2020, levando o Brasil e o mundo a uma crise que se agravava com o passar dos dias. Assim, a situação social e econômica no final do ano de 2020, em vez de dar sinais de melhora e recuperação, ainda se encontrava em extrema gravidade e apontava para um futuro incerto. É num cenário como esse que, em 12 novembro de 2020, data em que seria sua abertura, o 18º Congresso Eucarístico Nacional, foi adiado para 2022.

07/07/2021: Em reunião *on-line*, o sr. Pedro Eurico, secretário de Justiça e Direitos Humanos de Pernambuco, afirmou à comissão central que o Centro de Convenções estaria disponível para a realização do Congresso nos dias 11, 12, 13, 14 e 15 de novembro de 2022.

Na mesma ocasião, o Dr. George Dimech, epidemiologista e funcionário da Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco, afirmou que o ritmo da vacinação contra a COVID-19 encontrava-se animador e o horizonte de melhora da situação pandêmica já se avizinhava.

A Ir. Paula Souza apresentou à comissão o projeto da Casa do Pão, legado permanente do 18º Congresso Eucarístico Nacional, localizada na Rua do Imperador, no bairro de Santo Antônio (área central do Recife), com o objetivo de atender a população carente em suas mais diversas necessidades.

24/08/2021: A comissão central decidiu que Sr. Félix Cantalício de Sá, Ir. Paula Souza e Diác. Aerton Carvalho seriam os responsáveis pelas obras concernentes à Casa do Pão. A assessoria jurídica ficou a cargo do Dr. Ricardo Claudino, do setor jurídico da Arquidiocese de Olinda e Recife.

02/09/2021: Mons. José Albérico apresentou a nova programação para o 18º CEN. Decidiu-se fazer o relançamento do Congresso em uma solene concelebração eucarística, a ser realizada na Rua do Imperador, em frente à futura Casa do Pão.

21/09/2022: A comissão de cultura do Congresso, representada por Maria Antonieta Torres, apresentou uma proposta de programação cultural, valorizando a cultura local em suas mais diversas expressões.

ANOS PREPARATÓRIOS

Celebração na Matriz do Espinheiro

12/11/2018: Na Igreja Matriz do Santíssimo Coração Eucarístico de Jesus (Matriz do Espinheiro), aconteceu a celebração eucarística que marcou o lançamento do Congresso. A escolha do local se deveu ao fato de ser tal igreja o legado do 3º Congresso Eucarístico Nacional, que se deu em Recife, no ano de 1939.

Com a presidência do arcebispo Dom Fernando Saburido, na missa estiveram presentes o bispo auxiliar de Olinda e Recife, Dom Limacêdo Antônio da Silva, o então administrador apostólico da diocese de Palmeira dos Índios, Dom Genival Saraiva de França, e dezenas de membros do clero.

Na pregação, Dom Fernando expôs o tema e o lema do Congresso e os relacionou com as leituras da missa. Assim o traduziu uma reportagem:

> Em sua homilia, Dom Fernando Saburido, mencionou o Evangelho de João e lembrou que o desafio é fazer com que o tema do Congresso não fique restrito na formulação simpática, mas se traduza realmente em solidariedade e ajude a retomar a Eucaristia como fonte e estímulo à verdadeira partilha do pão, como a chamava o livro dos Atos dos Apóstolos. O metropolita salientou ainda a especial relação de carinho que Dom Helder Camara possuía pela Eucaristia: "Ele nunca aceitou separar Eucaristia da preocupação com a justiça social", acrescentou Dom Fernando[1].

A ocasião também foi a oportunidade em que foram apresentados aos fiéis o hino escolhido, composto pelo Pe. Josenildo Nunes (diocese de Afogados da Ingazeira), a logomarca, apresentada pela Ir. Paula Souza, PDDM, e a oração oficial do 18º Congresso Eucarístico Nacional, composta pela Comissão Arquidiocesana de Pastoral para a Liturgia.

HINO DO XVIII CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Arquidiocese de Olinda e Recife

Marcha rancho ou frevo canção

L. e M.: Pe. Josenildo Nunes de Oliveira

Refr.: Na Terra dos Altos Coqueiros,
canta, meu povo, que é festa!
E o pão em todas as mesas
a comunhão manifesta.

1. O Senhor para o povo prepara
um banquete de fina iguaria.
Quando há sobre a mesa fartura,
resplandece, resplandece a Eucaristia.

2. Somos Jerusalém acolhendo
eternal "Dom da paz" – profecia.
Na partilha seremos p'ra o mundo
estandarte, estandarte da Eucaristia.

3. Estaremos perante o Cordeiro!
Plenamente virá este dia:
a comermos do Pão celestial
junto à mesa, junto à mesa da Eucaristia.

4. Brotou veio de sangue na cruz:
remissão para nós! Quem diria
que no sangue do irmão derramado
se realiza, se realiza a Eucaristia?

5. Os cristãos terão tudo em comum,
partilhando em plena alegria.
O Senhor confirmando a Igreja:
templo vivo, templo vivo da Eucaristia.

6. Jogaremos na terra as sementes
da Palavra, da sabedoria.
E seremos Igreja em saída
pelo amor aos irmãos, pela Eucaristia.

O PROPÓSITO DO HINO DO 18º CONGRESO EUCARÍSTICO NACIONAL

Todo evento de massa que se preze tem um hino para cantá-lo. Para o 18º Congresso Eucarístico Nacional, também foi composto um hino, letra e música de autoria do Pe. Josenildo Nunes de Oliveira, presbítero da diocese de Afogados da Ingazeira. O hino se constitui, a exemplo da identidade visual como um símbolo que se comunica externo e internamente com as pessoas, por ele se manifesta o objetivo do congresso, apresenta sua temática principal e manifesta a cultura do povo e do lugar onde se realiza o evento.

A inspiração para o Hino do Congresso Nacional, acontecido na Arquidiocese de Olinda e Recife, parte das fontes bíblicas de Mt 22, 1-14, "O Reino do Céu é como um rei que preparou a festa de casamento do seu filho". O banquete dessas núpcias, com finas iguarias, é o Congresso Eucarístico preparado pelo Senhor. Em Mt 14, 13-21, a fartura da multiplicação dos pães é um prenúncio da Eucaristia: "Quando há sobre a mesa fartura resplandece, resplandece a Eucaristia", assim bradou a primeira estrofe.

Para manifestar de forma poética o lugar e o povo que acolhe o congresso, a composição do refrão inicia com a expressão: "Na terra dos altos coqueiros", expressão que se encontra no Hino de Pernambuco. E para fazer memória ao grande compositor pernambucano de música litúrgica, Pe. Geraldo Leite, encontra-se a expressão "Canta meu povo que é festa", presente em suas composições. O refrão é finalizado apresentando o tema do congresso: "Pão em todas as mesas", realidade que manifesta a comunhão e a Eucaristia como celebração festiva da aliança de Deus com os homens e as mulheres.

A segunda estrofe na expressão "Jerusalém celeste", lembra que somos também a Jerusalém terrena, lugar que acolhe o dom da paz dado por Deus, referência direta ao grande arcebispo Dom Helder Câmara, que testemunhou e viveu a Eucaristia por essas terras, onde Recife é a cidade dos estandartes não mais do carnaval, mas da Eucaristia.

A grande celebração do Apocalipse em torno do Cordeiro, sonho de todos os batizados é comer o pão celestial, antecipado no banquete dos discípulos missionários. Assim cantamos na terceira estrofe.

A memória dos que deram a vida por Cristo – mártires de ontem e de hoje - é lembrada na quarta estrofe, como comunhão com o sangue de Cristo derramado na Cruz, que nos redime de todas as culpas (Ecclesia de Eucharistia, 4).

O lema escolhido para o congresso foi inspirado em At 2,44: "Os cristãos tinham tudo em comum". A experiência das primeiras comunidades apostólicas e das comunidades eclesiais missionárias de hoje, é cantada na quinta estrofe. Como em At 14, 13, o Senhor confirma a ação da Igreja que se torna "Templo vivo da Eucaristia" (Ritual de dedicação da Igreja, 62).

Mt 13 que traz as parábolas das sementes do Reino, espalhadas pelo semeador, bem como nos seguintes textos de Pr 26; Sl 37, 30; Tg 5, 1 que lembram a sabedoria de Deus servida na mesa da Palavra, inspiraram a poesia da sexta e última estrofe, que finaliza com uma alusão clara da Exortação Apostólica do Papa Francisco Evangelli Gaudium (20-23) e da Exortação Apostólica do Papa João Paulo II Ecclesia De Eucharistia, quando menciona o compromisso de "sermos Igreja em saída, pelo amor aos irmãos, pela Eucaristia".

O frevo-canção, modalidade rítmica que faz parte da expressiva cultura pernambucana, foi escolhido para a composição melódica e musical do hino do 18º Congresso Eucarístico Nacional na certeza de que haveria uma identidade com a alma pernambucana e que encontraria morada no coração, na garganta e nos lábios do Povo de Deus.

Pe. Josenildo Nunes de Oliveira (Pe. Josenildo do Pajeú)
Presbítero da Diocese de Afogados da Ingazeira

LOGOMARCA DO 18º CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

ELEMENTOS QUE COMPÕEM A LOGOMARCA DO 18º CEN²

O tema escolhido, “Pão em todas as mesas”, chama a nossa atenção para a finalidade última da Eucaristia: que o pão e o vinho partilhados na Ceia do Senhor frutifiquem no “pão nosso de cada dia”, na mesa das casas, no cotidiano do povo. É com este sonho bem presente que o Congresso Eucarístico se propõe a revisitar o jeito de celebrar a Eucaristia, conforme os gestos de Jesus, e aprofundar o seu sentido à luz da sua e da nossa Páscoa.

Pão e cálice lembram que a Eucaristia é “Pão que alimenta e que dá vida e Vinho que nos salva e dá coragem”, oferecidos a Deus por todo povo, que, unido em um único corpo, celebra o mistério pascal de Cristo, conforme nos diz o Concílio Vaticano II em seu documento sobre a Sagrada Liturgia e confirmamos quando rezamos a V Oração Eucarística.

O círculo nos recorda a mesa que revela a igualdade fundamental entre os que creem. “Participando do corpo e do sangue do Senhor, a comunidade se torna um só corpo”. É a prece que fazemos quando rezamos II Oração Eucarística. A Igreja, corpo místico de Cristo, ainda se manifesta no louvor e na ação de graças da comunidade, que, de braços erguidos, entoam o cântico novo e fazem memória da morte e ressurreição do Senhor, aqui simbolizadas na cruz que se forma no detalhe do pão. A composição desses elementos, associados à intensidade da cor, nos faz recordar que Cristo é o Sol da justiça, que nos guiará na claridade da sua luz em nossa preparação e vivência do Congresso Eucarístico.

A água, símbolo da vida, nos recorda o nosso batismo e nos conduz à fonte da vida nova, que se dá em Cristo e no seu Espírito. A ponte evoca a cidade do Recife, que sedia o Congresso, e o mundo urbano, com seus desafios e anseios de justiça e paz. Ainda nos convoca a transpormos as barreiras que nos impedem de sermos irmãos e irmãs.

O conjunto dos elementos em seu movimento, que nos recorda um espiral, indica-nos que a Eucaristia move a Igreja a sair de si, das zonas de conforto, para alcançar as periferias existenciais, tão lembradas pelo Papa Francisco.

Em síntese, a logomarca enfatiza a Eucaristia: ação da Igreja reunida ao redor da mesa, fazendo o que Jesus fez.

Ir. Laíde Sonda, PDDM
Congregação Religiosas Pias Discípulas do Divino Mestre

ORAÇÃO PARA O 18º CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Ó Salvador do Mundo,
no deserto, Deus Pai alimentou o povo com o maná
e preparou na sua bondade uma mesa para o pobre.
Fazei que, neste Congresso Eucarístico Nacional,
ao celebrarmos o mistério da Palavra
que se fez carne e Pão da vida,
vivamos em vós a comunhão
e a partilha de nosso pão de cada dia,
para que não haja necessitados entre nós.
Vós, cheio de compaixão, tomastes o pão,
destes graças e o distribuístes à multidão com fome
e, para permanecer entre nós o sacrifício da Nova Aliança,
na última ceia, mandastes que o celebrássemos em memória de vós.
Concedei-nos que, ao participar do banquete
do vosso Corpo e do vosso Sangue
e adorando vossa presença na Eucaristia,
continueis a vossa ação, em nós e através de nós,
para que haja pão em todas as mesas.
À luz do Espírito Santo, pelo qual realizais hoje
o memorial da vossa Páscoa na Igreja,
façamos a opção evangélica pelos pobres,
como consequência da fé
que age pela caridade,
e que saiamos, com a Virgem Maria,
proclamando que Deus saciou de bens os famintos,
oferecendo a todos a vossa vida,
pelo anúncio alegre do Evangelho. Amém.

Após a definição do tema do 18º Congresso Eucarístico Nacional: “Pão em todas as mesas” e do lema: “Repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entres eles” (cf. At 2, 46), o arcebispo Dom Antônio Fernando Saburido confiou a mim, em nome da Comissão Arquidiocesana Pastoral para a Liturgia, a tarefa de elaborar a oração para o congresso eucarístico. Tendo refletido e meditado, considerei logo que deveria ser uma oração bíblica e, obviamente, que contivesse os objetivos principais da celebração do congresso, a partir do lema e tema. Antes de tudo, apresentei-a aos membros da Comissão de Liturgia. Em seguida, à Comissão Central do Congresso, presidida pelo arcebispo Dom Fernando Saburido, que a aprovou.

A oração dirige-se a Jesus Cristo presente na Eucaristia, uma vez que foi composta para que fosse rezada, especialmente, na exposição do Santíssimo Sacramento, em momentos de adoração pessoal e comunitária. Jesus Cristo é invocado como Salvador do Mundo, com o objetivo de recordar o titular da Igreja Catedral da Arquidiocese de Olinda e Recife (Igreja da Sé), situada na cidade de Olinda. Ao mesmo tempo que a oração se dirige ao Filho – “a Palavra que se fez Carne e Pão da vida” –, mostrando a relação intrínseca entre o mistério da Encarnação e a Eucaristia, apresenta um conteúdo com referência à Pessoa do Pai – “Deus Pai alimentou o povo com o maná” – e à Pessoa do Espírito Santo, o qual atualiza o memorial da Páscoa do Senhor, faz-nos ter comunhão com o Mistério de Cristo e dar testemunho do serviço da caridade (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1109).

Preferi que a oração fosse, tal como as grandes orações da liturgia, anamnética, isto é, fizesse memória das maravilhas do Senhor, das intervenções de Deus na história da salvação (CATECISMO, 1099 e 1103), sabendo que o Espírito Santo é a memória viva da Igreja e recorda o Mistério de Cristo: *Deus alimentou o povo de Israel no deserto com o maná (Dt 8,3) e preparou na sua bondade uma mesa para o pobre (cf. Sl 67,11 – refrão do Salmo responsorial do 22º Domingo do Tempo Comum, Ano C); cheio de compaixão tomou o pão, deu graças e distribuiu à multidão com fome (Jo 6, 1-14); na última ceia mandastes que fosse celebrada em memória de vós (Lc 22, 7-20)*.

Os pedidos feitos na oração expressam sinteticamente os objetivos do 18º Congresso Eucarístico Nacional. Em primeiro lugar: **viver em comunhão** *com* e *em* Cristo, viver a comunhão eclesial, viver a comunhão com os irmãos para que não haja necessitados entre nós (lema do 18º CEN), a exemplo dos primeiros cristãos (cf. At 2, 46). Depois, pela participação no banquete da vida eterna, adorando o Senhor presente na Eucaristia, pede-se que, pela ação do Senhor, haja compromisso com os mais pobres, **haja pão em todas as mesas** (tema do 18º CEN), pois para receber na verdade o Corpo e o Sangue de Cristo entregues por nós, devemos reconhecer o Cristo nos mais pobres, seus irmãos (cf. CATECISMO, 1397).

Ligado ao pedido anterior está a **opção evangélica pelos pobres**, a ser feita à luz da graça do Espírito Santo e segundo o Evangelho de Cristo, uma vez que *a fé nos liberta, de igual modo, do isolamento do eu, porque nos leva à comunhão: o encontro com Deus é, em si mesmo e como tal, encontro com os irmãos, um ato de convocação, de unificação e de responsabilidade pelo outro e pelos demais. Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza (cf. 2 Cor 8,9)* – BENTO XVI, DISCURSO INAUGURAL DA CONFERÊNCIA DE APARECIDA. É a fé que age pela caridade (Gl 5, 6).

Como último pedido, a celebração da Eucaristia, a comunhão do Corpo e Sangue do Senhor e a fé na presença real de Cristo levam-nos à missão, ao **anúncio alegre do Evangelho**, em sintonia com o Papa Francisco: A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. *A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária. Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!* (EVANGELII GAUDIUM, 1, 21, 83). Para atender ao apelo do magistério do Papa Francisco em ser uma Igreja em saída, o exemplo é a Virgem Maria, que se levantou e foi apressadamente à região montanhosa, a uma cidade de Judá (cf. Lc 1, 39) e, na casa de Isabel e Zacarias, proclamou que Deus saciou de bens os famintos.

Assim também podemos proclamar que, pela celebração do 18º Congresso Eucarístico Nacional, Deus nos alimentou de sua Palavra, do Corpo e do Sangue de seu Filho, para que cada cristão e cada comunidade possam discernir qual é o caminho que o Senhor lhes pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (Cf. EVANGELII GAUDIUM, 20), oferecendo a todos a vida em plenitude do Senhor.

Padre Moisés Ferreira de Lima
Presidente da Comissão Arquidiocesana Pastoral para a Liturgia
Membro da Comissão Executiva do 18º Congresso Eucarístico Nacional

Abertura do Ano Eucarístico (2019)

03/09/2019: No Santuário Nossa Senhora de Fátima, localizado no bairro da Soledade – cidade do Recife –, em solene concelebração eucarística presidida pelo então arcebispo de Brasília, Dom Sérgio Cardeal da Rocha, foi aberto o ano eucarístico na Arquidiocese de Olinda e Recife.

A data da celebração foi particularmente importante, pois se comemorou o 80º aniversário do 3º Congresso Eucarístico Nacional (1939), realizado também no Recife.

Segue abaixo a homilia proferida por Dom Sérgio na noite de 3 de setembro de 2019:

EUCARISTIA – AÇÃO DE GRAÇAS – MEMORIAL

Dom Sérgio da Rocha

A Eucaristia é sempre ação de graças, celebrando o mistério pascal. Nesta Eucaristia, fazemos memória, expressando ação de graças, considerando de modo especial o Congresso Eucarístico Nacional aqui realizado há 80 anos. Ao mesmo tempo, bendizemos a Deus pelo Ano Eucarístico que está sendo iniciado em preparação ao próximo Congresso Eucarístico Nacional.

A bela oração do próximo Congresso Eucarístico começa recordando-nos que "no deserto, Deus Pai alimentou o povo com o maná". Deus tem nos alimentado com o Pão Eucarístico. Contudo, segundo a leitura proclamada, o povo no deserto acabou se queixando contra Deus e Moisés, não reconhecendo o pão que já estava dando, o maná, símbolo, figura, do pão do céu, do Pão da Vida, a Eucaristia. Naquele momento, eles não foram capazes de dar graças pelo Pão, devido às dificuldades que estavam passando, ao atravessar o deserto. Nós, que temos a graça de pertencer ao novo Povo de Deus, somos convidados a dar graças pela Eucaristia celebrada e vivida ao longo da história da Arquidiocese de Olinda e Recife.

EUCARISTIA – COMUNHÃO QUE NOS UNE A CRISTO E AOS IRMÃOS

A Eucaristia é comunhão com Cristo, celebrada e vivida em comunidade, na Igreja, com a Igreja e como Igreja. Portanto, é comunhão entre irmãos, é comunhão eclesial. Vivemos num tempo marcado por divisões e conflitos. Necessitamos caminhar juntos, unidos na Igreja local, unidos ao Papa Francisco e à toda a Igreja.

Eucaristia e Igreja estão unidas. A Eucaristia faz a Igreja. A Igreja faz a Eucaristia. A comunidade é de especial importância para a celebração e a vivência da Eucaristia. A partilha é expressão da comunhão que nos une. Partilha não pode ser reduzida a sentimento. Necessita expressar-se em gestos concretos. No refrão do hino do Congresso Eucarístico, nós afirmamos: "o Pão em todas as mesas a comunhão manifesta".

O lema, belo e desafiador, do Congresso Eucarístico nos recorda: "repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles" (At 2). É importante repetir estas palavras não como simples recordação do modo de viver dos primeiros cristãos, mas para expressar o que nós queremos viver neste Ano Eucarístico.

Não se pode achar normal, numa comunidade, ter a mesa eucarística, o pão eucarístico partilhado, e não ter a mesa do pão cotidiano.

O TEMA: "PÃO EM TODAS AS MESAS" - EUCARISTIA – PARTILHA DO PÃO NUMA IGREJA MISSIONÁRIA E SOLIDÁRIA

A Igreja missionária, a Igreja "em saída", conforme a expressão do nosso querido Papa Francisco, é chamada a olhar para os que não estão na comunidade. Não basta a partilha com os que participam da comunidade, embora ela seja critério de vivência eucarística. O Evangelho narra a partilha do pão, multiplicado por Jesus, recordando-nos a importância da partilha com quem não tem o pão de cada dia, onde quer que esteja. Jesus sente compaixão pela multidão sofrida e faminta.

O Evangelho ressalta que Jesus tomou os pães, elevou os olhos para o céu, abençoou-os, partiu-os e os deu aos discípulos. Este mesmo gesto ele realizou na última Ceia e repetiu com os discípulos de Emaús. Este mesmo gesto a Igreja repete em cada Eucaristia, ao pronunciar as mesmas palavras de Jesus. Portanto, a partilha do pão de cada dia possui um sentido eucarístico, é prolongamento e consequência da partilha do pão eucarístico.

Uma vida eucarística se expressa através da partilha do pão da fé, do pão da Palavra e do pão de cada dia nas mesas das famílias. A partilha do pão eucarístico deve ser precedida e acompanhada da partilha do pão cotidiano. O pão partilhado em nossas Igrejas, sobre o altar, pão que é Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento, nos leva a partilhar o pão de cada dia nas mesas de nossas casas, especialmente, em meio aos mais pobres.

O Evangelho destaca o papel dos discípulos na multiplicação dos pães. Jesus não entregou o pão diretamente à multidão, mas por meio deles. Jesus contou com eles para que o milagre acontecesse. "Dai-lhes vós mesmos de comer!", afirma o Senhor.

Precisamos, hoje, cultivar mais a partilha solidária como consequência da nossa fé eucarística, através de iniciativas pessoais, mas, especialmente, de ações comunitárias. Além disso, não pode faltar a ação dos poderes públicos para assegurar condições de vida digna às famílias, para que em todas as mesas haja o pão de cada dia.

Ao celebrar os 80 anos do Congresso Eucarístico Nacional aqui realizado, nós bendizemos a Deus por todos os que, no ontem e no hoje da Arquidiocese de Olinda e Recife, promovem a comunhão e a partilha. Irmãos e irmãs cujo testemunho continua a produzir frutos na vida do Povo de Deus, dentre os quais nos recordamos, com especial louvor e gratidão, o nosso amado Dom Hélder Câmara, que muito nos ensinou a viver o Evangelho, o amor aos pobres, a partilha e a solidariedade com os que mais sofrem.

CELEBRAR E VIVER A EUCARISTIA

Irmãos e irmãs, este Ano Eucarístico é uma ocasião privilegiada para refletir sobre como estamos celebrando e vivendo a Eucaristia. Somos convidados a renovar o nosso compromisso de professar a fé, participar bem da celebração eucarística e de viver bem a Eucaristia através da comunhão, da partilha e da solidariedade. Conforme a oração do Congresso Eucarístico, necessitamos viver da Eucaristia e vivenciar a Eucaristia "para que haja pão em todas as mesas"!

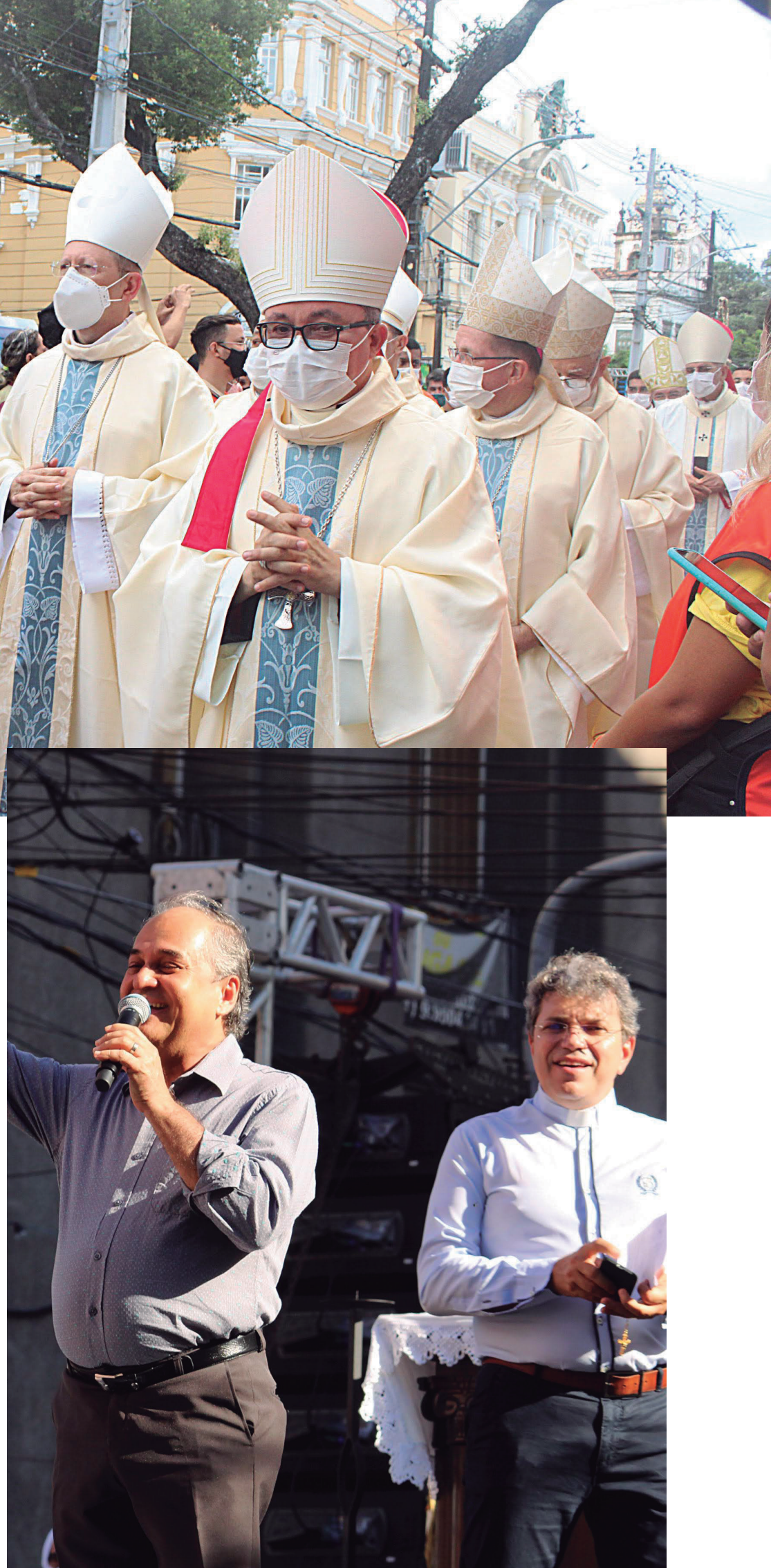
Lançamento do texto-base do 18º Congresso Eucarístico Nacional

01/11/2019: No auditório G2 da Universidade Católica de Pernambuco, no centro do Recife, foi lançado o texto-base do 18º Congresso Eucarístico Nacional.

Com a presença de Dom Paulo Jackson, Dom Antônio Fernando Saburido, Dom Genival Saraiva de França, Dom Limacêdo Antônio e numerosos fiéis, a comissão teológico-pastoral publicou o texto de sua autoria, contendo 7 capítulos distribuídos em 143 páginas, anunciando as linhas mestras do futuro simpósio teológico do Congresso Eucarístico.

12/11/2019: Na livraria Paulinas, no Centro do Recife, com a presença de Dom Limacêdo Antônio, Pe. Luciano Brito, Pe. Moisés Ferreira e Ir. Ivonete Kuerten, o texto-base do 18º Congresso Eucarístico Nacional foi lançado nacionalmente, para ser vendido em todo o Brasil.

Na ocasião, Pe. Luciano comentou: "Tenho certeza de que a leitura, muito leve e direta, vai agradar o povo e fazer cada um e cada uma refletir melhor sobre o tema 'Eucaristia', absorvendo o sentido da partilha do pão e da realização do Congresso. Vai ser tudo tão bonito que, lá em 2020, ao final dos quatro dias de programação, diremos como Dom Sebastião Leme disse em 1939: 'Depois do Recife, só o céu'"[3].



Celebração de relançamento do Congresso

15/11/2021: Na Rua do Imperador, próximo à Casa do Pão, realizou-se um almoço com a presença do cardeal Dom Orani Tempesta, Dom Fernando Saburido, Dom Limacêdo Antônio, padres, diáconos, religiosos, leigos e mais de quatrocentas pessoas em situação de rua. A ocasião coincidiu com o Dia Mundial do Pobre e marcou o relançamento do 18º Congresso Eucarístico Nacional.

Após o almoço, foi celebrada a Eucaristia, em frente à Casa do Pão, que contou com a presidência de Dom Orani João Cardeal Tempesta, arcebispo da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Logo após a missa, foi abençoado o início das obras na Casa do Pão, principal marco do Congresso Eucarístico que, por segunda vez, seria realizado no Recife.

Em sua homilia, Dom Orani ressaltou o compromisso que a Eucaristia gera em quem dela comunga com os mais pobres, mostrando, assim, a pertinência da Casa do Pão como um legado concreto da celebração de um Congresso Eucarístico.

Celebração de relançamento do Congresso nos vicariatos da Arquidiocese de Olinda e Recife

Na quinta-feira, 28 de abril de 2022, todos os treze vicariatos em que se divide a Arquidiocese de Olinda e Recife, celebraram o relançamento do 18º Congresso Eucarístico Nacional.

Cerca de seis meses antes da celebração que uniria todo o país, a arquidiocese que sediaria o evento se uniu para motivar os fiéis a reavivarem sua fé na Eucaristia e se prepararem, através da oração, para o Congresso.

Tríduo Eucarístico

Como preparação para a solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, viveu-se mais um momento marcante de preparação do congresso eucarístico. As paróquias foram convidadas a realizar um tríduo eucarístico.

Celebração eucarística com rito de ordenação diaconal

No primeiro dia do tríduo eucarístico, no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, celebrado como solenidade, por ser padroeiro principal da Cidade do Recife e da Arquidiocese, aconteceu a ordenação de dez novos diáconos na Basílica do Sagrado Coração de Jesus, no bairro da Boa Vista, às 19h, na celebração eucarística presidida pelo arcebispo Dom Fernando Saburido: André Luiz da Silva, Carlos Eduardo Salustiano da Silva, Edson André Ramos da Silva, Giovanni Everton Felix de Vasconcelos, Humberto Ferreira Castelo Branco, Joelmir José Barbosa da Silva, José Fernandes Alves Júnior, Osmar Bezerra Pontes Júnior, Rui Gomes Tato e Vinícius David Calado da Cunha Costa.

Celebrações nas comunidades

Nas comunidades paroquiais, dando continuidade ao tríduo eucarístico, realizaram-se celebrações eucarísticas, pregações sobre a Eucaristia, hora santa e outros momentos de adoração eucarística, quer de modo individual ou organizado por grupos paroquiais, como os ministros extraordinários da Sagrada Comunhão.

Solenidade do Santíssimo Sacramento do Corpo e Sangue do Senhor 2022

16/06/2022: Na Solenidade de Corpus Christi, às 10h da manhã, na Igreja Madre de Deus, no Bairro do Recife, houve uma solene concelebração eucarística, presidida por Dom Fernando Saburido, que contou com a presença de dezenas de membros do clero e fiéis de todas as paróquias da Arquidiocese.

Da Madre de Deus, uma solene procissão eucarística saiu em direção à Igreja de Santo Antônio, na Avenida Dantas Barreto, de onde foi dada a bênção com o Santíssimo Sacramento.

A ocasião marcou os preparativos para o 18º Congresso Eucarístico Nacional. Assim, ao longo do percurso da procissão, fiéis portavam as bandeiras das vinte e sete unidades federativas, significando a presença de todo o Brasil que, na presença da Eucaristia, vem rezar e refletir sobre as suas consequências na vida em sociedade.

Semana Eucarística da Matriz da Boa Vista

Na quinta-feira, 22 de setembro de 2022, dentro da 57ª Semana Eucarística da Boa Vista, Dom Fernando Saburido presidiu a Eucaristia na Matriz do Santíssimo Sacramento, situada na Praça Maciel Pinheiro. Na ocasião, presbíteros, diáconos, religiosos, seminaristas e fiéis leigos de todas as paróquias da Arquidiocese de Olinda e Recife fizeram-se presentes para a missa, ao meio-dia, durante a qual houve a investidura de uma centena de novos ministros da Sagrada Comunhão. Em seguida, uma procissão seguiu até o píer que está localizado atrás da Igreja Madre de Deus. De lá, a procissão prosseguiu por um trajeto pelo Rio Capibaribe, a bordo de um catamarã, sendo o Santíssimo Sacramento saudado das pontes por inúmeros fiéis cheios de fé. A embarcação passou sob as pontes Maurício de Nassau, Buarque de Macedo, Princesa Isabel e Duarte Coelho, voltando ao mesmo píer e desembarcando às 16h, quando foi dada a bênção eucarística do altar da Igreja Madre de Deus.

Na celebração na Matriz da Boa Vista, Dom Fernando Saburido proferiu a seguinte homilia, que foi feita de modo espontâneo:

Meus queridos irmãos: bispos, presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas, seminaristas, povo de Deus aqui reunido, provenientes de nosso regional, vicariatos e paróquias.

Eu dizia, no início, da nossa emoção de estar presenciando esta assembleia e, nesta proximidade do 18º Congresso Eucarístico Nacional, certamente este é o sentimento que passa no coração de todos os que aqui se encontram. Apesar do incômodo de um dia ensolarado, em que encontramos tantas pessoas em frente à Igreja, nós estamos felizes, porque dentro desta semana eucarística, nós podemos externar a nossa fé no "Pão da vida", a nossa fé em Jesus Cristo, que se doa, que se faz Pão por amor a todos nós. Sem dúvida, este testemunho é eficaz, porque, assim, a Igreja nos ensina a evangelizar, muito mais que por palavras, que possamos evangelizar pelo testemunho, pelo comprometimento, com a palavra e vida que o evangelho representa para todos nós.

Dois textos importantíssimos tivemos a oportunidade de escutar nesta missa de hoje. Começando pelo próprio Evangelho, Evangelho de São João, no capítulo sexto, um capítulo eminentemente eucarístico, que começa com a multiplicação dos pães. E, a partir daí, Jesus Cristo faz um sermão, parte do qual nós escutamos hoje, que é um sermão plenamente eucarístico.

"Eu sou o pão da vida", aquele que acredita neste pão, claro que viverá eternamente, é o que Jesus nos assegura e Ele se doa plenamente por amor a todos nós. Isto fica bem claro mais adiante, por ocasião da quinta-feira, antes da sexta-feira da Paixão, quando Jesus está lá com os seus apóstolos, celebrando a última ceia e se colocando como cordeiro pascal que tira o pecado do mundo. Jesus Cristo é este pão que permanece no meio de nós, o pão eucaristizado que nós adoramos, que nós nos curvamos diante dele, que de fato é Jesus presente no meio de nós, através do sacramento da Eucaristia. Ouvimos, na leitura dos Atos dos Apóstolos, quatro pontos importantíssimos que eram características das primeiras comunidades cristãs: os primeiros cristãos, como diz o texto dos Atos dos Apóstolos, perseveravam, em primeiro lugar, na escuta da palavra de Deus, no anúncio feito pelos apóstolos da palavra do Senhor e a palavra de Deus é palavra de vida que transforma completamente o nosso ser, que nos dá vida nova. Nós precisamos ter um coração cada vez mais aberto para escutar esta palavra e transformar realmente em vida; não podemos perder, absolutamente, oportunidades preciosas de viver a palavra de Deus e testemunhá-la, para que, através deste testemunho, as pessoas possam aderir à vida comprometida com o Senhor. Os primeiros cristãos também perseveravam na comunhão fraterna, isto acontecia de tal forma que eles evangelizavam através de sinais, de tal forma os cristãos se amavam mutuamente que as pessoas percebiam e comentavam: "vejam como eles se amam". Isto era motivo de conversão para muitos. Que este testemunho dos primeiros cristãos seja sempre muito presente na vida de cada um de nós, para que, igual a eles, nós também possamos edificar a Igreja pela maneira com que nós nos amamos, pela maneira com que nós renunciamos plenamente aos nossos interesses pessoais para viver a fraternidade, para pensar no irmão, para pensar no outro.

Nós escolhemos como tema do Congresso Eucarístico Nacional “Pão em todas as mesas”, para pensar no irmão, para levar as pessoas a refletir sobre a Eucaristia nesta perspectiva da caridade, da fraternidade, do compromisso com o povo. Que diminuam entre nós as desigualdades sociais e haja mais respeito às pessoas pobres, às pessoas mais fragilizadas. E que este marco, a Casa do Pão, que ficará como legado do 18º Congresso Eucarístico Nacional, esteja sempre nos recordando esta necessidade da solidariedade, da comunhão fraterna.

Mas os primeiros cristãos também perseveravam na fração do pão. Eles se encontravam no dia do Senhor para celebrar a Eucaristia e faziam isso com muita dignidade, com muito empenho, com muito amor. Eis a graça que Jesus deixou para todos nós! A Eucaristia, o apelo que Ele nos fez – “fazei isto para celebrar a minha memória” – estava muito presente na vida dos primeiros cristãos e continua entre nós. Que possamos cada vez melhor celebrar a Eucaristia, de maneira comprometida, piedosa e eficaz; que nos sintamos comprometidos, a partir do momento que comungamos, a fazer, de fato, comunhão com os nossos irmãos.

E, finalmente, meus irmãos e irmãs, os primeiros cristãos perseveravam na oração. Um quarto ponto fundamental. Nós não podemos, de forma alguma, negligenciar este valor importante que é a oração na vida de cada um. A fidelidade à Liturgia das Horas, por parte daqueles que se consagram ao Senhor e se comprometem em nome da Igreja a rezá-la. Não somente isto, mas devemos estar sempre com uma postura de oração, oração como um diálogo com Deus, como encontro com o Senhor. Que abramos sempre o nosso coração para encontrar um Deus que nos escuta, que nos ama, que está sempre pronto a atender as nossas necessidades, os nossos apelos. Cresçamos, portanto, na oração, porque, sem oração, não podemos ser bons missionários. Um missionário que não reza, ele não consegue, absolutamente, segurar-se na caminhada.

Meus irmãos e minhas irmãs, nesta missa, como falamos desde o início, teremos a graça de revestir vários ministros extraordinários da Sagrada Comunhão. É uma graça especial para as nossas paróquias poder contar com um contingente maior de pessoas que estarão disponíveis, sobretudo, para dar assistência aos nossos irmãos enfermos, levando a Comunhão, levando a Palavra de Deus. Os irmãos que se encontram em casa, deitados, por conta da saúde, contam com esta presença salutar de irmãos, que vêm visitá-los, que vêm trazer a boa nova da salvação para eles. É um consolo fundamental. Claro que os ministros extraordinários da Sagrada Comunhão também ajudam na distribuição da Eucaristia durante as celebrações, quando necessário. Já que tudo isso é motivo de graça, vamos render graças a Deus pela disponibilidade destes irmãos e irmãs que se colocam a serviço da Igreja, vivendo este ministério. Que este momento de oração, de encontro em preparação para o 18º Congresso Eucarístico Nacional, nos fortaleça, nos transforme e faça de todos nós uma Igreja realmente viva, uma Igreja comprometida com o Reino de Deus. Esta Arquidiocese, a qual tem uma história tão bonita, possa levar adiante este legado, e que procuremos sempre o espírito de fé, de alegria e levar adiante a missão de anunciar o Reino de Deus. Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo.

Celebração eucarística com rito de ordenação presbiteral

O vínculo entre a Eucaristia e Ordem deduz-se das palavras do Senhor: “Fazei isto em memória de mim”, e fez-se notável na celebração eucarística que aconteceu no 25 de outubro de 2022, às 19 horas. Na Basílica do Sagrado Coração de Jesus, no bairro da Boa Vista, no Recife, foram ordenados dez presbíteros para a Arquidiocese de Olinda e Recife: André Luiz da Silva, Carlos Eduardo Salustiano da Silva, Edson André Ramos da Silva, Giovanni Everton, Humberto Ferreira Castelo Branco, Joelmir José Barbosa da Silva, José Fernando Alves Júnior, Osmar Bezerra Pontes Júnior, Rui Gomes Tato e Vinícius David Calado da Cunha Costa, os quais foram designados, posteriormente, a serviço do povo de Deus nas comunidades paroquiais.

“Rumo ao Congresso”: encontros de preparação para o 18º Congresso Eucarístico Nacional

Com o objetivo de tornar mais acessível o texto-base do 18º Congresso Eucarístico Nacional ao povo de Deus nas diversas comunidades de todas as dioceses do Regional Nordeste 2 da CNBB, foi elaborado pela comissão teológico-pastoral o livreto “Rumo ao Congresso”, contendo sete encontros que contemplavam cada um dos capítulos do texto-base: A Igreja, uma assembleia eucarística; A Palavra de Deus faz o coração arder; A Eucaristia, memória de um sacrifício por amor; A Eucaristia, o alegre banquete da vida; A dimensão social e profética da Eucaristia; A Eucaristia e Maria – o Magnificat do Pão em todas as mesas; A Eucaristia e missão. A dinâmica dos encontros era ao estilo de círculos bíblicos ou grupos de leitura orante da Palavra de Deus: Deus nos reúne; recordando a vida; escutando a Palavra de Deus; aprofundando a Palavra; a Palavra se torna oração; compromisso da semana e bênção final.

Encontros e atividades dentro do ano preparatório

Encontro arquidiocesano de liturgia

A edição de 2022 do Encontro Arquidiocesano de Liturgia teve como motivação o 18º Congresso Eucarístico Nacional. Com o objetivo de facilitar a participação dos agentes da pastoral litúrgica, foi realizado nos vicariatos territoriais da Arquidiocese no dia nove de julho. O tema abordado foi a carta apostólica *“Desiderio desideravi”* do Papa Francisco, a qual havia sido publicada em 26 de junho, em que se destaca a liturgia como encontro com Cristo e a necessidade da formação litúrgica do povo de Deus. Os vários integrantes da Comissão Arquidiocesana Pastoral para a Liturgia distribuíram-se como assessores nos vicariatos.

Festival de artes das juventudes

A 4ª edição do Festival de Artes das Juventudes da Arquidiocese de Olinda e Recife foi realizada em 30 de julho de 2022, das 9h às 17h, no Auditório da Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE), no bairro da Boa Vista, e teve como tema: “Permanecei no meu amor: a arte como expressão do seguimento”.

Como gesto concreto, cada participante levou donativos para a Campanha da Cáritas Arquidiocesana SOS Recife, para assistir as vítimas das enchentes na região metropolitana do Recife, ocorridas entre os meses de maio e junho de 2022.

O evento teve como proposta incentivar os jovens, através das diversas expressões artísticas, a viver a arte sob a luz do Evangelho, como afirmou o presidente da Comissão Arquidiocesana Pastoral para a Juventude da Arquidiocese de Olinda e Recife e da Comissão do Voluntariado do 18º CEN, Pe. Antônio Gomes, SDB.

“O Festival é um marco desde a primeira edição e nos ajuda a celebrar com as juventudes a importância da arte na caminhada da evangelização. Este ano, de modo especial, nos preparando para viver o 18º CEN, a juventude é convidada a proclamar o seu amor a Jesus Eucarístico. É ele que nos fortalece, nos convida a viver a força do amor e da solidariedade. Que seja um tempo de graça na vida da juventude da nossa Arquidiocese”.

Encontrão com as juventudes

Durante os anos preparatórios ao 18º CEN, a juventude arquidiocesana viveu significativas experiências de encontro e formação. Dentro dessa programação foi celebrado o "Encontrão das Juventudes", no dia 28 de agosto de 2022. Organizado em dois momentos, o encontro teve a primeira parte realizada na quadra poliesportiva do Colégio Salesiano, Bairro da Boa Vista, em Recife, e foi organizado pelo Serviço de Animação Vocacional da Conferência dos Religiosos do Brasil, núcleo Recife. À luz do tema: "Para onde irei?", os jovens tiveram a oportunidade de acompanhar uma meditação sobre o seguimento a Jesus e conhecer muitas congregações religiosas com seus carismas e missão. Foi uma manhã de muita animação e despertar vocacional.

No período da tarde, em comunhão com a Renovação Carismática Católica presente na Arquidiocese, os jovens participaram do "Vinde a mim!", reunindo-se no Parque Treze de Maio e seguindo em caminhada até a Praça do Marco Zero, região central da cidade do Recife. Acompanhados de muita música, dança e animação, os jovens percorreram as ruas da cidade dando testemunho de fé e alegria.

Passeio ciclístico

Para divulgar a celebração do congresso eucarístico, aconteceu na manhã chuvosa do dia seis de novembro, domingo antes de sua abertura, o passeio ciclístico "Anunciando o Congresso". O evento teve início às 9 horas, com concentração em dois pontos da cidade do Recife: Parque Dona Lindu, no bairro de Boa Viagem, e Parque da Jaqueira, no bairro da Jaqueira. Dirigiram-se à Avenida Guararapes, no centro do Recife, onde acontecia o "Viva Guararapes", ação de lazer promovida pela Prefeitura da Cidade do Recife. No trajeto, voluntários das paróquias Nossa Senhora de Fátima (Boa Viagem), Nossa Senhora das Graças (bairro das Graças) e Nossa Senhora do Rosário e Santa Luzia (bairro da Torre) ofereceram lanches e água aos participantes, entre eles, o arcebispo Dom Fernando Saburido e o Mons. José Albérico Bezerra, secretário geral do 18º CEN.

Lives de estudo do texto-base

A comissão teológico-pastoral do 18º Congresso Eucarístico Nacional, em parceria com as editoras Paulinas e Paulus, realizou, no decorrer do ano do Congresso, uma série de lives com a finalidade de ajudar as comunidades a aprofundarem o tema: "Pão em todas as mesas". A transmissão deu-se pelos canais do Youtube e Facebook da Paulinas Brasil e Youtube da Editora Paulus, com a mediação da jornalista e diretora de marketing da Paulinas Editora, Irmã Ivonete Kuerten, fsp.

A programação foi intensa e abordou todos os capítulos do texto-base. Na live de 19 de novembro de 2021, deu-se a reabertura do Congresso com o relançamento do reinício dos trabalhos de preparação, na qual esteve presente o Arcebispo de Olinda e Recife Dom Antônio Fernando Saburido, Dom Genival Saraiva, presidente da Comissão Teológico-pastoral, Monsenhor José Albérico, secretário geral do Congresso, e Ir. Paula Souza, PDDM, membro da Comissão Executiva.

A live de 23 fevereiro 2022 teve como tema o Capítulo 1 do texto-base: "A Assembleia Eucarística, pão para todas a mesas", tendo como assessor o Pe. Josenildo Nunes, presbítero de Diocese de Afogados da Ingazeira/PE e liturgista. Também foi tema o Capítulo 2: "A Palavra de Deus, pão para as mesas", com o assessor Dom Paulo Jackson, bispo da Diocese de Garanhuns/PE, doutor em Teologia bíblica, presidente do Regional Nordeste 2 da CNBB.

A live de 18 maio 2022 foi sobre o Capítulo 3: "O memorial do sacrifício de Cristo", assessorada pelo Pe. Flávio Augusto, vigário geral da Diocese de Santa Luzia – Mossoró/RN, mestre em Teologia Dogmática. Abordou-se também o Capítulo 4: "A Espiritualidade Eucarística: convite para cear com o Senhor", com assessoria de Dom Jerônimo Pereira, OSB, doutor em Sagrada Liturgia.

No dia 24 de agosto de 2022, a live foi sobre o Capítulo 5: "A dimensão social e profética da ceia de Jesus", assessorado por Pe. Francisco Aquino Júnior, presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte/CE, doutor em Teologia; e sobre o Capítulo 6: "A Eucaristia e Maria: o Magnificat do 'Pão em todas as mesas'", com o assessor Dom Francisco Sales, bispo da Diocese de Cajazeiras/PB, secretário do Regional Nordeste 2 da CNBB.

A live de 19 outubro 2022 foi sobre o Capítulo 7: "A Eucaristia e a missão", com Dom Antônio Carlos Cruz, MSC, bispo diocesano de Caicó e vice-presidente do Regional Nordeste 2 da CNBB, e o diácono Sérgio Douets, professor de Teologia da Universidade Católica de Pernambuco, que fez uma síntese de todos os temas do texto-base, fechando o ciclo de transmissões ao vivo sobre o Congresso Eucarístico Nacional.

Série de concertos

A comissão executiva do 18º CEN, junto à Comissão de Cultura, programou uma série de apresentações musicais, tendo como protagonistas as instituições de ensino e fomento à música que estão no território da Arquidiocese de Olinda e Recife e que possuem trabalho artístico e social relevante para o estado. O local escolhido foi a Capela Bom Pastor, na sede da CNBB Regional NE II, espaço importante na caminhada eclesial da igreja no Nordeste e sinal de comunhão com as dioceses do regional, que, com a Arquidiocese de Olinda e Recife, acolheram o 18º CEN. A série contou com a curadoria de Roberto Rodrigues de Sales Dutra e de Frei Wanderson Luiz Freitas, OCarm, membros da Comissão Arquidiocesana Pastoral para a Liturgia.

No dia 20 de junho de 2022, ainda nas comemorações da Solenidade de Corpus Christi, tivemos o primeiro concerto da série, que teve como tema a Eucaristia e foi apresentado pelo Coro e Banda dos Arautos do Evangelho – Recife, sob a regência do Pe. André Luís de Moura, EP. Precedido de discurso do Monsenhor José Albérico Bezerra e apresentação do Coro do Instituto de Música Dom da Paz, que executou o hino do 18º CEN, o grupo apresentou um panorama da música sacra ao longo da história, indo das melodias de herança judaica à expressão devocional do século XIX de compositores como Cesar Franck (1822-1890). O concerto foi intercalado por reflexões sobre a Eucaristia feitas pelo Pe. Mauro Sérgio da Silva, EP.

O Coro do Movimento Pró-Criança trouxe alegria contagiante à apresentação do dia 18 de julho do mesmo ano. Sob a batuta do Maestro Otávio Góes, a instituição, que é administrada pela Arquidiocese de Olinda e Recife, trouxe um programa variado de músicas populares e do folclore pernambucano, resgatando as tradições locais e mostrando a força da música enquanto instrumento de transformação social.

O concerto da tarde do dia 21 de agosto, por sua vez, foi dedicado à memória de Dom Helder Camara. Celebrando os 23 anos de sua páscoa, o eterno "Dom da Paz" foi homenageado com música e poesia em um sarau organizado em parceria com o Instituto Dom Helder Camara (IDHeC) e a Academia Pernambucana de Letras. Após reflexão feita pelo Mons. José Albérico Bezerra, apresentaram-se o ator Júnior Aguiar, que fez uma leitura dramatizada de textos escritos por Dom Helder e compilados pelo IDHeC a partir da temática do Congresso, e a pianista e professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Rachel Casado. O sarau, edição especial da série de concertos, aconteceu no auditório da Academia Pernambucana de Letras (APL) e contou com a presença dos acadêmicos Lourival Holanda (presidente da APL), Margarida Cantarelli e Elyanna Caldas (Coordenadora da série "Música na APL").

Em 19 de setembro, foi a vez do coro e orquestra do Instituto de Música Dom da Paz, que mobilizou grande público com a apresentação de música instrumental e sacra, sob a regência dos maestros Geovânia Lopes (coro) e José Carlos dos Santos (orquestra). Na ocasião, que contou com a presença do presidente da Comissão das Irmandades e Confrarias da Arquidiocese de Olinda e Recife (da qual faz parte a Irmandade das Almas do Recife, mantenedora da obra social), Pe. Paulo Dutra de Morais Barbosa, foi apresentada a versão sinfônica do hino do CEN, em arranjo escrito pelo prof. Roberto Dutra e interpretado pelas crianças, que emocionaram o público.

Em outubro, já na contagem regressiva para o Congresso, tivemos duas apresentações na CNBB: a do dia 17, com o Centro Social Dom João Costa, e a do dia 24 de outubro, com o concerto mariano "Maria: mulher eucarística", com o Coral do Carmo do Recife, regido por Josias Gouveia, e o Coral Boa Vista Pe. Sílvio Milanez, regido por Alexandre Pimentel. A Orquestra Social Dom João Costa, fruto do projeto construído pelas Religiosas da Instrução Cristã no Alto José do Pinho, trouxe um programa de música sacra e popular, com destaque à versão para Banda Sinfônica em dobrado do hino do CEN. O arranjo foi escrito pelo também regente do grupo, maestro Wellington Mesquita.

Os coros, por sua vez, trouxeram um programa especialmente dedicado à mãe de Deus, com músicas do cancioneiro carmelitano e do acervo do Coral Boa Vista. Enquanto coros mais antigos do estado em funcionamento, puderam homenagear dois importantes maestros de suas trajetórias e importantes nomes da música sacra no Brasil, o Padre Sílvio Milanez (1943-2013), que presidiu a Comissão Arquidiocesana de Música Sacra de 1970 a 2010, e o maestro Mabel Bezerra (1923 – 2013). Registramos a presença do Monsenhor Luciano Brito, que trouxe a todos uma palavra de gratidão pelo encerramento do ano preparatório e alegria pela proximidade do 18º CEN, que já aconteceria no mês seguinte.

Encerrando a série, no dia 07 de novembro, contamos com a participação da Orquestra Sinfônica da UFPE. O curador da série de concertos, Roberto Dutra, fez o resgate histórico do homenageado da noite, o Pe. Jaime Diniz (1924-1989). Dentre as muitas coisas dignas de nota, dada a sua importância para a musicologia nacional, destacamos sua atuação como presidente da Comissão de Música Sacra no início dos anos 1960, época em que funda, em conjunto com outros professores, o curso de música da então Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco. Após isso, sob a regência do maestro e professor Sérgio Dias, é executado o Te Deum Laudamus do compositor colonial João de Deus de Castro Lobo (1794- 1832), em ação de graças pelo legado do Pe. Jaime e pela realização do Congresso Eucarístico na "Terra dos altos coqueiros".

Assim, pois, foi preparada a celebração do 18º CEN, com música e apresentações culturais de alta qualidade, com o objetivo de estar à altura – sempre inalcançável – do grande mistério a ser vivenciado no Congresso.

O LEGADO PONTIFÍCIO

Pedido de Dom Antônio Fernando Saburido ao Papa Francisco

21/01/2020: Dom Fernando Saburido enviou ao Santo Padre, o Papa Francisco, o pedido de nomeação do representante pontifício para o 18º Congresso Eucarístico Nacional.

Recife, 21 de janeiro de 2020.

Santo Padre, Papa Francisco,

Tendo ouvido segmentos da vida arquidiocesana e contando com a prévia adesão dos Senhores Bispos do Regional Nordeste 2, durante a Assembleia Geral da CNBB, em Aparecida, em 2017, apresentei o nome da Arquidiocese de Olinda e Recife para sediar o 18º Congresso Eucarístico Nacional, em Recife. A proposta foi acolhida pelo Episcopado Brasileiro, unanimemente. O Congresso Eucarístico Nacional realizar-se-á no período de 12 a 15 de novembro de 2020, iluminado pelo Tema "Pão em todas as mesas" e inspirado pelo Lema que testemunha a prática dos primeiros cristãos - Repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles (cf. At 2,46).

Nossa Arquidiocese assume a responsabilidade de sediar o Congresso Eucarístico pela segunda vez, uma vez que aqui se realizou o III Congresso Eucarístico Nacional, no período de 03 a 07 de setembro de 1939, no contexto, extremamente doloroso, do início da Segunda Guerra Mundial.

Dirijo-me a Vossa Santidade para solicitar a nomeação do Legado Pontifício que será acolhido por todos nós, que fazemos a Arquidiocese de Olinda e Recife, com muita alegria, uma vez que será portador de sua palavra e de sua bênção para o povo de Deus.

Permito-me enviar a Vossa Santidade o Texto Base que estamos utilizando na preparação espiritual e pastoral dos participantes do Congresso Eucarístico Nacional para que, com um olhar eclesial, possam viver a riqueza do Mistério da Eucaristia.

Invocando a proteção de Nossa Senhora Carmo, Copadroeira da Cidade de Recife, no exercício de seu ministério petrino, e assegurando-lhe nossa oração, em face das grandes preocupações de Vossa Santidade em relação à vida da Igreja e às situações de desigualdades e conflitos em muitas nações, pedimos que nos acompanhe, nessa fase conclusiva de nossa preparação para o Congresso Eucarístico, concedendo-nos sua bênção paterna.

Respeitosamente,

Dom Antônio Fernando Saburido, OSB
Arcebispo de Olinda e Recife.

Nomeação do legado pontifício

10/09/2022: Atendendo ao pedido formulado pelo arcebispo de Olinda e Recife, Sua Santidade, o Papa Francisco, nomeou um legado pontifício para o 18º Congresso Eucarístico Nacional. O escolhido para fazer as vezes do Romano Pontífice foi o bispo emérito da Diocese de Leiria-Fátima, em Portugal, **Dom António Augusto Cardeal dos Santos Marto**.

In data 10 settembre 2022, il Santo Padre ha nominato l'Em.mo Card. António Augusto dos Santos Marto, Vescovo emerito di Leiria-Fátima, Suo Inviato Speciale alla celebrazione del XVIII Congresso Eucaristico Nazionale del Brasile, che si terrà nell'Arcidiocesi di Olinda e Recife nei giorni 11-15 novembre 2022.

L'Inviato Speciale sarà accompagnato da una Missione Pontificia, composta dai seguenti ecclesiastici:

- Rev.do Sac. Augusto César Figueirôa, Rettore dell'Oratorio di Santa Teresinha, Vice-Cancelliere della Curia e Cerimoniere;

- Rev.do Fra José Leandro Alencar, O.C., Parroco della Parrocchia di Nossa Senhora da Piedade.

Chegada

Em 10 de setembro, dois meses antes do Congresso, a Igreja no Brasil e, em especial, a Arquidiocese de Olinda e Recife, acolheu, como um grande presente, a nomeação, pelo Papa Francisco, do seu representante, o legado pontifício para o 18º Congresso Eucarístico Nacional, o bispo emérito de Leiria-Fátima, diocese portuguesa, Dom António Augusto Cardeal dos Santos Marto, criado cardeal pelo Papa Francisco no Consistório de 28 de junho de 2018.

Na noite do dia 08 de novembro, o arcebispo, seu bispo auxiliar, seus vigários gerais, juntamente com a Comissão Executiva do 18º CEN, recebem no Aeroporto Internacional dos Guararapes o Legado Pontifício, de forma muito simples e discreta, sem aparatos, como foi seu desejo. O Cardeal Marto, acompanhado de seu secretário particular o Pe. Miguel de Azevedo de Santiago Sottomayor, não escondeu que a nossa alegria também era dele. Sua comitiva, além do seu secretário, foi formada pelos membros da missão pontifícia, nomeados pela Arquidiocese e confirmados pela Santa Sé: Pe. Augusto César Figuerôa e Frei Leandro Alencar, OC.

Encontro e celebração com os estudantes de teologia

No dia 10 de novembro de 2022, às 16h, o Dom António Augusto Cardeal dos Santos Marto visitou a Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP e foi recebido pelo Magnífico Reitor, Prof. Pe. Pedro Rubens Oliveira, SJ, para proferir uma conferência para os estudantes dos cursos de Filosofia e Teologia, que estão se preparando para o sacerdócio, intitulada “Sacerdotes com o coração de pastor”. O evento teve a participação do Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Antônio Fernando Saburido, OSB e do bispo auxiliar da Arquidiocese, Dom de Limacêdo Antonio, além de membros do corpo docente e formadores de várias dioceses, ordens e congregações religiosas, que têm estudantes na universidade.

Em seguida, houve uma celebração eucarística, presidida pelo Cardeal Marto, na Igreja da Soledade, na Boa Vista, com a participação de alguns bispos, formadores das casas de formação que estudam na UNICAP e um número significativo de alunos.

Celebração eucarística (Paróquia Nossa Senhora de Fátima)

Na quarta-feira, dia 9 de novembro, Festa da Dedicação da Basílica do Latrão, o Cardeal Marto presidiu a Eucaristia na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, no bairro de Boa Viagem. Concelebraram a Santa Missa o arcebispo de Olinda e Recife, Dom Antônio Fernando Saburido; o seu bispo auxiliar, Dom Limacêdo Antônio da Silva; o arcebispo emérito de Vitória da Conquista, Dom Luís Gonzaga Pepeu, OFMCap; o secretário particular do Cardeal Marto, Pe. Miguel Sottomayor; o secretário-geral do Congresso Eucarístico e vigário paroquial, Mons. José Albérico Bezerra; o vigário geral da Arquidiocese de Olinda e Recife, Pe. Luciano Brito; os membros da Missão Pontifícia, Pe. Augusto César Figuerôa e Frei Leando Alencar, OC; e o cerimoniário da Arquidiocese, Pe. Marcelo Júnior.

O pároco Pe. Moisés Ferreira acolheu com gentileza a presença do Sr. Cardeal, ressaltando o vínculo entre a devoção a Nossa Senhora de Fátima em sua paróquia e a diocese onde o bispo exerceu o seu ministério episcopal.

No final da celebração, em nome de todos os paroquianos, uma criança presenteou o representante do Papa Francisco com uma imagem de São Francisco de Assis. O Cardeal agradeceu a lembrança de seu santo de devoção, recordando também que sempre procurou dar muita atenção ao cuidado com as crianças em seu ministério pastoral.

CELEBRAÇÃO DO 18º CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

CELEBRAÇÕES

ORAÇÃO DA TARDE COM OS BISPOS E RECEPÇÃO

11/11/2022: Às 15h, na Catedral do Santíssimo Salvador do Mundo (Sé de Olinda), bispos de todo o Brasil, presentes no Congresso, rezaram a Hora Nona, com a participação dos monges beneditinos do Mosteiro de Olinda. As boas-vindas, antes da oração, foram do Mons. José Albérico Bezerra de Almeida, secretário Geral do18º CEN, na qual explicou aos presentes o significado da recordação do CEN que os senhores cardeais, arcebispos e bispos receberiam: uma réplica da cruz peitoral de Dom Hélder Câmara, com as seguintes palavras:

Senhores Cardeais, Arcebispos e Bispos, sejam muito bem-vindos!

Desde o início da preparação para este Congresso Eucarístico Nacional,iniciada em 2017, que a figura do Servo de Deus, Dom Hélder Câmara, tem estado presente em todos nós por vários motivos. Permitam-me sublinhar alguns:

1.Homem Eucarístico:

Numa de suas circulares pós-conciliares, a de número 531, na madrugada da Solenidade de Corpus Christi, de 1969, escreveu: "Como agradeço ao Pai a crença absoluta e inabalável na presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo na hóstia consagrada!... E porquetenho a felicidade de alimentar-me, cada dia, com o Corpo, o Sangue, a Alma e a Divindade do Irmão, aumenta, cada dia, a unidade com Ele! E porque, cada dia, me uno (vocês estão lendo: nos unimos, é claro) sempre mais a Cristo e é, também, realidade dogmática o Corpo Místico de Cristo, cada dia mais ser um com Cristo é ser cada dia mais um com meus irmãos!"

2. Homem de desafios:

"No 16° Congresso Eucarístico Internacional, acontecido no Rio de Janeiro, em julho de 1955, sendo ele secretário Geral daquela inesquecível Celebração, o cardeal arcebispo de Lyon, na França, Pierre-Marie Gerlier, participante junto a tantos outros bispos do Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro, acompanhara, de perto, os esforços de Dom Helder na organização e realização do congresso e chegou à conclusão de que não seria razoável que a capacidade de trabalho daquele bispo brasileiro ficasse restrita à organização de megaeventos religiosos e têm os dois uma conversa:

- Permita-me falar-lhe como irmão, um irmão no batismo, um irmão no sacerdócio presbiteral, um irmão no episcopado, um irmão em Cristo. Você não acha que é irritante todo este fausto religioso em uma cidade rodeada de favelas? Eu tenho certa prática em organização e por ter participado desse congresso devo dizer-lhe que você tem um talento excepcional de organizador. Quero que faça uma reflexão: por que, querido irmão Dom Hélder, não coloca todo este seu talento de organizador que o Senhor lhe deu a serviço dos pobres? Você deve saber que o Rio de Janeiro é uma das cidades mais belas do mundo, mas é também uma das mais espantosas, porque todas essas favelas, neste quadro de beleza, são um insulto ao criador...

- Firme, mas sereno, o tom do velho cardeal francês sensibilizou Dom Hélder, que interpretou aquelas palavras como um novo desafio a seu apostolado. Tomando nas suas as mãos do cardeal, Dom Hélder beijo-as e respondeu:

- Este é um momento de virada na minha vida. O senhor poderá ver minha consagração aos pobres. Não estou convencido de possuir dotes especiais de organizador. Mas todo dom que o Senhor me confiou colocarei a serviço dos pobres." (PILETTI Nelson, PRAXEDES Walter, Dom Hélder Câmara: Entre o poder e a profecia, Ática, São Paulo,1997, p. 233)

3. Homem de coerência:

Podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que a coerência foi marca forte de seu episcopado. É a sua coerência que leva-o ao Concílio Vaticano II, sonhando com uma Igreja pobre e servidora, colabora com a criação, e faz parte de vários grupos de Bispos. Um deles: o Grupo da Pobreza, do qual fazia parte Mons. Georges Mercier, bispo de Sahara, África que deseja, escreve Dom Helder, na sua 12ª Circular, em 24/10/1962, "um gesto simbólico da parte dos Padres Conciliares: todos deixariam aqui suas Cruzes peitorais e voltariam com Cruzes de madeira". Com a concordância de todo o Grupo, esse desejo vai aparecer no terceiro item do Pacto das Catacumbas: "Para sempre renunciamos à aparência e à realidade da riqueza, especialmente no traje (fazendas ricas, cores berrantes), nas insígnias de matéria preciosa (devem esses signos ser, com efeito, evangélicos). Cf. Mc 6,9; Mt 10,9s; At 3,6. Nem ouro nem prata".

3.1 Usando sua Cruz de madeira até a morte:

Vocês sabem que vou chegar ao Rio, de cruzinha linda, "doada" pelas Irmãzinhas do Père Foucault e pendente de um fio de prata, discreto e belo?... Agora posso carregá-la sempre comigo... (111ª Circular 7/8.12.64)

Sabem que o comum é Pobre beijar minha Cruz de madeira? É verdade que só por exceção eu usava a antiga e não tiro a atual do pescoço... Perguntei ao velho Amaro (82 anos): "Gosta desta Cruz? – "Gosto, inhôr, sim. Foi em Cruz de pau que pregaram Nosso Senhor. Dispois é que inventaram Cruz de ouro..." (127ª Circular 9/10.1.65)

"Ganhei uma corrente com um símbolo da paz, usado nos USA por todos os que fazem guerra à guerra. Pena que não a posso usar, pois não troco por nada minha Cruz de madeira... Mesmo Papa eu a manteria..." (554ª Circular 9/10.7.69)

Senhores Cardeais, Arcebispos e Bispos congressistas, queiram receber, marcando suas ilustres presenças neste Congresso, que ora se inicia, nesta Catedral Metropolitana a qual abriga, devota e respeitosamente, o túmulo do servo de Deus, Dom Hélder Camara, uma réplica de sua, tão conhecida, cruz peitoral.

Após a leitura breve, Dom Fernando Saburido fez a seguinte reflexão:

Caríssimos irmãos e irmãs,

Esta Igreja Catedral da Arquidiocese de Olinda e Recife foi "originalmente construída em taipa, no ano de 1540. Depois passou por reconstruções e reformas, sendo substituída por outro templo maior de alvenaria, em 1584, e com várias capelas secundárias, erguido por iniciativa do Frei Antônio Barreiro, terceiro bispo da Diocese de São Salvador da Bahia de Todos os Santos. Em 1616, foram edificadas a sacristia e as dependências anexas por Cristóvão Álvares e, pouco mais tarde, foi elevada à dignidade de Matriz de São Salvador do Mundo. No ano de 1676, com a criação do Bispado de Olinda, a antiga matriz foi elevada à condição de catedral. Devido às diversas intervenções e reformas, a fachada do templo ficou descaracterizada do estilo original. Para corrigir tal situação, entre os anos de 1974 e 1976, a edificação foi restaurada, readquirindo, até onde foi possível, suas feições originais de transição entre a Renascença e o Barroco (período maneirista). A iniciativa fez parte do programa de restauração das cidades históricas do governo federal, em conjunto com a Fundação Nacional de Arte de Pernambuco – FUNDARPE".

Neste templo, encontram-se depositados os restos mortais de vários bispos, pastores desta Igreja, entre eles nosso Servo de Deus Dom Helder Pessoa Camara, arcebispo de Olinda e Recife, no período de 1964 a 1985, que faleceu no dia 27 de agosto de 1999. A memória de Dom Helder continua muito presente nesta Igreja de Olinda e Recife, que ele tanto marcou pelo seu testemunho, pelo amor aos pobres e pela rica literatura que nos deixou como legado.

O pequeno texto da 1ª Carta de São Paulo a Timóteo (3,13), que ouvimos nesta Oração de Noa, nos estimula a exercer bem, sempre confiados à graça de Deus, o ministério que recebemos, na certeza de que alcançaremos uma posição honrosa e uma grande confiança fundada sobre a fé em Jesus Cristo. Esta é a verdadeira honra de que necessitamos, diferentemente da honra que o mundo oferece, baseada no ter e no poder. Fazemos parte de uma Igreja ministerial, onde todos e todas temos uma indispensável tarefa que deve ser exercida com humildade, sempre iluminados pelo Espírito Santo que nos fortalece. Não esqueçamos que, muito mais que a pessoa, quem lucra com a partilha dos dons que recebemos é a Igreja, Corpo Místico de Cristo.

Que a simples cruz de madeira que vamos receber, réplica fiel da cruz que Dom Helder sempre carregou sobre o peito, recorde-nos o compromisso de amar e doar a vida pelos nossos semelhantes, como permanentemente fez o Servo de Deus, aparentemente frágil, mas que crescia de maneira surpreendente quando se sentia desafiado na defesa da justiça e da caridade, em benefício dos pobres e desamparados.

Que o 18º Congresso Eucarístico Nacional, que hoje iniciamos, com o tema "Pão em todas as mesas", marque profundamente nossas vidas no sentido de nos fazer entender que Eucaristia é partilha. O capítulo V do texto-base do Congresso, que apresenta a dimensão social e profética da ceia de Jesus, nos ensina: "A Eucaristia não se esgota com a participação no corpo e sangue do Senhor. Ela impele-nos à solidariedade para com o próximo. A comunhão com o Senhor é necessariamente uma comunhão com os nossos irmãos e com as nossas irmãs. E, por isso, quando são alimentados e nutridos pelo corpo e pelo sangue do próprio Cristo, não podem permanecer indiferentes quando se deparam com os seus irmãos e irmãs que padecem necessidades e fome. Aqueles que recebem o alimento da Eucaristia são chamados a anunciar a alegria do Evangelho a quantos ainda não a receberam. Fortalecidos pelo Pão vivo, somos chamados a transmitir esperança àqueles que vivem nas trevas e no desespero" (p.103).

Que tenhamos um feliz e motivador Congresso Eucarístico Nacional.

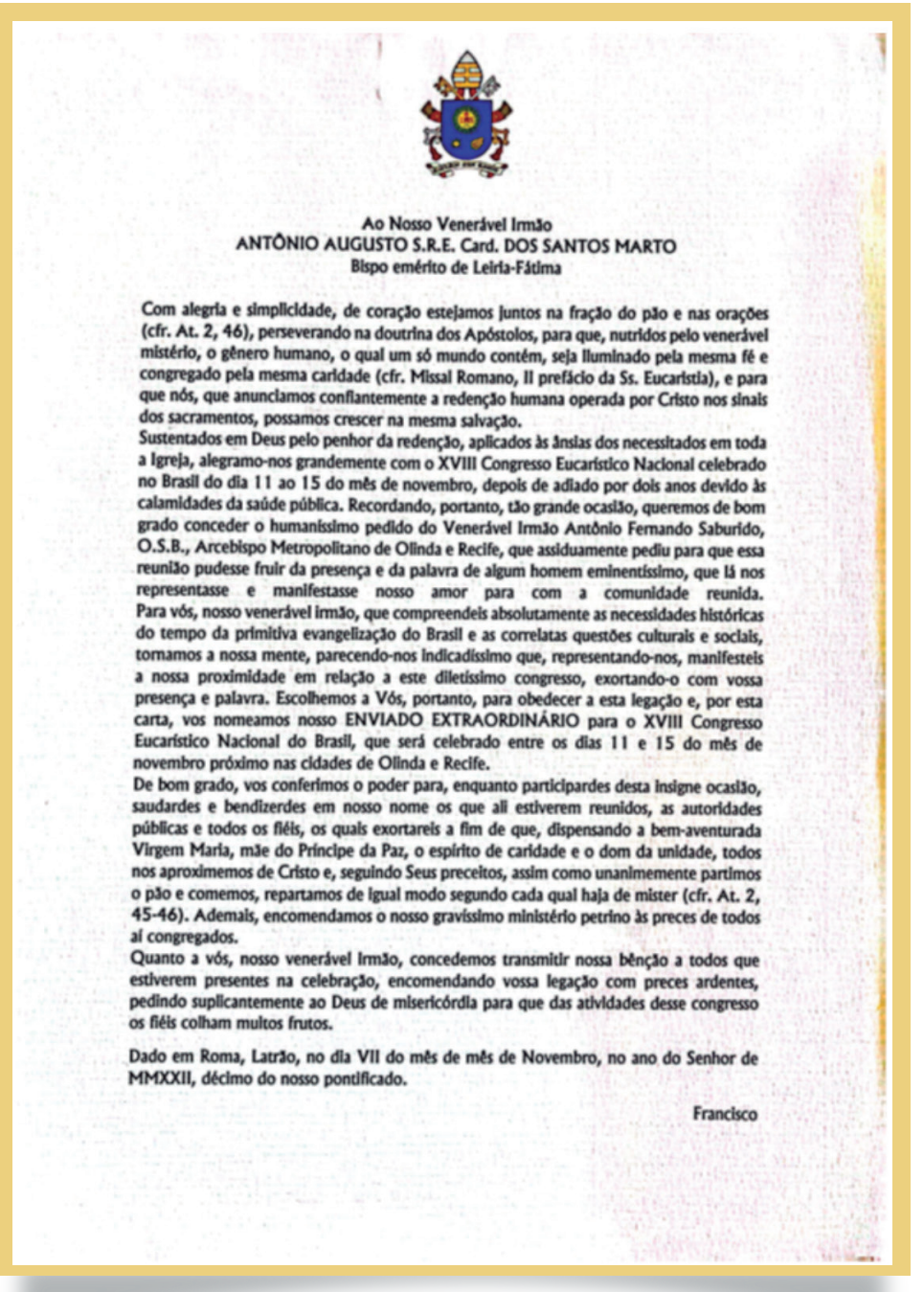
Dom Antônio Fernando Saburido, OSB
Arcebispo de Olinda e Recife

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA DE ABERTURA

À noite do dia 11 de novembro de 2022, às 18h, teve início a celebração eucarística de abertura, presidida por Dom António Augusto Cardeal dos Santos Marto, bispo emérito da diocese de Leiria-Fátima, em Portugal.

Antes dos ritos iniciais, foi lida a carta de Sua Santidade, o Papa Francisco, ao seu enviado especial, o cardeal Marto.

Segue abaixo a tradução para o português do texto original latino:



Ao Nosso Venerável Irmão
ANTÔNIO AUGUSTO S.R.E. Card. DOS SANTOS MARTO
Bispo emérito de Leiria-Fátima

Com alegria e simplicidade, de coração estejamos juntos na fração do pão e nas orações (cfr. At. 2, 46), perseverando na doutrina dos Apóstolos, para que, nutridos pelo venerável mistério, o gênero humano, o qual um só mundo contém, seja iluminado pela mesma fé e congregado pela mesma caridade (cfr. Missal Romano, II prefácio da Ss. Eucaristia), e para que nós, que anunciamos confiantemente a redenção humana operada por Cristo nos sinais dos sacramentos, possamos crescer na mesma salvação.
Sustentados em Deus pelo penhor da redenção, aplicados às ânsias dos necessitados em toda a Igreja, alegramo-nos grandemente com o XVIII Congresso Eucarístico Nacional celebrado no Brasil do dia 11 ao 15 do mês de novembro, depois de adiado por dois anos devido às calamidades da saúde pública. Recordando, portanto, tão grande ocasião, queremos de bom grado conceder o humanissimo pedido do Venerável Irmão Antônio Fernando Saburido, O.S.B., Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife, que assiduamente pediu para que essa reunião pudesse fruir da presença e da palavra de algum homem eminentíssimo, que lá nos representasse e manifestasse nosso amor para com a comunidade reunida.
Para vós, nosso venerável irmão, que compreendeis absolutamente as necessidades históricas do tempo da primitiva evangelização do Brasil e as correlatas questões culturais e sociais, tornamos a nossa mente, parecendo-nos indicadíssimo que, representando-nos, manifesteis a nossa proximidade em relação a este diletíssimo congresso, exortando-o com vossa presença e palavra. Escolhemos a Vós, portanto, para obedecer a esta legação e, por esta carta, vos nomeamos nosso ENVIADO EXTRAORDINÁRIO para o XVIII Congresso Eucarístico Nacional do Brasil, que será celebrado entre os dias 11 e 15 do mês de novembro próximo nas cidades de Olinda e Recife.
De bom grado, vos conferimos o poder para, enquanto participardes desta insigne ocasião, saudardes e bendizerdes em nosso nome os que ali estiverem reunidos, as autoridades públicas e todos os fiéis, os quais exortareis a fim de que, dispensando a bem-aventurada Virgem Maria, mãe do Príncipe da Paz, o espírito de caridade e o dom da unidade, todos nos aproximemos de Cristo e, seguindo Seus preceitos, assim como unanimemente partimos o pão e comemos, repartamos de igual modo segundo cada qual haja de mister (cfr. At. 2, 45-46). Ademais, encomendamos o nosso gravíssimo ministério petrino às preces de todos aí congregados.
Quanto a vós, nosso venerável Irmão, concedemos transmitir nossa bênção a todos que estiverem presentes na celebração, encomendando vossa legação com preces ardentes, pedindo suplicantemente ao Deus de misericórdia para que das atividades desse congresso os fiéis colham muitos frutos.

Dado em Roma, Latrão, no dia VII do mês de mês de Novembro, no ano do Senhor de MMXXII, décimo do nosso pontificado.

Francisco

Após a leitura da carta dirigida ao legado pontifício, Dom Fernando Saburido fez a acolhida dirigida a todos os participantes do Congresso:

Queridos irmãos e irmãs,

Neste momento, ao ver vocês todos, tantos irmãos e irmãs, vindos de todo o Brasil e reunidos para este 18º Congresso Eucarístico Nacional, o que me vem ao coração é a palavra que, conforme o evangelho de Lucas, Jesus disse no momento da última ceia: "Desejei ardentemente comer com vocês esta Páscoa" (Lc 22, 15). Foi este desejo profundo que fez com que, embora fôssemos obrigados a adiar este Congresso por dois anos, por conta da pandemia de COVID-19, insistíssemos no propósito de celebrá-lo e, hoje, temos a alegria de vê-lo se realizando.

De certa forma, falar em "Congresso Eucarístico" pode soar quase como um pleonasmo, tanto como dizer "roda redonda". O próprio termo "congresso" significa nos colocar juntos – nos pôr de acordo e manifestar nossa unidade. Por outro lado, a Eucaristia, em si mesma, já é, ou deveria ser, permanente congresso de amor e de comunhão. Jesus celebrou a sua última ceia com o pequeno grupo que, com ele, tinha

vindo da Galileia. Nesse aspecto, este Congresso Eucarístico é diferente. Reúne não apenas uma comunidade ou mesmo uma Igreja diocesana e sim a Igreja Católica de todo o Brasil, unida à Igreja Universal, aqui representada pelo legado pontifício, o Cardeal Antônio Marto, enviado especial do Santo Padre.

Os Congressos Eucarísticos surgiram no século XIX em um contexto cultural e social próprios daqueles tempos de cristandade. A partir do Concílio Vaticano II, a nossa Igreja tem sido chamada sempre mais a um diálogo de amor e respeito à humanidade. O nosso Congresso não é para ostentar que somos maioria. Não queremos impor a ninguém a nossa fé. Este Congresso não quer ser apenas um evento de massa e sim expressão de unidade do povo de Deus, reunido na comunhão da Igreja Católica. Não desejamos um Congresso que se notabilize por sua grandiosidade, ou apenas pelo esplendor de celebrações imponentes. O esforço maior deve ser o de suscitar em nossa Igreja e na sociedade, o que, no 52º Congresso Eucarístico em Budapeste, Hungria, o Papa Francisco chamou de "cultura eucarística", ao afirmar: *"A celebração da Eucaristia torna-se incubadora das atitudes que geram uma cultura eucarística, porque impele a transformar em gestos e comportamentos de vida a graça de Cristo que se doou totalmente. (...) A Eucaristia é fonte que se traduz também em cultura eucarística, capaz de inspirar os homens e as mulheres de boa vontade nos âmbitos da caridade, da solidariedade, da paz, da família e do cuidado com a criação"* .

Para que o nosso Congresso possa contribuir na realização dessa proposta do Papa Francisco, é importante que nos disponhamos a uma conversão cada dia mais exigente. Sobre a Ceia do Senhor, o apóstolo Paulo pede que "cada um se reveja e só assim tome do corpo e sangue do Cristo" (1 Cor 11, 33). Conversão pessoal e conversão comunitária e eclesial.

Para aprofundarmos este assunto, somos convidados, à luz da fé e da palavra do Evangelho, a olhar para a nossa realidade e a perscrutar o que, em relação às nossas celebrações eucarísticas cotidianas e a este nosso Congresso, o Espírito diz à Igreja e, finalmente, o que podemos fazer para obedecer à sua voz.

O Papa Francisco nos convida a vivermos a fé em uma Igreja em saída. Este Congresso se realiza quando, no mundo inteiro, se inicia a última etapa preparatória para o próximo Sínodo que, em outubro de 2023, reunirá em Roma, bispos do mundo inteiro e representantes de todas as categorias que compõem o corpo de Cristo que é a Igreja. É importante que o nosso Congresso seja profundamente marcado pelo espírito da sinodalidade, que significa "caminhar juntos" e representa a própria natureza mais profunda da Eucaristia.

Conforme um dos mais recentes relatórios da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre segurança alimentar, em 2021, na América Latina, a fome alcançou um patamar que não se via há décadas. De acordo com a ONU, a América Latina foi a região onde mais cresceu o número de pessoas em situação de insegurança alimentar. Em nosso País, depois de vários anos de superação dessa tragédia, em 2018, o Brasil voltou ao mapa da fome. A fome chega a ameaçar mais de 20 milhões de brasileiros (cf. Folha de São Paulo, 23/ 01/ 2022).

O tema deste Congresso é "Pão em todas as mesas". É importante que este tema não seja apenas um título bonito e simpático para justificar um Congresso meramente eclesiástico e autorreferencial. É fundamental que, em cada Eucaristia, possamos nos recordar, e mesmo nos preocupar, para que as nossas celebrações tenham a mesma base e o mesmo espírito da primeira comunidade cristã, descrita no livro dos Atos dos Apóstolos, que tomamos como inspiração para o lema deste Congresso: Repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles (cf. At 2, 46).

Como seria bom se, a partir deste nosso Congresso Eucarístico, irmãos no ministério e grupos católicos, pudéssemos acolher o que nos ensinava o servo de Deus, Dom Helder Câmara, que, por mais de duas décadas, foi arcebispo da nossa Igreja particular de Olinda e Recife: *"Não podemos adorar o corpo do Cristo na Eucaristia se somos indiferentes ou coniventes com os mecanismos sociais que jogam o mesmo Corpo de Cristo que são os pobres nas sarjetas do mundo. Nas horas de maior glorificação do Santíssimo Sacramento, peçamos a Cristo a graça de nos unir a todas as pessoas de boa vontade para lutar, de modo pacífico, mas corajoso, pela libertação dos oprimidos do mundo inteiro, ou melhor pela libertação do Cristo, esmagado no íntimo dos sem-vez e dos sem-voz" (CAMARA, 1977, p. 770)*.

A Eucaristia representa um mundo de partilha e comunhão que é o destino de toda humanidade. É antecipação da vitória do Amor sobre o egoísmo, da partilha sobre a avareza e sobre a indiferença. Antecipa a transformação do mundo, de acordo com o projeto divino (Gaudium et Spes, n. 2). A primeira consequência disso é que a Eucaristia é incompatível com a ceia dos que se fecham em seus próprios interesses e não permitem aos outros dela participar. Refeições marcadas pela exclusão são sacramentos antieucarísticos, porque são contrárias ao gesto eucarístico de Jesus e contrárias à comensalidade aberta e inclusiva que marcou as tantas refeições que, conforme os Evangelhos, Jesus tomou com os pecadores. No capítulo 11 da 1ª Carta aos Coríntios, Paulo explica que a Eucaristia só é respeitada e vivida, onde o alimento é compartilhado. Por isso, desde os Pais da Igreja, como Santo Agostinho e São Leão Magno, a Igreja sempre ensinou que é da natureza própria da Eucaristia não se conformar com as diferenças sociais e procurar sempre corrigir as divisões e discriminações que existem no mundo, mesmo entre as pessoas que creem.

Alguns Congressos Eucarísticos internacionais têm expressado este vínculo existente entre o mistério eucarístico e os grandes problemas humanos: Em 1964, o Congresso Eucarístico de Bombaim teve como tema: "A Eucaristia e o serviço aos indigentes". Em 1968, o Congresso Eucarístico em Bogotá, ocorrido pouco antes da Conferência de Medellín, foi o primeiro que contou com a presença de um Papa. Paulo VI abriu o Congresso, que teve este tema: "A Eucaristia e as implicações sociais da caridade". Em 1973, o Congresso Eucarístico na Austrália foi este: "A Eucaristia e a necessária promoção da paz e da justiça no mundo". Em 1976, o Congresso Eucarístico de Filadélfia contemplou este tema: "A Eucaristia e as fomes da família humana". Isso significa que o nosso, ao tomar este tema, "Pão em todas as mesas", não está inovando, mas segue uma boa tradição que já vem dos Congressos Eucarísticos internacionais, desde os tempos do Concílio Vaticano II.

Este Congresso ocorre em um momento da nossa realidade brasileira na qual, mais do que nunca, a sociedade aparece dividida e essa polaridade se manifesta também entre os cristãos, seja nas diferentes Igrejas, seja mesmo no seio da mesma Igreja. No século III, São Cipriano de Cartago ensinava: "A unidade abole as divisões, mas respeita as diferenças". Que este Congresso possa ser um instrumento de diálogo e de reafirmação da unidade eclesial, mesmo em meio às nossas diferenças.

Desde os anos 1980, em todo o Brasil, no momento da comunhão, muitas comunidades costumam entoar um cântico que se inicia dizendo:

"Se calarem a voz dos profetas,
as pedras falarão...".
O refrão deste cântico diz assim:
"É Jesus este pão de igualdade.
Viemos pra comungar
com a luta sofrida de um povo
que quer ter voz, ter vez, lugar.
Comungar é tornar-se um perigo.
Viemos pra incomodar.
Com a fé e a união,
nossos passos, um dia, vão chegar".

Bem-vindos, bem-vindas a Olinda e Recife, neste momento, capital eucarística do Brasil. Bom Congresso para vocês.

Dom Antônio Fernando Saburido, OSB
Arcebispo de Olinda e Recife

O Governador do Estado de Pernambuco, senhor Paulo Câmara, também discursou, dando as boas-vindas aos participantes, com o seguinte pronunciamento:

É com imensa alegria e enorme senso de gratidão que o Estado de Pernambuco recebe este encontro iluminado e cheio de esperança, que a Igreja Católica realiza (movida pela fé e pela generosidade) - para a honra e a felicidade do povo pernambucano e do Brasil inteiro.

Uma celebração de inestimável relevância. Antes de tudo, por ser um dos maiores eventos católicos do calendário da Igreja. Importância que ganha mais dimensão ainda face aos grandes problemas que desafiam a humanidade, principalmente a fome (no Brasil e no mundo) e a degradação do ambiente natural em que todos vivemos.

A primeira vez que o nosso Estado teve a honra de receber a comunidade católica no Congresso Eucarístico Nacional foi há 83 anos, em 1939. Ano em que a humanidade assistiu apavorada ao início da Segunda Grande Guerra. Após final da Grande Guerra, as nações deram passos importantes rumo à verdade e ao progresso, e, desde então, avançamos significativamente em questões cruciais, como direitos, garantias fundamentais e dignidade da pessoa humana.

No entanto, lamentavelmente, ainda estamos muito atrasados na questão mais fundamental para a garantia do mínimo existencial: o alimento para a subsistência das pessoas! Não à toa que a frase que resume o Congresso é: "Pão em todas as mesas"! Não à toa que o presidente da República eleito, que governará o Brasil pelos próximos quatro anos, encampou como meta primordial de seu mandato acabar com a fome no país!

Um país que já foi a sexta maior economia do mundo e que é o terceiro maior produtor de alimentos do planeta não poderia, jamais, estar numa situação tão desoladora!

Na década de 1990, o eminente arcebispo emérito de Olinda e Recife, nosso ilustre Dom Helder, já chamava a atenção para a situação delicada dos vulneráveis, e certa vez afirmou, com razão e sabedoria: "Precisamos agir urgentemente para que o Brasil chegue ao ano 2000 sem MISÉRIA; pois a pobreza é algo mais complexo, porém a miséria... nós podemos e temos o dever de erradicar!"

Infelizmente, o ano 2000 ficou para trás. Viramos o século e a miséria ainda é um grande desafio para o povo brasileiro.

Inspirados em Dom Helder Câmara, temos o privilégio de ter tantos membros da igreja e da comunidade católica (em Pernambuco e nos quatro cantos do país) trabalhando e lutando para acabar com o mal da fome.

Mas sabemos que a missão não é tão simples e que não chegará a contento sem que haja compromisso verdadeiro por parte de outros setores importantes da sociedade, especialmente os governantes e as classes mais ricas e dominantes (que detém a maior fatia das riquezas nacionais).

Então, não resta dúvida de que esse Congresso que hoje se inicia merece atenção de todos os pernambucanos. A Igreja Católica está aqui se manifestando e compartilhando conosco seu compromisso e sua boa vontade, no sentido de colaborar no combate à fome e à miséria.

Precisamos ampliar e reforçar este discurso. Precisamos, mais do que nunca, elevar o tema à categoria de meta prioritária (Premissa maior de todo projeto de governo).

E esse espírito bondoso e solidário que permeia este Congresso é hoje, mais do nunca, imprescindível ao ser humano, face aos impulsos egoísticos e, também, à tentação persistente de reduzir os ideais fundantes das nações às necessidades produtivas, econômicas e financeiras.

Portanto, este encontro, dentre outras tantas virtudes, terá essa nobre tarefa de reacender a chama da solidariedade e da participação de todos os brasileiros (de todos os credos), especialmente na retomada de uma jornada bem planejada e enfática no sentido de acabar de vez com a fome no Brasil.

Muito obrigado!

Paulo Henrique Saraiva Câmara
Governador de Pernambuco.

Depois do discurso do Governador, leu-se a carta do Romano Pontífice aos participantes do 18º Congresso Eucarístico Nacional.

MENSAGEM DO SANTO PADRE

aos participantes do XVIII Congresso Eucarístico Nacional
em Recife, de 11 a 15 de novembro de 2022

Queridos irmãos e irmãs,

Com a presente mensagem quero fazer chegar a minha saudação, e manifestar a minha proximidade espiritual, a todos vocês que se reúnem na bela cidade de Recife para celebrar o XVIII Congresso Eucarístico Nacional.

Saúdo de modo especial a Dom Fernando Saburido, pastor da Arquidiocese de Olinda e Recife, e aos demais bispos, membros do clero, pessoas consagradas e famílias que, chamados pelo Pai e congregados pelo Espírito Santo, adoram com grande devoção a admirável presença de Nosso Senhor Jesus Cristo no Sacramento da Eucaristia, vínculo de unidade e de comunhão fraterna.

Foi motivo de alegria para mim ver o tema escolhido para o Congresso: "Pão em todas as mesas", que recorda a todos a conexão profunda entre a presença do Senhor na Eucaristia e a sua identificação com aqueles a quem falta o pão de cada dia, como Ele mesmo nos recorda: "eu estava com fome, e me destes de comer" (*Mt* 25, 35).

Com efeito, o Pão da Vida que recebemos na comunhão eucarística deve impulsionar-nos a ir às periferias existenciais, ao encontro daqueles que passam fome, que são marginalizados, descartados pela sociedade, a fim de que, como nas primeiras comunidades cristãs, o pão seja repartido com alegria e não haja necessitados entre nós (cf. *At* 2, 46; 4, 34).

Desejo que a "Casa do Pão", fruto concreto desse encontro, seja sempre um lugar de acolhida, onde os nossos irmãos mais necessitados possam encontrar não somente o pão material, mas também o pão da Palavra de Deus anunciada com alegria e entusiasmo.

Espero de todo o coração, queridos irmãos e irmãs, que o Congresso Eucarístico de Recife seja ponto de partida de um renovado ardor missionário, levando a Boa Nova a todos os ambientes da sociedade brasileira.

Confiando estes votos aos cuidados de Nossa Senhora do Carmo, Padroeira de Recife, e como penhor de abundantes graças celestes, envio de bom grado a minha Bênção a todos os participantes no XVIII Congresso Eucarístico Nacional, pedindo que continuem a rezar por mim.

Roma, São João de Latrão, 31 de julho de 2022

Durante a celebração da missa, o legado pontifício proferiu a seguinte homilia:

Pão para um povo

Para mim, é sempre um momento de grande emoção e alegria poder pisar em terra brasileira. Mas hoje sinto isso de modo mais intenso por vir ao Recife, como enviado especial do nosso querido Papa Francisco, ao 18º Congresso Eucarístico Nacional do Brasil. Por isso, quero, em primeiro lugar, transmitir-vos a sua saudação de afeto, o seu abraço e a sua bênção para todos vós e todo o Brasil. Ele conhece bem quantas preocupações, interrogações e problemas existem no ânimo dos habitantes do Brasil, mas sabe também quão profundas são a confiança e a força de alma que vos caracteriza.

Em nome do Santo Padre, e no meu pessoal, saúdo e abraço, com o olhar e o coração, esta grande assembleia eucarística, a todos e cada um e cada uma de vós pessoalmente. Através dos próprios representantes, está aqui reunida a amada Igreja do Brasil. Dirijo uma saudação muito fraterna aos meus irmãos no episcopado, em particular ao senhor Dom Fernando Saburido, arcebispo de Olinda e Recife, onde se realiza o Congresso Eucarístico, e a Dom Walmor de Azevedo, presidente da CNBB.

O Congresso Eucarístico no caminho da Igreja e da humanidade

O Congresso Eucarístico representa um momento importante para o vosso caminho de Igreja. É uma semana rica de encontros de reflexão e oração centrados sobre o mistério da Eucaristia e da sua relação íntima com a vida da Igreja e da sociedade. É conduzido sob o tema tão belo e atual "Pão em todas as mesas", ilustrado pelo lema que recolhe o testemunho dos primeiros cristãos: "E todos repartiam o pão e não havia necessitados entre eles" (At 4, 32). Um tema e um lema que interpelam hoje a Igreja e a humanidade já provadas pelo trauma de uma pandemia, dilaceradas pelos dramas de uma "terceira guerra mundial em fragmentos" com efeitos globais, da emigração forçada, do agravamento da pobreza e das desigualdades sociais gritantes.

Celebremos esta Eucaristia com alegria e gratidão para que o dom que nos é oferecido no sacramento possa ser verdadeiramente acolhido na nossa vida e possa dar frutos abundantes de graça e de esperança a este mundo e tempo difíceis. A Palavra de Deus proclamada introduz-nos no tema principal do Congresso. Fixemo-nos em três aspetos.

Pão para um povo

O milagre da multiplicação dos pães é apresentado pelo evangelista como um sinal que aponta para uma realidade que está para além da realidade física. Trata-se de um sinal querido por Jesus para se revelar a si mesmo. É, pois, um convite a descobrir o mistério de Jesus, um convite a um encontro com o próprio Cristo na sua palavra e no seu gesto do partir e repartir o pão para saciar a fome duma multidão. O milagre torna-se então uma catequese sobre Cristo Pão da vida e sobre o sacramento da Eucaristia

Em primeiro lugar está a multidão de gente que busca e segue Jesus. Está ansiosa de escutar a sua Palavra que dá vida e de ser abençoada pelos seus gestos que curam as enfermidades e salvam. Ao entardecer do dia, Jesus olha com compaixão para estas pessoas cansadas e dispersas. Não as quer despedir de estômago vazio. Ele mesmo toma a iniciativa de lhes oferecer uma refeição; distribui os poucos pães e peixes que ali havia para partilhar e assim se foram multiplicando.

As pessoas estavam sentadas como ao redor de uma mesa, como nós quando nos sentamos na relva para almoçar no campo ou na montanha. Isto é já em si mesmo significativo. Em todos os países e culturas, comer juntos tem um significado profundorepresenta muito mais do que aquilo que se saboreia no paladar. Trata-se de um lugar onde nos encontramos com o outro, onde partilhamos a nossa vida, os nossos afetos, a nossa amizade e a nossa alegria, onde nos alimentamos com as palavras, os gestos e até os silêncios uns dos outros. A refeição é bem mais do que aquilo que temos no prato.

Assim podemos compreender que Jesus com este sinal desejava algo mais que saciar a fome física. Para além desta, há outra mais profunda. Fome de pão significa também fome de amor, de ternura, de acolhida fraterna, de escuta, de companhia e acompanhamento, de compaixão, de compreensão, de perdão; fome de trabalho digno, de justiça, de solidariedade e de paz; fome de verdade, de sentido para a vida, de felicidade; de ânsia de um mundo novo, casa comum de todos onde ninguém fique de fora, excluído; mas sobretudo fome de Deus, do seu amor misericordioso, de esperança e de eternidade.

Jesus convida para um banquete. Com este sinal, deseja que nasça entre as pessoas uma comunhão de vida expressa na comunhão de mesa. Agora, mostra-se abertamente. Superando todas as expectativas da gente e dos apóstolos, revela a grande novidade: de uma multidão dispersa, Jesus cria, forma uma nova comunidade de vida, um povo novo que vive d'Ele e n'Ele encontra a sua unidade, o novo povo de Deus, povo de irmãos em comunhão! Bem podemos exclamar maravilhados: "Ó Jesus, eis-nos aqui diante da manifestação da tua palavra poderosa, capaz de superar a dos milagres, porque aqui se trata de todo um povo. O milagre, Senhor Jesus, não é só que multipliques os alimentos, mas também que de uma multidão faças um povo em comunhão" (Cardeal Martini).

Pão partido e partilhado por todos

O modo de agir de Jesus é importante também para a revelação da sua missão e da missão da Igreja. Para realizar o milagre, Jesus não partiu do nada. Face à dificuldade de saciar a fome de tão grande multidão, os apóstolos recorrem à lógica mais natural do mundo, a lógica do mercado. Filipe faz um cálculo e diz "nem duzentos denários chegam". André apresenta um rapazinho que tem cinco pães e dois peixes, mas cede à resignação: "não são nada para tanta gente, não há nada a fazer". Jesus, porém, escolhe uma lógica diversa e alternativa: a lógica do dom, da partilha, da gratuidade para resolver a situação. O milagre acontece precisamente a partir da partilha dos cinco pães e dois peixes que o rapazinho pôs à disposição de Jesus. "O pão aumenta passando de mão em mão" (Papa Francisco). Isto faz-nos ver que, se cada um oferece o pouco que tem, Deus pode realizar milagres, maravilhas. Deus faz coisas grandes e admiráveis a partir das coisas pequenas e gratuitas.

Podemos dizer que, neste episódio, Jesus está enfrentando o problema da pobreza no nosso mundo que grita por partilha solidária face à mentalidade econômico-financeira e política dominada pela ganância do lucro a qualquer custo, e do poder. Como alerta o Papa Francisco: "Se os investimentos nos bancos caem um pouco, é uma tragédia... Como fazer? Mas se as pessoas não têm o que comer, passam fome ou morrem à fome, é como se nada acontecesse".

Nós cristãos não podemos permanecer indiferentes ao escândalo da pobreza e da fome. As lamentações não resolvem nada. "Há pessoas tão famintas que Deus só lhes pode aparecer em forma de pão" (Gandhi). Deus, para matar a fome do indigente, precisa do meu pão, do teu pão, do nosso pão, dos nossos recursos... "Ainda hoje, a multiplicação de bens não resolve os problemas sem uma partilha justa. Vem-me à mente a tragédia da fome, que atinge particularmente os mais pequeninos. Foi calculado, oficialmente, que todos os dias, no mundo, cerca de sete mil crianças com menos de cinco anos morrem devido à desnutrição, pois não têm o suficiente para viver. Face a escândalos como estes, Jesus dirige-nos um convite, um convite semelhante ao que provavelmente recebeu o rapaz do Evangelho, que não tem nome e no qual todos nós nos podemos ver: "Coragem, dá o pouco que tens, os teus talentos, os teus bens, torna-os disponíveis para Jesus e para os teus irmãos. Não tenhas medo, nada se perderá, porque se partilhares, Deus multiplica. Expulsa a falsa modéstia de te sentires inadequado, confia. Acredita no amor, acredita no poder do serviço, acredita na força da gratuidade" (Papa Francisco). Só assim poderá haver "Pão em todas as mesas". Para isso, Deus quer a nossa colaboração, a minha, a tua, como ilustra uma pequena história. Um homem viu uma criança muito magra, cheia de fome, descalça e a tremer de frio. O homem grita a Deus com raiva: "Ó Deus, porque não fazes qualquer coisa por aquela criança?". E Deus respondeu: "Com toda a certeza, eu já fiz algo por aquela criança. Fiz-te a ti".

Pão da Unidade

Por fim, perguntamo-nos: onde encontrar a fonte e a força permanente da unidade, da comunhão, da partilha e da solidariedade a que Jesus nos chama? Precisamente na Eucaristia. Ninguém como São Paulo o exprimiu com a maior clareza, como ouvimos: "O cálice de bênção, que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o Corpo de Cristo? Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do único pão" (1Cor 10, 16-17).

O fato de todos comungarmos o mesmo Senhor Jesus Cristo com o mistério do seu infinito amor, no Recife, em Fátima, em Roma ou na China, une-nos todos a Cristo e todos, uns aos outros, em Cristo. Formamos todos a Igreja como Corpo total de Cristo. Por isso dizemos: "a Eucaristia faz a Igreja".

Quer dizer, a Eucaristia não é um sacramento privado, só para mim. É o pão e sacramento da unidade. Faz-nos experimentar a maravilha da comunhão na diversidade. Seja homem ou mulher, criança, jovem ou idoso/a, saudável ou doente, nacional ou estrangeiro, acompanhado por familiares ou pessoa só. Todos diferentes, mas fazendo parte do mesmo Corpo e unidos pelo único vínculo de Cristo e do seu amor.

Isto significa que a Igreja, a partir da Eucaristia, deve se configurar como Casa da Comunhão, onde cada um é acolhido, escutado, compreendido, amado, perdoado, apoiado, encorajado a viver a vida boa do evangelho.

O Papa Francisco, na sua forma interpeladora, interroga-se e interroga-nos: "a Eucaristia que eu celebro... faz crescer em mim a capacidade de me alegrar com quantos rejubilam, de chorar com quem chora? Impele-me a ir ao encontro dos pobres, dos enfermos e dos descartados? Ajuda-me a reconhecer neles o rosto de Jesus?".

Pensemos em tantos santos e santas, famosos ou anônimos, santos da porta ao lado da nossa, que partiram e repartiram a sua vida no serviço dos pobres e necessitados, não em nome duma ideologia, mas com o amor de que se alimentavam na Eucaristia. Tenhamos presente o exemplo do vosso amado Padre Cícero, da vossa Santa Dulce dos pobres e mais recente, do nosso querido e amado bispo Dom Helder Camara, de santa e grata memória, a quem o Papa São João Paulo II, aqui no Recife, chamou "D. Hélder, irmão dos pobres, meu irmão"! Todos eles poderiam dizer as palavras de Madre Teresa de Calcutá: "Na missa, nós temos Jesus presente sob a aparência do pão, enquanto nas favelas vemos e tocamos Cristo nos corpos mutilados e nas crianças abandonadas".

A Virgem Maria, sempre unida a Cristo, Pão da vida e Pão partido, nos ensine e ajude a descobrir, receber e adorar Cristo vivo na Eucaristia e a partilhar com os nossos irmãos e irmãs necessitados, para que não falte a ninguém o pão necessário para uma vida digna e haja "Pão em todas as mesas".

† Cardeal António Marto

CELEBRAÇÕES E ADORAÇÃO EUCARÍSTICA NA CAPELA DO CENTRO DE CONVENÇÕES

Nos dias 12, 13 e 14 de novembro de 2022, no Centro de Convenções, funcionou uma capela para celebração eucarística e para favorecer a adoração aos participantes da feira católica e do simpósio teológico.

As celebrações da Eucaristia tiveram uma excelente participação dos expositores da feira católica e dos congressistas. No dia 11 de novembro, a missa de abertura, às 8 horas, foi presidida pelo Padre Luciano Brito, vigário geral da Arquidiocese de Olinda e Recife, e concelebrada por outros sacerdotes, entre eles o secretário geral do 18º CEN, o Mons. José Albérico Bezerra; no dia 12, às 8 horas, presidiu o Padre Arthur Barza, vigário paroquial da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, bairro de Águas Compridas (Olinda) e membro da Comissão de Liturgia da Arquidiocese de Olinda e Recife e da redação dos Anais do congresso; no dia 12, às 12h, presidiu a Eucaristia Dom Bernardino Marchiò, bispo emérito de Caruaru e membro da comissão central do congresso eucarístico para organização da vigília da juventude; no dia 13, às 8 horas, a missa foi presidida por Dom Giambattista Diquattro, núncio apostólico no Brasil, e, às 12 horas, pelo Padre André Luiz da Silva, vigário paroquial da Paróquia São Gonçalo do Amarante (Itapissuma) e membro da Comissão de Liturgia da Arquidiocese; no dia 14, às 8 horas, celebrou a Eucaristia o secretário geral do congresso, o Mons. José Albérico Bezerra, e, às 12 horas, Padre Carlos Eduardo Salustiano da Silva, vigário paroquial da paróquia Sagrado Coração de Jesus, no bairro de Casa Forte (Recife) e membro da Comissão de Liturgia.

Ao longo desses dias, houve diariamente exposição permanente e adoração e bênção do Santíssimo Sacramento, segundo as prescrições da Igreja sobre o culto do mistério eucarístico fora da missa, com a participação de diversos grupos: dia 11, ACN (Fundação Ajuda à Igreja que Sofre); dia 12, "Novas Comunidades"; dia 13, o Vicariato para a vida religiosa e consagrada, representado pelas religiosas da Instrução Cristã (Damas), missionárias reparadoras do Sagrado Coração de Jesus, irmãs missionárias de Jesus Crucificado, irmãs de Santa Catarina de Sena, irmãs da Sagrada Família, irmãs Mercedárias, irmãs Filhas de Santana, noviços salesianos e capuchinhos, religiosos da Fraternidade O Caminho; dia 14, irmandades, confrarias e ordens terceiras.

Num lugar próximo à capela, vários sacerdotes se revezavam para ouvirem as confissões dos congressistas, de maneira que, durante todas as manhãs e tardes, não se parou de celebrar o sacramento da Penitência.

MOMENTO MARIANO E CELEBRAÇÕES NAS PARÓQUIAS DA ARQUIDIOCESE

No dia 12 de novembro de 2022, às 18h, toda a Arquidiocese de Olinda e Recife se uniu, através de uma transmissão ao vivo para todas as paróquias, para rezar o santo terço, meditando os mistérios da vida de Jesus Cristo. Tal momento teve cinco sedes espalhadas pelo território da Arquidiocese, de modo que elas se alternavam na recitação dos mistérios do rosário.

No Santuário Nossa Senhora de Fátima, no bairro da Boa Vista (Recife), esteve o bispo-emérito de Leiria-Fátima e legado pontifício para o 18º Congresso Eucarístico Nacional do Brasil, Dom António Augusto dos Santos Cardeal Marto, que presidiu o Momento Mariano, ladeado pelo arcebispo de Olinda e Recife e outros prelados. No Santuário Nossa Senhora da Conceição, no Morro da Conceição (Recife), esteve o bispo de Iguatu, Dom Geraldo Freire, CSsR, que rezou o primeiro mistério. Já no Santuário da Mãe Rainha, no bairro de Ouro Preto (Olinda), esteve o arcebispo de Londrina, Dom Geremias Steinmetz, que recitou a segunda dezena. O terceiro mistério foi rezado no Santuário Nossa Senhora Aparecida, em Juçaral (Cabo de Santo Agostinho), por Dom Wellington de Queiroz Vieira, bispo de Cristalândia. No Santuário Nossa Senhora da Apresentação da Escada, no município de Escada, esteve Dom Aparecido Donizete de Souza, arcebispo de Cascavel, que rezou a quarta dezena. O terço mariano foi concluído no Santuário Nossa Senhora de Fátima, na Boa Vista, rezando a última dezena o Cardeal Marto, que, após o término do Momento Mariano, presidiu a Eucaristia.

Todas as paróquias da Arquidiocese de Olinda e Recife acompanharam e rezaram unidas o terço que, uma vez concluído, foi seguida da celebração eucarística presidida pelo bispo congressista que fora recebido pela comunidade paroquial.

VIGÍLIA DAS JUVENTUDES

No dia 12 de novembro de 2022, a partir das 20h, na área externa do Centro de Convenções, teve início a vigília das juventudes. Com a participação de diversos grupos e cantores, os jovens rezaram e refletiram sobre o exemplo de dois bem-aventurados que estão a caminho da canonização – o beato Carlo Acutis e a beata Benigna Cardoso da Silva –, na presença de suas relíquias.

Às 22h, D. Fernando Saburido e D. António Marto falaram aos jovens, agradecendo a presença da grande multidão e encorajando-os com palavras de fé. O cardeal Marto aproveitou para fazer o convite aos circunstantes para a próxima Jornada Mundial da Juventude, a ocorrer em Lisboa, no ano de 2023.

À meia-noite, celebrou-se a Eucaristia, presidida por Dom Antônio Carlos Cruz Santos, MSC, bispo de Caicó e vice-presidente do regional Nordeste 2 da CNBB.

Após a Eucaristia, ainda aconteceram diversas pregações aos jovens , tendo como tema a importância da Eucaristia na vida cristã.

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA COM A PRIMEIRA COMUNHÃO EUCARÍSTICA NAS PARÓQUIAS DA ARQUIDIOCESE

No domingo, 13 de novembro de 2022, como marco da unidade de toda a Arquidiocese de Olinda e Recife em torno da celebração do 18º Congresso Eucarístico Nacional, as 150 paróquias da Arquidiocese realizaram, no final da tarde, a primeira comunhão eucarística mais de 4.300 pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens e adultos.

As celebrações eucarísticas foram presididas pelos bispos hospedados pelas comunidades paroquiais. O legado pontifício celebrou a Eucaristia na Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Santuário Nossa Senhora da Conceição), no Morro da Conceição (Recife). Em todas as comunidades paroquiais era notável a alegria de paroquianos, familiares, catequistas e, principalmente, ardia o coração daqueles que naquela ocasião tinha um chamado especial a responder, a oportunidade de receber Jesus Eucarístico pela primeira vez. Eles recitavam com entusiasmo a oração preparada para o Congresso, cantavam com mais alegria o hino, pois era um momento de graças. Um dos bispos assim declarou na celebração da Eucaristia: "O céu desceu seus anjos pra cantar aqui hoje", quando percebeu que aqueles que estavam recebendo a Eucaristia pela primeira vez soltavam a voz para cantar louvores a Deus.

Foi uma tarde histórica para todas as paróquias e de modo especial para aqueles tiveram a oportunidade de receber a Eucaristia durante o 18º CEN. O congresso deixa seus marcos e um desses foi essa data memorável e tão sublime, na qual uma multidão deu seu testemunho de amor a Jesus na Eucaristia em nossas comunidades bem como fortalecer a unidade da Igreja, significada e realizada pela celebração do Sacramento do Altar.

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NAS COMUNIDADES PAROQUIAIS DA ARQUIDIOCESE

Visto que cada paróquia acolheu em sua realidade um, ou mais de um, dos bispos participantes do Congresso Eucarístico, sua programação pastoral pôde ser iluminada pela presença e ensinamentos dos que receberam o sacramento da Ordem no grau do episcopado.

Os bispos de todo o Brasil, portanto, fizeram visitas às famílias, animaram os grupos, pastorais e movimentos paroquiais, proferiram catequeses e celebraram os santos mistérios para os fiéis católicos da Arquidiocese de Olinda e Recife.

Foram essas celebrações que, de modo especial, marcaram a vida paroquial de muitas comunidades. Além da realização das primeiras comunhões nas matrizes paroquiais, feitas no fim da tarde do domingo, 13 de novembro, outras comunidades e capelas das paróquias também fizeram as vezes das catedrais de todo o Brasil, ao receberem os bispos para presidirem a Eucaristia.

Como estavam previstas na programação do congresso eucarístico, houve celebrações da Eucaristia em outras expressões da liturgia da Igreja. No 13 de novembro, às 8 horas, na Igreja Basílica de Nossa Senhora da Penha, no bairro de São José, em Recife, foi celebrada a Eucaristia, presidida por Dom Edgar Amine Madi, eparca de Nossa Senhora do Líbano em São Paulo dos Maronitas, segundo a liturgia da Igreja Católica de Rito Maronita, que tem a peculiaridade de as palavras da consagração serem proferidas em aramaico, a língua falada por Cristo. O motivo da escolha da Basílica da Penha foi a presença da imagem de Nossa Senhora do Líbano em um dos seus altares. Essa imagem foi introduzida na basílica no dia 13 de março de 1955. Foi doada por senhoras libanesas, residentes em Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte, como perene e profundo amor da colônia libanesa à Virgem Maria, padroeira do Líbano. Da celebração, participaram fiéis de tradição libanesa do Recife.

Por sua vez, o Oratório Nossa Senhora do Rosário, bairro da Boa Vista, em Recife, acolheu Dom Fernando Arêas Rifan, bispo da Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney, com sede na Cidade de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, que celebrou a Eucaristia segundo o Missal Romano (edição de 1962), "Missa tridentina", no dia 09, 10 e 14 de novembro, às 19h, e, no dia 13, às 11 horas, com a Primeira Comunhão Eucarística das crianças.

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA COM OS MILITARES E FORÇAS AUXILIARES

No dia 14 de novembro de 2022, às 9 da manhã, o legado pontifício teve um encontro com os militares do Exército, da Marinha e da Força Aérea do Brasil, na paróquia Nossa Senhora do Loreto (Ordinariado Militar do Brasil), ocasião na qual celebrou a Eucaristia e dirigiu breves palavras aos presentes, consignadas num discurso escrito.

Como ser militar cristão?

Caríssimos militares e membros das Forças de Segurança, homens e mulheres, irmãos e irmãs em humanidade e na fé cristã,

Desejo antes de mais saudar-vos com fraterna estima e exprimir a cada um/a de vós o mais íntimo apreço pela abnegação e o empenhamento generoso. Dirijo o meu pensamento com fraterno afeto em primeiro lugar a Dom Marcony Vinícius Ferreira. O meu pensamento respeitoso dirige-se, de igual modo, aos Oficiais das Forças Armadas, aos Responsáveis das Forças da Polícia e dos vários Organismos de segurança, assim como às Autoridades civis, que quiseram compartilhar a alegria e a graça desta solene celebração dentro do Congresso Eucarístico Nacional.

A vida militar de um cristão, como a de todos nós é chamada a ser vivida a partir do primeiro e maior dos mandamentos: o do amor a Deus e ao próximo. O militar cristão é chamado a realizar uma síntese que torne possível ser militar por amor na situação particular da sua missão. Mas como viver este amor numa sociedade onde há tanta violência, criminalidade, corrupção? Nesta reflexão ajuda-nos as indicações muito concretas e oportunas de três Papas dirigidas precisamente aos militares.

Em primeiro lugar recordo as palavras de S. João Paulo II no Jubileu dos Militares e das Forças de Segurança, no ano 2000: "A vossa experiência quotidiana leva-vos a enfrentar situações difíceis e às vezes dramáticas, que colocam em perigo a segurança humana. Quem melhor do que vós pode dar testemunho acerca da violência e das forças desagregadoras do mal, presentes no mundo? Vós lutais todos os dias contra elas: com efeito, sois chamados a defender os frágeis, a tutelar os honestos e a favorecer a convivência pacífica da sociedade. A cada um de vós cabe o papel de sentinela, que observa ao longe para esconjurar o perigo e promover a justiça e a paz em toda a parte.

Aqui gostaria de prestar homenagem a muitos dos vossos amigos que pagaram com a vida a fidelidade à sua missão. Esquecendo-se de si mesmos, desprezando o perigo, prestaram à comunidade um serviço inestimável. E hoje, durante a celebração eucarística, confiamo-los ao Senhor com gratidão e admiração.

Mas onde foi que eles hauriram o vigor necessário para cumprir a sua tarefa até ao fim, se não na total adesão aos ideais professados? Muitos deles acreditaram em Cristo e a sua palavra iluminou a existência deles e deu um valor exemplar ao seu sacrifício. Eles fizeram do Evangelho o código dos seus comportamentos. Sirva-vos de encorajamento o modelo destes vossos colegas que, cumprindo fielmente o próprio dever, alcançaram os píncaros do heroísmo e por vezes da santidade".

Além disso desejaria citar as palavras de Bento XVI: "Em particular, penso no exercício do amor ao próximo no soldado que socorre as vítimas dos terramotos e das inundações, assim como os prófugos, pondo à disposição dos mais frágeis a própria coragem e competência. Penso no exercício do amor ao próximo no soldado empenhado em desativar as minas, com risco e perigo pessoais, nas áreas que foram teatro de guerra, e no soldado que, em missão de paz, patrulha cidades e territórios a fim de evitar a criminalidade e que os irmãos não se matem uns aos outros. Há tantos homens e mulheres, com uniforme, cheios de fé em Jesus, que amam a verdade, querem promover a paz e se empenham como verdadeiros discípulos de Cristo a servir a própria nação, favorecendo a promoção dos direitos humanos fundamentais".

Para concluir, evoco também as palavras do Papa Francisco em 11 de junho passado: "Caros amigos, saúdo os oficiais e todos vós, homens e mulheres do Exército que vigiais sobre zonas e objetivos sensíveis: lugares institucionais e diplomáticos, aeroportos, estações ferroviárias e do metropolitano, lugares de arte, de culto e de interesse religioso. Deste modo garantis uma presença quotidiana no território, que favorece um sentido de tranquilidade na população. Trata-se de uma atividade que requer disponibilidade, paciência, espírito de sacrifício e sentido do dever... Isto compromete-vos cada dia a corresponder à confiança e à estima que a gente põe em vós. Por isso encorajo-vos a ser, quer no âmbito do trabalho, quer na vida pessoal e social, promotores de solidariedade, ajudando a gente a serem bons cidadãos... No âmbito da vossa missão vos acompanhe sempre a consciência de que cada pessoa é amada por Deus, é uma criatura e, como tal, merece respeito. A graça do Senhor alimente dia a dia o espírito com que vos dedicais ao vosso trabalho, motivando-vos a vivê-lo com um suplemento de atenção e dedicação".

Confio-vos à proteção materna de Nossa Senhora. A Ela podeis recorrer sempre com confiança, especialmente nos momentos de cansaço e de dificuldade, certos de que, como Mãe de ternura, saberá apresentar ao seu Filho Jesus as necessidades e expectativas de cada um Ela é mãe e como todas as mães sabe como guardar, como cobrir, como ajudar, como estar próxima. Que Ela vos acompanhe e cuide de todos vós.

† Cardeal António Marto

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA DE CONCLUSÃO E PROCISSÃO COM O SANTÍSSIMO SACRAMENTO

No dia 15 de novembro de 2022, às 16h, na Praça do Marco Zero, celebrou-se a missa de encerramento do 18º Congresso Eucarístico Nacional. A procissão de entrada saiu da Igreja Madre de Deus, com a participação dos bispos, padres, diáconos, seminaristas, enquanto uma multidão esperava a sua chegada, cantando, com muita alegria e fervor, o hino do 18º Congresso Eucarístico, animado pelo ir. Fernando Vieira, SJ, assessor do setor música litúrgica da CNBB, e o coral integrado por cantores de várias paróquias, sob a regência do maestro Gilson Celerino.

Segue a homilia do legado pontifício, que presidiu a Eucaristia:

A Eucaristia, profecia de um mundo novo

Chegamos ao momento culminante do Congresso Eucarístico. Durante estes dias vivemos uma série de encontros e experiências belas e enriquecedoras. A sua beleza e riqueza não são só para nós. São também para as comunicarmos a outros. Esta celebração eucarística é de clausura e ação de graças, mas simultaneamente de envio. De facto, não há missa sem missão! A própria celebração termina com a bênção e a despedida final "Ide em paz". É o Senhor Jesus que nos envia como Igreja em saída para levar a bênção, o amor, a alegria e a paz de Deus para a vida do mundo. Enviados para dar testemunho a partir da Eucaristia. Vamos, pois, meditar sobre a "Eucaristia, profecia de um mundo novo" deixando-nos inspirar pelas leituras da Palavra proclamada.

A comunhão com Cristo vivo, nossa vida e esperança

A primeira leitura faz referência à história do povo de Deus, à travessia do deserto árido, inóspito e assustador após a libertação da escravidão do Egito. O caminho é longo, semeado de obstáculos e perigos. O povo sente a fome e a sede, o cansaço e a insegurança. Vacila na fé e na confiança no seu Deus, manifestando saudade da carne e das cebolas do Egito. Nesta situação difícil, Deus responde com a inesperada magnanimidade da sua providência. Faz surgir um alimento, chamado maná, o pão para o caminho. Este é um sinal da presença de Deus e do seu amor que acompanha e conforta o seu povo.

Esta página do Êxodo ajuda a compreender a certeza de ter Deus connosco e o coração de Deus próximo, compassivo e terno, o que levou Moisés a exclamar mais tarde: "Qual é a grande nação que tem a divindade próxima de si, como está próximo de nós o Senhor nosso Deus sempre que o invocamos?" (Deut 4, 7). S. Tomás de Aquino afirma que nós, cristãos, podemos pronunciar estas palavras com maior razão e alegria do que o povo de Israel, porque elas encontram a sua plena realização na Eucaristia.

De facto, na passagem do evangelho que ouvimos, Jesus relaciona a Eucaristia com o maná do deserto e apresenta-se a si mesmo com palavras muito realistas: "Eu sou o pão vivo descido do céu. O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo... A munha carne é verdadeira é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida". Podemos perguntar-nos: Que significa comer a carne e beber o sangue de Jesus? É só uma imagem, um modo de dizer ou indica algo de real?

Encontramos a resposta nas palavras e gestos da Última Ceia de despedida de Jesus ao convívio terreno com os discípulos: "Tomai e comei, isto é o meu corpo entregue por vós; tomai e bebei, este é o cálice do meu sangue derramado por vós e por todos"! Segundo a linguagem bíblica, o corpo ou carne e o sangue são a expressão da pessoa inteira com toda a sua vida e com o seu infinito amor oferecido atá à morte na cruz e eternizado na sua ressurreição, na sua humanidade glorificada e gloriosa.

Ó mistério admirável da nossa fé! Na Eucaristia, nos sinais humildes do pão e do vinho consagrados, Jesus deixou-nos o dom mais admirável e impensável: o dom da sua presença real e do seu amor redentor como só Ele o pode fazer enquanto Ressuscitado e vivo. Ele mesmo faz-se dom para permanecer conosco para sempre, como alimento que nos dá vida verdadeira e eterna.

"Tomai e comei, isto é o meu corpo": não se pode comer como se come um simples pedaço de pão para saciar o estômago. Comer este pão é comungar, entrar em comunhão com a pessoa de Jesus ressuscitado, vivo, verdadeira e realmente presente, como "Deus escondido". "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele...e viverá por mim". Jesus está presente para ser comungado. "Tomai e comei. Isto é o meu corpo entregue por vós" quer dizer: eu estou aqui por ti e para ti; estou aqui por vós e para vós! Trata-se, pois, de um encontro de íntima amizade entre pessoas. Quando comungamos, fazemos um ato de fé respondendo Ámen. Mas esta resposta é mais que um "acredito na tua presença real". É também um compromisso: "sim, ó Senhor, eu quero receber-te com todo o meu coração, quero que entres na minha vida, quero viver do teu amor, seguir os teus passos, colaborar contigo para um mundo melhor".

"Alimentar-nos d'Ele e morar n'Ele mediante a comunhão eucarística, se o fazemos com fé, transforma a nossa vida, transforma-a num dom a Deus e aos irmãos. Alimentar-nos daquele "Pão da vida" significa entrar em sintonia com o coração de Cristo, assimilar as suas escolhas, os seus pensamentos e os seus comportamentos. Significa entrar num dinamismo de amor oblativo, tornando-nos pessoas de paz, pessoas de perdão, de reconciliação e de partilha solidária, como fez Jesus" (Papa Francisco).

Testemunhas da fraternidade universal

A segunda leitura dos Atos dos Apóstolos oferece-nos um retrato muito belo da vida das primeiras comunidades cristãs. A sua vida é caraterizada pela união fraterna e tem o seu coração vital na fração do pão. Entre todos os que participavam na mesma Eucaristia eram eliminadas as diferenças, caíam as barreiras, todos eram um só coração e uma só alma, partilhando os bens de modo que entre eles não houvesse necessitados. Mostra como a Eucaristia é por excelência o sacramento do amor fraterno. Trata-se de uma autêntica revolução: a revolução da fraternidade, uma revolução sem armas, sem mortos nem feridos. Parte do amor fraterno e gera a cultura do cuidado de uns pelos outros, a cultura do encontro e do diálogo que estabelece pontes, abate muros de divisão e encurta distâncias entre as pessoas, as culturas e os povos. Trata-se de viver numa comunidade acolhedora, que saiba ouvir, compreender, acompanhar, onde se aprende a querer-se bem como irmãos e irmãs, dispostos a trabalhar juntos pelo bem comum. A Igreja é chamada a encarnar este amor sem fronteiras para construir o sonho que Deus tem para a humanidade: serem todos irmãos. Este é o caminho: promover relações de fraternidade com todos, com os irmãos e irmãs indígenas, com cada irmão e irmã que encontramos. O nosso Papa Francisco é exemplo com o seu testemunho e com a sua encíclica Fratelli tutti para promover a fraternidade universal. Para alcançar esta fraternidade propõe a virtude da amabilidade com atitudes concretas:

"A amabilidade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros. Hoje, raramente se encontram tempo e energias disponíveis para se demorar a tratar bem os outros... Contudo, de vez em quando verifica-se o milagre duma pessoa amável, que deixa de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, oferecer um sorriso, dizer uma palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença. Este esforço, vivido dia a dia, é capaz de criar aquela convivência sadia que vence as incompreensões e evita os conflitos. O exercício da amabilidade não é um detalhe insignificante nem uma atitude superficial ou burguesa. Dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura numa sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes" (FT 224). O cultivo da amabilidade cria fraternidade, amizade social, solidariedade e alimenta-as no dia a dia. Interroguemo-nos: como está a fraternidade entre nós? Somos irmãos ou rivais e concorrentes divididos em fações? Como são as nossas relações com quem não é dos nossos, com quem não crê ou segue outras religiões?

Testemunhas da alegria do Evangelho

A leitura dos Atos dos Apóstolos refere ainda outra caraterística da comunidade cristã moldada pela Eucaristia: "partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração". Que alegria é esta? Não é a alegria do sorriso artificial feito para a publicidade de um produto ou efeito duma maquilhagem para aparecer mais belo ou simpático. É uma alegria que enche o coração e dele brota: a alegria do Evangelho, do encontro com Jesus ressuscitado, da vida nova com Cristo vivo, da fraternidade, da partilha com os pobres, da paz. Esta alegria eucarística faz-se espontaneamente festa do amor e cântico das bem-aventuranças ou do Magnificat de Maria. O Papa Francisco expressa isto de modo muito belo:

"Como cristãos, não podemos esconder que, «se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a

ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra a sua fonte no facto de nos sabermos sempre perdoados-enviados.

Se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher.

Se a música do Evangelho deixar de soar, teremos perdido os sons que hão de levar a nossa vida ao céu, entrincheirando-nos num dos piores males do nosso tempo: a solidão e o isolamento, a doença que surge em quem não possui qualquer laço, e que se pode encontrar também nos idosos abandonados ao seu destino, bem como nos jovens sem pontos de referência nem oportunidades de futuro" (FT 277).

É triste ver um cristão, sobretudo se é jovem, sem alegria. Que dirão os não crentes? Certamente, muitos dirão: se a fé não é motivo de alegria, então é melhor não ter fé. Sim, o anúncio do evangelho faz-se com o sorriso e não com a tristeza. Dou-vos dois exemplos: São Francisco de Assis e São Filipe Néri. Francisco, quando estava diante do Papa Honório III para lhe apresentar os estatutos da nova congregação dos irmãos menores franciscanos, pôs-se a cantar e bailar para espanto dos cardeais e mais tarde falava do testemunho da "alegria perfeita". Filipe Néri cantava, tocava e organizava coros de jovens, para os promover e como meio de evangelização. Era conhecido como o santo da alegria e do bom humor!

"É bela uma Igreja com o rosto alegre, o rosto sereno, o rosto sorridente, uma Igreja que nunca fecha as portas, que não exacerba os corações, que não se lamenta nem guarda ressentimentos, que não é bravia nem impaciente, não se apresenta com modos rudes, nem padece de saudades do passado". Podemos interrogar-nos: Como vai a nossa alegria, a minha alegria? Vivo a fé com alegria? A nossa Igreja expressa a alegria do Evangelho? Nas nossas comunidades existe uma fé que atrai pela alegria contagiante?

Vamos levar Cristo e a bênção do seu amor ao mundo

Não há missa sem missão! É nossa missão ser sinal da presença de Jesus no mundo de hoje e levar o calor do seu amor às periferias humanas onde há sofrimento e é necessária a solidariedade. Por isso, nós levamos Cristo, presente na Eucaristia, em procissão pelas ruas da nossa cidade. Confiamos estas ruas, as casas e as famílias que nelas vivem ou trabalham – a nossa vida quotidiana – à sua bondade. Queremos que as nossas ruas sejam também as ruas por onde Cristo passa; que as nossas casas sejam casas onde Ele tenha lugar; que a nossa vida de cada dia seja tocada pela sua presença.

Com este gesto pomos sob o seu olhar misericordioso os sofrimentos dos pobres e doentes, a solidão dos jovens e dos idosos, os medos que nos perturbam, toda a nossa vida para que haja pão em todas as mesas.

A procissão é expressão de uma grande bênção pública para a nossa cidade, para a diocese e toda a Igreja do Brasil. O Senhor ressuscitado é, em pessoa, a bênção divina para o mundo. Que o raio da sua bênção se estenda sobre todos e cada um de nós e faça de nós também uma bênção para a Igreja e para o mundo de hoje!

† Cardeal António Marto, Bispo emérito de Leiria-Fátima.

A celebração concluiu-se com uma procissão eucarística que seguiu até a Praça do Carmo, onde foi dada a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Depois da bênção, Mons. José Albérico, secretário geral do 18º Congresso Eucarístico Nacional, agradeceu aos que se fizeram presentes e trabalharam para a execução do evento:

Minhas irmãs e meus irmãos,

Nesta mesma praça, numa celebração inesquecível, em 1981, Dom Helder assim rezou: "Pede, Mariama, a teu Filho, que esta festa não termine aqui. A marcha final vai ser linda de viver".

Encerramos a celebração do 18º Congresso Eucarístico Nacional. Esperamos, com a graça de Deus, que ele tenha nos ensinado a encontrar, na Eucaristia, o modelo e o alimento da vida cristã de cada dia. Foi nosso sonho que o Congresso nos ajudasse a redescobrir a fascinação secreta e irresistível que a ceia de Jesus pode exercer sobre as pessoas. (cf.Texto-base p.141)

A Festa da Eucaristia nos diz que, mesmo quando houver escuro, nós cantamos o Aleluia pascal, graças à nossa fé que alimenta a nossa resistência, diante dos desafios da vida. No Congresso de 1939, o povo cantou "E o Recife se fez, lado a lado, Catedral onde reza o Brasil". Agora, em 2022, na "terra dos altos coqueiros", cantamos com tanto entusiasmo: "E seremos Igreja em saída, pelo amor aos irmãos, na Eucaristia". Em palavras do poeta, sonhamos: "Pão em todas as mesas, da Páscoa nova a certeza, a festa haverá e o povo a cantar Aleluia!". (cf.Texto-base p.142)

Parafraseando Dom Helder, quando se referia a seu bispo auxiliar Dom Lamartine, "fomos juntos, arcebispo de Olinda e Recife, ele ainda mais do que eu", quero dizer que todos os que colaboraram para que esta grande festa acontecesse, fizeram muito, muitíssimo mais do que eu. Na impossibilidade de citar nomes de todos e de todas, relembro as comissões e suas respectivas presidências, iniciando pela Comissão Executiva com suas subcomissões, na pessoa de Irmã Paula. Acolhida e Hospedagem com o diácono Marcelino; Comunicação com Simone; Cultura com Antonieta; Feira Católica com Irmã Ivonete; Infraestrutura com Gilberto; Liturgia com padre Moisés; Novas Comunidades com padre Fábio; Relações Interinstitucionais com Ana Suassuna; Saúde com Vandson; Teológico Pastoral com Dom Genival; e Voluntários com o padre Antônio.

Não teríamos outra maneira de encerrar a celebração de um Congresso Eucarístico senão rendendo graças, pois a Eucaristia é sempre ação de graças que o próprio Jesus faz ao Pai em nosso nome e em nosso lugar.

Em nome do nosso Arcebispo, em nome da Arquidiocese de Olinda e Recife, nosso muito obrigado, com bênçãos de paz para todos e todas.

Mons. Albérico - 15.11.2022

Secretário Geral do 18º CEN.

Logo após a fala de Mons. José Albérico, o prefeito da cidade do Recife, João Henrique de Andrade Lima Campos, fez um discurso de agradecimento:

Boa noite, amigos e amigas recifenses, e todos os representantes eclesiásticos aqui presentes!

Gostaria de iniciar as minhas palavras saudando o arcebispo de Olinda e Recife, Dom Fernando Saburido; o cardeal português Antônio Augusto dos Santos Marto, representante do Vaticano, enviado pelo santo padre, Papa Francisco; o bispo auxiliar de Olinda e Recife, Dom Limacedo; o vigário geral de Olinda e Recife, Monsenhor Luciano Brito; o vigário geral da Arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Luíz Gonzaga Pepeu; o secretário geral do Congresso Eucarístico Nacional, Monsenhor Alberico Bezerra de Almeida; o cardeal de São Paulo, Dom Odílio Pedro Scherer; o cardeal do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta; o presidente do Regional Nordeste 2, Dom Paulo Jackson; o núncio apostólico, Dom Giambattista Diquattro; o cardeal Dom Leonardo Steiner, arcebispo de Manaus; e a secretária Executiva do Congresso Eucarístico Nacional, Irmã Paula Souza, religiosa das Pias Discípulas do Divino Mestre.

Para nós é motivo de muita honra a realização, no Recife, do 18º Congresso Eucarístico Nacional, esse que é um dos mais importantes e bonitos eventos religiosos do mundo. O primeiro Congresso Eucarístico aqui em nossa cidade foi em 1939 e, hoje, após 83 anos, nossa cidade pode, mais uma vez, abrigar esse momento tão inspirador e revelador dessa fé.

Como cristão, me sinto abençoado em poder participar desta celebração. Ao longo de todo o evento, a programação contou com apresentações musicais, missas, catequeses, entre tantas celebrações. Todo aparato da Prefeitura do Recife foi colocado à disposição para que esse evento grandioso transcorresse de maneira da melhor maneira e que todos os fiéis pudessem comparecer para exercer a sua fé. Por isso, quero parabenizar a todos e a todas que estiveram na organização do Congresso; parabenizar àqueles que realizaram a segurança, àqueles que trabalharam na limpeza, e a todos os clérigos aqui presentes que rogaram e intercederam pelas nossas almas através da fé.

O 18º Congresso Eucarístico Nacional tem como tema "Pão em todas as mesas", trazendo uma reflexão fundamental para nossa sociedade a respeito de uma realidade que voltou a afligir o Brasil nos últimos anos: a fome. A força do trabalho e o amor ao próximo, princípios ensinados pelo nosso Senhor Jesus Cristo, serão os principais fundamentos que nos ajudarão a combater esse terrível mal. E faremos isso juntos e unidos, em uma verdadeira força tarefa do bem. É pensando nos mais necessitados, que vamos inauguramos hoje, no dia 15 de novembro, a "Casa do Pão" no Centro do Recife, um lugar de acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social, onde estaremos garantido dignidade à população de rua. Esse projeto é fruto de uma saudável parceria entre o poder público e a igreja. A Casa do Pão oferecerá serviços de lavanderia, banho e restaurante-escola, além de atendimentos médicos, jurídicos e, com o apoio de representantes eclesiásticos, espirituais.

Desde o dia 11 de novembro até a presente data, renovamos a nossa fé com muita alegria e esperança. Recebemos todo o clero do país em nosso município e fomos destaque internacional. O sumo pontífice, papa Francisco, nos enviou saudações e abençoou a cidade do Recife pedindo a Deus que conduzisse todo os trabalhos do Congresso. Estamos certos de que o diálogo e o sentimento de empatia são as principais ferramentas para vencer as injustiças e construir um mundo melhor para se viver com os nossos queridos irmãos e irmãs. Continuaremos trabalhando pelo bem do Recife e de toda a sua população, sempre com um olhar especial para os mais carentes que precisam da ajuda do poder público. A inclusão social é a tônica da nossa gestão, e a justiça social é o nosso norte. Com isso, seguiremos e honraremos o legado de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Recife, que com retidão dedicou a sua vida pelos pobres, acolhendo e amparando com o seu olhar de amor e compaixão.

Por fim, quero agradecer a Deus por essa oportunidade e por todas as bençõe derramadas sobre o nosso povo nos últimos dias. Quero pedir que continue conosco ajudando-nos a vencer as batalhas do dia-a-dia e estreitando os laços entre os nossos irmãos para que unidos possamos conviver com amor e harmonia, celebrando a vida e fazendo sempre o melhor para o nosso semelhante. Agradeço a todos os representantes eclesiásticos aqui presentes, que dedicam a sua vida a cuidar da espiritualidade, e ao povo do Recife, por ser esse povo acolhedor e de coração solidário, que está sempre disposto a ajudar e a fazer o bem. Fiquem todos na paz e que Deus nos abençoe!

Prefeito João Campos.

O arcebispo de Olinda e Recife, Dom Fernando Saburido, também agradeceu, com as seguintes palavras:

Queridos irmãos e irmãs

Sempre que iniciamos a Santa Missa, depois da saudação feita pelo presidente, todos respondem: "Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo!". Faço uso desta exclamação, nesse momento de encerramento do 18º Congresso Eucarístico Nacional, para expressar a grande alegria do nosso encontro aqui em Recife que, nesses dias, se tornou o altar do Brasil. Como São Pedro, no alto do monte Tabor, somos tentados a dizer: "Senhor, é bom estarmos aqui!", mas precisamos descer a montanha. Faz-se necessário retornar para nossas Igrejas, levando conosco essa experiência amorosa da partilha, enquanto consequência da Eucaristia.

O Capítulo VII e último do Texto-Base do Congresso tem por tema "A Eucaristia e a missão" e é iluminado pela experiência dos discípulos de Emaús. Diz o texto: "A experiência dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) nos ajuda a compreender o vínculo indissociável entre a Eucaristia e a missão. Eles estavam dispersos e perplexos com o aparente desfecho da missão de Jesus. Estavam indo na direção contrária de Jerusalém. No caminho são tocados por um encontro que transforma radicalmente suas vidas". Tudo muda quando eles deixam de lado suas preocupações pessoais e passam a pensar no irmão que deveria continuar caminhando: "Fica conosco, pois já é tarde e o dia está declinando!" Ao acolher o peregrino, foi na mesa, por ocasião da partilha do pão, que os discípulos reconheceram o mestre Jesus ressuscitado naquele que, pelo caminho, lhes explicava as escrituras e nela fundamentava tudo o que estava acontecendo. A alegria foi tanta que retornaram a Jerusalém para levar a boa nova aos demais.

Concluído esse Congresso, façamos o mesmo, retornemos felizes, cheios da graça de Deus e levemos para os nossos irmãos e irmãs a boa nova da salvação, a partir da experiência que vivenciamos. Cristo vive! Ele está presente na vida dos irmãos e irmãs, especialmente dos mais pobres e excluídos. Ele está presente na Palavra, está presente na Eucaristia, está presente na Igreja que vive para amar e servir.

Para que o Congresso acontecesse muitos irmãos e irmãs precisaram se dar às mãos, em sinal de unidade. Agradecemos primeiramente a Deus que não nos faltou em momento algum e sempre nos encorajou a continuar. Ao Santo Padre o Papa Francisco na pessoa do seu legado pontifício Cardeal Antônio Marto, para quem oferecemos dois presentes: a réplica da cruz processional para sí e um conjunto do paramento, mitra e réplica da cruz peitoral de Dom Helder, para ser entregue ao santo padre. Ao Núncio Apostólico no Brasil, Dom Giambattista Diquattro, oferecemos, igualmente, a réplica da cruz processional. Nosso muito obrigado aos irmãos bispos do Regional Nordeste 2 da CNBB, parceiros da primeira hora na realização do Congresso. Os agradecimentos continuam: À comissão central do Congresso na pessoa do Mons. Albérico Bezerra, Secretário Geral e às diversas comissões formadas. Aos presbíteros e diáconos de nossa Arquidiocese. Aos inúmeros voluntários e os que colaboraram com a edição do Texto-Base, Simpósio Teológico, feira católica, exposições dos servos de Deus e das pastorais sociais. Aos envolvidos no projeto da Casa do Pão. Aos irmãos e irmãs patrocinadores. Ao governo do Estado de Pernambuco, na pessoa do governador Paulo Câmara. À Prefeitura da cidade do Recife, na pessoa do Prefeito João Campos. Afinal, a todos os cardeais, arcebispos e bispos, sacerdotes e diáconos, religiosos e religiosas, seminaristas, leigos e leigas que nos prestigiaram com suas honrosas presenças ou nos acompanharam pelos meios de comunicações sociais: televisão, rádio, youtube, facebook e outros. Agradecemos, finalmente, às citadas mídias que muito ajudaram a divulgar e levar o Congresso para todos os lares do nosso amado Brasil.

Desejo a todos os peregrinos presentes um feliz retorno e invoco sobre todos, presentes e ausentes, as bênçãos do Senhor.

Dom Antônio Fernando Saburido, OSB
Arcebispo de Olinda e Recife.

Enfim, o cardeal Marto também agradeceu e se despediu:

Meus caros amigos e amigas, irmãos e irmãs!

Neste Congresso Eucarístico Nacional no Brasil, realizado nesta linda cidade do Recife, cidade dos Altos Coqueiros e cheia de uma encantadora acolhida, cheia de

calor, nós colocamos no centro deste acontecimento, em todos os seus eventos, Jesus Cristo, Pão da Vida, Pão vivo para a vida do mundo. A sua presença de amor faz de nós uma só coisa com ele, uma só coisa entre nós, todos irmãos e todas as irmãs. Tomamos consciência de que para encontrar verdadeiramente Cristo é preciso tocar o seu corpo no corpo ferido dos pobres, para confirmar a comunhão que realizamos na Eucaristia.

Como enviado especial do Papa Francisco, procurei estar em meio de vós, sempre próximo, como um irmão entre irmãos, devo dizer-vos que me senti em casa e de casa, com vossa calorosa acolhida, e satisfiz um sonho de vir ao Recife para prestar a minha homenagem e gratidão a Dom Hélder Câmara, junto ao seu túmulo e receber a réplica de sua cruz peitoral. Volto verdadeiramente comovido, porque o conheci desde a minha juventude, eu era e sou um seguidor dele, de Dom Hélder. Este Congresso, com todos os eventos e celebrações em que participei foi para mim uma experiência espiritual maravilhosa, que não imaginava, sobretudo comungando com o povo que vibra do mais profundo do coração e de sua alma, nas celebrações e no testemunho da fé.

Permitam-me registrar duas surpresas maiores: a Vigília dos Jovens, foram milhares e milhares de jovens a celebrar o imenso dom daquela vivência de fé ao longo de toda noite, resistindo mesmo a chuva. Esta é expressão de uma Igreja jovem no Brasil, uma Igreja que não se deixa esvanecer. Querido jovens, parabéns, sigam sempre em frente com coragem e com esperança! A segunda surpresa foi a Casa do Pão, uma iniciativa da Arquidiocese de Olinda e Recife, em parceria com diversas entidades, entre as quais a Prefeitura, mostra como juntos podemos fazer coisas boas e belas para melhorar o nosso mundo. Esta Casa do Pão é a expressão da Igreja dos pobres, que sai às periferias.

A estas duas surpresas, tenho que acrescentar uma outra surpresa de última hora que eu não contava. Sabem qual é? Esta Procissão Eucarística. Em toda minha vida, nos meus 75 anos, nunca participei de uma Procissão Eucarística como esta, com essa multidão imensa de povo, com o povo a vibrar de fé, a fé e o amor a Cristo na Eucaristia. Para mim, foi um testemunho, eu percorri a procissão de joelho, diante do Santíssimo Sacramento e diante do testemunho de fé deste povo, crianças, jovens, adultos e idosos, e eu pensei comigo, a minha fé é pobre, tenho que pedir ao Senhor: Senhor, aumenta a minha pouca fé. Todas essas vivências inolvidáveis, nunca esquecerei, ficarão guardadas para sempre na minha memória e no meu coração e, naturalmente, transmitirei ao Santo Padre, com todo pormenor que aqui não cabe expor.

Muito obrigado a todos vós, pelo vosso testemunho de fé, desejo agradecer à Arquidiocese de Olinda e Recife na pessoa do vosso tão amado arcebispo Dom Fernando Saburido e à Igreja Católica do Brasil, na pessoa do seu vice-presidente Dom Jaime Spengler, aqui presente. Agradeço sobretudo a calorosa acolhida, com que aqui fui recebido pelos meus irmãos no episcopado, pelos sacerdotes, pelos religiosos e religiosas e por todo o povo. Agradeço também a todos os organizadores e colaboradores do Congresso, foram tantos, um trabalho enorme. A todos sem distinção, agradeço do fundo do coração por tudo que fizeram para êxito do Congresso e pelo acolhimento na visita do legado do Papa. Muito e muito obrigado, do fundo do coração. Deus vos abençoe, Deus abençoe o amado povo do Brasil em todos os seus filhos e filhas. Amém e obrigado!

Antes da dispersão do povo, o arcebispo de Olinda e Recife, D. Fernando Saburido, ainda anunciou que tinha tomado conhecimento, naquela mesma tarde, de que o processo de beatificação do Servo de Deus Dom Helder Pessoa Câmara havia sido analisado pela Congregação para a Causa dos Santos, e que o mesmo Dicastério anunciara a validade jurídica dos documentos enviados até lá.

Eis o texto enviado a D. Fernando e lido pelo arcebispo naquela mesma hora:

Exmo. e Revmo. Dom Antônio Fernando Saburido, OSB.

Comunico que foi emitido hoje, em Roma, o Decreto de Validade Jurídica do Processo de Dom Helder Camara, reconhecendo que todos os atos e toda documentação feitos na Arquidiocese foram aprovados pelo Dicastério das Causas dos Santos. Doravante, solicitaremos a nomeação de um Relator e iniciaremos a elaboração da Positio, que será, posteriormente, analisada pelas comissões de historiadores, teólogos, bispos e cardeais, a fim de que deem seus pareceres. Com a aprovação destas comissões, o Papa poderá declará-lo "Venerável".

Rezemos nessa intenção.

Roma, 15 de novembro de 2022.

Frei Jociel Gomes, OFMCap. Vice-postulador.

SIMPÓSIO TEOLÓGICO

12/11/2022: Às 8h30, no teatro Guararapes, deu-se início ao simpósio teológico. O Diác. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos convidou, para que se compusesse a mesa, D. Fernando Saburido, D. António Marto, D. Jaime Spengler, D. Paulo Jackson, D. Genival Saraiva e Mons. José Albérico. Após a execução do Hino Nacional, Dom Fernando fez o discurso de abertura dos trabalhos.

AO VIVO
ABERTURA
DO SIMPÓSIO
TEOLÓGICO
ATIVE O
LEMBRETE
Roland
XPS-18

Queridos irmãos e irmãs,

Bem-vindos, bem-vindas a este simpósio teológico, que tem como objetivo oferecer a este Congresso Eucarístico e a nossas celebrações cotidianas o aprofundamento teológico que possibilite vermos no sacramento da Ceia do Senhor uma profecia para a humanidade atual. Assim, o sinal que é a comunhão eucarística poderá ser mais bem captado como sacramento do amor divino pelas pessoas e comunidades do nosso povo. Neste simpósio, escutamos a recomendação da Carta de Pedro, relacionada à Eucaristia: "Estai sempre prontos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vos pedir" (1 Pd 3, 15).

O próprio fato de tomar a Eucaristia como tema de um simpósio teológico comprova que queremos não somente reafirmar e repetir o que sempre se diz sobre a Eucaristia, mas aprofundarmos o que o mundo atual tem a pedir à Eucaristia e, por outro lado, o que a Eucaristia tem a dizer ao mundo atual.

Nos primeiros tempos, o nome dado à celebração da ceia de Jesus foi a "fração do pão". Significava que o ato de repartir se tornava sacramento do amor divino para o mundo e essa partilha era efetivamente sinal de comunhão. Eucaristia e partilha eram sinônimos.

Neste simpósio, nas conferências gerais, vamos aprofundar, hoje, com Dom Armando Bucciol, a dimensão pascal da Eucaristia, amanhã, com o Cardeal Dom Sérgio da Rocha, o desafio da Eucaristia e a pluralidade das culturas e, finalmente, no terceiro dia, com Dom Walmor Oliveira de Azevedo, a Eucaristia como alimento para a missão. Ligada a essas conferências gerais, teremos, cada dia, diversas oficinas temáticas, cada uma delas ligada a um aspecto concreto do mistério eucarístico. É claro que tivemos de escolher apenas alguns entre os muitos aspectos que poderíamos tomar nessas oficinas de diálogo. As catequeses, abertas à participação de congressistas e de pessoas que vêm ao Centro de Convenções, tratam de temas de natureza pastoral que alimentam a vida eucarística do povo de Deus.

Neste simpósio, como recorda o Texto-Base de preparação para o Congresso: "é importante que a palavra seja partilhada em um método que a tradição da Igreja sempre chamou de 'mistágógico', ou seja, de uma forma orante e como revelação afetuosa, progressiva e respeitadora do mistério que a Palavra de Deus encerra" (p.36). O método da mistagogia é o mais adequado para nos colocar na intimidade do mistério, que só podemos acessar pelo amor e não apenas pela racionalidade lógica. Só a "mistagogia ativa", como foi praticada nos primeiros tempos do Cristianismo, nos permitirá retomar a mística pascal que alimentou a Igreja dos mártires e nos ajudará a reviver as grandes intuições do Concílio Vaticano II, que fizeram a Igreja redescobrir que o sujeito da ação eucarística é o Povo de Deus, congregado liturgicamente em assembleia.

Em nossos dias, um dos fatores que mais divide grupos e correntes dentro da própria Igreja Católica é a recepção do Concílio Vaticano II. Alguns grupos se colocam, claramente, contra os ensinamentos e as propostas do Concílio. A liturgia eucarística foi um dos elementos dessa divisão. Recentemente, o Papa Francisco tomou posição clara e declarou que a forma litúrgica normal da Igreja é o rito decorrente da reforma do Concílio. Neste Congresso, é este rito que vamos celebrar e, a partir dele, aprofundar a teologia litúrgica dele decorrente.

O desafio é não somente sermos fiéis ao rito material, mas ao espírito que o gerou. Isso significa compreender que a grande proposta da participação ativa dos fiéis tem de ser sempre atualizada. É preciso retomar o espírito de diálogo e de amor que levou o Papa João XXIII a convocar o Concílio e propor a renovação da liturgia e da Igreja.

Neste primeiro dia de estudos do nosso Congresso, é bom recordar que, um dia, na época do Concílio Vaticano II, o Papa São João XXIII, ao terminar uma celebração litúrgica, em uma Igreja de Roma, exclamou: "Como sofro ao pensar nas belas orações que acabo de rezar e que sei que vocês não puderam compreender de forma mais profunda e atual. (...) É preciso que esses tesouros se tornem mais e mais acessíveis a todos"4. E, a auxiliares, o Papa João dizia que a proposta do Concílio era derrubar a barreira que ainda separava a nave do presbitério da Igreja. Hoje, o Papa Francisco nos adverte contra o clericalismo como uma chaga da qual a nossa Igreja precisa ser curada.

De acordo com alguns relatórios internacionais, nos questionários que as dioceses do mundo inteiro fizeram como consultas ao povo em preparação ao Sínodo, frequentemente aparecem queixas dos fiéis sobre o fato de que as nossas Missas parecem celebrações frias, ritos distantes da vida e ainda centrados demais na figura do padre.

Precisamos aprofundar uma mistagogia afetuosa que nos ajude a ver o caráter carinhoso e terno que Jesus deu à sua última ceia. "Assim como o Pai me ama, eu vos amo. (...) Não vos chamo servos, mas amigos..." (Jo 15). Só viveremos profundamente a espiritualidade eucarística se nos revestirmos, como diz o apóstolo Paulo, "dos mesmos sentimentos do Cristo Jesus", que, na última ceia e na iminência de sua partida, revelou sua ternura pelo grupo com o qual celebrava a ceia e orou pela unidade dos seus (Jo 17).

É urgente abrirmos os olhos e os ouvidos para cuidarmos mais e melhor das nossas celebrações que, de um lado, devem sempre ser fiéis ao memorial do que Jesus fez na ceia e, do outro, seja capaz de tornar esse gesto, sempre o mesmo, uma profecia nova e renovada para o mundo de hoje.

Para isso, é importante recordarmos que a primeira preocupação do Papa João, ao convocar o Concílio, foi a unidade dos cristãos. Não podemos ser insensíveis e despreocupados com o pecado da divisão das Igrejas. Isso sem falar na divisão dentro da nossa própria Igreja entre grupos e correntes opostas, como se o próprio Cristo estivesse dividido (1 Cor 1, 13).

Ontem, na minha palavra de abertura do 18º Congresso Eucarístico Nacional, recordei que, no 52º Congresso Eucarístico Internacional, em Budapeste, Hungria, o Papa Francisco propôs que cultivássemos o que ele chamou de "cultura eucarística". Ele afirmou: "A celebração da Eucaristia torna-se incubadora das atitudes que geram uma cultura eucarística, porque impele a transformar em gestos e comportamentos de vida a graça de Cristo, que se doou totalmente. (...) A Eucaristia é fonte que se traduz também em cultura eucarística, capaz de inspirar os homens e as mulheres de boa vontade nos âmbitos da caridade, da solidariedade, da paz, da família e do cuidado com a criação.

Que este simpósio nos ajude a aprofundar essa cultura eucarística em todas as dimensões e espaços da nossa vida.

Desejo a todos vocês um excelente simpósio teológico.

Muito obrigado.

Dom Antônio Fernando Saburido
Arcebispo de Olinda e Recife

Logo após a fala de D. Fernando, o vice-presidente da CNBB e arcebispo de Porto Alegre, Dom Jaime Spengler, discursou.

Desta Terra dos Altos Coqueiros brotam, de nosso coração, o louvor e a gratidão. Louvor pela grande dádiva a nós concedida de pertencer à família dos filhos e filhas de Deus, e, por isso, encontrar, na mesa da Palavra do Senhor e na mesa do Corpo do Senhor, o sustento para a lida do cotidiano. Gratidão, pois sabemos que o Senhor "não veio em auxílio de anjos, mas da descendência de Abraão" (Hb 2, 16), isto é, de homens e mulheres que trazem no corpo as marcas da própria fragilidade. Assim, ao acolher a Palavra e comungar do Corpo do Senhor, nos empenhamos em fazer nossos os sentimentos de Cristo Jesus (cf. Fl 2,5).

A existência humana se atua no tempo. Por isso, enquanto estamos no tempo, nos empenhamos para manter viva a fé. Ela é dom de Deus (Ef 2,8)! Fé que recebemos da comunidade, e da qual participamos. Enquanto dom recebido, necessita ser cuidada, alimentada, promovida, alimentada. Alimentamo-la participando da vida da comunidade que celebra na liturgia o dom recebido da "Palavra que se fez carne e

habitou entre nós" (Jo 1,14), fazendo-se alimento, "pão da vida" (Jo 6,35), "para todo o que nele crer" (Jo 3,15).

Pelo batismo, nos tornamos filhos no Filho. A nossa condição de participantes na vida do Filho Amado só pode ser compreendida como dom recebido do Senhor da Vida. São Paulo expressa maravilhosamente este princípio quando afirma: "nele vivemos, nele nos movemos e nele existimos" (At 17,28). O Senhor da vida é a raiz, a base, o fundamento que nos sustenta na vida: "não és tu que sustentas a raiz, mas é a raiz que te sustenta" (Rm 11,18). Podemos, assim, compreender um dado fundamental que a fé nos oferece: ninguém jamais se deu a si mesmo a vida, mas é o Senhor da vida que a doa gratuitamente. A vida vivida na fé é participação na vida d'Aquele que é a vida (Jo 14,6).

A vida humana, a partir do olhar da fé, é participação na vida divina. Por isso, o mundo é desprezível, pois não crê (cf. Jo 16,9). Compreende-se assim por que Jesus afirma que seus discípulos estão no mundo, mas não são do mundo (Jo 17,14). Para a fé cristã, a única referência é a verdade e a vida (Jo 14,6); já o mundo tem como referência a mentira, cujo pai é o diabo (cf. Jo 8,44-45). Por isso, o cristianismo não aceita a duplicidade: ou se está na vida e na verdade, ou se está no mundo e na mentira. Quem se sabe participante da vida e da verdade vive; quem não se reconhece na vida não vive, não é.

Com a encarnação da Palavra, é anulada a distância existente entre comunicador e receptor. Cristo não fala da palavra; ele é a Palavra. Ele "veio morar entre nós" (Jo 1,14). Ainda que use de nossas palavras, ele não se diz segundo o nosso modo de dizer: "Jesus (...) levantou-se da ceia, tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a à cintura. Derramou água numa bacia, pôs-se a lavar os pés dos discípulos, e enxugava-os com a toalha que trazia à cintura. (...) Entendeis o que eu vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque eu o sou. Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo, para que também vós façais assim como eu vos fiz" (Jo 13, 3-5).

A Palavra encarnada se manifesta na plena audiência do Pai, tornando-se, assim, o amado: "escutai-o" (Mt 17,5). Ela, a Palavra encarnada, faz e diz a vontade do Pai (Jo 6,38). Por isso, o fazer e o dizer do discípulo são expressões do esforço próprio de corresponder à linguagem da Palavra, procurando sempre e de novo colher o 'acento' do imperativo: façam isso em memória de mim (1cor 11,24; Lc 22,19).

Os textos que narram os eventos da redenção humana conservam traços do evento crístico. Os textos são como que o negativo do evento originário. Contudo, não basta a compreensão formal do texto. O evento requer mais que a leitura. Por meio desta, faz-se necessário aceder à Palavra. No trabalho de interrogar adequadamente os textos que narram o evento, a própria Palavra se faz companheira no caminho: "os alcança e se põe a caminhar com eles" (Lc 24,15). Somente quando a Palavra se torna companheira no caminho, quando ela se oferece aos discípulos, é que o texto que a contém se torna inteligível. O Senhor, sendo ele mesmo a Palavra, se torna o critério de leitura e ao mesmo tempo o sujeito que a proclama. A Igreja se deixa convocar pela Palavra, escuta-a e a medita, para então responder ao que recebeu com a apresentação dos dons, graças aos quais, com a oração eucarística, pode "receber aquele que é": corpo e sangue de Cristo5.

O árduo trabalho na busca de compreender os eventos da redenção guardados no texto é iluminado quando o pão é repartido: "Não ardia em nós o nosso coração quando ele nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras?" (Lc 24, 32). Portanto, a celebração da Eucaristia é a realização plena da hermenêutica da redenção. A hermenêutica da redenção operada na Cruz do Senhor encontra seu ápice na Eucaristia. A experiência eucarística passa, pois, a ser o espaço no qual é possível reconhecer a Palavra: "falavam ainda, quando ele próprio se apresentou no meio deles" (Lc 24,36).

O Senhor Jesus, na Eucaristia, apresenta a nova forma de continuar entre os seus discípulos e de com eles caminhar. O gesto na última ceia expressa o sentido novo e único de toda a história humana, encontrando sua consumação na e com a Cruz. Na ação litúrgica, o pão e o vinho santificados pela sua palavra conservam a substância de sua Paixão: entrega total ao Pai em favor da humanidade. E para que a Paixão jamais seja desvirtuada, Ele mesmo ordena que tudo se faça em sua memória, jamais na memória de que ou de quem quer que seja.

Por isso, Ele, ordenamento de amor, lava-pés, Ceia, Cruz e Ressurreição não só andam juntos, mas serão sempre o mistério da mesma Paixão. Para levar sua Paixão a toda a humanidade e a toda criatura, o Senhor se transubstancia num pedaço de pão e num pouco de vinho. Nisto se expressa o sempre presente desafio de crer na "loucura da cruz": o Senhor espera o nosso amor, a nossa acolhida e aceitação da identidade de quem se "entregou a si mesmo por nós, para nos remir de toda iniquidade, e para purificar um povo que lhe pertence, zeloso pelas boas obras" (Tt 2,14).

Os aspectos salientados em nossa reflexão apontam também para as implicações fraternas e, consequentemente, sociais da Eucaristia. A comunidade de fé é serva da Eucaristia e por isso não pode não se sentir desafiada a agir conforme seu Senhor. O povo tem fome e sede de solidariedade, amor, verdade, transparência, justiça, paz, teto, trabalho, terra. Em consequência, é sempre urgente promover esta fraternidade universal, lembrando-se de modo ainda mais atencioso dos pobres, dos famintos, pois compromissos éticos são desdobramentos da fé acolhida e testemunhada no cotidiano.

Possa a celebração deste Congresso nos ajudar a compreender sempre mais e melhor a dignidade e grandeza do dom do Senhor, a promover a consciência da pertença à comunidade de fé, a importância das mesas da Palavra e do Pão na construção, manutenção e promoção da Casa do Pão e a engajar-nos ainda mais a fundo para apressar o dia da civilização do amor e da vida, da partilha, da fraternidade e da solidariedade6.

Dom Jaime Spengler
Arcebispo de Porto Alegre

Para finalizar a cerimônia de abertura do simpósio, discursou Dom Genival Saraiva de França, presidente da comissão teológico-pastoral do 18º Congresso Eucarístico Nacional:

Para nossa alegria, pela segunda vez, o Congresso Eucarístico Nacional está sendo vivido na Arquidiocese de Olinda e Recife, no período de 11 a 15 de novembro de 2022, como expressão de nossa fé no mistério da Eucaristia. Registramos este fato na Introdução do Texto Base: "A Arquidiocese de Olinda e Recife, que sediou o III Congresso Eucarístico Nacional, em 1939, foi escolhida para sediar o 18º Congresso em 2020. O primeiro Congresso realizou-se numa 'dolorosa época da guerra mundial'". E acrescentamos: "Contemplando o Mapa Mundi e vendo a realidade atual, o 18º Congresso Eucarístico realizar-se-á também num contexto geopolítico de guerra, considerando os 'confrontos mundiais', como afirmou o Papa Francisco, no seu primeiro encontro com os movimentos sociais: 'Estamos vivendo uma terceira guerra mundial, mas como em fragmentos'".

Lamentavelmente, a Guerra da Rússia contra a Ucrânia é a confirmação do acerto da palavra do Papa, porque, além das atrocidades locais, tem repercussão mundial, dadas as suas consequências sociais, econômicas e políticas. Não podemos ficar indiferentes diante dessa realidade, porque pertencemos "a uma única grande família", como lembra nosso Papa Francisco.

Outro doloroso acontecimento, a pandemia da COVID-19, que provocou o adiamento da realização do 18º CEN para 2022, fica registrado nos seus Anais, revelando a face dessa tragédia sofrida, contemporaneamente, pela maioria das nações. Entre seus dolorosos efeitos, está a alarmante estatística oficial de mortes, no momento, acima de seis milhões e seiscentas mil no mundo, e, no Brasil, aproximando-se de setecentas mil. Na leitura dessa adversidade, volto ao passado, apropriando-me de conhecida expressão de Camões, poeta compatriota do Senhor Cardeal Legado, Dom Antônio Marto, porque, como os navegadores, a humanidade continua passando "Por mares nunca dantes navegados".

A programação do Congresso Eucarístico Nacional, diversificada por sua natureza, visa ao bem espiritual do povo de Deus e, de modo especial, tem como endereço cada congressista, em vista de seu proveito pessoal e de sua ação evangelizadora na comunidade. A participação nas solenes celebrações, nas vigílias de oração, nos silenciosos momentos de adoração ao Santíssimo Sacramento, nas

atividades formativas, pastorais, culturais e sociais, por despertar em todos um amor crescente à Eucaristia, representa, indubitavelmente, um enriquecimento espiritual, enquanto suscita uma consciência amadurecida de pertença e de amor à Igreja de Cristo. Desta forma, como os demais Congressos, também o 18º Congresso Eucarístico Nacional "tem implicações teológicas e espirituais, pastorais e missionárias, catequéticas e vocacionais, sociais e políticas, culturais e ecológicas, ecumênicas e inter-religiosas." Na fase preparatória do CEN, remota ou próxima, a Comissão Teológico-Pastoral teve essa preocupação, ao tratar da redação do Texto Base, da organização do simpósio teológico, da elaboração do subsídio pastoral e da programação de lives, de alcance nacional, sobre temas eucarísticos. Na redação do Texto Base, a Comissão optou por uma forma coparticipativa e, assim, contou com a contribuição de pessoas da Arquidiocese de Olinda e Recife, do Regional Nordeste 2 e de outros Regionais da CNBB. Ao programar o simpósio teológico, a Comissão também se valeu da expertise de expositores de vários Estados do Brasil, em conformidade com os temas de suas respectivas Conferências, Oficinas e Catequeses. Ao preparar o subsídio pastoral, teve a participação de representantes das Províncias Eclesiásticas de Olinda e Recife, Paraíba, Maceió e Natal. Na realização das lives, coordenadas por experts em comunicação da Congregação das Irmãs Paulinas e da Congregação dos Padres e Irmãos Paulinos, recorreu à experiência de convidados de várias Regiões do País.

Ao lado da fraterna convivência, o simpósio proporciona às pessoas que se inscreveram uma rica experiência de construção da sinodalidade, porque a Eucaristia é unidade, é comunhão, é partilha. A todas essas pessoas e instituições, fica registrado, de coração, o agradecimento da Comissão Teológico-Pastoral.

Vivamos o Congresso Eucarístico Nacional, nesta instância, o simpósio, na forma de reflexão e debate, conscientes do imperioso dever do exercício do amor fraterno e do testemunho de solidariedade social, a partir de seu Tema – "Pão em todas as mesas" – e com a inspiração de seu Lema – "Repartiam o pão com a alegria e não havia necessitados entre eles" (cf. At 2,46). Sob a ação do Espírito Santo e com a proteção de "Maria, mulher eucarística", "Maria, discípula e missionária", os benefícios deste simpósio teológico serão experimentados na vivência individual e no testemunho eclesial de todos nós.

Em face dos desafios da realidade nacional, com a peculiaridade do momento, contemos com as graças deste Congresso Eucarístico e com as luzes deste simpósio teológico, para que, em espírito sinodal, reforcemos, com nossa palavra e nossa postura, a compreensão que tinha a Comissão Teológico-Pastoral, ao redigir a Conclusão do Texto Base: "O nosso 18º Congresso Eucarístico Nacional deve ser uma grande festa, que não nos aliena da realidade, mas, pelo contrário, alimenta a nossa fé para enfrentarmos as dificuldades da vida cotidiana, com a esperança que não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 5,5)".

Associemos, outra vez, os dois Congressos Eucarísticos Nacionais na "Veneza Brasileira": No Congresso de 1939, o povo cantou: "E o Recife se fez, lado a lado, Catedral onde reza o Brasil." Em 2022, "Na terra dos Altos Coqueiros", como discípulos missionários, nós cantamos: "E seremos Igreja em saída, pelo amor aos irmãos, pela Eucaristia".

É motivo de alegria para a Comissão Teológico-Pastoral do Congresso Eucarístico Nacional acolher a todos, nordestinamente, com abraço fraterno e água de coco, com votos de boas-vindas, de proveitosa participação no simpósio teológico e de benéfica assimilação de seu conteúdo doutrinário e pastoral.

Dom Genival Saraiva de França.
Bispo emérito de Palmares

Após o discurso de D. Genival, a mesa foi desfeita e foi convidado D. Armando Bucciol, bispo da Diocese de Livramento de Nossa Senhora, na Bahia, para dar a primeira conferência:

EUCARISTIA E MISTÉRIO PASCAL:
aspectos históricos e sistemáticos

Dom Armando Bucciol

Estote quod uidetis, accipite quod estis
"Sejais o que vedes, recebais o que sois"
Santo Agostinho (Discursos 272)

Introdução

a) Temos apenas um pão. Os discípulos haviam se esquecido de levar pães e tinham apenas um pão no barco (Mc 8,14). Perguntemo-nos: qual pão os discípulos tinham no barco? É o mesmo Jesus, pão vivo que desceu do céu (Jo 6,51), pão da vida (6,48); carne para a vida do mundo (6,51). Os discípulos não percebem quem é este pão que está com eles, porque seus olhos estão impedidos de enxergar, não entenderam a multiplicação dos pães! Paulo afirma: Porque há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois todos participamos desse único pão (1Cor 10,17).7 Com esse símbolo tão expressivo, abrimos conversa sobre Eucaristia e mistério pascal, considerando alguns aspectos históricos e sistemáticos dessa história de amor contida na Eucaristia.

O assunto é complexo. No breve tempo à disposição, desejo apresentar algumas essenciais informações e considerações teológicas. Possamos viver o Congresso Eucarístico – grande kairós em nossa vida eclesial - com maior intensidade de fé. A Constituição conciliar Gaudium et Spes, 38, tratando da atividade humana levada à perfeição no mistério pascal, afirma: "O Senhor deixou aos seus um penhor de esperança e o viático da caminhada no sacramento da fé em que os elementos da natureza, cultivados pelos homens, se transformam no Corpo e Sangue glorioso, na ceia da comunhão fraterna e na prelibação do banquete celeste".

b) Eucaristia e mistério pascal. Nos textos do Novo Testamento, a palavra Eucaristia expressa louvor, agradecimento, um ótimo agradecimento. Todavia, nos escritos mais antigos da literatura cristã – Didaquê, Inácio de Antioquia, Justino – é usada para dizer a ceia do Senhor (1Cor 11,20), a fração do pão (At 2,42.46; 20,7.11), a refeição comunitária [ágape] (Jd 12), "transformando, assim, o sacrifício do Cristo no louvor mais puro e total que do horizonte terrestre possa subir ao Pai".8 Na linguagem litúrgica e teológica, mistério pascal ou da páscoa se encontra já em autores do II século (ex. Melitão de Sardes; Anônimo Quartodecimano); "a categoria mistério pascal é uma das mais felizes recuperações do movimento litúrgico do século passado".9 De fato, encontra-se nos documentos do Concílio Vaticano II,10 começando por Sacrosanctum Concilium (SC) – o documento conciliar sobre liturgia – que, no número 5, cita a antiga eucologia romana (Sacramentário Gelasiano antigo), onde mistério pascal indica a morte-ressurreição e ascensão de Jesus Cristo. Desse modo, o mistério pascal se torna o fundamento e a chave interpretativa de todo o culto cristão. SC ensina que a liturgia atualiza esse mistério, sobretudo, mediante os sinais sacramentais do Batismo e da Eucaristia: "Mediante o Batismo, as pessoas são inseridas no mistério pascal de Cristo; morrem, são sepultadas e ressuscitam com ele

(Rm 6,4; Ef 2,6; Cl 3,1; 2Tm 2,11), recebem o espírito de adoção filial no qual clamamos: 'Abba, Papai' (Rm 8,15), e se tornam as verdadeiras adoradoras que o Pai deseja (Jo 4,23). De maneira semelhante, sempre que participam da Ceia do Senhor, anunciam sua morte até que Jesus venha (1Cor 11,26) (SC 6). "O banquete eucarístico, de modo especial, constitui o memorial do mistério pascal (SC 47). Ainda mais, dele recebem eficácia e significado todos os sacramentos e os sacramentais e a graça divina alcança todos os acontecimentos da vida humana e os santifica (SC 61). O mistério pascal é celebrado ao longo de todo o ano litúrgico, na páscoa anual (SC 102) e na semanal, no dia do Senhor (SC 106) e, na memória do dia natalício dos santos (SC 104). Com isso, o mistério pascal não fica ligado somente à atividade litúrgica, mas se torna fundamento e critério inspirador de toda a vida do cristão e de sua espiritualidade.

A PÁSCOA HEBRAICA, ORIGEM, HISTÓRIA, SENTIDOS

Não faço esta aliança e este juramento somente convosco,
mas com quem hoje está aqui conosco diante do SENHOR, nosso Deus,
e com quem não está hoje aqui conosco (Dt 29,13-14)

Breve história da Páscoa hebraica: rito do cordeiro e dos pães ázimos

Para compreender a Eucaristia que nós cristãos celebramos, precisamos conhecer a longa história da Páscoa judaica e suas expressões litúrgicas. Em sua memória, ela guarda dois ritos distintos: o do cordeiro pascal e o dos pães ázimos. O rito do cordeiro lembra o tempo em que o povo vivia de pastoreio. Na primavera – começo do novo ano – na noite antes da partida para as pastagens do verão, os pastores imolavam um cordeiro e pediam, sobre pastores e rebanho, a proteção divina contra as influências demoníacas. Quando Moisés disse ao faraó: Assim fala o Senhor Deus de Israel: 'Deixa ir o meu povo, para que celebre uma festa para mim no deserto' (Ex 5,1), talvez quisesse retomar, com aquela celebração, as suas antigas raízes religiosas.11 A festa dos pães ázimos (mazzot) é outro rito primaveril que marcava o início solene da colheita, no tempo em que Israel vivia de agricultura. No santuário local, oferecia-se à divindade os primeiros feixes de cevada, e os pães não fermentados (grego azymos), para suplicar os favores da divindade sobre a colheita.

As duas festas – expressões de épocas e condições socioculturais diferentes – eram celebradas no mesmo período. Provavelmente, no tempo do rei Josias (641/640-610/609 a.C.) e com a centralização do culto em época deuteronomista, os dois ritos foram unidos para celebrar a festa da Páscoa (Dt 16,1-4; 2Cr 36,17), que se tornou festa de peregrinação ao templo de Jerusalém. "No período do pós-exílio, chegou-se a usar os termos pesah e mazzot sem distinção para uma única celebração" (cf. 2Cr 30,1-2.5 e 13-21).12

Portanto, não foi a libertação do Egito que determinou a instituição da festa, mas a coincidência da fuga do Egito. Todavia, é preciso destacar a profunda mudança de sentido: as festas que nasceram ligadas ao ciclo da natureza, tornam-se, em Israel, festas para recordar o acontecimento mais marcante de sua história. Assim, o rito do Cordeiro será símbolo e memorial da libertação e dará sentido religioso às origens de Israel.13

Consideremos brevemente o rito do Cordeiro, seguindo a narração de Êxodo: Procurai e tomai um cordeiro para vossas famílias, e imolai o cordeiro pascal (12,21). E, quando vossos filhos vos perguntarem: 'Que significa este rito?', respondereis: 'É o sacrifício da Páscoa do Senhor, que passou adiante das casas dos israelitas, no Egito, quando feriu os egípcios e salvou as nossas casas' (12,26-27). É um rito a ser celebrado para fazer memória de um fato que marcou a identidade do povo de Israel. Por isso, a celebração deve acontecer numa vigília, para recordar que aquela noite foi uma noite de vigília do Senhor, quando os fez sair da terra do Egito. Esta é a noite do Senhor, uma vigília para todos os israelitas, em todas as suas gerações (Ex 12,42; cf. Dt 16,1-6).

O sacrifício do cordeiro e o costume dos ázimos servem para perpetuar a memória da libertação, a lembrança por excelência desse acontecimento. No livro do Êxodo, dá-se às futuras gerações a ordem: Este dia será para vós um memorial (hebraico zikkārôn, grego mnēmosynon) e o celebrareis como festa do Senhor. Vós o celebrareis, como preceito perene, em todas as vossas gerações (Ex 12,14). Ainda: Moisés disse ao povo: Lembrai-vos do dia em que saístes do Egito, da casa da escravidão (...) Quando o Senhor te tiver introduzido na terra dos cananeus... explicarás ao teu filho: 'É por causa daquilo que o Senhor fez por mim quando saí do Egito. Isto te servirá como sinal da tua mão e como memorial entre teus olhos (Ex 13,3.5.8-9; cf. 13,14).

A celebração da Páscoa, um rito memorial - aliança

A celebração da Páscoa será, portanto, um memorial – como um monumento, uma tatuagem, um pingente - diante dos olhos. O rito servirá – por todas as gerações – como um sacrifício memorial que reproduz ritualmente o sentido religioso e espiritual do acontecimento histórico. Desse modo, a intervenção divina não permanece no passado, mas se torna atual para os que a celebram por meio do rito. Êxodo 12,11 prescreve: Assim o comereis: os rins cingidos, sandálias nos pés, cajado na mão; e o comereis às pressas: é a Páscoa [isto é, Passagem] do Senhor.[14]

Com insistência, a Mishná (= repetição oral ou tradição)[15] recomenda:

> Em cada suceder-se de tempos, somos obrigados a considerar-nos como se fôssemos nós mesmos que saímos do Egito. Está dito, com efeito: 'Naquele dia deveis narrar ao teu filho que isto (a Páscoa) se faz por aquilo que o Senhor fez por mim na saída do Egito'. De fato, não só os nossos pais foram libertados, mas nós mesmos, como está escrito: Ele nos tirou de lá para introduzir-nos na terra prometida aos nossos pais (Dt 6,23).[16]

Nos livros sagrados do povo de Israel, a experiência da libertação é narrada, tantas vezes, qual epopeia. As mais antigas profissões de fé unem o nome de YHWH, o SENHOR, o Deus de Israel, a essa intervenção histórica. "O mais importante é o Credo de Dt 26,5-9":17

> Então declararás diante do Senhor, teu Deus: 'Meu pai era um arameu errante, que desceu ao Egito como migrante, com pouca gente (...) E o Senhor nos fez sair do Egito com mão forte e com braço estendido... e nos introduziu neste lugar, dando-nos esta terra, onde corre leite e mel'.18

Cada assembleia reunida para o culto faz memória da fidelidade de Deus no passado, celebra a realização no presente e, na esperança, antecipa o futuro escatológico e definitivo.19 Lembrando-se da aliança realizada em Sinai, Israel recorda também as condições, isto é, as dez palavras, com a importante premissa: Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão (Ex 20,2). O povo responde: Poremos em prática tudo o que o Senhor falou e obedeceremos (Ex 24,7). Segue – pode-se dizer – a assinatura do contrato: Moisés pegou, então, o sangue, aspergiu com ele o povo e disse: 'Eis o sangue da aliança que o Senhor fez conosco confirmando todas estas palavras' (Ex 24,8).

> O momento ritual, sacrifício de aliança, tem um valor puramente simbólico enquanto expressa, de forma plástica, a iniciativa gratuita de Deus e o empenho ou resposta livre do povo. O sangue, símbolo de vida, sanciona aquela união vital entre os dois membros do pacto que se fundamenta na ação gratuita e eficaz de Deus, à qual corresponde a acolhida e obediência do povo".20

A celebração da Páscoa - momento fundamental da História da Salvação - marca a vida espiritual dos membros do povo de Deus. O memorial pascal acompanha a vida do povo e como absorve todas as ações litúrgicas que celebram essa história.

> Nessa "experiência pascal", o israelita recorda as maravilhas que Deus operou em seu favor, e volta a pô-las sob os olhos de Deus para que também ele "recorde" aquilo que Ele mesmo fez pela salvação do povo. (...) Assim, em virtude do próprio fato de Deus se recordar, cria-se uma nova situação que é de ajuda eficaz para o homem. Com efeito, em Deus, a recordação equivale a atuar novamente de maneira eficaz e concreta.21

Outros elementos na vida do povo de Israel

Elemento muito importante na vida, não só religiosa, do povo de Israel é a circuncisão, sinal de pertença ao povo da aliança. Os rabinos ensinavam que os filhos de Israel, no Egito, eram incircuncisos; chegando à Terra Prometida, para celebrar a Páscoa, precisaram se fazer circuncidar. Assim, o sangue do cordeiro e da circuncisão se misturaram e formaram um único sangue. "Por isso, todas as vezes que corre o sangue da circuncisão, pelo qual um novo homem é introduzido no povo de Deus, não só Israel, mas também Deus se lembra da Páscoa e da Aliança que com ela constitui um único evento".22

A memória da Pascoa acontece, ainda, com o sacrifício do cordeiro oferecido, pela manhã e à noite, no templo. Quando Israel, destruído o templo, não conseguiu mais realizar sacrifícios de animais, essa finalidade é vivida nas sinagogas com a oração do Shemah23 e do Shemoneh Esreh24, o sacrifício de louvor, que coincide no horário com os sacrifícios do templo.

Clara relação com a Páscoa, tem a celebração do sábado, memorial da criação e da aliança (segundo o Código Sacerdotal). Na ceia festiva do sábado, as bênçãos, após a terceira taça, destacam essa ligação. As três grandes festas hebraicas – das semanas (Shavuot), das tendas (Sukkot) e o Pesah Mazzot – foram postas em relação com a Páscoa. "Assim a Páscoa, centro de toda a história da salvação, se tornou, além de ser o fundamento de toda a legislação moral e social, também o centro de toda a vida litúrgica do Povo de Deus".25 Um texto da Mishná (que reproduz uma tradição antiga), afirma:

> Em toda época, todos devem considerar a si mesmos como se tivessem saído pessoalmente do Egito... Por isso, somos obrigados a agradecer, a adorar, a louvar e glorificar... aquele que fez a nós e aos nossos pais todas estas maravilhas e nos conduziu fora da escravidão rumo à liberdade; por isso, devemos dizer, diante dele, aleluia (Pes. X, 5).26

Em seguida, cantam-se os Salmos de louvor (113-114), o hallel.

É impossível resumir tantos e complexos elementos que dão ao rito pascal riqueza de conteúdo e de símbolos: o pão ázimo, as ervas amargas, o cordeiro imolado no templo e consumido nas casas, as copas de vinho. Tudo isso para favorecer que cada membro do povo de Deus viva a salvação, mediante o anúncio e o louvor-agradecimento, na espera da plenitude final. Somente um povo que faz hoje experiência da libertação e espera sua realização última, pode celebrar a Páscoa. Quem não é circuncidado e não pertence à comunidade dos libertados, é excluído desse convívio pascal.27

Portanto, para os judeus, a Páscoa é festa que encerra em si três dimensões:

a) uma realidade passada: a libertação do Egito; Israel se torna o Povo de Deus;

b) uma realidade presente: renovação ritual do evento passado; desse modo, todo israelita toma consciência de ter sido pessoalmente libertado pelo Senhor;

c) uma realidade escatológica: Páscoa é o símbolo da libertação futura e definitiva que se realizará numa nova Páscoa, no fim do mundo presente, começo dos novos céus e da nova terra.

A PÁSCOA DE CRISTO

> *Tenho desejado ardentemente comer convosco esta ceia pascal, antes de padecer (Lc 22,15)*

Ao celebrar a Páscoa com seus discípulos, Jesus fazia memória da longa história de fé e de esperança do seu povo. Todavia, algo profundamente novo aconteceu naquela Ceia de despedida. Muitas perguntas surgem a esse respeito: quando e como aconteceu a Ceia de Jesus antes de sua morte? Que sentido Ele deu aos gestos e às palavras que a Tradição guardou e nos entregou pela memória de Paulo e dos Evangelhos? O que Jesus desejava ou pedia que os seus seguidores fizessem quando disse: Fazei isto em memória de mim (Lc 22,19; 1Cor 11,24)? Essas perguntas, queremos abordar.

O valor da comensalidade na cultura hebraica e na vida de Jesus e seus discípulos

Para entrarmos, pouco a pouco, na compreensão do mistério eucarístico, contemplemos Jesus que partilha a mesa com tantas pessoas: em casa de amigos, Lázaro, Marta, Maria, Levi – Mateus; ou do fariseu Simão, do publicano Zaqueu. Pela familiaridade com todas as categorias de povo, Jesus é acusado de acolher os pecadores e comer com eles (Lc 15,2); de ser um comilão e beberrão, amigo de publicanos e de pecadores (Mt 11,19; Lc 7,34). Com esse seu hábito, Jesus marcou a sensibilidade dos discípulos. Pedro manifesta orgulho recordando que ele e os demais discípulos comeram e beberam com o Ressuscitado (At 10,41). Jesus usa a imagem de um banquete festivo para falar do Reino ao qual Deus convida (Lc 14,15-24;15, 23-24), prelúdio do Reino que vem, e que já está entre nós, aberto a todos. Os relatos (seis vezes!) de multiplicação dos pães têm uma linguagem claramente eucarística: tomou, abençoou, partiu, deu de comer. Pode-se afirmar que:

A abundante comensalidade de Jesus, os sinais da multiplicação dos pães e peixes, o milagre da conversão da água em vinho, os anúncios do reino na categoria do banquete festivo, as refeições com Jesus ressuscitado... juntamente com a experiência da última ceia de despedida, com seus gestos e palavras sobre o pão e o vinho e a doação de Jesus como comida, certamente estão à base da compreensão eucarística dos cristãos.28

A comensalidade de Jesus favorece a compreensão do valor antropológico do comer juntos. Acima de tudo, porque a comida é indispensável para viver, é o contato vital com o cosmos e seus bens. A Eucaristia, portanto, lança suas raízes nessa dimensão existencial. Além disso, o fato de comer com os outros, é símbolo de partilha, amizade, comunicação, acolhida, hospitalidade, festa. Nas religiões, a refeição tem dimensão sagrada. No mundo bíblico, feitas "diante de Deus" (Ex 24,11), as refeições expressam gratidão e se tornam sinal de comunhão e aliança com Deus, tendo também uma coloração escatológica (cf. Is 25,6s; 55,1s; Pr 9,1-6). Com certeza, a Eucaristia vai além do que pode expressar um gesto humano ou religioso, e Cristo lhe deu sentido e conteúdo próprios; mas essa dimensão, intensamente humana, ajuda a compreender os muitos significados da Eucaristia. Comer com (grego synesthiein) se torna expressão privilegiada para a transmissão da mensagem evangélica.29

Os estudos históricos nos informam que as refeições de grupos religiosos hebreus poderiam ter inspirado o cerimonial da Eucaristia. Trata-se das refeições de haburá, confrarias religiosas ou de caridade de discípulos de um mesmo mestre. Essas celebrações seguiam este roteiro: introdução, abluções, oração de quem preside, pão partido e partilhado; oração de cada um pelo vinho e os alimentos; abluções finais, enquanto o presidente da mesa pega o cálice de bênção e dirige a Deus uma longa oração, introduzida por breve diálogo. A oração se divide em três partes: ação de graças pelos bens da criação, ação de graças pelo Êxodo e a Aliança, pedido de assistência e proteção divina. O cálice circula de boca em boca e os fiéis se separam. Observa-se que as mais antigas orações litúrgicas (Didaquê, Justino, Tradição Apostólica) são parecidas com essas orações da haburá.30

Memória dos textos bíblicos do Novo Testamento

Os textos bíblicos que falam da Eucaristia podem ser reunidos em três grupos:

a) Os evangelhos sinóticos (Mt 26,26-28; Mc 14,22-25; Lc 22,19-20). Neles, a narração da Ceia é apresentada só com pequenas – significativas – diferenças entre os três evangelistas. A análise exegética desses evangelhos confirma a existência de um fato histórico que fundamenta a narrativa, mas revela, ao mesmo tempo, clara formulação ritual. Os evangelistas contam a última Ceia de Jesus com uma fórmula litúrgico-ritual. Quando os evangelhos receberam a última redação, a comunidade dos fiéis já lembrava a Ceia do Senhor com palavras litúrgicas.

b) A carta de Paulo aos cristãos de Corinto (1Cor 11,23-26) se aproxima dos sinóticos, sobretudo de Lucas. O Apóstolo contesta a maneira dos cristãos daquela comunidade celebrar a Ceia do Senhor;31 denuncia a perda do sentido originário dessa Ceia! Com isso, Paulo manifesta também a existência de uma praxe eclesial fundamentada historicamente, da qual dá a fórmula litúrgica de sua realização. Recorda que se trata da tradição que ele recebeu do Senhor. O acontecimento histórico da Ceia do Senhor já faz parte da praxe celebrativa. Desde a primeira época apostólica, essa Ceia do Senhor é a nova liturgia dos discípulos de Jesus.

c) Destacamos, ainda, vários textos em que se fala de um rito próprio da comunidade cristã, chamado de fração do pão, expressão que se encontra num contexto ritual, como escreve Paulo: O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? (1Cor 10,16). O Apóstolo está evidenciando a diferença e a oposição entre ritos cristãos e pagãos. Em Atos, o termo retorna em 2,42: Eles eram perseverantes ... na fração do pão; 2,46: perseverantes e bem unidos... partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. Em At 20,7.11, o contexto é de uma celebração da Eucaristia: é o primeiro dia da semana, os discípulos do Senhor estão reunidos para a fração do pão, na sala superior de uma casa, Paulo partiu o pão, comeu e ficou falando até de madrugada. As palavras partir o pão retornam em Lc 24,30.35, para manifestar a presença do Ressuscitado no encontro com os dois discípulos de Emaús: depois que se pôs à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles; e 24,35: Então os dois relataram o que aconteceu no caminho, e como o haviam reconhecido ao partir o pão. Observemos que a expressão partir o pão é de clara marca hebraica; indica o rito com o qual os hebreus iniciavam a refeição e, de modo particular, o primeiro gesto ritual com o qual começava a ceia pascal.32 As palavras partir o pão tornaram-se, desde o início da Igreja, uma fórmula para indicar a celebração cristã da nova Páscoa de Cristo.

d) Além dessas páginas, na Sagrada Escritura, encontramos outros textos importantes para compreender como a Igreja primitiva entendia e vivia a Eucaristia. Na Primeira Carta de Pedro (1,18-19), lê-se: Fostes resgatados... pelo precioso sangue de Cristo, cordeiro sem defeito e sem mancha. A carta – de caráter batismal – desenvolve a tipologia da Páscoa do Êxodo: como estrangeiros (1,1), os cristãos, assim como outrora os israelitas, são libertados da escravidão mediante o sangue do cordeiro (1,18-19); cingidos os rins (1,13), passam das trevas para a luz de Deus (2,9); convertem-se da idolatria para se tornarem sacerdócio régio e povo eleito (2,9). Todas referências à primeira salvação pascal.

Outro escrito que recebeu forte influência do AT é a Carta aos Hebreus. A obra de Cristo, observa o autor, tem clara referência ao sacrifício da Aliança que aconteceu ao Sinai (9,20; 10,29.). Por isso, compara o sacrifício de Cristo ao do kippur (9,12-28; 13,11-12), mas recorre também à tipologia da páscoa. Jesus não é apenas o sumo sacerdote, mas, como mediador da nova aliança (8,6; 12,24) e guia para a glória e a salvação (2,10), é o novo Moisés (3,3-6) que conduz a Igreja ao repouso (3,7-4,13), ao serviço do Deus vivo (9,14) e à Sião dos últimos tempos (12,22). Seu sangue é o sangue da páscoa: realiza a libertação, é comparado ao sangue de Abel, o justo.33

A obra joanina, enfim, mereceria detalhada análise. João coloca sob o sinal da Páscoa "todo o mistério de Cristo na sua realização histórica, no seu prolongamento sacramental, na sua prefiguração tipológica".34 No evangelho de João, encontramos três páscoas dos judeus: a) na purificação do templo (2,13); b) na multiplicação dos pães (6,1-15) e no discurso eucarístico (6,26-71); c) enfim, a páscoa da morte (11,55; 12,1; 13,1; 19,14). Como nos sinóticos, Jesus escolhe morrer por ocasião da páscoa; para ele, a morte não é só páscoa-passagem deste mundo ao Pai; Jesus é o verdadeiro Cordeiro que morre na cruz, na mesma hora em que, no templo vizinho, são imolados os cordeiros para a ceia pascal; a ele, como prescrevia a lei (cf. Ex 12,46), não é quebrado nenhum osso (cf. Jo 19,33-36). Do lado dele, morto, saiu sangue e água (19,34), clara alusão ao Batismo e à Eucaristia. Jesus é o Cordeiro pascal que recapitula em si mesmo e realiza as promessas do AT. O Apocalipse apresenta o Cordeiro imolado – crucificado e ressuscitado – centro da liturgia celeste que "reflete e espelha a liturgia eucarística nas comunidades cristãs da Ásia Menor. (...) O caráter pascal do Cordeiro e da liturgia é confirmado pela tipologia do Êxodo, que se acha na base do Apocalipse: os males do fim dos tempos repetem as pragas do Egito".35

Anotações teológicas

O teólogo que pretenda compreender a Eucaristia de forma correta, deve acolher os dados bíblicos procurando o que as testemunhas da primeira hora entenderam do que Jesus fez na Ceia derradeira, na qual Ele entregou à sua Comunidade messiânica o rito da nova Páscoa; não mais a libertação do Egito, mas a libertação do mal. O sangue é derramado para a remissão dos pecados, numa aliança de amor, sinal perene do amor de Deus, visível no dom-de-si que Jesus realizou com sua morte na Cruz. O sacrifício de Cristo contesta e supera toda visão sacrifical da primeira Aliança, tornando-se Cristo mesmo o Mediador. Para compreender a Eucaristia, devemos observar o rito pascal, com sua longa história, e a Páscoa real da morte do Senhor. A memória litúrgica se fundamenta nesse acontecimento passado. Por isso, pode-se afirmar que, na celebração eucarística, o sacrifício pascal de Cristo é atualizado em sua realidade, é verdadeira libertação do pecado e verdadeira aliança do Pai. Resumo a complexa questão, com as palavras de dois eminentes teólogos, Aldazábal e Marsili:

> Provavelmente a chave de memorial da páscoa de Jesus será a melhor para abarcar os dados do NT. Quando aquela comunidade se reunia para a fração do pão, tinha consciência de que fazia o memorial da entrega pascal de Cristo (...) convencida de que, em cada Eucaristia, acontecem duas coisas fundamentais: 1) a união vertical com Cristo que a faz partícipe de sua própria vida escatológica e dos frutos salvadores de sua cruz (...); 2) e também que a Eucaristia vai criando a união fraterna da comunidade eclesial se é celebrada a partir da caridade e da fé. Porque comemos o corpo eucarístico de Cristo, vamos nos convertendo em seu corpo eclesial.36

> A Missa (é) como a celebração ritual sacramental da Páscoa de Cristo, (...) o sacramento do sacrifício de Cristo; (...) nesta está diretamente presente o sacrifício da cruz, visto na sua íntima natureza de acontecimento de salvação e não nos componentes exteriores de tempo e de lugar, substituídos agora pelo sacramento. (...) A Eucaristia é sacrifício enquanto é sacrifício relativo ao já acontecido sacrifício da cruz. (...) Disso se deduz que na Missa não se multiplica, nem se renova, nem se reproduz 'a oferta ocorrida uma vez por todas' na morte de Cristo, mas aquela morte sacrifical de então (...) é tornada presente em cada tempo e lugar. Portanto, toda celebração eucarística é presença real de Cristo que se oferece na cruz.37

A REFORMA PROTESTANTE E O CONCÍLIO DE TRENTO

Nossa maneira de pensar está de acordo com a Eucaristia
e a Eucaristia confirma nossa doutrina...
Assim como o pão que vem da terra,
ao receber a invocação de Deus,
já não é pão comum, mas a Eucaristia,
feita de dois elementos, o terreno e o celeste, do mesmo modo
os nossos corpos, por receberem a Eucaristia, já não são corruptíveis
por terem a esperança da ressurreição
(S. Irineu de Lião: Contra as heresias 4,18,5)

Depois dessa sumária reflexão teológica sobre Eucaristia, abrimos, com essenciais comentários, uma página a um tempo dolorosa e importante. Refiro-me à Reforma Protestante, do século XVI, e à resposta do Concílio de Trento (1545-1563). Os ensinamentos desse Concílio refletem a teologia e a praxe medievais, responderam às críticas da Reforma Protestante e, apesar das limitações, permanecem importante referencial para a compreensão e a vivência da Eucaristia na Igreja Católica.

O contexto das Reformas, protestante e católica

Para compreender a contestação dos Reformadores (refiro-me, especialmente, a Lutero, Zwínglio e Calvino), é preciso conhecer não só a teologia da época, mas também, a realidade eclesial e, no que se refere à celebração da missa, os abusos que aconteciam. Esses, com outras complexas motivações, infelizmente, ofereceram motivos à contestação pelo agir da Igreja in capite et in membris. "No século XVI, a situação da liturgia no Ocidente é lamentável. (...) Os ritos e as cerimônias se realizam sem sentido pastoral e acompanhados de uma série de abusos e superstições".38 "Na prática, a comunhão era reduzida ao mínimo indispensável. (...) Enquanto a devoção do povo ia-se polarizando unicamente na audiência do sacrifício da missa, esquecendo-se quase totalmente da comunhão sacramental, a teologia ia se concentrando no sacramento, e só tangencialmente se ocupava do sacrifício".39

Nos primeiros séculos do II milênio, pouco a pouco, tinha-se perdido a riqueza teológica da Patrística. O padre Giraudo resume a explicação histórica dos teólogos e liturgistas da época: "O termo 'memória', não tendo mais nada em comum com a noção bíblico-patrística de 'memorial', soa aqui simplesmente a 'lembrança' e 'imaginação subjetiva'"; escreve Herman Schmidt:

> "Na Idade Média a missa se torna um drama, um espetáculo, mais: uma epifania do Senhor. O povo, instruído pelos alegoristas, divisava a vida de Cristo em todo aparato exterior da missa. (...) Por isso, a atenção dos alegoristas se concentrava nos ritos existentes da consagração. (...) Para aumentar o desejo do povo de ver a hóstia, muitos sacerdotes, às palavras tomou o pão, elevavam a hóstia mais alto".40

O empobrecimento da reflexão teológica levou a enfraquecer a compreensão e vivência do mistério pascal de Cristo. Teólogos e liturgistas destacaram, sim, um elemento importante – a consagração –, mas "fazendo descer sobre todos os outros elementos aquele halo indistinto de visão fragmentária e de desinteresse que os envolve ainda hoje aos olhos da maioria".41

A missa era procurada e vivida como uma devoção, "semelhante à devoção aos santos"; "vista não como meio de comunhão com Cristo, mas como meio infalível de intercessão para a obtenção de favores".42 Entre os abusos da época, que tantos motivos deram à reação protestante, está a celebração da missa "pela metade" ou missa seca. Para ludibriar a lei canônica que proibia a celebração de mais de uma missa ao dia, fazia-se somente a celebração da Liturgia da Palavra e a oração do Pai-nosso, com seu embolismo, a oração da paz e o Agnus Dei. Para enganar melhor o povo, no rito da elevação, levantavam-se as hóstias do sacrário ou uma relíquia de um santo. Chegou-se, desse modo, à "missa bi-tri-quadri-quinquifaciada".

Escreve Marsili:

> Assim se apresentava na praxe celebrativa comum, ainda na época do Concílio de Trento, aquilo que se continuava a chamar de santo sacrifício da missa; a missa tinha perdido seu real valor, o importante era que a missa fosse dita ou cantada ou – como se dizia - lida. O sentido comunitário da celebração quase sempre se perdia, ou, pelo menos, não era levado em conta. O clero, em vez de corrigir esta falsa devoção, na maioria dos casos superstição, muitas vezes a usou para auferir vantagens materiais. E, infelizmente, sabemos – não por último pela reação dos protestantes – quanto o 'dinheiro' pesou na Igreja e como dobrou a Liturgia ao seu capricho.43

Os historiadores observam que muito contribuiu, também, o amadurecer da mudança de sensibilidade eclesial: a "tendência a substituir o indivíduo à comunidade", não só na Igreja dos "papistas" (os católicos), mas dos "suíços" (os reformadores).44 Esse tempo foi de grande dor e profundas feridas na Igreja toda; todavia, despertará na Igreja Católica a busca de uma mais profunda reflexão e de intensa renovação.

Martinho Lutero (1483-1556) e suas críticas à Igreja e à Eucaristia

A respeito da Eucaristia, Lutero, em seus primeiros escritos, segue a visão tradicional da época, chamando-a de "suma e compêndio do Evangelho", "presença corporal de Cristo", "o aqui para nós" da Encarnação; destaca o aspecto "econômico", para a remissão dos pecados; fala da presença "real-substancial", contra os reformadores suíços. Mas "tudo muda em seguida, a partir do escrito: De captivitate Babylonica ecclesiae (1520) e De abroganda Missa privata (1522); o último fortíssimo grito ressoa nos Artigos de Schmalkalden (1537-1538)".45 Contesta à Igreja Católica a tríplice escravidão:

a) A presidência reservada a um ministro ordenado e o fato da recusa do cálice aos leigos. Lutero destaca que a Eucaristia tem sentido convivial e defende o sacerdócio comum de todos os fiéis.

b) A doutrina da transubstanciação, isto é, a permanência dos acidentes, mas com a mudança da substância. Lutero se afasta da visão filosófica tradicional da época e lê a presença de Jesus na Eucaristia como evento convivial, não como realidade permanente à qual atribuir devoção e culto; e chama a Eucaristia de sagrada ceia.

c) A missa ser considerada obra boa e sacrifício: a Eucaristia, diz, é dom de Deus ao homem, dom que se recebe e não oferenda do homem a Deus feita por meio de um ministro. Escreve Lutero:

> O terceiro cativeiro (servidão) do mesmo sacramento [= da eucaristia] consiste naquele abuso, de longe o mais ímpio, que fez com que hoje na igreja não haja quase nada que seja recebido e acolhido com convicção [do que isto], que a missa é uma boa obra e um sacrifício. Por sua vez esse abuso provocou a inundação de uma infinidade de outros abusos, a ponto de, extinta completamente a fé sacramental, terem feito do divino sacramento um verdadeiro mercado, um negócio de taberna e uma espécie de contrato lucrativo.46

Sendo assim, Lutero ensina que Cristo instituiu a Eucaristia como sacramento e não como sacrifício; para ele nos dar a sua graça, não para nós oferecermos a ele uma nossa obra boa; acrescenta: "Nós que deveríamos ser gratos pelo dom recebido, orgulhosamente transformamos em oferta aquilo que apenas deveríamos receber. Damos a Deus como obra nossa aquilo que é dado a nós como dom" (De captivitate, Werke 523).47

Sem a pretensão de resumir a complexa doutrina de Lutero, considero algumas escolhas presentes em seus escritos, que manifestam um distanciamento crescente da doutrina católica. Junto com a rejeição do sacerdócio ministerial, Lutero corta partes do Cânon Romano (porque nele recebe destaque demais o sacrifício!). Depois do prefácio, passa ao relato institucional (dando também indicação dos gestos que devem acompanhar as palavras). Em seguida, realiza uma ulterior redução, para deixar só o relato institucional, e a paráfrase do 'Pai nosso'. Permanece o rito da elevação "provisoriamente mantido para não escandalizar os fracos"; a Eucaristia é distribuída logo depois da consagração, antes de abençoar o cálice. Para receber a comunhão, homens e mulheres separados, como também devem ficar em lugares distintos.48 Com suas orientações celebrativas, Lutero tem a convicção de que "a identificação da celebração com a última ceia é agora total. De fato, os dois momentos tradicionalmente distintos da celebração eucarística – a anáfora e a comunhão – estão agora fundidos numa única e mesma ação".49 Enfim, Lutero afirma que devem ser abolidas as missas privadas – onde comunga só o celebrante e não o povo – e julga errada a aplicação da missa para vivos e falecidos.

O Concílio de Trento

Os desafios postos ao Concílio que se reuniu em Trento (1545) eram grandes. Nele, o assunto Eucaristia foi amplamente enfrentado em três densas sessões (nos anos de 1551 – outubro, e de 1562 – julho e setembro). As questões mais debatidas foram ao redor da presença real, do sentido do termo sacrifício dado à missa, e da comunhão também com o cálice por parte dos fiéis. Em nove capítulos e nove cânones, o Concílio propôs uma sólida reflexão teológica, com valores e limites históricos; mesmo se "não traz nada de particularmente novo sobre o 'sacramento da Eucaristia', ele foi a testemunha de uma ininterrupta tradição da fé".50 Todavia, Trento não conseguiu superar as abstrações da teologia escolástica e apresentar, de maneira renovada, o perene ensinamento eclesial, tornando-o capaz de falar ao espírito e à mentalidade dos novos tempos.

Marsili observa: "De um ponto de vista doutrinal, todavia, pode-se dizer que as definições tridentinas expuseram a fé da Igreja com equilíbrio, clareza e autoridade, seguindo a linguagem teológica medieval, em estilo apologético, devendo responder às contestações dos Reformadores"51. Em suas declarações, além de seguir a doutrina da Tradição, Trento inspirou-se no que os dois concílios anteriores, de Constança e Florença52, tinham decidido. Os primeiros três Cânones sintetizam a doutrina sobre a presença verdadeira, real e substancial e sobre a transubstanciação.

Limito-me a propor essenciais reflexões a respeito de alguns pontos que o Concílio enfrentou, num debate amplo, complexo, polêmico, desafiador.

a) A presença do Senhor na Eucaristia. A doutrina da presença real do Senhor na Eucaristia era bem firme na vida da Igreja desde os séculos anteriores. As controvérsias do passado (Berengário) tinham motivado o florescer do culto à Eucaristia, mas com uma escassa participação à comunhão. Já o Concílio Lateranense IV (1215) tinha definido o preceito da Confissão anual e da Comunhão "ao menos na Páscoa". A adoração e a contemplação eram consideradas um equivalente da comunhão: ver a hóstia (Jesu quem velatum nunc aspicio – Ó Jesus, que agora velado vejo) era já receber os frutos e os méritos da Eucaristia. O momento mais importante da missa tinha-se tornado a elevação, o ver a hóstia, depois do milagre das palavras consecratórias. A convicção da comunhão por visão e a dureza da praxe penitencial tinham afastado o povo do comungar. A Eucaristia era mais objeto de culto e a missa somente escutada.53

Lutero e os demais Reformadores criticavam essa praxe eclesial, dando atenção à finalidade convivial da Eucaristia, como Ceia do Senhor, recebida sob as duas espécies por parte de todos os fiéis. O Concílio reagiu, apresentando com fórmulas dogmáticas a fé da Igreja na presença verdadeira, real e substancial de Jesus nas espécies eucarísticas. Decretou o Concílio:

> Se alguém disser que, no sacrossanto Sacramento da Eucaristia, permanece a substância do pão e do vinho juntamente com o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, e negar aquela admirável e singular mudança de toda a substância do pão no corpo e de toda a substância do vinho no sangue, permanecendo só as espécies do pão e do vinho – mudança que a Igreja católica chama com muita propriedade transubstanciação – seja anátema (DS 1652).

O termo transubstanciação pertencia à doutrina da Igreja, desde o Concílio Lateranense IV (1215), e se fundamentava no ensinamento de Santo Tomás e de outros mestres da Escolástica que "tinham aclarado com exatidão as noções conexas de substância entendida como realidade profunda do ser e de espécie ou acidente (entendidos como o que é perceptível pelos sentidos)".54 Segundo o Concílio, "as espécies eucarísticas não são só importantes: elas são determinantes para os fins da realidade eucarística, já que a permanência da presença real está condicionada à permanência das espécies. Não permanecendo as espécies, tampouco a presença real permanece".55

Continua, para nós hoje, o questionamento: "Termos como substância, conversão, transubstanciação, contido sob as espécies são uma veste lógico-racional para a mensagem da fé: é possível tudo isso ser expresso numa formulação com linguagem cultural diversa da escolástica?"56 "Em tempos recentes, foram propostos os termos transignificação e transfinalização. Outros ainda poderão ser propostos como mais adequados, para a mente do homem de hoje, para descrever esta mutação real e misteriosa ao mesmo tempo. Em todo o caso, nenhum destes termos evitará os limites e a provisoriedade linguístico-filosófica do termo transubstanciação".57 Giraudo recorda o que escrevia o Catecismo Tridentino: "Devem-se advertir os fiéis a não indagar com demasiada curiosidade de que modo possa acontecer essa mutação, já que não a podemos compreender. (...) Com a fé se deve conhecer a realidade da coisa".58

b) O caráter sacrifical da celebração eucarística. O Concílio afirma o valor sacrifical da missa, em sua fundação e em seus efeitos. E propõe, de modo positivo, o que os Reformadores contestavam. Estes os cânones:

[DS 1740] Esse nosso Deus e Senhor, embora se houvesse de oferecer de uma vez por todas a Deus Pai sobre o altar da cruz por sua morte, para ali realizar uma eterna redenção, contudo, porque seu sacerdócio não se devia extinguir pela morte, para deixar à sua dileta esposa, a Igreja um sacrifício visível – como a natureza dos homens exige -, pelo qual fosse reapresentado aquele sacrifício cruento que se havia de realizar uma única vez na cruz e seu memorial permanecesse até o final dos séculos e seu poder salutar fosse aplicado para a remissão dos pecados que cometemos cada dia, declarando-se constituído "sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedec", ofereceu a Deus Pai seu corpo e sangue sob as espécies do pão e do vinho, e, sob os mesmos sinais, deu aos apóstolos – que constituiu então sacerdotes do Novo testamento – para que o recebessem e, com as palavras: "Fazei isto em meu memorial" etc., ordenou-lhes a eles e seus sucessores no sacerdócio que o oferecessem, como a Igreja católica sempre entendeu e ensinou..

[DS 1741] Instituiu a nova Páscoa, para ser imolado pela Igreja através dos sacerdotes sob sinais visíveis em memorial de sua passagem deste mundo ao Pai, quando pela efusão de seu sangue, nos remiu e [nos] arrancou do poder das trevas e [nos] transportou a seu reino.

Conclui, enfim, com os anátemas:

[DS 1751] Se alguém disser que na missa não se oferece a Deus um sacrifício [no sentido] verdadeiro e próprio, ou que oferecer não é mais do que nos dar Cristo por alimento, seja anátema.

[DS 1752] Se alguém disser que, por aquelas palavras: "Fazei isto em meu memorial", Cristo não instituiu os apóstolos sacerdotes, ou não ordenou que eles e os outros sacerdotes oferecessem seu corpo e sangue, seja anátema.

Para uma compreensão mais detalhada e documentada desses cânones, recorro, ainda, aos comentários de padre Giraudo.59 Observemos a riqueza dessas afirmações, fundamentadas biblicamente e que guardam o perene ensinamento eclesial: o acontecimento pascal é perpetuado na história, expresso por um rito que o reapresenta. Como a Ceia é gesto profético que antecipa sacramentalmente a Páscoa de Jesus, assim a missa é o memorial que repete no sacramento o mesmo gesto de Jesus. Todavia, não aparece bem clara a ligação entre a doutrina do sacramento e a do sacrifício eucarístico, a unidade de dedicação pascal (o corpo doado por nós) e o sinal sacramental. É o sacramento, em sua unidade de sinal e de realidade, que atualiza para nós e é presença para nós do sacrifício da cruz: "sacramento do sacrifício". Outro limite, que acompanhará a história da Igreja, e que Trento não julgou como grave carência, foi a ausência do povo na comunhão eucarística. O mandamento do Senhor: Façam isto em memória de mim foi visto, antes de tudo, como a ordem de fazer a oferta sacrifical e não de comungar. A missa permanecerá como prática devocional, muitas vezes, solitária, em que o sacerdote celebra a missa para expressar a sua piedade ou para atender aos pedidos dos fiéis que davam a oferta para a celebração. O povo, também quando presente, continuará assistindo de forma passiva.60

c) Finalidade expiatória do sacrifício eucarístico. Outra questão enfrentada pelo Concílio refere-se ao caráter propiciatório ou sacrificatório da missa. O longo texto conciliar (DS 1743) destaca a dupla relação que existe entre o sacrifício da missa e o sacrifício da cruz. No que se refere à oferta e ao oferente, é o mesmo Cristo que "se ofereceu a si mesmo de uma vez para sempre no altar da cruz de maneira cruenta, está contido e incruentamente imolado"; conclui-se: este sacrifício é verdadeiramente propiciatório. Sobressai, também, a diferença no "modo de se oferecer": a mesma vítima, "oferecendo-se agora pelo ministério dos sacerdotes".

Os teólogos se perguntam a respeito do sentido da palavra propiciatório. Giraudo resume as diferentes possíveis interpretações. Uma primeira: "Tornar Deus propício, isto é, dispô-lo a aplicar a nós, em virtude do sacrifício da missa, os frutos do sacrifício da cruz". Ele, todavia, prefere uma segunda interpretação, ligada à origem da palavra, próxima a expiar o pecado, no sentido de "cancelar, tornar inoperante, tirar fora, purificar"; quando se refere a Deus, "propitiare (propiciar) ou placare (aplacar) tem o sentido de tornar benévolo".61 O Cânon conciliar escreve: "Aplacado por esta oblação, o Senhor, concedendo a graça e o dom da penitência perdoa os crimes e os pecados por grandes que sejam". Essas palavras, que retornam em numerosas preces do Missal Romano, hoje pedem clara explicação para que não apareça um Deus que precisa do sacrifício do Filho para aplacar sua ira; concepção que acompanha as religiões e também o Primeiro Testamento.62

Outros dois anátemas (DS 1753 e 1754), diretamente ligados à teologia de Lutero: contra quem tomar a noção de sacrifício em sentido puramente figurado e afirmar que a missa seja "somente um sacrifício de louvor e ação de graças", simples comemoração do sacrifício de Jesus, na cruz; um segundo, contra quem recusar o íntimo nexo entre sacrifício da missa e sacrifício da cruz.63

Concluo com a observação de Neunheuser:

A obra reformadora de Trento e dos papas é digna de altíssimo louvor: salvou a liturgia da crise do século XVI. Todavia, é também uma obra limitada: enquanto deu forma fixa à liturgia para superar a situação quase caótica daquela época, também afastou-a da vida real, quase a 'congelou', constrangendo assim a piedade dos fiéis a afastar-se dela para dirigir-se a formas de piedade popular e devoção.64

De Trento ao Vaticano II

Após Trento, a teologia católica repete fielmente o que o Concílio tinha afirmado. Com estilo apologético, apresentam-se, de maneira não unitária, os três temas conciliares sobre Eucaristia: a presença sacramental, o sacrifício e a comunhão. Resumindo, os teólogos protestantes evidenciavam, de maneira simbólica e dinâmica, a Ceia de Jesus, a fé subjetiva, que se se manifesta na participação convivial, a escuta da Palavra. A parte católica, fiel à longa Tradição e à herança da Idade Média e dos ensinamentos do Concílio, continuou sustentando a objetividade da presença, o culto eucarístico, o valor da adoração, as disposições do fiel como condição necessária para a eficácia do sacramento.

O Concílio não explicou o porquê de suas afirmações, "pois não estava em condições de fazê-lo".65 O teólogo liturgista Marsili, avaliando os decretos tridentinos, observa que, no Decreto sobre a sagrada eucaristia (DS 1630-50), não há nenhuma alusão ao valor sacrifical da Eucaristia. O Concílio apresentou só a distinção medieval entre sacramento e sacrifício e, com a Doutrina sobre o sacrifício da missa, forneceu também, os elementos para uma superação dessa distinção. Conclui:

Os pós-tridentinos não notaram isso e continuaram mantendo a distinção, privilegiando naturalmente o sacramento e consequentemente olhando o sacrifício exclusivamente pela ótica sacrifical. (...) Com isso, iniciou-se um novo problema, o da essência do sacrifício da missa, devido à obstinação em considerá-lo pela ótica sacrifical. Colocando-nos numa ótica sacramental, que vê a missa como sacramento do sacrifício de Cristo, toda esta problemática desaparece, porque o sacramento põe a presença deste determinado sacrifício do modo como ele se realizou e com todos os seus componentes.

Acrescento a clara observação do teólogo catequeta Gopegui:

Fica patente o beco sem saída em que adentram a teologia e a piedade popular quando pretendem explicar o mistério por algo exterior ao próprio mistério. Deixando-nos guiar pela própria celebração do Mistério, compreendemos que a Eucaristia é sacrifício por ser memorial do sacrifício de Cristo, sacramento do sacrifício do Cristo. Antes de explicar isto, será oportuno interrogar à tradição da Palavra divina o que se entende por sacrifício do Cristo.66

Nos séculos que se sucederam a Trento, os teólogos apresentaram um "emaranhado inextricável de teorias" (seria demorado resumi-las).67 Depois de apresentar diferentes teorias, Giraudo cita dois autores do século XX: Luís BOUYER e Max THURIAN.68 Neles, reconhece "o comum interesse que dedicam à noção de memorial" e a "conjunção que os dois autores fazem entre memorial e sacrifício". Cita de Thurian: "Só na perspectiva bíblica do memorial é possível falar da Eucaristia como de um sacrifício"; e Bouyer: "... o memorial se torna, portanto, uma forma superior de sacrifício. Por fim, a terceira constante é dada pela conjunção de memorial, sacrifício e banquete". Conclui Giraudo: "Cremos poder identificar o principal mérito dos dois autores em ter reconduzido a problemática sacrifical da Eucaristia a suas origens bíblico-judaicas e, além disso, em ter sublinhado com insistência a importância do memorial bíblico, entendendo como penhor da contínua presença salvífica de Deus na história".69

Considerar a celebração da Eucaristia numa ótica sacramental é o modo mais significativo e o único que, fiel aos conteúdos mais profundos de Trento, favorece melhor compreensão do que fazemos na celebração.

Observações de hermenêutica70

Vimos que, no final do primeiro e início do segundo milênio, a atenção sobre a Eucaristia se concentrou na consagração; celebravam-se missas sem que a assembleia recebesse a comunhão e se procurava o sentido da Eucaristia sem referência ao rito. Em geral, realizavam-se os ritos dos sacramentos guiados somente pelo intelecto, sem prestar atenção aos sentidos, fora do espaço e do tempo. Assim, as três dimensões de sacrifício, sacramento e comunhão, próprias da Eucaristia, procediam separadas.

Por isso, foi preciso reler a tradição eucarística com categorias novas, procurar uma nova hermenêutica, elaborar uma teologia do rito e da ação ritual considerada qual forma do sacramento. Nos decênios que precederam e acompanharam a reforma litúrgica do Vaticano II, a lex orandi foi reconhecida, com maior clareza, como locus theologicus. Todo o rito da missa – e não só a consagração – começou a ser visto como experiência do mistério pascal, recuperando a dimensão epiclética e a participação na comunhão eucarística. A reflexão teológica entendeu que, para definir o sentido teológico da Eucaristia, é preciso considerar o rito mesmo, a "contingência ritual"; o conteúdo doutrinal, passa pela "inteligência ritual".

Para entrar no "saber ritual" da Eucaristia – em suas dimensões dogmática, disciplinar, histórica e litúrgica – pedem-se outros saberes que favoreçam uma experiência capaz de envolver a totalidade da pessoa e das pessoas que celebram o mistério pascal do Senhor. As ações rituais são síntese de interioridade e exterioridade, de pessoal e comunitário. O acesso ao sacramento não acontece de maneira imediata, mas através da mediação das formas fundamentais da experiência que a liturgia proporciona.

Na história do Movimento litúrgico do século 20, essa hermenêutica amadureceu nos anos 30-40, sobretudo pelo debate entre Romano Guardini e Joseph Jungmann a respeito da forma fundamental (Grundgestalt) da Eucaristia.71

Na teologia do passado – assumida oficialmente pelo Concílio de Florença (1439) – a forma, entendida como causa formal, era o elemento do sacramento que unia o ato da Igreja à ação do Senhor (e agia junto com a matéria – causa material, e o ministro – causa eficiente). Com a introdução da forma ritual (que Guardini identificava na ceia, enquanto Jungmann na oração eucarística), é introduzido um novo lugar hermenêutico.

Para responder à pergunta: "Onde e como se encontram e se reconhecem o Corpo de Cristo sacramental e o Corpo de Cristo eclesial", precisava-se de uma resposta mais articulada.

De maneira resumida, podemos afirmar que, ao longo da história, sucederam-se três modalidades de reflexão a respeito da Eucaristia:

a) Uma primeira modalidade, caracterizada pela busca da essência (Wesen) do sacramento: através de uma aproximação sistemática, buscava-se definir a forma essencial da Eucaristia com o conceito, a ideia (êidos, no grego, forma, em latim); serviu, na escolástica, para explicar o sentido da Eucaristia, como acontece a presença do Senhor entre nós, e nossa "comunhão" com Ele. No centro do saber, está o ens, não a actio.

b) Outro modo destaca as formas históricas (Gestalt) em que, ao longo do tempo, a Eucaristia foi celebrada e como a comunidade cristã viveu a "missa", acolheu a presença do Senhor em seu meio. Ao longo da história, a forma assumiu formas diferentes, onde a praxe ritual e a reflexão teórica interagem.

c) O terceiro perfil refere-se à execução da celebração (Vollzug), isto é, olha a forma como manifestação exterior, visível, sensível (a morphê dos gregos) com que a ação ritual é realizada, observada, participada. Esse perfil ritual – que entrou na reflexão há pouco mais de um século – numa linguagem renovada, está envolvendo a consciência pastoral e espiritual da Igreja. Trata-se de uma aproximação litúrgica que destaca a Eucaristia como ação ritual, sagrada, introduz a linguagem simbólica, não verbal, a experiência corpórea, comunitária do sacramento, alicerça uma comunhão a-ritual com o corpo de Cristo sacramental e eclesial, valorizando totalmente a forma ritual como a forma histórica da Eucaristia. Essa modalidade de leitura da "celebração ritual" é feita a partir da análise dos textos litúrgicos e de uma nova reflexão antropológica que evidencia o valor das "práticas religiosas" (a refeição, a palavra, o reunir-se, a iniciação, a cura, a relação afetiva e social, o poder). Tudo isso encontra confirmação nas palavras de SC 48: id [eucharisticum mysterium] bene inteligentes per ritos et preces = compreendendo bem [o mistério eucarístico] por meio dos ritos e das orações. Com isso, não se diminui a importância do conhecimento sistemático, mas não se o isola da história e do conhecimento simbólico.

O CONCÍLIO VATICANO II

Com certeza, quando o nosso povo tiver compreendido o que é a missa
e a tiver sentido não mais como uma ação incompreensível
e quase mágica do sacerdote, mas como algo próprio...,
será fácil persuadi-lo da obrigação de cumprir o preceito:
mais do que um preceito, a missa festiva se tornará uma necessidade
do espírito, como é, para o corpo, o alimento cotidiano
(Card. G. Lercaro: A messa, figlioli, 1957)

Revisitamos brevemente a longa história que, através dos séculos, nos recordou a aliança de Deus com o seu povo; fizemos memória do evento fundante de nossa fé, isto é, do mistério pascal da vida, morte, ressurreição, ascensão do Senhor e dom do Espírito. Saboreamos o sentido desse mistério de amor que Jesus deixou à sua Igreja. Recordamos as tantas contradições e infidelidades de seus discípulos e discípulas ao longo dos séculos, reconhecendo, também, as fadigas para compreender e viver o sublime dom do amor do Senhor. Chegando aos nossos dias, queremos considerar a Eucaristia e o mistério de Cristo na reflexão do grande evento da nossa história eclesial: o Concílio Vaticano II.

Uma compreensão melhor exigiria a contextualização do que aconteceu, nos últimos séculos, a respeito do nosso tema. Os movimentos culturais que marcaram a Europa, sobretudo iluminismo e romanticismo, e influenciaram a vivência litúrgica, positiva e negativamente.72 Os Papas também entraram na busca de renovação eclesial: Pio X, num documento (Tra le sollecitudini) sobre a música sacra, afirmava: "O verdadeiro espírito cristão consiste na participação ativa dos fiéis nos mistérios sagrados"; o Papa Pio XII, com a importante Carta Encíclica Mediator Dei (1947), reconheceu os esforços do Movimento Litúrgico e mandou mensagem aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral Litúrgica de Assis (1956), em que diz: o Movimento Litúrgico "surge como sinal das disposições providenciais de Deus, para o tempo presente, como passagem do Espírito Santo, por sua Igreja, para aproximar os homens dos mistérios da fé e das riquezas da graça que provêm da participação ativa dos fiéis na vida litúrgica"; de fato, "Sessenta anos do Movimento litúrgico não haviam passado em vão".73

No Vaticano II, começando pela Constituição sobre liturgia Sacrosanctum Concilium (SC – 1963), à liturgia é dado um sólido embasamento teológico. "O grande mérito do Concílio foi ter posto a liturgia dentro duma perspectiva eminentemente teológica e pastoral. Superou-se uma visão exclusivamente estética e ritualista da liturgia para favorecer sua compreensão teológica".74 Também se não elaborou nenhum documento sobre Eucaristia (só um capítulo de SC), todavia "é interessante notar que todo o Concílio está cheio de alusões à Eucaristia como centro do mistério eclesial":75 sem essa compreensão, esvaziaríamos a reforma conciliar. Um primeiro pensamento, em SC 5:

Esta obra da Redenção humana e da perfeita glorificação de Deus preparada pelas maravilhas realizadas por Deus no povo da Antiga Aliança, cumpriu-se em Cristo Senhor, especialmente por meio do mistério pascal de sua bem-aventurada Paixão, Ressurreição dentre os mortos e gloriosa Ascensão, quando 'morrendo destruiu a morte, e ressurgindo restaurou nossa vida' (Prefácio pascal). Pois do Coração traspassado de Cristo, morto na cruz, nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja.

Definida a identidade da liturgia, SC trata do Sacrossanto mistério da Eucaristia (capítulo II).

Na Última Ceia, na noite em que seria traído, nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de seu Corpo e Sangue, com o qual perpetuaria pelos séculos, até que ele venha (donec veniret), o Sacrifício da Cruz. Deste modo, ele confiou à Igreja, sua amada esposa, o memorial de sua Morte e Ressurreição: sacramento da piedade, sinal da unidade, vínculo de caridade (Santo Agostinho), convívio pascal, 'no qual se recebe o Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado [um] o penhor da glória futura (Breviário: ant. do Magnificat, Corpus Christi) (SC 47).

O documento conciliar manifesta, em seguida, o importante desejo e a busca solícita da Igreja: "Que os fiéis cristãos não estejam como estranhos e mudos espectadores, neste mistério da fé". Logo propõe uma "metodologia litúrgica" sobre a qual ainda estamos em dívida para traduzir em comportamentos coerentes: per ritus et preces id (fidei mysterium) bene inteligentes, isto é, "o mistério da fé se compreende bem por meio dos ritos e das orações".76

A esse respeito, acrescento breves considerações, seguindo livremente o liturgista Andrea Grillo que, numa extensa obra sobre Eucaristia, amplamente disserta

sobre a “forma fundamental” da Eucaristia.

De fato, a mediação ritual – na sua forma fundamental de ceia e/ou de oração eucarística – torna-se condição para aceder à verdade do sacramento e não mais mera cerimônia exterior de um núcleo diretamente acessível independentemente dela. Graças ao conceito de forma fundamental não é mais possível uma relação imediata com o significado da Eucaristia, sem a mediação da ceia e/ou da anáfora. Um elemento contingente se torna necessário. (...) À atenção exclusiva da teologia nas palavras da fórmula, pronunciadas sobre a matéria válida por parte do ministro ordenado, substitui-se uma atenção ao inteiro regime verbal, ao qual se acrescenta uma nova percepção do regime não-verbal, cujos sujeitos são Cristo e a Igreja, o Senhor e a assembleia reunida, em relação ao “cear juntos” e ao “orar juntos”, a cujo serviço está uma articulada estrutura ministerial.77

Abrindo para ulteriores e complexas reflexões, Grillo se apropria da síntese de outro autor (Crespani) e assume que “uma bela definição de Eucaristia que seja fiel à tradição, mas sem renunciar a traduzi-la [para o nosso tempo], pode ser formulada assim: ‘O anúncio da morte do Senhor se torna presente na igreja numa ceia de escuta da palavra e de oração em ação de graças’”.78

Essas essenciais observações abrem para uma renovada compreensão da Eucaristia, de seus ritos e da modalidade celebrativa. Tudo o que fazemos na celebração da Eucaristia (e demais sacramentos) deve ser vivido como experiência de total envolvimento no mistério pascal do Senhor. Sua presença real passa pela experiência de comunhão junto com a oração de Cristo e da Igreja. A maior riqueza bíblica (cf. SC 51) que o Concílio nos fez recuperar, a rica liturgia da Palavra – contato sacramental com o Senhor (SC 7) – evento performático (Papa Bento XVI, Verbum Domini 56) –, oração eucarística bem proclamada (com calma, fé e arte verdadeira), rito de comunhão, expressão ritual do nosso caminhar pelas estradas da vida rumo ao Reino: tudo deve ser vivido como sequência ritual qualificante o evento que celebramos: o mistério pascal do Senhor, até que Ele venha.

O documento conciliar apontou as ideias que deveriam nortear uma sólida reforma da liturgia, motivando-a. Na Instrução Geral do Missal Romano (IGMR), lê-se que:

Devido à consciência de nova situação do mundo de hoje, não se julgou comprometer o venerável tesouro da tradição, modificando-se algumas expressões de textos antiquíssimos, para que melhor se adaptassem à atual linguagem teológica e correspondessem melhor à atual disciplina eclesiástica. (...) Desse modo, as normas litúrgicas do Concílio tridentino foram em muitos pontos completadas e aperfeiçoadas pelas normas do Vaticano II, que levou a bom termo os esforços que visavam a aproximar os fiéis da Sagrada Liturgia, empreendidos nos quatro últimos séculos, principalmente nos últimos tempos, graças, sobretudo à estima pelos estudos litúrgicos, promovidos por São Pio X e seus sucessores (IGMR 15).

Então, pode-se colocar entre os passos dados: maior e melhor participação dos fiéis nas ações litúrgicas, escuta mais abundante da Palavra, valorização da homilia, restauração da oração dos fiéis e da concelebração, admissão das línguas vernáculas nas celebrações litúrgicas, possibilidade da comunhão sob as duas espécies, maior participação dos fiéis na comunhão eucarística. Nos anos sucessivos, as orientações conciliares foram realizadas, superando inclusive os textos conciliares. Com numerosos liturgistas, reconheço que “nos dias de hoje, a celebração da Eucaristia apresenta nas comunidades cristãs um aspecto notoriamente melhor do que antes do Concílio”. (...) Não é uma assembleia que ‘assiste’ à missa, mas que ‘celebra a missa’: Na “Missa ou Ceia do Senhor, o povo de Deus é convocado e reunido (...) para celebrar a memória do Senhor ou sacrifício eucarístico” (IGMR 27).79

Anotações conclusivas

A Eucaristia, afirmava Santo Tomás, contém totum mysterium nostrae salutis, a totalidade do mistério da nossa salvação. Enriquecidos pela longa experiência da Igreja, à luz da Palavra e do divino Espírito, a Eucaristia é a última e perene Páscoa de Cristo (In fine saeculorum Pascha nostrum immolatus est Christus: Sacramentário Gelasiano).

Este Congresso Eucarístico nos convida a refletir sobre “Pão em todas as mesas”, contemplando os nossos primeiros irmãos e irmãs que repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles (At 2,46). Enquanto procuramos as raízes e as razões da Eucaristia, minhas palavras visam ser uma simples e incompleta introdução para acolher e viver o grande mistério da nossa fé, e compreender que a Eucaristia é a “expressão litúrgica da entrega máxima por amor” (Texto-Base, p. 50). Participando da Eucaristia, possamos receber incentivos para “fazer o mesmo que Jesus fez” (TB, 51). Como deseja o Papa Francisco, “o dom lá recebido se manifeste na dedicação dos irmãos” (TB 50).

A presença eucarística não acontece por um “milagre cosmológico”, pelo qual o Senhor se esconde debaixo das espécies do pão e do vinho, mas é o dom de si do Senhor, além das dimensões espaciotemporais, no sinal do banquete. Ele que se doou totalmente em sua Páscoa, agora continua se oferecendo à sua Igreja, no símbolo do alimento e da bebida. A Palavra pronunciada, pela potência do Espírito, cria uma novidade, uma mudança: assume os elementos sacramentais na potência do Kyrios e os transforma em dom do seu Corpo glorioso. Os pobres elementos do pão e do vinho se tornam, pela fé, sacramento. O evento eucarístico visa transformar os humanos que acolhem Jesus e se deixam conduzir por Ele: o pão eucarístico abre à vida, à humanidade e sua história, ao mundo e a todas as suas expressões, mantendo permanentemente viva a fé e a comunhão eclesial.

A fé eucarística orienta e sustenta o caminho dos discípulos para a salvação escatológica; o Cristo pascal pega um fragmento do mundo e o torna fermento do homem novo e da transformação final, rumo ao Deus da glória: então Cristo será tudo em todos (Cl 3,11). Na precariedade do espaço e do tempo – que a vida constantemente nos faz experimentar – precisamos sentir a presença do Senhor doado por nós: possamos acolhê-lo com mais intensidade em nossa existência. Em silêncio adorante, na intimidade com o Santíssimo, a quênose indizível de Deus que veio morar no meio de nós entre profundamente em nós, e nos envolva no seu infinito mistério de amor.80

Com padre Gopegui reconheço que:

A ação litúrgica remete constantemente à vida, onde será verificada sua verdade, como o foi na vida de Cristo. (...) Por isso, a vida cristã que nasce da Eucaristia volta a remeter à Eucaristia, numa circularidade que só será consumada na Eucaristia final, viático para a última jornada do caminho para a Glória do Pai.81

Rezemos, com as palavras da Oração Eucarística:

Pela participação neste mistério, ó Pai todo-poderoso, vivificai-nos no Espírito... Fazei que todos os fiéis da Igreja, / discernindo os sinais dos tempos à luz da fé, / empenhem-se coerentemente / no serviço do Evangelho. Tornai-nos atentos às necessidades de todas as pessoas / para que, participando de suas dores e angústias, / de suas alegrias e esperanças, / fielmente lhes anunciemos a salvação / e, com eles, sigamos no caminho do vosso reino (OE para diversas circunstâncias, IV).

Liturgia, Vida da Igreja
Dom Armando Bucciol

REFERÊNCIAS

ALDAZÁBAL, José. **A Eucaristia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BACIOCCHI, J. **L'Eucaristia**. Roma: Desclée & C. – Editori Pontifici, 1968.

BIANCHI, Enzo. Un pane unico per giudei e gentili. In: **La cena del Signore**. Parola Spirito e Vita. Quaderni di lettura biblica, 7). Bolonha: EDB, 1987.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Documentos.** Brasília: CNBB, 2018.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral do Missal Romano**. Brasília: CNBB, 2016.

D'ANNIBALE, Miguel Ángel. A celebração eucarística. In: CELAM. **A celebração do Mistério Pascal**. (Manual de Liturgia, III). Os Sacramentos: sinais do mistério pascal. São Paulo: Paulus, 2005.

FABRIS, Rinaldo. Storia della Salvezza e momento celebrativo nel Nuovo Testamento. In: **Celebrare il Mistero di Cristo**. Atti della VI Settimana di Studio dell'Associazione professori di liturgia. Roma, 5-7 settembre 1977. Bologna: Dehoniane, 1978.

GIRAUDO, César. **Num só Corpo**. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003.

GOPEGUI, Juan A. Ruiz. **Eukharistia**. Verdade e caminho da Igreja. São Paulo: Loyola, 2008.

GRILLO, Andrea. **Eucaristia**. Azione rituale, forme storiche, essenza sistematica. Brescia: Queriniana, 2019.

JEREMIAS, Joachim. **Le parole dell'ultima cena**. Brescia: Paideia, 1973.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. Brasília: CNBB, 2013.

MARSILI, Salvatore. Das origens da liturgia cristã às caracterizações rituais. In: **Anámnesis 2**. Panorama histórico geral da Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1987.

MARSILI, Salvatore. A Eucaristia no magistério do Concílio de Trento. In: **Anámnesis 3**. A Eucaristia, teologia e história da celebração. São Paulo: Paulinas, 1987.

MARSILI, Salvatore. **Sinais do Mistério de Cristo**. Teologia litúrgica dos Sacramentos, espiritualidade e Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2010.

NEUNHEUSER, Burkhard. **História da liturgia através das épocas culturais**. São Paulo: Loyola, 2007.

PADOIN, Giacinto. **Il pane che io darò.** Il Sacramento dell'Eucaristia. Roma: Borla, 1983.

RIGHETTI, Mario. **La messa**. Commento storico-liturgico alla luce del Concilio Vaticano II. Manuale di storia liturgica, v. III. 3. ed. Milano: Àncora, 1966.

SILVA, José Ariovaldo. **A celebração do Mistério de Cristo ao longo da história**. Panorama histórico geral da liturgia. In: CELAM. A celebração do mistério pascal. Outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja. Manual de Liturgia. v. IV. São Paulo: Paulus, 2007. p. 445-518.

SORCI, Pietro. Mistério Pascal. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille Maria (Org.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 2004. p. 771-787.

Depois da conferência, seguiram-se, às 11 da manhã, as oficinas.

Segue, abaixo, o esquema utilizado por D. Antônio Carlos Cruz Santos, MSC, em sua oficina, fornecido pelo próprio bispo de Caicó e vice-presidente do regional Nordeste 2 da CNBB.

ESPIRITUALIDADE EUCARÍSTICA:
entre a piedade e escrúpulos

Dom Antonio Carlos Cruz Santos, msc

Um homem perplexo: o cristão na sociedade[82]

a) Mal-estar, sobretudo nos grandes centros urbanos

i. Católicos que abandonam suas práticas religiosas, que se afastam da Igreja, que vivem aparentemente tranquilos uma existência sem referências cristãs.

ii. Valores da cultura hodierna: exaltação do fator econômico, busca do bem-estar, anseio do sucesso a todo custo, culto à privacidade, dedicação à família.

iii. "Novas questões existenciais": preocupação pelo status, pelo consumo, de realização afetiva, de felicidade imediata.

1. Antiga Constituições MSC: Ama nesciri et pro nihilo reputari (O MSC ama ser desconhecido e ser considerado por nada)

iv. Deus é alguém que se recorre nos momentos difíceis

v. Por trás desta fachada tranquila da indiferença parece agitarem-se tensões e angústias que se manifestam ruidosamente, em nossos dias, na busca desenfreada do religioso, do místico, do exótico, enfim, do sagrado.

1. Este fenômeno vem corrigir um diagnóstico apressado sobre o esfriamento religioso de nossos contemporâneos.

vi. A maneira mais simples e mais cômoda para sair desse impasse: ceder à tentação do moralismo.

1. Afasta-se da Igreja porque ela impõe padrões éticos de comportamento, numa época de permissividade e hedonismo.

vii. Este juízo é verdadeiro, mas incompleto.

1. Entre os afastados da Igreja há muita gente de boa vontade, de vida familiar e profissional irreprochável, querendo abrir mais espaço para Deus em suas vidas.

2. Falsidade de uma visão maniqueísta: nem sempre as bandeiras das grandes causas humanas inspiradas no Evangelho estão sendo empunhadas por mãos católicas. Em algumas delas a Igreja chega mesmo atrasada.

3. Um fenômeno muito sério: o hiato entre o discurso e prática da Igreja, por um lado, e, de outro, o discurso e a prática da Igreja realmente significativos aos olhos de nossos contemporâneos.

a. Testemunho de um bispo europeu numa procissão de uma missão de ordenação episcopal: os jovens perguntavam aonde vão esses homens com essas roupas esquisitas?

b. “O que é bispo?”, perguntou-me o filho de um amigo meu. Respondi: é o chefe dos padres.

c. “Aquele cara do chapéu invocado, acho que é o seu patrão”.

b) A lei da encarnação é central para o cristianismo.

i. A evangelização só se torna eficaz onde ela se encarna dentro de uma cultura.

ii. É preciso conhecer os homens aos quais vai dirigida a Palavra de Deus, logo é necessário penetrar a cultura na qual vivem, sonham, sofrem e amam.

iii. Um urgente recado aos responsáveis pela política pastoral na Igreja: a opção pelos pobres (expressa em Medellín, Puebla, confirmada pelo Magistério da Igreja), mesmo sendo urgente e necessária, profundamente evangélica, absolutamente indispensável para a própria credibilidade da Igreja no mundo moderno, revela-se insuficiente para as prementes transformações sociais.

1. Fatores de ordem cultural estão atuando decisivamente para a manutenção do status quo.

2. Os dois enfoques, socioeconômico e sociocultural, não se opõem, pois se necessitam mutuamente.

O que é piedade Eucarística?

a. **As palavras piedade, piedoso(a) e piedosamente** são encontradas mais de 40 vezes no Novo Testamento (RA2), e frequentemente são mal-entendidas. A nossa palavra "piedade" vem do latim, e tem dois sentidos: "1. Amor e respeito às coisas religiosas; religiosidade; devoção. 2. Pena dos males alheios; compaixão, dó, comiseração" (Novo Dicionário Aurélio, 2ª ed.). Na linguagem popular, e muitas vezes no Antigo Testamento, a palavra tem o segundo sentido e traz a ideia de compaixão. Mas, no Novo Testamento, o sentido normalmente é o primeiro, ou seja, devoção a Deus ou respeito às coisas religiosas.

b. **A piedade eucarística de São Francisco de Assis:** Tomás de Celano apresenta um sugestivo retrato da piedade do santo em todos os aspectos: “ardia com fervor que vinha do mais profundo de seu ser para com o sacramento do corpo do Senhor, pois ficava literalmente estupefato diante de tão amável condescendência e de tão digna caridade. Achava que era um desprezo muito grande não assistir pelo menos a uma missa cada dia, se pudesse. Comungava multas vezes, e com tamanha devoção que tornava devotos também os outros. Como tinha toda reverência para com tudo aquilo que se deve reverenciar, oferecia o sacrifício de todos os seus membros e, recebendo o cordeiro imolado, imolava o seu espírito com aquele fogo que sempre ardia no altar de seu coração. Amava a França por ser devota do corpo do Senhor e nela desejava morrer por amor dos sagrados mistérios. Certa ocasião quis mandar os frades pelo mundo com preciosas âmbulas para guardarem o preço de nossa redenção no melhor lugar, onde quer que o encontrassem guardado de maneira menos digna. Queria que tivessem a maior reverência para com as mãos sacerdotais pela autoridade divina que lhes tinha sido conferida para a confecção do santo sacramento. Dizia frequentemente: ‘Se me acontecesse de encontrar ao mesmo tempo um santo descido do céu e um sacerdote pobrezinho, saudaria primeiro o presbítero e me apressaria a beijar suas mãos.’ Até diria: espera, São Lourenço, porque as mãos deste homem seguram a Palavra da vida e têm um poder mais que humano” (2Cel20 1).
(https://franciscanosmtms.org/a-piedade-eucaristica-de-sao-francisco.html#:~:text=O%20ensinamento%20mais%20l%C3%ADmpido%20e,propria%20como%20palavra%20e%20escrito.)

Desvios e escrúpulos Eucarísticos

a. **Laxismo:** Doutrina, tendência ou comportamento que busca suavizar ou limitar as restrições e imposições colocadas pela moral cristã. [Filosofia] Sistema filosófico que se pauta nessa ideia de relaxamento da moral cristã. [Por Extensão] Excesso de tolerância; comportamento de quem procura suavizar obrigações impostas pela moral; permissividade.

i. Ex: Padre numa favela que sacudia o corporal para tirar os farelos, padre que já deixava a comunhão dentro da bolsa que carregava os santos óleos.

b. **Rigorismo:** Ex: jansenismo

conjunto de princípios estabelecidos por Cornélio Jansênio 1585-1638, bispo de Ipres condenado como herege pela Igreja Católica, que enfatizam a predestinação, negam o livre-arbítrio e sustentam ser a natureza humana por si só incapaz do bem.

movimento político que se originou do jansenismo teológico e, estimulado pela oposição dos religiosos da abadia de Port-Royal a Luís XIV, prolongou-se por todo o sec. XVIII.

i. Ex: em um catecismo francês, a expressão amor de Deus só entrou uma única vez: “aqueles que morrerem em pecado mortal estarão eternamente privados do amor de Deus”.

c. **Fervores indiscretos**

i. Fervor indiscreto, Jorge Ambert, SJ

Na doutrina espiritual de Santo Inácio de Loyola fala-se de 'fervor indiscreto'. O que é isso? O fervor é consolação, ardor interno, desejo de santidade... Mas isso não foi discernido, autenticado. E, portanto, facilmente usado pelo "inimigo da natureza humana" para nos enganar. São os casos de espírito maligno apresentado como anjo de luz, o lobo em pele de cordeiro. As pessoas que buscam sinceramente crescer em espírito podem cair nesse falso fervor. Por isso o discernimento, que o Papa Francisco nos enviou recentemente para pedir.

No discernimento, examina-se a decisão, o objetivo pretendido, e que sentimentos espirituais acompanham essa decisão. O que é de Deus vem envolto em sentimentos de verdadeira consolação: paz profunda, cheia de fé, esperança e amor; afasta-se do assustador, está de acordo com o que Deus inspirou em outras ocasiões, é humilde... E, sobretudo, examina "para onde me leva? Qual é o fim desse caminho insinuado?" Nesse caminho, o mau espírito vai insinuar confusão, desânimo, medo... enfim, tudo o que me desvia do que Deus pede. Ou também, e mais difícil, começarei a me empolgar com obras absurdas, acreditando que com isso agrado a Deus ou me santifico...

O fervor indiscreto, portanto, é um desejo ou ação que parece santo, mas pouco a pouco me distancia da verdadeira vontade divina. É como me dizer para pegar um atalho, porque eu chego lá primeiro, e o atalho não vai a lugar nenhum. Eu gostaria de dar um exemplo. Li conselhos espirituais ou práticas religiosas de um homem 'santo'. Insistia em estranhas penitências, segredos que só ele poderia revelar, estranha

obediência à sua direção espiritual... Mais me chamou a atenção o clima de medo que pedia ao seu orientado, cercando-o de posses diabólicas possíveis ou à espreita, demônios e exorcismos assustadores em todos os lugares. Em suma, era algo que cheirava mal para mim. E finalmente me fez exclamar "aqui não vejo mais Deus".

Um ponto estranho para mim sobre aquele homem foi sua afirmação de que receber a comunhão na mão não poderia ser permitido. Isso era como dessacralizar o Sacramento. Opinião claramente contraditória com a direção da Igreja que, aceitando outras formas de receber o sacramento, de forma alguma rejeita fazê-lo na mão. Eu pensei que alguém que pensa que sabe mais do que o Papa, para contradizê-lo em nome de Deus, não pode ser inspirado por Deus. Se receber na mão é indigno, pior seria receber a comunhão diretamente na boca, porque na boca residem muitos micróbios, e, em um descuido, quem lhe dá a comunhão coloca os dedos em sua boca. Se é indigno tocar a hóstia, é indigno tocá-la de qualquer maneira; ou seria melhor não recebê-la, como os jansenistas. Também, teríamos que rejeitar o fato de que as pessoas que não são sacramentalmente ordenadas são ministros da comunhão... Eu, por outro lado, sempre achei mais prático recebê-la na mão. E é como a esmola recebida pelo necessitado para ter vida.

Há muitos anos, um padre, um pregador eloquente, começou a pregar a pobreza que Jesus exige em sua mensagem. Assim é. Mas então ele ataca os líderes porque eles não são pobres. Ele é. Eles danificaram a mensagem de Jesus. Ele tem a verdadeira igreja, que vive essa mensagem de pobreza como Jesus, e a ensina aos seus discípulos. Então ele rompe com a Igreja. Ele acaba formando sua própria igreja. E ele é o guru que todos devem obedecer, porque ele é como um novo Moisés que fala com Deus no Sinai. São Pedro apresenta o diabo em sua carta como um leão rugindo que anda em busca de alguém para devorar. Não é devorar por estalar, porque fugiríamos. É mais fácil com dicas de beleza, de altas realizações espirituais que ninguém entenderia, de práticas religiosas e orações que o elevarão e o encherão do Espírito Santo. São Paulo diz "examinar os espíritos". Porque nem tudo que é amarelo é ouro, e o doce, mesmo sendo doce, destrói os diabéticos.

https://elvisitantepr-com.translate.goog/fervores-indiscretos/_x_tr_sl=es&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc)

d. **Os rubricismos:** a prisão da vírgula

   1. Vale somente o que está escrito: O grupo que rezava com a janela fechada, num calor de 40º, pois o manual dizia que a oração deveria ser feita com a vela acesa.

e. **A pompa litúrgica** que desfoca o mistério

   i. O ostensório não pode ter mais visibilidade do que a hóstia consagrada, o servo não pode parecer maior do que o mestre.

   ii. A liturgia deve ser solene para expressar a dignidade do mistério celebrado, mas não pode ser pomposa, para não velar o mistério da encarnação.

A experiência amorosa que está na fonte da experiência cristã

a) Capacidade de se encantar pelas coisas de Deus

i. Calar diante do inefável: "E o sol sobre a estrada, é o sol sobre a estrada, é o sol" (Força estranha – Caetano Veloso)

ii. "S. João Vianney era pároco da cidade de Ars, na França, no Séc. XVIII. É o padroeiro dos padres.

Certa vez, ele começou a observar que todos os dias um homem entrava na igreja e ficava horas ajoelhado, olhando para frente, mas sem dizer nada.

Um dia, o padre aproximou-se dele e perguntou: "O que o senhor faz aqui na igreja, desse jeito, sem dizer nada para Deus?"

O homem respondeu, apontando para o sacrário: "Eu olho para Ele, e Ele olha para mim!"

Esta é a oração de contemplação. As palavras desaparecem e os corações se encontram e se comunicam de maneira muito mais profunda do que através de palavras."

(https://www.a12.com/redacaoa12/historias-de-vida/s-vianney-e-o-homem-que-olhava-para-ele)

iii. Viktor Frankl contemplando o pôr do sol no campo de concentração.

b) A Volta do Sagrado (França Miranda, pp. 41ss)

i. Não é fácil definir o que é sagrado.

ii. O sagrado aparece como o esforço do homem para compreender, controlar e tornar favorável tudo que se situa para além de seu saber, de seu poder e de sua esperança.

iii. Há uma realidade transcendente, uma verdade que tudo explica, um poder ao qual nada escapa; é ela que arranca o homem de sua solidão no universo, dando-lhe orientação e aconchego ao longo de sua perigosa travessia pela vida; dela se ocupa o sagrado.

iv. O sagrado é uma mediação entre o profano e o divino.

v. O sentido do sagrado, qualquer que seja (pessoas, ritos, tempos, lugares, objetos) é sempre instrumental.

vi. Para o cristianismo, sagrado é primordialmente a pessoa de Jesus Cristo, mediação entre o homem/mundo (profano) e o transcendente (divino); só nele temos acesso a Deus (1Tm 2,5) e só dele recebemos a salvação (At 4,12).

vii. Com a vinda de Jesus Cristo esvazia-se e perde sentido o sagrado veterotestamentário (locais, tempos, pessoas e objetos) (Hb 9-10), pois nele se faz perceptível a presença de Deus (1 Jo1,1-3), o amor de Deus feito carne...

viii. O recrudescimento do sagrado, por si só, não significa crescimento do Reino de Deus; pois este se propaga pela vivência da práxis de Cristo ou pela realização do amor fraterno, o qual, por sua vez, pode muito bem se concretizar fora do sagrado e mesmo da religião institucional.

ix. Grande maioria da população latino-americana encontra-se hoje diante de situações limites, presa de uma angústia permanente pela sobrevivência física (alimentação, saúde, emprego, segurança), esmagada como está por estruturas sociais que geram pobreza, e igualmente invadida pelo medo de perder esse universo simbólico, devido à força destruidora da moderna cultura urbana.

x. Tais situações favorecem o emergir de mentalidade mágica, latente já na estrutura mental primordial dessas pessoas.

O Deus de Jesus Cristo decepciona bastante as expectativas humanas: não aparece como cheio de poder, intervindo a cada momento para satisfazer nossas necessidades, em como um Deus juiz e moralista que excluísse pecadores ou agisse segundo nossos padrões (Mt 20, 1-16), mas que em seu Filho, demonstra uma predileção pelos fracos, doentes, pecadores, socialmente marginalizados e religiosamente excluídos.

O Deus de Jesus Cristo, não sendo um sonho produzido pelo homem para fazer frente às suas dificuldades, e sim um Deus que vem a seu encontro com um desígnio salvífico bem definido, é um Deus que contraria, decepciona e transforma as expectativas de salvação simplesmente humanas e homogêneas (Mt 10,39).

A experiência do mistério.

a) Admirar: Esse verbo vem do Latim ad-, "a, para", mais mirare, "olhar, espantar-se".

b) Entusiasmar:

i. O que é Entusiasmo:

Entusiasmo é um grande interesse, um intenso prazer, uma dedicação ardente, uma paixão, uma veemência com o que se fala ou escreve.

Entusiasmo é uma admiração, um arrebatamento, uma explosão de alegria, uma excitação de maneira exagerada.

Com relação à etimologia, a palavra entusiasmo se deriva do grego "enthousiasmos" que significa "ter um deus interior" ou "estar possuído por Deus".

O entusiasmo pode ser descrito como um estado de excitação da alma, quando esta experimenta uma paixão excessiva. O entusiasmo pode também ser caracterizado por uma alegria ruidosa ou inspiração súbita.

Na Antiguidade, entusiasmo era a exaltação ou arrebatamento extraordinário daqueles que estavam sob inspiração divina. O entusiasta era uma pessoa possuída por um ser divino. Já no século IV o entusiasta era aquele que vivia orando, em estado contemplativo, sendo inspirado pelo Espírito Santo. No século XVIII, os metodistas foram acusados de demonstrações cegas de entusiasmo, sendo muitas vezes descritos como fanáticos.

Entusiasmo, contemporaneamente, é utilizado para descrever o prazer maior de fazer alguma coisa, o gosto forte para algo, ou é desenvolver alguma atividade com paixão e dedicação, mantendo o espírito ativo. Pode haver entusiasmo por quase tudo: pelo futebol, por corridas de Fórmula 1, por teatro, por um cantor sertanejo, por uma escola de samba etc.

ii. "Otimismo é quando, sendo primavera do lado de fora, nasce a primavera do lado de dentro. Esperança é quando, sendo inverno do lado de fora, a despeito dele brilha o Sol de verão no lado de dentro". (Rubem Alves)

1. Cardeal Van Thuan, Viktor Frankl, S. Maximiano Kolbe, Dom Helder

c) Mistério: "Mistério" vem do Grego MÝEIN, "fechar", especialmente os olhos. Quando uma pessoa era iniciada em algum ritual que exigisse segredo, ela devia se comportar como se estivesse com os olhos fechados quando lhe foram apresentadas aquelas informações.

i. O mistério se toca com a ponta dos dedos, não se abarca, não se manipula (conduzir com a mão). "Caminhamos na penumbra da fé" (Prefácio da Missa de Todos os Santos).

d) Encontro fundante de Moisés com Deus:

i. Ex 3, 1-6: 1 Moisés estava pastoreando o rebanho do seu sogro Jetro, sacerdote de Madiã. Levou as ovelhas além do deserto e chegou ao Horeb, a montanha de Deus. 2 O anjo de Javé apareceu a Moisés numa chama de fogo do meio de uma sarça. Moisés prestou atenção: a sarça ardia no fogo, mas não se consumia. 3 Então Moisés pensou: «Vou chegar mais perto e ver essa coisa estranha: por que será que a sarça não se consome?» 4 Javé viu Moisés que se aproximava para olhar. E do meio da sarça Deus o chamou: «Moisés, Moisés!» Ele respondeu: «Aqui estou». 5 Deus disse: «Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado». 6 E continuou: «Eu sou o Deus de seus antepassados, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó». Então Moisés cobriu o rosto, pois tinha medo de olhar para Deus.

e) Encontro fundante de Elias com Deus:

i. 1Rs 19, 1-17: 1 Acab contou a Jezabel o que Elias tinha feito e como tinha matado a fio de espada todos os profetas. 2 Então Jezabel mandou um mensageiro a Elias, com este recado: «Que os deuses me castiguem se amanhã, a esta hora, eu não tiver feito com você o mesmo que você fez com os profetas». 3 Elias ficou com medo, levantou-se e partiu para se salvar. Chegou a Bersabéia, em Judá, e aí deixou o seu servo. 4 E continuou a caminhar mais um dia pelo deserto. Por fim, sentou-se debaixo de uma árvore e desejou a morte, dizendo: «Chega, Javé! Tira a minha vida, porque eu não sou melhor que meus pais». 5 Deitou-se debaixo da árvore e dormiu. Então um anjo o tocou e lhe disse: «Levante-se e coma». 6 Elias abriu os olhos e viu bem perto da cabeça um pão assado sobre pedras quentes, e uma jarra de água. Comeu, bebeu e deitou-se outra vez. 7 Mas o anjo de Javé o tocou de novo, e lhe disse: «Levante-se e coma, pois o caminho é superior às suas forças». 8 Elias se levantou, comeu, bebeu e, sustentado pela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites até o Horeb, a montanha de Deus.

9 Elias entrou na gruta da montanha, e aí passou a noite. Então Javé lhe dirigiu a palavra, perguntando: «Elias, o que é que você está fazendo aqui?» 10 Elias respondeu: «O zelo por Javé dos exércitos me consome, porque os israelitas abandonaram tua aliança, derrubaram teus altares e mataram teus profetas. Sobrei somente eu, e eles querem me matar também». 11 Javé lhe disse: «Saia e fique no alto da montanha, diante de Javé, pois Javé vai passar». Então aconteceu um furacão que de tão violento rachava as montanhas e quebrava as rochas diante de Javé. No entanto, Javé não estava no furacão. Depois do furacão, houve um terremoto. Javé, porém, não estava no terremoto. 12 Depois do terremoto, apareceu fogo, e Javé não estava no fogo. Depois do fogo, ouviu-se uma brisa suave. 13 Ouvindo-a, Elias cobriu o rosto com o manto, saiu e ficou na entrada da gruta. Ouviu, então, uma voz que lhe dizia: «O que é que você está fazendo aqui, Elias?» 14 E Elias respondeu: «O zelo de Javé dos exércitos me consome, porque os israelitas abandonaram tua aliança, derrubaram teus altares e mataram teus profetas a fio de espada. Sobrei somente eu, e eles querem me matar também».

15 Javé disse a Elias: «Pegue o caminho de volta, em direção ao deserto de Damasco. Unja Hazael como rei de Aram, 16 e Jeú, filho de Namsi, como rei de Israel. Unja também Eliseu, filho de Safat, natural de Abel-Meúla, como profeta em seu lugar. 17 Quem escapar da espada de Hazael, será morto por Jeú. E quem escapar da espada de Jeú, será morto por Eliseu. 18 Mas eu vou poupar em Israel sete mil homens: são todos os

joelhos que não se dobraram diante de Baal e todos os lábios que não o beijaram».

f) Encontro fundante de Maria com Deus:

i. Lc1,26-38: 26 No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré83. 27 Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, que era descendente de Davi. E o nome da virgem era Maria. 28 O anjo entrou onde ela estava, e disse: «Alegre-se, cheia de graça! O Senhor está com você!» 29 Ouvindo isso, Maria ficou preocupada, e perguntava a si mesma o que a saudação queria dizer. 30 O anjo disse: «Não tenha medo, Maria, porque você encontrou graça diante de Deus. 31 Eis que você vai ficar grávida, terá um filho, e dará a ele o nome de Jesus. 32 Ele será grande, e será chamado Filho do Altíssimo. E o Senhor dará a ele o trono de seu pai Davi, 33 e ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó. E o seu reino não terá fim.» 34 Maria perguntou ao anjo: «Como vai acontecer isso, se não vivo com nenhum homem?» 35 O anjo respondeu: «O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com sua sombra. Por isso, o Santo que vai nascer de você será chamado Filho de Deus. 36 Olhe a sua parenta Isabel: apesar da sua velhice, ela concebeu um filho. Aquela que era considerada estéril, já faz seis meses que está grávida. 37 Para Deus nada é impossível.» 38 Maria disse: «Eis a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra.» E o anjo a deixou.

g) Encontro fundante de Pedro com Jesus:

i. Mc 1, 16-28//Mt 4,18ss: * 16 Ao passar pela beira do mar da Galileia, Jesus viu Simão e seu irmão André; estavam jogando a rede ao mar, pois eram pescadores. 17 Jesus disse para eles: «Sigam-me, e eu farei vocês se tornarem pescadores de homens.» 18 Eles imediatamente deixaram as redes e seguiram a Jesus.

ii. Lc 5, 1-10: Certo dia, Jesus estava na margem do lago de Genesaré. A multidão se apertava ao seu redor para ouvir a palavra de Deus. 2 Jesus viu duas barcas paradas na margem do lago; os pescadores haviam desembarcado, e lavavam as redes. 3 Subindo numa das barcas, que era de Simão, pediu que se afastasse um pouco da margem. Depois, sentou-se e, da barca, ensinava as multidões. 4 Quando acabou de falar, disse a Simão: «Avance para águas mais profundas, e lance as redes para a pesca.» 5 Simão respondeu: «Mestre, tentamos a noite inteira, e não pescamos nada. Mas, em atenção à tua palavra, vou lançar as redes.» 6 Assim fizeram, e apanharam tamanha quantidade de peixes, que as redes se arrebentavam. 7 Então fizeram sinal aos companheiros da outra barca, para que fossem ajudá-los. Eles foram, e encheram as duas barcas, a ponto de quase afundarem. 8 Ao ver isso, Simão Pedro atirou-se aos pés de Jesus, dizendo: «Senhor, afasta-te de mim, porque sou um pecador!» 9 É que o espanto tinha tomado conta de Simão e de todos os seus companheiros, por causa da pesca que acabavam de fazer. 10 Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram sócios de Simão, também ficaram espantados. Mas Jesus disse a Simão: «Não tenha medo! De hoje em diante você será pescador de homens.» 11 Então levaram as barcas para a margem, deixaram tudo, e seguiram a Jesus.

iii. Jo 1, 35-42: 35 No dia seguinte, João aí estava de novo, com dois discípulos. 36 Vendo Jesus que ia passando, apontou: «Eis aí o Cordeiro de Deus.» 37 Ouvindo essas palavras, os dois discípulos seguiram a Jesus. 38 Jesus virou-se para trás, e vendo que o seguiam, perguntou: «O que é que vocês estão procurando?» Eles disseram: «Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras?» 39 Jesus respondeu: «Venham, e vocês verão.» Então eles foram e viram onde Jesus morava. E começaram a viver com ele naquele mesmo dia. Eram mais ou menos quatro horas da tarde.

40 André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram as palavras de João e seguiram a Jesus. 41 Ele encontrou primeiro o seu próprio irmão Simão, e lhe disse: «Nós encontramos o Messias (que quer dizer Cristo).» 42 Então André apresentou Simão a Jesus. Jesus olhou bem para Simão e disse: «Você é Simão, o filho de João. Você vai se chamar Cefas (que quer dizer Pedra).»

iv. Jo 21, 1-3.15-19: 1 Jesus apareceu aos discípulos na margem do mar de Tiberíades. E apareceu deste modo: 2 Estavam juntos Simão Pedro, Tomé chamado Gêmeo, Natanael de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e outros dois discípulos de Jesus. 3 Simão Pedro disse: «Eu vou pescar.» Eles disseram: «Nós também vamos.» Saíram e entraram na barca. Mas naquela noite não pescaram nada.

15 Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: «Simão, filho de João, você me ama mais do que estes outros?» Pedro respondeu: «Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.» Jesus disse: «Cuide dos meus cordeiros.» 16 Jesus perguntou de novo a Pedro: «Simão, filho de João, você me ama?» Pedro respondeu: «Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.» Jesus disse: «Tome conta das minhas ovelhas.» 17 Pela terceira vez Jesus perguntou a Pedro: «Simão, filho de João, você me ama?» Então Pedro ficou triste, porque Jesus perguntou três vezes se ele o amava. Disse a Jesus: «Senhor, tu conheces tudo, e sabes que eu te amo.» Jesus disse: «Cuide das minhas ovelhas. 18 Eu garanto a você: quando você era mais moço, você colocava o cinto e ia para onde queria. Quando você ficar mais velho, estenderá as suas mãos, e outro colocará o cinto em você e o levará para onde você não quer ir.» 19 Jesus falou isso aludindo ao tipo de morte com que Pedro iria glorificar a Deus. E Jesus acrescentou: «Siga-me.»

h) Encontra fundante de Paulo com Jesus:

i. At 9, 1-19: 1 Saulo só respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor. Ele apresentou-se ao sumo sacerdote, 2 e lhe pediu cartas de recomendação para as sinagogas de Damasco, a fim de levar presos para Jerusalém todos os homens e mulheres que encontrasse seguindo o Caminho.

3 Durante a viagem, quando já estava perto de Damasco, Saulo se viu repentinamente cercado por uma luz que vinha do céu. 4 Caiu por terra, e ouviu uma voz que lhe dizia: «Saulo, Saulo, por que você me persegue?» 5 Saulo perguntou: «Quem és tu, Senhor?» A voz respondeu: «Eu sou Jesus, a quem você está perseguindo. 6 Agora, levante-se, entre na cidade, e aí dirão o que você deve fazer.» 7 Os homens que acompanhavam Saulo ficaram cheios de espanto, porque ouviam a voz, mas não viam ninguém. 8 Saulo se levantou do chão e abriu os olhos, mas não conseguia ver nada. Então o pegaram pela mão e o levaram para Damasco. 9 E Saulo ficou três dias sem poder ver, e não comeu nem bebeu nada.

10 Em Damasco havia um discípulo chamado Ananias. O Senhor o chamou numa visão: «Ananias!» E Ananias respondeu: «Aqui estou, Senhor!» 11 E o Senhor disse: «Prepare-se, e vá até a rua que se chama rua Direita e procure, na casa de Judas, um homem chamado Saulo, apelidado Saulo de Tarso. Ele está rezando 12 e acaba de ter uma visão. De fato, ele viu um homem chamado Ananias impondo-lhe as mãos para que recuperasse a vista.» 13 Ananias respondeu: «Senhor, já ouvi muita gente falar desse homem e do mal que ele fez aos teus fiéis em Jerusalém. 14 E aqui em Damasco ele tem plenos poderes, que recebeu dos chefes dos sacerdotes, para prender todos os que invocam o teu nome.» 15 Mas o Senhor disse a Ananias: «Vá, porque esse homem é um instrumento que eu escolhi para anunciar o meu nome aos pagãos, aos reis e ao povo de Israel. 16 Eu vou mostrar a Saulo quanto ele deve sofrer por causa do meu nome.» 17 Então Ananias saiu, entrou na casa e impôs as mãos sobre Saulo, dizendo: «Saulo, meu irmão, o Senhor Jesus, que lhe apareceu quando você vinha pelo caminho, me mandou aqui para que você recupere a vista e fique cheio do Espírito Santo.» 18 Imediatamente caiu dos olhos de Saulo alguma coisa parecida com escamas, e ele recuperou a

vista. Em seguida, Saulo se levantou e foi batizado. 19 Logo depois, comeu e ficou forte como antes.

ii. 2Cor 12, 10-: 1 É preciso gabar-se? Embora não convenha, vou mencionar as visões e revelações do Senhor. 2 Conheço um homem em Cristo, que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se estava em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe. 3 Sei apenas que esse homem – se no corpo ou fora do corpo não sei; Deus o sabe! – 4 foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não são permitidas ao homem repetir. 5 Quanto a esse homem, eu me gabarei; mas quanto a mim, só vou me gabar das minhas fraquezas. 6 Se eu quisesse me gabar, não seria louco, pois só estaria dizendo a verdade. Mas isso eu não faço, a fim de que ninguém tenha de mim conceito superior àquilo que vê em mim ou me ouve dizer.

7 Para que eu não me inchasse de soberba por causa dessas revelações extraordinárias, foi me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás para me espancar, a fim de que eu não me encha de soberba. 8 Por esse motivo, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. 9 Ele, porém, me respondeu: «Para você basta a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder.» Portanto, com muito gosto, prefiro gabar-me de minhas fraquezas, para que a força de Cristo habite em mim. 10 E é por isso que eu me alegro nas fraquezas, humilhações, necessidades, perseguições e angústias, por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte.

iii. Fl 3,7-9: 7 Por causa de Cristo, porém, tudo o que eu considerava como lucro, agora considero como perda. 8 E mais ainda: considero tudo uma perda, diante do bem superior que é o conhecimento do meu Senhor Jesus Cristo. Por causa dele perdi tudo, e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo, 9 e estar com ele.

i) Instituição da Eucaristia e o Lava-pés

i. Mc 14,22-25 (// Mt 26,26-29, Lc 22,19-20; 1Cor 11,23-25):

2 Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu a eles, e disse: «Tomem, isto é o meu corpo.» 23 Em seguida, tomou um cálice, agradeceu e deu a eles. E todos eles beberam. 24 E Jesus lhes disse: «Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos. 25 Eu garanto a vocês: nunca mais beberei do fruto da videira, até o dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus.»

ii. Jo 6,51: 51 E Jesus continuou: «Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem come deste pão viverá para sempre. E o pão que eu vou dar é a minha própria carne, para que o mundo tenha a vida.»

iii. Jo 13,1-17: 1 Antes da festa da Páscoa, Jesus sabia que tinha chegado a sua hora. A hora de passar deste mundo para o Pai. Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. 2 Durante a ceia, o diabo já tinha posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de trair Jesus. 3 Jesus sabia que o Pai tinha colocado tudo em suas mãos. Sabia também que tinha saído de junto de Deus e que estava voltando para Deus.

4 Então Jesus se levantou da mesa, tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a na cintura. 5 Colocou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, enxugando com a toalha que tinha na cintura. 6 Chegou a vez de Simão Pedro. Este disse: «Senhor, tu vais lavar os meus pés?» 7 Jesus respondeu: «Você agora não sabe o que estou fazendo. Ficará sabendo mais tarde.» 8 Pedro disse: «Tu não vais lavar os meus pés nunca!» Jesus respondeu: «Se eu não o lavar, você não terá parte comigo.» 9 Simão Pedro disse: «Senhor, então podes lavar não só os meus pés, mas até as mãos e a cabeça.» 10 Jesus falou: «Quem já tomou banho, só precisa lavar os pés, porque está todo limpo. Vocês também estão limpos, mas nem todos.» 11 Jesus sabia quem o iria trair; por isso é que ele falou: «Nem todos vocês estão limpos.»

12 Depois de lavar os pés dos discípulos, Jesus vestiu o manto, sentou-se de novo e perguntou: «Vocês compreenderam o que acabei de fazer? 13 Vocês dizem que eu sou o Mestre e o Senhor. E vocês têm razão; eu sou mesmo. 14 Pois bem: eu, que sou o Mestre e o Senhor, lavei os seus pés; por isso vocês devem lavar os pés uns dos outros. 15 Eu lhes dei um exemplo: vocês devem fazer a mesma coisa que eu fiz. 16 Eu garanto a vocês: o servo não é maior do que o seu senhor, nem o mensageiro é maior do que aquele que o enviou. 17 Se vocês compreenderam isso, serão felizes se o puserem em prática.»

j) Encarnação: Humano e Divino – Uma tensão salutar de origem

i. "Jesus foi tão humano, que somente Deus poderia ser humano assim". (São Leão Magno, Papa e Doutor da Igreja, + 461).

1. “Tão humano assim só poderia ser Deus. Tão divino assim só poderia ser humano” (Leonardo Boff)

ii. “Por esta razão, o Verbo se tornou o administrador da graça do Pai para proveito dos homens. Em favor deles, pôs em prática o seu plano: mostrar Deus ao homem e apresentar o homem a Deus. No entanto, conservou a invisibilidade do Pai: desta forma o homem não desprezaria a Deus e seria sempre estimulado a progredir. Ao mesmo tempo, mostrou também, por diversos modos, que Deus é visível aos homens, para não acontecer que, privado totalmente de Deus, o homem chegasse a perder a própria existência. Pois a glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus. Com efeito, se a manifestação de Deus através da criação dá a vida a todos os seres da terra, muito mais a manifestação do Pai, por meio do Verbo dá a vida a todos os que veem a Deus. (Santo Irineu de Lion, Bispo e Mártir, 130-202, discípulo de Policarpo, que foi discípulo de S. João Evangelista)

iii. S. Oscar Romero da América Latina, conforme Jon Sobrino: “A glória de Deus é a vida dos pobres”

(https://www.ihu.unisinos.br/173-noticias/noticias-2011/500600-dom-romero-o-caso-jesuitas-e-a-esperanca)

iv. A tensão da encarnação: Verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus

S. João Crisóstomo (Bispo e Doutor da Igreja, 349-407): “Queres honrar o Corpo de Cristo? Então não O desprezes nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm o que vestir, nem O honres no templo com vestes de seda, enquanto O abandonas lá fora ao frio e à nudez. Aquele que disse: «Isto é o meu Corpo» (Mt 26,26), e o realizou ao dizê-lo, é o mesmo que disse: «Porque tive fome e não Me destes de comer» (cf Mt 25, 35); e também: «Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a Mim que o deixastes de fazer» (Mt 25,42.45). Aqui, o Corpo de Cristo não necessita de vestes, mas de almas puras; além, necessita de muitos desvelos. [...] Deus não precisa de vasos de ouro, mas de almas que sejam de ouro.

Não vos digo isto para vos impedir de fazer doações religiosas, mas defendo que simultaneamente, e mesmo antes, se deve dar esmola. [...] Que proveito resulta de a mesa de Cristo estar coberta de taças de ouro, se Ele morre de fome na pessoa dos pobres? Sacia primeiro o faminto, e depois adornarás o seu altar com o que sobrar. Fazes um cálice de ouro e não dás «um copo de água fresca» (Mt 10,42)? [...] Pensa que se trata de Cristo, que é Ele que parte errante, estrangeiro, sem abrigo; e tu, que não O acolheste, ornamentas a calçada, as paredes e os capitéis das colunas, prendes com correntes de prata as lamparinas, e a Ele, que está preso com grilhões no cárcere, nem sequer vais visitá-Lo? [...] Não te digo isto para te impedir de tal generosidade, mas exorto-te a que a acompanhes ou a faças preceder de outros actos de beneficência. [...] Por conseguinte, enquanto adornas a casa do Senhor, não deixes o teu irmão na miséria, pois ele é um templo e de todos o mais precioso.

(Disponível em:

https://www.diocesedeblumenau.org.br/site/blog/reconhecer-cristo-no-pobre-sao-joao-crisostomo-c-345-407-presbitero-de-antioquia-bispo-de-constantinopla-doutor-da-igreja/)

i) Amor e respeito: respeitar por amor

i. Temor de Deus (Catequese do Papa Francisco em 11 de junho de 2014)

"O dom do temor de Deus, do qual hoje falamos, conclui a série dos sete dons do Espírito Santo. Não significa ter medo de Deus: sabemos que Deus é Pai e nos ama, quer a nossa salvação e nos perdoa sempre; por isso, não há motivo para ter medo dele! Ao contrário, o temor de Deus é o dom do Espírito que nos recorda como somos pequenos diante de Deus e do seu amor, e que o nosso bem está no nosso abandono com humildade, respeito e confiança nas suas mãos. Este é o temor de Deus: o abandono à bondade do nosso Pai, que nos ama imensamente.

Quando estamos cheios do temor de Deus, então somos levados a seguir o Senhor com humildade, docilidade e obediência. Mas isto não com atitude resignada e passiva, até lamentosa, mas com a admiração e a alegria de um filho que se reconhece servido e amado pelo Pai. Portanto, o temor de Deus não faz de nós cristãos tímidos e remissivos, mas gera em nós coragem e força! É uma dádiva que faz de nós cristãos convictos e entusiastas, que não permanecem submetidos ao Senhor por medo, mas porque se sentem comovidos e conquistados pelo seu amor! Ser conquistado pelo amor de Deus! Isto é bom! Deixemo-nos conquistar por este amor de pai, que nos ama muito, que nos ama com todo o seu coração.

Mas estejamos atentos, pois a dádiva de Deus, o dom do temor de Deus constitui também um «alarme» diante da obstinação do pecado. Quando uma pessoa vive no mal, quando blasfema contra Deus, quando explora o próximo, quando tiraniza contra ele, quando vive só para o dinheiro, a vaidade, o poder ou o orgulho, então o santo temor de Deus alerta-nos: atenção! Com todo este poder, com todo este dinheiro, com todo o teu orgulho, com toda a tua vaidade não serás feliz! Ninguém consegue levar consigo para o além o dinheiro, o poder, a vaidade ou o orgulho. Nada! Só podemos levar o amor que Deus Pai nos concede, as carícias de Deus, aceites e recebidas por nós com amor.

(https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20140611_udienza-generale.html)

Proximidade (intimidade) sem banalizar (vulgarizar), beleza sóbria.

i. Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia (S.João Paulo II, 2003): A Igreja vive da Eucaristia.

Nº 48. "Tal como a mulher da unção de Betânia, a Igreja não temeu « desperdiçar », investindo o melhor dos seus recursos para exprimir o seu enlevo e adoração diante do dom incomensurável da Eucaristia. À semelhança dos primeiros discípulos encarregados de preparar a « grande sala », ela sentiu-se impelida, ao longo dos séculos e no alternar-se das culturas, a celebrar a Eucaristia num ambiente digno de tão grande mistério. Foi sob o impulso das palavras e gestos de Jesus, desenvolvendo a herança ritual do judaísmo, que nasceu a liturgia cristã. Porventura haverá algo que seja capaz de exprimir de forma devida o acolhimento do dom que o Esposo divino continuamente faz de Si mesmo à Igreja-Esposa, colocando ao alcance das sucessivas gerações de crentes o sacrifício que ofereceu uma vez por todas na cruz e tornando-Se alimento para todos os fiéis? Se a ideia do « banquete » inspira familiaridade, a Igreja nunca cedeu à tentação de banalizar esta « intimidade » com o seu Esposo, recordando-se que Ele é também o seu Senhor e que, embora « banquete », permanece sempre um banquete sacrificial, assinalado com o sangue derramado no Gólgota. O Banquete eucarístico é verdadeiramente banquete « sagrado », onde, na simplicidade dos sinais, se esconde o abismo da santidade de Deus: O Sacrum convivium, in quo Christus sumitur! - « Ó Sagrado Banquete, em que se recebe Cristo! » O pão que é repartido nos nossos altares, oferecido à nossa condição de viandantes pelas estradas do mundo, é « panis angelorum », pão dos anjos, do qual só é possível abeirar-se com a humildade do centurião do Evangelho: « Senhor, eu não sou digno que entres debaixo do meu tecto » (Mt 8, 8; Lc 6, 6).

ii. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis (Bento XVI, 2007): Sacramento da Caridade.

Beleza e liturgia (Nº 35). A relação entre mistério acreditado e mistério celebrado manifesta-se, de modo peculiar, no valor teológico e litúrgico da beleza. De facto, a liturgia, como aliás a revelação cristã, tem uma ligação intrínseca com a beleza: é esplendor da verdade (veritatis splendor). Na liturgia, brilha o mistério pascal, pelo qual o próprio Cristo nos atrai a Si e chama à comunhão. Em Jesus, como costumava dizer São Boaventura, contemplamos a beleza e o esplendor das origens.(106) Referimo-nos aqui a este atributo da beleza, vista não enquanto mero esteticismo, mas como modalidade com que a verdade do amor de Deus em Cristo nos alcança, fascina e arrebata, fazendo-nos sair de nós mesmos e atraindo-nos assim para a nossa verdadeira vocação: o amor.(107) Já na criação, Deus Se deixa entrever na beleza e harmonia do universo (Sab 13, 5; Rm 1, 19-20). Depois, no Antigo Testamento, encontramos sinais grandiosos do esplendor da força de Deus, que Se manifesta com a sua glória através dos prodígios realizados no meio do povo eleito (Ex 14; 16, 10; 24, 12-18; Nm 14, 20-23). No Novo Testamento, realiza-se definitivamente esta epifania de beleza na revelação de Deus em Jesus Cristo: (108) Ele é a manifestação plena da glória divina. Na glorificação do Filho, resplandece e comunica-se a glória do Pai (Jo 1, 14; 8, 54; 12, 28; 17, 1). Mas, esta beleza não é uma simples harmonia de formas; « o mais belo dos filhos do homem » (Sal 45/44, 3) misteriosamente é também um indivíduo « sem distinção nem beleza que atraia o nosso olhar » (Is 53, 2). Jesus Cristo mostra-nos como a verdade do amor sabe transfigurar inclusive o mistério sombrio da morte na luz radiante da ressurreição. Aqui o esplendor da glória de Deus supera toda a beleza do mundo. A verdadeira beleza é o amor de Deus que nos foi definitivamente revelado no mistério pascal.

A beleza da liturgia pertence a este mistério; é expressão excelsa da glória de Deus e, de certa forma, constitui o céu que desce à terra. O memorial do sacrifício redentor traz em si mesmo os traços daquela beleza de Jesus testemunhada por Pedro, Tiago e João, quando o Mestre, a caminho de Jerusalém, quis transfigurar-Se diante deles (Mc 9, 2). Concluindo, a beleza não é um factor decorativo da acção litúrgica, mas seu elemento constitutivo, enquanto atributo do próprio Deus e da sua revelação. Tudo isto nos há-de tornar conscientes da atenção que se deve prestar à acção litúrgica para que brilhe segundo a sua própria natureza.

iii. A relação intrínseca entre celebração e adoração (Nº66.) Um dos momentos mais intensos do Sínodo vivemo-lo quando fomos à Basílica de São Pedro, juntamente com muitos fiéis, fazer adoração eucarística. Com aquele momento de oração, quis a assembleia dos bispos não se limitar às palavras na sua chamada de atenção para a importância da relação intrínseca entre a celebração eucarística e a adoração. Neste significativo aspecto da fé da Igreja, encontra-se um dos elementos decisivos do caminho eclesial que se realizou após a renovação litúrgica querida pelo Concílio Vaticano II. Quando a reforma dava os primeiros passos, aconteceu às vezes não se perceber com suficiente clareza a relação intrínseca entre a Santa Missa e a adoração do Santíssimo Sacramento; uma objecção então em voga, por exemplo, partia da ideia que o pão eucarístico nos fora dado não para ser contemplado, mas comido. Ora, tal contraposição, vista à luz da experiência de oração da Igreja, aparece realmente destituída de qualquer fundamento; já Santo Agostinho dissera: « Nemo autem illam carnem manducat, nisi prius adoraverit; (...) peccemus non adorando – ninguém come esta carne, sem antes a adorar;

(...) pecaríamos se não a adorássemos ».(191) De facto, na Eucaristia, o Filho de Deus vem ao nosso encontro e deseja unir-Se connosco; a adoração eucarística é apenas o prolongamento visível da celebração eucarística, a qual, em si mesma, é o maior acto de adoração da Igreja: (192) receber a Eucaristia significa colocar-se em atitude de adoração d'Aquele que comungamos. Precisamente assim, e apenas assim, é que nos tornamos um só com Ele e, de algum modo, saboreamos antecipadamente a beleza da liturgia celeste. O acto de adoração fora da Santa Missa prolonga e intensifica aquilo que se fez na própria celebração litúrgica. Com efeito, « somente na adoração pode maturar um acolhimento profundo e verdadeiro. Precisamente neste acto pessoal de encontro com o Senhor amadurece depois também a missão social, que está encerrada na Eucaristia e deseja romper as barreiras não apenas entre o Senhor e nós mesmos, mas também, e sobretudo, as barreiras que nos separam uns dos outros ».(193)

Deus está mais na arte do que nas Igrejas

a) Adélia Prado

i. Poesia e Mística: Um dedinho de prosa com Adélia Prado[84]

1. Mística e poesia são fenômenos que procedem da mesma nascente. Não vêm da lógica da razão e se expressam em discursos inter-cambiáveis: um texto místico tem a atmosfera poética, o texto poético respira mística independentemente da confissão religiosa do poeta ou mesmo de seu ateísmo. Usa paradoxos, metáforas, fala de sentimentos, de experiências e não de pensamentos. São fenômenos vivos.
2. Estou aos poucos me libertando do "Deus do Antigo Testamento", de Sua ira, para viver a libertação no Deus do amor. O Deus de Jesus Cristo!
3. A igreja está em grande sofrimento. Os padres me parecem de-salojados de seus lugares. Muitos, como muitos de nós, parecem náufragos. A formação que andam recebendo é sofrível demais, rezam pouco (também como nós) e parecem exaustos. Ontem ouvi três deles queixarem-se do peso das confissões em massa da quaresma. A intensa sacramentalização rouba deles e dos fiéis o tempo para a verdadeira comunhão que inclui silêncio e "descanso".

ii. «Mística e poesia são braços do mesmo rio. Deus me deu o segundo, mas a fonte é a mesma»[85]

1. No texto de um poeta ateu, o substrato de sua poesia é o mesmo no de um poeta crente. Porque o fenómeno poético é religioso em sua natureza. A poesia, independentemente da crença ou não crença do poeta, nos liga a um centro de significação e sentido, assim como o faz a fé religiosa. Por isso é que a poesia é tão consoladora, dá tanta alegria. Minha formação é religiosa, confesso o que creio e é impossível que nossas profundas convicções desapareçam quando escrevemos. Seria esquizofrénico. Mística e poesia são braços do
2. mesmo rio. Deus me deu o segundo, mas a fonte é a mesma, o Espírito Divino. A despeito de si mesmo, o poeta ateu entrega o ouro em sua poesia. É simples, rigorosamente ninguém é o criador da Beleza (poesia). Ela vem, eu diria como Guimarães Rosa, da terceira
3. margem da alma. O poeta é só o "cavalo do santo", queira ou não. Às vezes, somos tentados a desistir quando descobrimos que ela, a poesia, é muito melhor que seu autor. É a tentação do orgulho. Que Deus nos livre dela.
2. Quando olho pedra e vejo pedra mesmo, só estou vendo a aparência. Quando a pedra me põe confusa de estranhamento e beleza, eu a estou vendo em sua realidade que nunca é apenas física. A aparência diz pouco. Só a poesia mostra o real.

iii. "Missa é como um poema, não suporta enfeite nenhum"86

1. "A missa é a coisa mais absurdamente poética que existe. É o absolutamente novo sempre. É Cristo se encarnando, tendo a sua Paixão, morrendo e ressuscitando. Nós não temos de botar mais nada em cima disso, é só isso"
2. "Olha, gente – comentou com um tom de humor e lamento –, têm algumas celebrações que a gente sai da igreja com vontade de procurar um lugar para rezar."
3. "Nós não encontramos mais em nossas igrejas o espaço do silêncio. Eu estou falando da minha experiência, queira Deus que não seja essa a experiência aqui".
4. "Muitos procedimentos nossos são uma tentativa de domesticar aquilo que é inefável, que não pode ser domesticado, que é o absolutamente outro".
5. "Porque a coisa é tão indizível, a magnitude é tal, que eu não tenho palavras. E não ter palavras significa o quê? Que existe algo inefável e que eu devo tratar com toda reverência."
6. "A liturgia celebra o quê?" – questionou –. "O mistério. E que mistério é esse? É o mistério de uma criatura que reverencia e se prostra diante do Criador. É o humano diante do divino. Não há como colocar esse procedimento num nível de coisas banais ou comuns."
7. "Mas o que é a linguagem do povo? É aí que mora o equívoco", – disse –. "Não há ninguém que se acerca com maior reverência do mistério de Deus do que o próprio povo". "O próprio povo é aquele que mais tem reverência pelo sagrado e pelo mistério", enfatizou.
8. "A arte a gente não entende. Fé a gente não entende. É algo dirigido à terceira margem da alma, ao sentimento, à sensibilidade. Não precisa inventar nada, nada, nada", disse Adélia.

b) Comunhão [87](Milton Nascimento e Fernando Brant):

Sua barriga me deu a mãe
O pai me deu o seu braço forte
Os seios fartos me deu a mãe
O alimento, a luz, o norte

A vida é boa, me diz o pai
A mãe me ensina que ela é bela
O mal não faço, eu quero o bem
Na minha casa não entra a solidão

Todo o amor será comunhão
A alegria de pão e o vinho
Você bem pode me dar a mão
Você bem pode me dar carinho

Mulher e homem é o amor
Mais parecido com primavera
É dentro dele que mora a luz
Vida futura no ponto de explodir

Eu quero paz, eu não quero guerra
Quero fartura, eu não quero fome
Quero justiça, não quero ódio
Quero a casa de bom tijolo

Quero a rua de gente boa
Quero a chuva na minha roça
Quero o sol na minha cabeça
Quero a vida, não quero a morte, não

Quero o sonho, a fantasia
Quero o amor e a poesia
Quero cantar, quero companhia
Eu quero sempre a utopia

O homem tem de ser comunhão
A vida tem de ser comunhão
O mundo tem de ser comunhão
A alegria do vinho e o pão
O pão e o vinho, enfim, repartidos

Sua barriga te deu a mãe
Eu, pai, te dou meu amor e sorte
Os seios fartos te deu a mãe
O alimento, a luz, o norte

A vida é boa, te digo eu
A mãe ensina que ela é sábia
O mal não faço, eu quero o bem
A nossa casa reflete comunhão

c) Dom Helder, o Dom da Paz.

i. Quando a Eucaristia é recebida no momento da morte é chamada de viático: Jesus é o companheiro para a grande viagem que se inicia. Mas como chamar a Eucaristia recebida para viver e fazer viver a justiça? Não nos iludamos: o mundo conhece muito bem o escândalo. São cristãos, ao menos na origem, aqueles vinte por cento da humanidade que tem em suas mãos oitenta por cento dos recursos da terra. O que fizemos da Eucaristia? Como conciliar-lhe com a injustiça, filha do egoísmo? 88

ii. **FALTA A PATENA?**[89]

Mas não tenho as duas mãos?

Faltam hóstias?
E as oferendas invisíveis
que os olhos e os ouvidos,
a imaginação e o coração
colhem sem cessar?

E nós mesmos,
somos ou não
parte integrante
do Ofertório?...

Falta o vinho?
Mas por que não derramar no cálice
um pouco do imenso sofrimento
dos homens, meus irmãos?!...

No mesmo horário, às 11h, o Pe. Francisco Taborda, SJ, deu uma oficina, cujo texto segue abaixo.

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA E MINISTÉRIOS [90]

Francisco Taborda, SJ

Poderíamos iniciar esta atividade perguntando: Quem celebra a eucaristia? À primeira vista a resposta parece ser óbvia: É o padre, o bispo. E a assembleia litúrgica faz o que? Assiste.

Tal posição mostraria que ainda não alcançamos o nível a que nos quer conduzir a Constituição Sacrosanctum Concilium, quando insiste na participação dos fiéis na celebração e a adjetiva de várias maneiras: plena, ativa, consciente, perfeita, piedosa, fácil. A participação se contrapõe à assistência. "Assistir missa" era a terminologia usual antes do Concílio e se continua a empregar muito frequentemente. E essa forma de pensar é recalcada pela frequência e abundância de transmissões televisivas de missas91 ou também nas redes sociais. A emergência da pandemia acabou por apresentar como solução a missa online. Estabeleceu-se assim um novo axioma teológico: Não há eucaristia, se não há um ministro ordenado que a presida, mas pode haver sem que haja povo presente. Na celebração eucarística seria o povo puramente um acessório? 92 Então como entender a rubrica que dá início ao rito da missa no Missal Romano de Paulo VI (2ª edição típica)? «Reunido o povo, o sacerdote dirige-se ao altar com os ministros, durante o canto da entrada»93. Depois (p. 506), encontra-se o «Rito da Missa celebrada sem povo», o que foi corrigido na 3ª edição típica, que, percebendo a possibilidade de um mal-entendido, se expressa de outra maneira: «Ordinário da Missa da qual participa um só ministro» 94. Entretanto, mesmo na 2ª edição típica, a primeira rubrica neste item soa: «Feita a devida inclinação com o ministro, o sacerdote faz o sinal da cruz» (grifo meu). O padre não está celebrando sozinho; há pelo menos um «representante» do povo (ministro, acólito, coroinha... como se queira chamar).

No último documento do Papa Francisco sobre a questão litúrgica, a Carta Apostólica Desiderio desideravi, de 29 de junho de 2022, ele resume o pensamento da tradição e do Concílio no nº 7 da citada Constituição, escrevendo: «O sujeito que age na Liturgia é sempre e só Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo» (DD 15). Nisso o Papa insistiu em outros momentos, como no discurso aos participantes da 68ª Semana Litúrgica, da Itália, em 2017: «Por sua natureza a liturgia é, de fato, "popular" e não clerical, sendo – como ensina a etimologia – uma ação para o povo, mas também do povo» 95. Com isso retoma o ensinamento da Constituição da Liturgia, do Vaticano II, quando proclama que toda celebração litúrgica é «obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja» (SC 7).

Dizer que à celebração da eucaristia pertence a presença de uma assembleia, presidida evidentemente por um ministro ordenado (bispo ou presbítero), não é uma invenção moderninha, pois se trata do fruto que a eucaristia quer ter. Já Santo Tomás de Aquino – para citar só o doutor por excelência – ensinava que a finalidade da eucaristia é a edificação do corpo de Cristo que é a Igreja.

É o que atesta a lex orandi96, ou seja, a oração litúrgica da Igreja, desde a antiguidade, como se pode observar no próprio cânon romano (atual oração eucarística I), que já existia no séc. IV, como o testemunha Ambrósio de Milão97. Na anamnese dessa anáfora, a Igreja declara ao Pai, pela boca do padre/bispo: «Celebrando, pois, a memória... nós, vossos servos, e também vosso povo santo ... vos oferecemos...» (Unde et memores, Domine, nos servi tui sed et plebs tua sancta... offerimus). Vale dizer que toda a assembleia, ministros ordenados (bispo/presbítero: «vossos servos») com a restante assembleia («também vosso povo santo»), celebra o memorial da Páscoa do Senhor.

A consciência de que a assembleia toda celebra a eucaristia se manteve viva, apesar de a participação litúrgica do povo ter sido paulatinamente eliminada a partir do fim da era patrística. Tendo a eucaristia assumido uma forma extremamente clericalizada, nem por isso a Igreja perdeu a consciência da participação de toda a

assembleia. Pedro Damião (†1072), monge reformador da Igreja e do monacato, bispo de Óstia e cardeal, Doutor da Igreja, mostra-o claramente. Comentando aquele trecho do cânon romano que reza Pro quibus tibi offerimus, vel qui tibi offerunt hoc sacrificium (Pelos quais te oferecemos ou que te oferecem este sacrifício), Pedro Damião escreve: «Nestas palavras fica patente que todos os fiéis, não só varões, mas também mulheres, oferecem o sacrifício de louvor, embora pareça que só o sacerdote o oferece»98.

Por sua vez, fins do séc. XII, inícios do séc. XIII, o Papa Inocêncio III (†1216) comenta a mesma passagem do cânon, explicando: «Embora pareça que só um oferece o sacrifício, diz-se, no entanto, no plural "oferecemos", porque o sacerdote não sacrifica só em sua pessoa, mas na pessoa de toda a Igreja»99. E acrescenta um pouco mais adiante: «Não somente os sacerdotes fazem a oblação, mas também todos os fiéis, porque aquilo que é feito especialmente pelo ministério dos sacerdotes, realiza-se de modo geral pela aprovação dos fiéis»100.

Essa compreensão perdura até praticamente às vésperas da Reforma, como podemos ler num sermão que consta em um manuscrito do séc. XV, oriundo da casa dos cônegos regulares de Goedsdonck, entre os sermões do abade cisterciense Guerric d'Igny (fim do séc. XII). O autor desconhecido diz: «O sacerdote não sacrifica sozinho, não consagra sozinho; toda a assembleia dos fiéis, que está aí presente, consagra e sacrifica com ele»101.

Nisso esses autores medievais seguem a tradição dos Padres da Igreja que sabiam expressar com energia o mesmo princípio. João Crisóstomo (†407) é contundente:

> *Também o que diz respeito à oração eucarística é comum a ambos [ao sacerdote e ao povo]. Ele não pronuncia a oração eucarística por si só, mas também o povo todo [a apresenta com ele]. De fato, só depois de ter recebido a voz dos que consentem que é digno e justo fazê-lo, só então ele dá início à oração eucarística. [...] Compreendamos que todos nós somos um só corpo e só nos distinguimos uns dos outros como os membros diferem entre si. Por isso não joguemos tudo sobre os ombros do sacerdote, mas também nós, enquanto parte do mesmo corpo, preocupemo-nos igualmente com toda a Igreja. Isso dá [aos sacerdotes] uma segurança maior, e a nós um maior crescimento102.*

E Teodoro de Mopsuéstia (†428) chama «língua comum da Igreja» aquele que preside a eucaristia (no caso, o bispo que ele designa como "pontífice"):

> *Então, a assembleia se levanta num silêncio respeitoso, o pontífice oferece a oblação e imola o sacrifício da comunidade. Um temor comum se abate sobre o pontífice e sobre todos nós, pela memória da morte que Nosso Senhor aceitou por nós, cujo memorial está por realizar-se neste sacrifício. Como o pontífice neste momento é a língua comum da Igreja, ele se serve nesta grandiosa liturgia das palavras mais adequadas. Ele louva a Deus, confessando que a Deus se devem os louvores e a glória, a adoração e o culto103.*

Baseado nesses e em outros testemunhos, Ludovico Antonio Muratori (†1750)104, grande historiador e pesquisador da Idade Média que se poderia considerar um precursor do Movimento Litúrgico, reassume a temática, demostrando a permanência dessa doutrina também depois da Reforma protestante:

> *Deve-se, pois, saber que, embora de certo modo só o sacerdote sacrifique em nome de Cristo, da Igreja e do povo, contudo também o povo assistente tem parte nesse sacrifício e sacrifica juntamente com o ministro sagrado. Também ele faz tacitamente a oblação; também ele, com o afeto, acompanha as santas orações e preces do ministro, e o ministro as apresenta a Deus em nome próprio e ao mesmo tempo como embaixador dos assistentes105.*

Já no séc. XX, Pio XI e Pio XII reconhecem essa verdade, garantindo sua ortodoxia com algumas distinções escolásticas106. E o Vaticano II, além da passagem já mencionada de SC 7, recolhe esta tradição, quando proclama na Constituição Dogmática Lumen Gentium: «Os fiéis, em virtude de seu sacerdócio régio, concorrem para a oblação da eucaristia» [in oblationem Eucharistiæ con-currunt = correm juntos] (LG 10; grifo meu). Aqui o Concílio acrescenta que a razão teológica dessa participação é o sacerdócio régio em que o cristão é constituído pelo batismo-crisma.

A partir desses dados surge a consciência de que o termo adequado seria falar de uma «assembleia concelebrante», precisando que a terminologia habitual que fala de «concelebração» dos ministros ordenados deveria ser alterada. Vale afirmar que o mais correto seria dizer que os ministros ordenados (bispos e presbíteros) «copresidem» a celebração eucarística, enquanto toda a assembleia «concelebra». O mesmo termo é tradicionalmente usado para os serafins e outras entidades angélicas no final de alguns prefácios, tanto no Missal de Pio V como na última edição típica do Missal de Paulo VI: «...beata Seraphim socia exsultatione concelebrant».

O Concílio Vaticano II, por sua vez, ensina que «as ações litúrgicas não são ações privadas [...] pertencem a todo o Corpo da Igreja, manifestam-no, atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade de estados, funções e participação atual» (SC 26).

Apesar de toda essa tradição, a Instrução Redemptionis Sacramentum, emanada da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos em 2004107, é muito temerosa com relação ao uso do termo "concelebração". Previne contra o uso unívoco do termo, como que equiparando a função do presbítero que preside a eucaristia à participação da assembleia que a celebra sob a presidência do ministro ordenado (cf. RS 42). É claro que é preciso ser cauteloso no uso do termo, mas não podemos deixar de lado o magistério da Igreja em oração (a lex orandi) que usa sempre o plural (gratias agimus, offerimus, petimus) e consegue assim compor a distinção de papéis: o do presbítero que celebra por força de sua ordenação (ou seja: preside ou copreside a assembleia litúrgica) e o povo fiel que concelebra por força de seu sacerdócio batismal.

Anteriormente a essa instrução, o Catecismo da Igreja Católica já havia sido muito claro e explícito. Vale a pena trazer o texto completo:

> *1140. É toda a comunidade, o corpo de Cristo unido à sua Cabeça, que celebra. «As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é "o sacramento da unidade", isto é, povo santo reunido e ordenado sob a direção dos bispos. Por isso, tais ações pertencem a todo o corpo da Igreja, manifestam-no e afetam-no, atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade de estados, funções e participação atual» (SC 26). Também por isso, «sempre que os ritos comportam, segundo a natureza própria de cada qual, uma celebração comum, caracterizada pela presença e ativa participação dos fiéis, inculque-se que esta deve preferir-se, na medida do possível, à celebração individual e como que privada» (SC 27).*
>
> *1141. A assembleia que celebra é a comunidade dos batizados, que «pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para ser uma casa espiritual e um sacerdócio santo, para oferecerem, mediante todas as obras do cristão, sacrifícios espirituais» (LG 10). Este «sacerdócio comum» é o de Cristo, único Sacerdote, participado por todos os seus membros (LG 10; 34; PO 2):*
>
> *«É desejo ardente da Mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da liturgia exige e que é, por força do Batismo, um direito e um dever do povo cristão, "raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido" (1Pd 2, 9)» (SC 14).*
>
> *1142. Mas «nem todos os membros têm a mesma função» (Rm 12, 4). Alguns deles são chamados por Deus, na Igreja e pela Igreja, a um serviço especial da comunidade. Estes servidores são escolhidos e consagrados pelo sacramento da Ordem, pelo qual o Espírito Santo os torna aptos para agirem na pessoa de Cristo-Cabeça ao serviço de*

todos os membros da Igreja (PO 2; 15). O ministro ordenado é como que o «ícone» de Cristo-Sacerdote. Por ser na Eucaristia que se manifesta plenamente o sacramento da Igreja, na presidência da Eucaristia aparece em primeiro lugar o ministério do bispo e, em comunhão com ele, o dos presbíteros e diáconos.

1143. Para o exercício das funções do sacerdócio comum dos fiéis, existem ainda outros ministérios particulares, não consagrados pelo sacramento da Ordem, e cuja função é determinada pelos bispos segundo as tradições litúrgicas e as necessidades pastorais. «Também os acólitos, os leitores, os comentadores e os membros do coro desempenham um verdadeiro ministério litúrgico» (SC 29).

1144. Assim, na celebração dos sacramentos, toda a assembleia é «liturga», cada qual segundo a sua função, mas «na unidade do Espírito» que age em todos. «Nas celebrações litúrgicas, limite-se cada um, ministro ou simples fiel, ao exercer o seu ofício, a fazer tudo e só o que é da sua competência, segundo a natureza do rito e as leis litúrgicas» (SC 28).

Essa unidade e distinção é expressa pelo Concílio com a expressão «participação ativa» que não é uma invenção nova, mas já fora usada por Pio X em um dos primeiros documentos de seu pontificado, o Motu Proprio Tra le solicitudini sobre a música sacra, publicado apenas três meses depois de sua eleição. O Papa esclarece que seu intento com este documento é incentivar «a participação ativa [da assembleia litúrgica] nos sacrossantos mistérios e na oração pública e solene da Igreja»108.

Para entender cabalmente essa questão da participação ativa, é preciso «aceitar que a liturgia é a linguagem comum da assembleia eclesial que manifesta presente a "comunidade sacerdotal" (LG 11)» 109 e constitui o primeiro lugar da manifestação da Igreja como sacramento de Cristo 110.

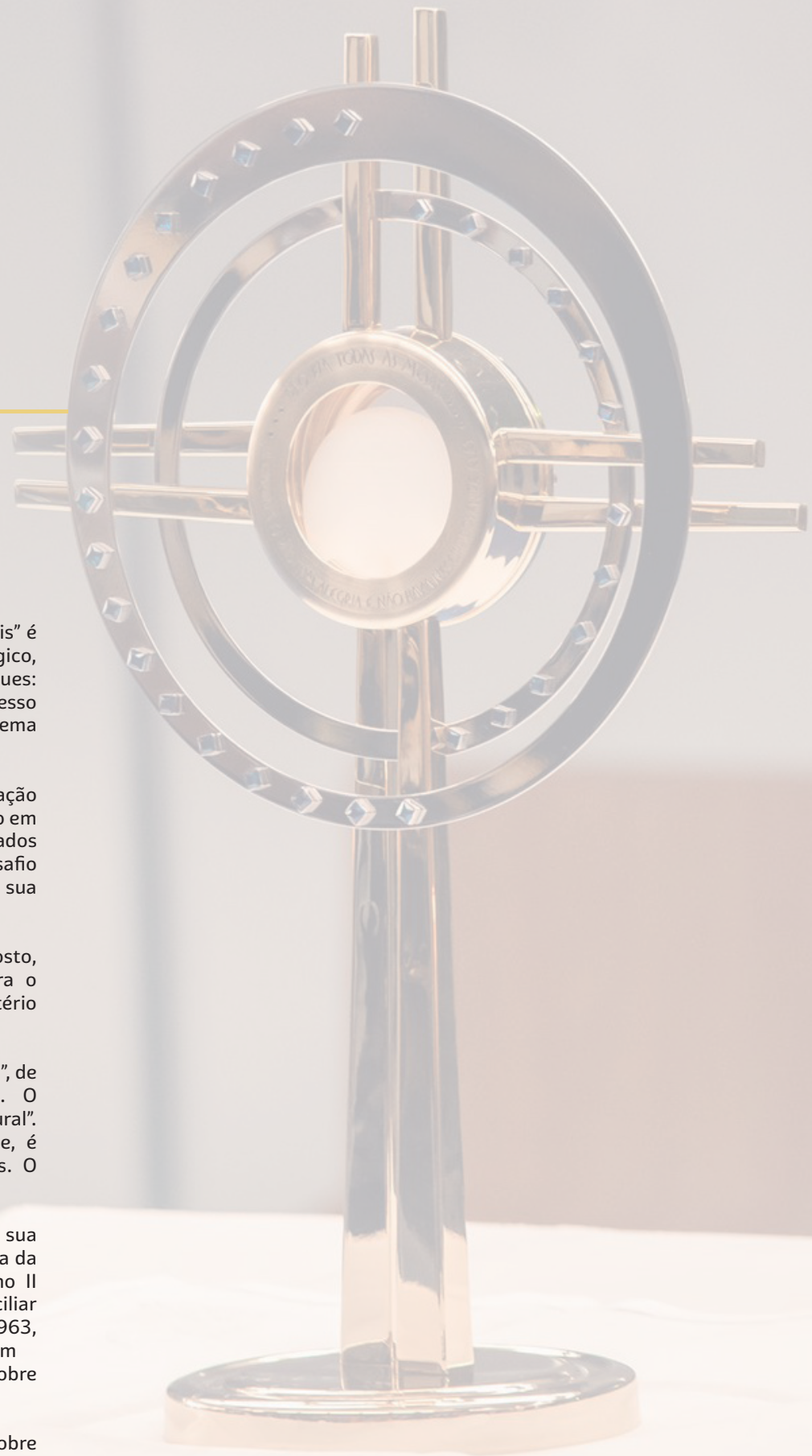
O Papa Francisco fora também muito explícito em seu discurso aos participantes da 68ª Semana Litúrgica Nacional da Itália, em agosto de 2017: «O alcance "popular" da liturgia recorda-nos que ela é inclusiva e não exclusiva, promotora de comunhão com todos sem, todavia, homologar, pois chama cada um, com a sua vocação e originalidade, a contribuir para edificar o corpo de Cristo» 111.

Essa diversidade se visibiliza na liturgia, como lembra o Concílio (SC 28) e recalca o Catecismo da Igreja Católica (nº 1144): «Nas celebrações litúrgicas, limite-se cada um, ministro ou simples fiel, ao exercer o seu ofício, a fazer tudo e só o que é da sua competência, segundo a natureza do rito e as leis litúrgicas».

13/11/2022: O simpósio teológico foi aberto pelo Pe. Charles de Araújo Costa, que convidou o conferencista do dia, o arcebispo primaz do Brasil, Dom Sérgio Cardeal da Rocha.

Segue, abaixo, o texto de sua conferência:

EUCARISTIA E PLURALIDADE CULTURAL::
desafios teológicos e pastorais



Dom Sergio da Rocha

Introdução

O tema "Eucaristia e Pluralidade Cultural: Desafios Teológicos e Pastorais" é bastante amplo e complexo, necessitando de diversas abordagens de cunho teológico, filosófico e científico. No âmbito teológico, pode ser desenvolvido sob vários enfoques: eclesiológico, litúrgico, ético e pastoral-missionário. O Texto-base do Congresso Eucarístico não desenvolve explicitamente este assunto, embora o tema e o lema inspiradores tenham incidências nos âmbitos litúrgico e pastoral.

A compreensão e a vivência da Eucaristia, da relação entre a celebração eucarística e a inculturação, podem favorecer ou dificultar a vivência do tema "Pão em todas as mesas" e do lema "Repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles" (At 2,46). Por isso, de antemão, podemos dizer que já constitui um desafio teológico-pastoral o modo de se compreender, celebrar e viver a Eucaristia, em sua relação com o contexto sociocultural.

Não sendo possível, aqui, uma abordagem completa do tema proposto, pretende-se oferecer elementos para a reflexão e critérios norteadores para o discernimento pastoral, tomando-se em consideração, de modo especial, o Magistério da Igreja.

O tema "Eucaristia e Pluralidade Cultural: Desafios Teológicos e Pastorais", de acordo com a proposta deste Simpósio, será desenvolvido em três momentos. O primeiro, mais breve, embora não menos importante, aborda a "Pluralidade Cultural". O segundo, que ocupará a maior parte desta reflexão, pela sua centralidade, é "Eucaristia e Inculturação", contemplando os aspectos teológicos-sistemáticos. O terceiro deverá abordar, ainda que brevemente, os "Acertos e Abusos Litúrgicos".

A centralidade da liturgia na vida e na missão da Igreja ultrapassa a sua relevância no Congresso Eucarístico, pois é de caráter permanente. A importância da Liturgia tem sido enfatizada no Magistério recente, tendo o Concílio Vaticano II dedicado a ela um dos seus principais documentos, o primeiro documento conciliar aprovado, a Constituição Sacrosanctum Concilium (SC), de 04 de dezembro de 1963, seguido de vários outros importantes pronunciamentos dos Papas que se seguiram até chegar ao Papa Francisco, com sua Carta Apostólica Desiderio Desideravi, "sobre a formação litúrgica do Povo de Deus", de 29 de junho de 2022.

No Brasil, a CNBB tem oferecido valiosos documentos e estudos sobre Liturgia, tendo concluído, na sua última Assembleia Geral, a árdua tarefa de revisão da tradução do Missal Romano, após longos anos de minucioso estudo e de sucessivas votações pelo episcopado brasileiro.

CARACTERIZAÇÃO DA PLURALIDADE CULTURAL

O tema da pluralidade cultural tem sido objeto de inúmeros estudos nos âmbitos do pensamento científico e filosófico, com diferentes posturas hermenêuticas. A temática da "cultura" e das "culturas" tem figurado, com crescente atenção, no campo da teologia e no Magistério da Igreja. A pluralidade cultural tem se revelado um desafio teológico-pastoral que interpela a teologia, notadamente nos âmbitos da eclesiologia, da liturgia, da moral e da pastoral. A postura crítico-profética frente ao tema não deve reduzi-lo às dificuldades constatadas, mas levar a reconhecer a sua importância e potencialidades para a evangelização.

O reconhecimento da pluralidade cultural não implica na fragmentação ou dissolução da própria identidade; ao contrário, permite estabelecer diálogo e contribuir, por preservar a identidade.

Na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, o Papa Francisco nos dá a explicação do significado do termo cultura. "A noção de cultura é um instrumento precioso para compreender as diversas expressões da vida cristã que existem no povo de Deus. Trata-se do estilo de vida que uma determinada sociedade possui, da forma peculiar que têm os seus membros de se relacionar entre si, com as outras criaturas e com Deus. Assim entendida, a cultura abrange a totalidade da vida de um povo" (n. 115). Portanto, não se pode adotar uma concepção de cultura reduzida à chamada cultura erudita, mas incluir as suas várias expressões, valorizando a realidade dos pobres e de grupos historicamente excluídos do "mundo da cultura".

Documentos recentes do Magistério pontifício e da Conferência Episcopal (CNBB) passaram a abordar com realce o tema da pluralidade cultural, especialmente nos âmbitos pastoral e missionário, e suas implicações para outros âmbitos teológicos, como a Liturgia.

"Um povo com muitos rostos' é como Francisco define o Povo de Deus que "encarna-se nos povos da terra, cada um dos quais tem a sua cultura própria" (EG 115). Ao longo da história, a fé tem sido recebida e transmitida por inúmeros povos "segundo as próprias modalidades culturais". Nos diferentes povos e culturas, "a Igreja exprime a sua genuína catolicidade e mostra a beleza do seu rosto pluriforme" (EG 116), afirma o Papa, citando a Carta Apostólica Novo millennio ineunte, de João Paulo II (n. 40).

Nas atuais Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023) – DGAE, recebe especial atenção a cultura urbana, considerada "um dos desafios mais relevantes à missão", pois tende-se a difundir sempre mais num mundo que vai se tornando cada vez mais urbano (n. 28). Somos "convocados a escutar, admirar e compreender a mentalidade urbana atual, cujas marcas são globais e, ao mesmo tempo, diversificadas e plurais" (n. 32). Por isso, são empregadas as expressões "cultura urbana globalizada" (n. 104) e "culturas urbanas" (n. 32), dando-nos a entender que o singular e o plural se conjugam na realidade. A citação da Evangelii Gaudium (n. 71-75) sobre "as culturas urbanas e seus desafios" fundamenta e enriquece a reflexão desenvolvida, apontando o seu dinamismo, seus valores e contradições.

As DGAE ressaltam, como "marca de nosso mundo", a "pluralidade que se manifesta nos âmbitos da cultura, da ética, da vivência religiosa e associativa". Reconhecem a ambiguidade da "pluralidade", que se manifesta como "luz" e como "sombra" (n. 54) e suas implicações para a vivência religiosa, fazendo que "o ambiente religioso se torne cada vez mais plural e diversificado" (n.55).

"Se bem entendida, a diversidade cultural não ameaça a unidade da Igreja. (...) Não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdio" (EG 117), afirma o Papa Francisco.

O uso do singular e do plural não se reduz à questão da cultura urbana. A terminologia "cultura' e "culturas" aparece frequentemente nos diversos textos, exigindo maior atenção no seu emprego teórico e na sua aplicação prática. Por exemplo, as DGAE utilizam o plural "culturas" (n. 11, 32, 41), mas também o singular "cultura", referindo-se ao "mundo da cultura" (n. 196), que é preciso valorizar na evangelização e à "Cultura do Encontro", a ser promovida como "pano de fundo para a missão permanente" (n.197).

Para cumprir a sua missão evangelizadora, a Igreja "é chamada a acolher, contemplar, discernir e iluminar com a Palavra de Deus a complexa gama de elementos culturais, sociais, políticos e éticos que constituem a realidade à qual é enviada" (DGAE, n. 41). Nestas palavras das DGAE encontramos o desafio que se revela como tarefa irrenunciável de "acolher, contemplar, discernir e iluminar" a vasta e complexa realidade sociocultural em que a Igreja local vive e celebra a Eucaristia.

Portanto, embora seja importante para a teologia, a liturgia e a pastoral, não é suficiente admitir a existência da pluralidade cultural, mas é necessário buscar critérios iluminadores para a compreensão da relação entre elas.

ASPECTOS TEOLÓGICO-SISTEMÁTICOS: EUCARISTIA E INCULTURAÇÃO

LITURGIA E VIDA

A relação entre liturgia e vida tem recebido especial relevo desde a Reforma Litúrgica, levando-nos a considerar com maior atenção o relacionamento entre liturgia e contexto social ou cultural. Tem sido frequentemente ressaltada a relação entre a fé professada, a fé celebrada e a fé vivida, não somente pelas suas implicações para a vivência cristã pessoal e comunitária, mas fazendo-nos pensar também no contexto social, histórico e cultural em que se situa a celebração. A Eucaristia é "fonte e cume", ponto de partida e ponto de chegada, na perspectiva da Sacrosanctum Concilium (n.10).

"O esforço pela renovação litúrgica deve corresponder às exigências do nosso tempo. A Liturgia não é algo desencarnado", afirmou João Paulo II, na Carta Apostólica pelo XXV Aniversário da Sacrosanctum Concilium (n. 17).

A inculturação da liturgia é um aspecto fundamental do processo mais amplo de inculturação da fé, desde os primórdios da Igreja. Ela não acontece à margem ou independente de uma evangelização inculturada ou de uma comunidade eclesial inculturada. Não há como inculturar unicamente a liturgia, se não houver a inculturação da missão evangelizadora. Há um nexo fundamental entre eclesiologia e liturgia. "Existe, de fato, uma ligação muito íntima e orgânica entre a renovação da Liturgia e a renovação de toda a vida da Igreja. A Igreja não somente age, mas também se exprime na Liturgia e dela vive e nela vai haurir as energias para a sua vida" (João Paulo II, Carta Dominicae Cenae, n. 13).

O Papa Francisco resume bem esta perspectiva, afirmando: "Pela inculturação, a Igreja introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade, porque cada cultura oferece formas e valores positivos que podem enriquecer o modo como o Evangelho é pregado, compreendido e vivido" (EG 116).

DIMENSÃO ECLESIAL E PROFÉTICA DA LITURGIA

A ação litúrgica é sempre eclesial e não particular. "As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é sacramento da unidade" (SC 26). Por isso, não podem ser concebidas ou realizadas ao sabor de preferências pessoais ou de grupos, como uma espécie de inovação à la carte. É sempre a Igreja quem celebra. "A Eucaristia edifica a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia" (JP II, Carta encíclica Ecclesia de Eucaristia, n.26). A dimensão eclesial da liturgia eucarística não pode ser obscurecida ou negada no esforço de inculturação. A lex orandi ("lei da oração") deve estar sempre em conformidade com a lex credendi ("lei da fé").

A inculturação no campo da liturgia, particularmente da Eucaristia, não implica uma mera adaptação à realidade sociocultural da Igreja local. A Eucaristia deve conservar sempre a sua força transformadora, a sua dimensão profética, frente à realidade social, de tal modo que a sua inculturação não poderá jamais ser confundida com uma acomodação ao contexto vivido ou mera adaptação. Além disso, a valorização dos

diferentes contextos culturais não pode levar à fragmentação litúrgica, nem à dissolução da própria identidade que permeia as ações litúrgicas e pastorais. Segundo a Sacramentum Caritatis, de Bento XVI, "o mistério eucarístico nos põe em diálogo com as várias culturas, mas de certa forma também as desafia; (...) temos a obrigação de promover convictamente a evangelização das culturas, na certeza de que o próprio Cristo é a verdade de todo o homem e da história humana inteira" (n. 78). O Papa Francisco, na Evangelii Gaudium, nos alerta para não cairmos na "vaidosa sacralização da própria cultura" (n. 117).

Para preservar a identidade e a unidade na liturgia, a Igreja estabelece critérios para a inculturação litúrgica.

A INCULTURAÇÃO À LUZ DA SACROSANCTUM CONCILIUM

O tema da inculturação passou a ser desenvolvido sob o impulso do Vaticano II, sendo ela mesma compreendida como um momento da Reforma Litúrgica proposta, enquanto "adaptação mais profunda" (SC 40). A Constituição conciliar utiliza o termo "adaptação" da Liturgia (n. 24, 37, 39 e 40).

Na celebração dos 25 anos do Concílio Vaticano II, em 1988, assim escreveu João Paulo II, avaliando os passos da reforma litúrgica proposta na Sacrosanctum Concilium: "Uma tarefa importante para o futuro é a adaptação da Liturgia às diferentes culturas. A Constituição enunciou os princípios para isso, indicando o procedimento a ser seguido por parte das Conferenciais Episcopais. A adaptação das línguas foi rápida, se bem que algumas vezes difícil de realizar. Seguiu-se a adaptação dos ritos, algo bem mais delicado, mas igualmente necessário. Resta ainda um considerável esforço a fazer para que a Liturgia lance raízes em certas culturas, acolhendo aquelas expressões das mesmas que possam harmonizar-se com os aspectos do verdadeiro e autêntico espírito da Liturgia e respeitando a unidade substancial do rito Romano, bem expressa nos livros litúrgicos" (Carta Apostólica, n. 16). Portanto, trata-se de um momento da terceira etapa da Reforma litúrgica.

A finalidade da inculturação da liturgia é encontrada na própria finalidade da reforma geral da liturgia, declarada pela SC: "os textos e os ritos sejam organizados de maneira que expressem com maior clareza as realidades santas que significam, a fim de que o povo cristão possa compreendê-los com mais facilidade e participar deles de modo ativo e pleno nas celebrações da comunidade" (SC 21). A "participação" pode ser vista como um fio condutor ou uma chave da reforma litúrgica, pela sua importância nos grandes princípios enunciados pelo documento conciliar (SC 5-46).

Contudo, o Concílio não define o que é a participação dos fiéis, mas indica suas principais características. Ela deve ser "consciente, ativa, plena e frutuosa" (SC 11,14). Compreende-se, por exemplo, que a participação na liturgia é algo interno e externo (SC 11,19,110), que envolve toda a pessoa, de tal forma que coincidam as atitudes interiores com os gestos realizados. A participação ativa dos fiéis nas celebrações não implica na perda da especificidade das funções próprias de clérigos e leigos. O Documento conciliar explicita: "se dediquem a fazer tudo e somente aquilo que for da competência de cada um, de acordo com a natureza dos ritos e as normas litúrgicas" (SC 28).

Nos números 37 a 40 da Sacrosanctum Concilium, encontramos as "Normas para adaptar a Liturgia à índole e às tradições dos povos". O número 37 declara que a Igreja "respeita e promove" a cultura dos diversos povos e aceita alguns de seus elementos na própria liturgia, "desde que possam harmonizar-se com o verdadeiro e autêntico espírito litúrgico". Nos números 38 e 39 são admitidas as "legítimas variações" do Rito romano e "adaptações aos diversos grupos étnicos, regiões e povos, especialmente em territórios de missão", desde que 'se mantenha substancialmente a unidade do Rito romano', cabendo tal definição à autoridade eclesiástica competente, "sempre em conformidade com as normas fundamentais" contidas na Constituição conciliar.

O número 40 reconhece a necessidade de "uma adaptação mais profunda da liturgia, em certos lugares e circunstâncias", demonstrando ser uma tarefa árdua com "maiores dificuldades" e orientando os passos a seguir nos três parágrafos que integram este número. Portanto, refere-se a mudanças não contempladas nas edições típicas. Estes "casos especiais" de "adaptação mais profunda", "sejam propostas à Sé Apostólica", "pela competente autoridade eclesiástica territorial" (definida no n. 22).

O USO DO TERMO "INCULTURAÇÃO" NO MAGISTÉRIO

O Papa Francisco, na Evangelii Gaudium, afirmou que é preciso assumir a "lógica da encarnação" (n. 117, 179) e os "desafios da inculturação da fé" (n. 68-70). Um longo caminho foi percorrido até chegar ao emprego frequente do termo "inculturação" por Francisco.

A IV Instrução para uma Correta Aplicação da Constituição Conciliar sobre a Liturgia (n. 37-40), de 25.01.94, denominada Varietates legitimae, constatava uma mudança de vocabulário, passando-se do termo "adaptação" para "inculturação". Antes de desenvolver o tema "A Liturgia Romana e a Inculturação", a IV Instrução afirma: "A Constituição Sacrosanctum Concilium falou de diversos gêneros de adaptação da Liturgia. Desde então, o magistério da Igreja usou o termo 'inculturação' para designar, com maior precisão, "a encarnação do Evangelho nas culturas autóctones e, ao mesmo tempo, a introdução dessas culturas na vida da Igreja" (IV Instrução, n. 4).

É interessante notar como a própria Instrução, nas "Observações preliminares", procura esclarecer a mudança ocorrida, dando-nos a entender que o tema necessitava de uma justa compreensão, recorrendo à definição encontrada na Carta Encíclica Redemptoris Missio, de João Paulo II, publicada poucos anos antes (07.12.90) e a outros documentos do Magistério.

A IV Instrução (n. 4) explica: "A palavra 'adaptação', tirada da linguagem missionária, poderia levar a pensar em modificações sobretudo pontuais e exteriores. O termo 'inculturação' pode exprimir melhor um dúplice movimento: 'Com a inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e, ao mesmo tempo, introduz os povos com as suas culturas na própria comunidade' (RM 52). Por um lado, a penetração do Evangelho num determinado meio sociocultural 'fecunda, como do interior, as qualidades espirituais e os dotes de cada povo (...), robustece-as, aperfeiçoa-as e restaura-as em Cristo' (GS 58). Por outro lado, a Igreja assimila esses valores, se compatíveis com o Evangelho, 'para aprofundar melhor a mensagem de Cristo e exprimi-la mais perfeitamente na celebração litúrgica e na vida multiforme da comunidade dos fiéis' (GS 58). Este dúplice movimento, em ato na inculturação, exprime, portanto, um dos componentes do mistério da Encarnação (Catechese Tradendae, 53)".

Tal perspectiva está bem resumida na Carta Encíclica Redemptoris Missio, de João Paulo II: "A inculturação significa uma íntima transformação dos valores culturais autênticos, graças à sua integração no cristianismo e ao enraizamento do cristianismo nas diversas culturas humanas" (n. 52).

A proposta de inculturação, no âmbito da transmissão da fé na missão e na liturgia não implica a criação de ritos alternativos, mas de mudanças no próprio Rito romano, que deve conservar a sua unidade. Segundo a IV Instrução (n. 36), "o estudo da inculturação não tem em vista a criação de novas famílias rituais; ao tentar dar resposta às necessidades de determinada cultura, leva a adaptações que continuam a fazer parte do Rito Romano". Para melhor elucidar e confirmar este aspecto, recorre ao Discurso de João Paulo II dirigido à Assembleia Plenária da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos (26.01.91): "Com uma tal indicação não se pretende propor às Igrejas particulares de iniciarem um trabalho novo, sucessivo à aplicação da reforma litúrgica e que seria o da adaptação ou inculturação. Não se deve aliás considerar a inculturação como a criação de Ritos alternativos (...). Trata-se, ao invés, de colaborar para que o Rito Romano, conservando toda a sua identidade, possa integrar oportunas adaptações" (n. 3).

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA E INCULTURAÇÃO

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis, de Bento XVI, "sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja", de 22.02.2007, é uma referência fundamental para a abordagem deste tema, pela profundidade de suas afirmações teológicas e por ser fruto de uma Assembleia Sinodal que recolheu proposições vindas da Igreja no mundo inteiro, segundo a dinâmica sinodal. O n. 54, intitulado "Celebração eucarística e inculturação", resume e fundamenta o tema, partindo do Vaticano II e assumindo as contribuições do Magistério pontifício pós-conciliar. A partir das proposições do Sínodo, o Papa Bento XVI recomendava "a continuidade do processo de inculturação", repropondo as diretrizes do Magistério desde o Vaticano II.

"Partindo fundamentalmente de quanto afirmou o Concílio Vaticano II, várias vezes, foi sublinhada a importância da participação ativa dos fiéis no sacrifício eucarístico. Para a favorecer, podem ter lugar algumas adaptações apropriadas aos respectivos contextos e às diversas culturas (cf. Conc. Ecum. Vaticano II, Const. sobre a Sagrada Liturgia Sacrosanctum Concilium, n. 37-42); o fato de ter havido alguns abusos não turba a clareza desse princípio, que deve ser mantido segundo as necessidades reais da Igreja, a qual vive e celebra o mesmo mistério de Cristo em situações culturais diferentes. De fato, o Senhor Jesus, precisamente no mistério da Encarnação, ao nascer de uma mulher como perfeito homem (cf. Gl 4,4) colocou-se em relação direta não só com as expectativas que se registravam no âmbito do Antigo Testamento, mas também com as cultivadas por todos os povos; manifestou, assim, que Deus pretende alcançar-nos no nosso contexto vital. Por conseguinte, é útil, para uma participação mais eficaz dos fiéis nos santos mistérios, a continuação do processo de inculturação, inclusivamente quanto à celebração eucarística, tendo em conta as possibilidades de adaptação oferecidas pela Instrução Geral do Missal Romano (cf. n. 386-399), interpretadas à luz dos critérios estabelecidos pela IV Instrução da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, designada Varietates legitimae, de 25 de janeiro de 1994, e pelas diretrizes expressas pelo Papa João Paulo II nas Exortações pós-sinodais Ecclesia in Africa, Ecclesia in America, Ecclesia in Asia, Ecclesia in Oceania e Ecclesia in Europa". No final deste parágrafo da Sacramentum Caritatis, o Papa Bento XVI, recomendava às Conferências Episcopais que "prossigam com essa obra, favorecendo um justo equilíbrio entre os critérios e diretrizes já emanados e as novas adaptações, sempre de acordo com Sé Apostólica" (n.54).

Portanto, à luz do Magistério da Igreja é evidente a validade da inculturação na vida da Igreja, abrangendo também o âmbito litúrgico e, de modo particular, a celebração eucarística. Trata-se de uma tarefa exigente, com riscos de equívocos, mas com muitos frutos.

PERSPECTIVA HERMENÊUTICA: ACERTOS E ABUSOS LITÚRGICOS

ACERTOS LITÚRGICOS

O delicado tema dos "acertos e abusos litúrgicos" exige a devida prudência para não se cair em generalizações ou reducionismos. O tema merece a devida atenção, pois não se trata de algo de cunho apenas acadêmico, mas que repercute na compreensão dos fiéis acerca da liturgia e nas celebrações, trazendo consequências positivas ou negativas para as pessoas e a inteira comunidade.

Não se pode reduzir a Reforma Litúrgica impulsionada pelo Vaticano II às dificuldades. A atitude primeira deve ser a de reconhecimento dos frutos, com a ação de graças a Deus e gratidão aos que têm empreendidos incansáveis esforços na sua realização. Dentre os frutos, estão a participação ativa e frutuosa dos fiéis, a Pastoral Litúrgica, a formação de equipes de celebração e as oportunidades de formação litúrgica oferecidas nas comunidades.

João Paulo II, na Carta Apostólica Spiritus et Sponsa, sobre a Sagrada Liturgia no XL Aniversário da Constituição Sacrosanctum Concilium, de 04.12.2003, assim ressaltava os seus frutos: "A renovação levada à cabo nestas décadas demonstrou que é possível conjugar algumas normas que assegurem à liturgia sua identidade e seu decoro, com espaços de criatividade e adaptação que a fazem próxima às exigências expressivas das diversas regiões, situações e culturas" (n. 15).

POSTURAS EQUIVOCADAS

Nos vários documentos do Magistério pode ser encontrada, de modo explícito ou implícito, a temática dos abusos litúrgicos, alertando-nos, antes de tudo, para as posturas gerais ou atitudes equivocadas que podem ocorrer.

A Carta Apostólica de João Paulo II pelo XXV Aniversário da Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia, de 04.01.1988, constatava "atitudes diversas e até mesmo opostas em relação à reforma: alguns acolheram os novos livros com uma certa indiferença, ou então sem procurar entender, nem levar a entender os motivos das mudanças; outros, infelizmente, prenderam-se, de maneira unilateral e exclusiva, às formas litúrgicas precedentes, entendidas por alguns deles como sendo a única garantia da integridade da fé; outros promoveram inovações fantasiosas, afastando-se das normas dadas pela autoridade da Sé Apostólica ou pelos Bispos" (n. 11). Na encíclica Ecclesia de Eucaristia, ele alertava sobre as "reduções" ou "instrumentalizações", declarando que "o mistério eucarístico – sacrifício, presença, banquete – não permite reduções, nem instrumentalizações" (n. 61).

Muitos anos depois, na Carta Apostólica Desiderio Desideravi (DD), o Papa Francisco elencou algumas atitudes que não condizem com o mistério eucarístico, distanciando-se das normas litúrgicas e do ensinamento do Magistério: "esteticismo ritual, banalidade desleixada, superficialismo ignorante, funcionalismo prático" (n. 22). Assim ele se expressa: "A contínua redescoberta da beleza da Liturgia não é a busca por um esteticismo ritual, que se satisfaz somente no cuidado com a formalidade exterior de um rito ou que se apega a uma observância escrupulosa de rubricas. Obviamente, esta afirmação não pretende aprovar, de forma alguma, a atitude oposta, que confunde simplicidade com banalidade desleixada, ou essencialidade com superficialismo ignorante, ou ainda, a concretude da ação ritual com um exasperado funcionalismo prático" (n. 22). Acrescenta ainda Francisco: "O ars celebrandi não pode ser reduzido à mera observância de um aparato de rubricas e tampouco pode ser pensado como uma fantasiosa – e, às vezes, selvagem – criatividade sem regras" (n. 48). E a seguir, acrescenta: "subjetivismos, que são fruto da prevalência das sensibilidades individuais e dos culturalismos, que são incorporações sem critério de elementos culturais que nada têm a ver com um correto processo de inculturação" (n. 49).

As DGAE em vigor no Brasil referem-se também a atitudes que contradizem a Liturgia. Fala-se de uma "liturgia essencial", que não deve sucumbir aos "extremos do subjetivismo emotivo", nem à "frieza e rigidez rubricista e ritualística" (n. 162). A compreensão de "Liturgia essencial" está assim resumida: "que conduza os fiéis a mergulhar no mistério de Deus, sem deixar o chão concreto da história de fora da oração comunitária" (n. 162).

Retomando uma expressão de João Paulo II, podemos dizer: "Nada daquilo que nós fazemos na Liturgia pode parecer mais importante do que aquilo que invisível, mas verdadeiramente e realmente, Cristo faz, mediante o seu Espírito" (Carta Apostólica pelo XXV aniversário da SC, 10).

Estes alertas a respeito de equívocos e abusos no âmbito litúrgico interpelam, de modo especial, os que presidem as celebrações, principalmente os sacerdotes nas celebrações eucarísticas, e os que atuam nas equipes de celebração, evidenciando a importância da Pastoral Litúrgica e da formação litúrgica de ministros e fiéis.

FORMAÇÃO LITÚRGICA

O tema da formação litúrgica já é importante em si mesmo, para fazer conhecer e valorizar a liturgia, para favorecer a participação consciente e ativa da comunidade, a vivência pessoal e comunitária do mistério celebrado, para orientar as celebrações de modo a favorecer a identidade e a unidade. Portanto, a formação não pode ser concebida unicamente em função de se evitar erros no campo litúrgico.

O tema da inculturação na liturgia, pela sua importância e complexidade exige ainda mais estudo e aprofundamento, devendo integrar a formação litúrgica. A respeito, é importante ressaltar a contribuição da recente Carta Apostólica do Papa Francisco Desiderio Desideravi "sobre a formação litúrgica do Povo de Deus", de 29.02.22. Ele ressalta a "necessidade de uma séria e vital formação litúrgica" (DD p. 27). A publicação de uma Carta Apostólica sobre o tema mostra a sua máxima relevância e atualidade na Igreja. Já o Papa João Paulo II, na Carta comemorando os 25 anos da Sacrosanctum Concilium, em 1988, declarava que "a tarefa que se apresenta como mais urgente é a formação bíblica e litúrgica do Povo de Deus: dos pastores e dos fiéis" (n. 15).

A Carta Apostólica de Francisco repropõe com ênfase o que o Concílio Vaticano II havia estabelecido: “Os pastores da Igreja promovam com zelo e paciência a formação litúrgica dos fiéis e sua participação ativa, tanto interna como externamente, levando em conta sua idade, condição, gênero de vida e grau de cultura religiosa...” (SC 19).

O objetivo da Desiderio Desideravi é, antes de tudo, ajudar a “compreender a beleza da verdade da Celebração Litúrgica”, pretendendo ser “um texto de meditação”, de caráter bíblico, patrístico e litúrgico, segundo o “Comunicado oficial do Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos” que integra a publicação do documento.

O Papa Francisco, ao abordar a “arte de celebrar” alerta: “o ars celebrandi não pode ser reduzido à mera observância de um aparato de rubricas e tampouco pode ser pensado como uma fantasiosa – e às vezes, selvagem – criatividade sem regras. O rito é, em si mesmo, uma norma, mas a norma nunca é um fim em si mesma, estando sempre a serviço da realidade mais elevada que quer custodiar” (n.48). Para tanto, é preciso cuidar da ars celebrandi, pois segundo as suas palavras: “um modo de guardar e crescer na compreensão vital dos símbolos da Liturgia é, certamente, o de cuidar da arte de celebrar. Esta expressão é objeto de várias interpretações. Nós a compreendemos mais claramente tendo como referência o sentido teológico da Liturgia, descrito no n. 7 da Sacrosanctum Concilium, ao qual nos referimos tantas vezes” (n.48), afirma o Papa.

A formação litúrgica torna-se sempre mais necessária, principalmente quando se busca compreender temas tão exigentes como a relação entre liturgia e cultura ou celebração eucarística e inculturação. Deve favorecer, acima de tudo, uma participação sempre mais consciente e frutuosa dos fiéis na liturgia.

CONCLUSÃO

Há questões que permanecem em aberto e necessitam de aprofundamento teológico e litúrgico, inclusive em nível acadêmico. É preciso, antes de tudo, valorizar as respostas que a Igreja já tem oferecido e observar as orientações e normas estabelecidas. Por mais que for desenvolvida e estudada, a temática da “Eucaristia e Pluralidade Cultural” ou “Eucaristia e Inculturação” necessita de aprofundamento sob vários enfoques. Há outros valiosos documentos ou publicações do Magistério e importantes estudos teológicos e litúrgicos que podem ser abordados para melhor desenvolver e enriquecer este estudo.

O tema da “inculturação” continua a desafiar pastoralmente e a necessitar de aprofundamento no âmbito da liturgia, aparecendo no Documento para a Etapa Continental do Sínodo. Nele, há Conferências Episcopais que pedem “uma abordagem intercultural mais consciente” e uma maior integração das culturas locais, especialmente na Liturgia. A promoção de uma “cultura sinodal” (p. 38) contempla também a liturgia. Muitos relatórios das Conferências Episcopais pedem “um estilo sinodal de celebração litúrgica que permita a participação ativa de todos os fiéis no acolhimento de todas as diferenças, na valorização de todos os ministérios e no reconhecimento de todos os carismas” (p. 41).

A questão não é somente acadêmica ou teórica. É questão de fé e de vivência da fé. “O desafio pastoral da inculturação litúrgica deve ser compreendido e assumido à luz do mistério da encarnação e da cultura da proximidade” (D. Armando Bucciol, Iniciar a fé pela Liturgia – A recepção da Reforma Litúrgica na América Latina, in Iniciar a fé pela Liturgia – A recepção da Reforma Litúrgica na América Latina, p. 169).

Concluindo, acolhamos as palavras do Papa Francisco no final da Desiderio Desideravi: “Abandonemos as controvérsias para ouvirmos juntos o que o Espírito diz à Igreja, guardemos a comunhão, continuemos a nos maravilhar com a beleza da Liturgia” (n. 65).

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Vaticano II, Const. sobre a Sagrada Liturgia Sacrosanctum Concilium,

João Paulo II, Carta Dominicae Cenae sobre o mistério e o culto da Santíssima Eucaristia, 24.02.80.

João Paulo II, Carta Encíclica Redemptoris Missio sobre a validade permanente do mandato missionário, 07.12.90.

João Paulo II, Carta Apostólica pelo XXV Aniversário da Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia, 04.01.1988.

João Paulo II, Carta encíclica Ecclesia de Eucaristia sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja", 17.4.2003.

João Paulo II, na Carta Apostólica Spiritus et Sponsa, sobre a Sagrada Liturgia no XL Aniversário da Constituição Sacrosanctum Concilium, de 04.12.2003.

Bento XVI, Exortação Apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, 22.02.2007.

Francisco, Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, 24.11.2013.

Francisco, Carta Apostólica Desiderio Desideravi sobre a Formação Litúrgica do Povo de Deus, 29.02.22.

Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, IV Instrução para uma Correta Aplicação da Constituição Conciliar sobre a Liturgia, de 25.01.94.

Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Diretório sobre a Piedade Popular e Liturgia. Princípios e Orientações, de 17.12.2001.

Secretaria Geral do Sínodo, Documento de Trabalho para a Etapa Continental, 27.10.22.

CNBB, Animação da Vida Litúrgica no Brasil", Doc. 43, 1989.

CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023) - DGAE.

CNBB, Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica – RCC, Doc. 43, 1994.

CNBB, Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, Doc. 99, 13.03.2014.

Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia da CNBB, Liturgia. Fonte e ápice da vida e ação da Igreja, 2019.

INTRODUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO – Decreto da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos sobre a Terceira Edição Típica – 20.04.2000 – n. 386-399.

Às 11 da manhã, os participantes seguiram para as oficinas.

Abaixo, lê-se o texto da oficina de Dom Francisco Biasin, bispo emérito de Barra do Piraí-Volta Redonda.

A COMPREENSÃO DO MISTÉRIO EUCARÍSTICO NAS DIFERENTES TRADIÇÕES DAS IGREJAS CRISTÃS:
AVANÇOS E PERSPECTIVAS

Francisco Biasin
Bispo Emérito de Barra do Piraí-Volta Redonda

MISTÉRIO EUCARÍSTICO: TRADIÇÕES DIFERENTES CONVERGEM PARA A UNIDADE

Nota prévia: Ao preparar esta oficina e consultando artigos e estudos sobre o assunto que me foi proposto, não encontrei algo de mais apropriado, profundo e em consonância com o caminho ecumênico feito a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II, do que a quarta pregação quaresmal do Cardeal Raniero Cantalamessa proferida na quaresma de 2022 que reporto em amplos textos nesta primeira parte.

A via do ecumenismo eucarístico é a via do reconhecimento recíproco, a via cristã da ágape, da partilha e das diferenças reconciliadas de que fala o nosso Santo Padre, o Papa Francisco. Não se trata de passar por cima das divergências reais, ou de renunciar a alguma coisa da doutrina católica autêntica. Trata-se, antes, de reunir todos os aspectos positivos e os valores autênticos que existem em cada uma das tradições, de modo a constituir um conjunto de verdades comuns que comece a atrair-nos para a unidade.

É incrível como algumas posições católicas, ortodoxas e protestantes, acerca da presença real, se tornam divergentes entre si e destrutivas, quando contrapostas e vistas em alternativa entre si, ao passo que se mostram maravilhosamente convergentes, se mantidas juntas em equilíbrio. É a síntese que devemos começar a fazer; devemos passar, como por um crivo, as grandes tradições cristãs, para colher de cada uma, como nos exorta o Apóstolo, "aquilo que é bom" (cf. 1Ts 5,21). Esta é a única maneira pela qual podemos esperar um dia sentar à mesma mesa.

Vamos agora examinar, com este espírito, as três principais tradições eucarísticas – a latina, a ortodoxa e a protestante – para nos edificarmos com as riquezas de cada uma e reunir a todas no tesouro comum da Igreja. A ideia que, no final, iremos ter do mistério da presença real ficará mais rica e mais viva.

Uma presença real, mas escondida: a tradição latina

A tradição latina responde à seguinte questão: Quem está presente na Eucaristia?

Na visão latina, o centro indiscutível da ação eucarística, da qual deriva a presença real de Cristo, é o momento da consagração. Nele, Jesus age e fala em primeira pessoa. A teologia latina recolhe, nisto, todo um filão da tradição patrística.

Santo Ambrósio escreve:

Este pão é pão antes das palavras sacramentais; mas, ao intervir a consagração, o pão torna-se carne de Cristo... Com que palavras se fez a consagração, e de quem são essas palavras? Do Senhor Jesus! (...) É, pois, a palavra que opera o sacramento... Vês quanto é eficaz a fala de Cristo? Antes da consagração não havia corpo de Cristo, mas depois da consagração, eu digo-te que já existe o Corpo de Cristo. Ele diz e a coisa acontece, Ele ordena e a coisa se afirma" (Sl 33,9).

Podemos falar, na visão latina, de um realismo cristológico. "Cristológico", porque toda a atenção aqui se volta para Cristo, visto quer na sua existência histórica e encarnada, quer na de Ressuscitado; Cristo é tanto o objeto como o sujeito da Eucaristia, isto é, Aquele que é realizado na Eucaristia e Aquele que realiza a Eucaristia. "Realismo", porque este Jesus não é visto presente no altar simplesmente num sinal ou num símbolo, mas em verdade e com a sua realidade. Esse realismo cristológico é visível, para darmos um exemplo, no cântico Ave verum: "Salve, corpo verdadeiro, nascido de Maria Virgem, que realmente sofreste e foste imolado na cruz pelos homens, e de cujo Lado aberto brotou sangue e água...".

Seguidamente, o Concílio de Trento definiu melhor este modo de conceber a presença real, usando três advérbios: verdadeiramente, realmente, substancialmente. Jesus está presente verdadeiramente, não só em imagem, ou em figura; está presente realmente, não só subjetivamente, pela fé dos crentes; está presente substancialmente, ou seja, segundo a sua realidade profunda que é invisível aos sentidos, e não segundo as aparências que continuam a ser as do pão e do vinho.

Poderia haver o perigo, é verdade, de se cair num "cru" realismo, ou num realismo exagerado, mas existe na Igreja o remédio para este perigo. Santo Agostinho esclareceu, de uma vez para sempre, que a presença de Jesus acontece "in sacramento". Não é, por outras palavras, uma presença física, mas sacramental, mediada por sinais que são, precisamente, o pão e o vinho. Neste caso, porém, o sinal não exclui a realidade, mas torna-a presente, no único modo com que Cristo ressuscitado que "vive no Espírito" (1Pd 3,18) pode tornar-Se presente entre nós, enquanto vivemos ainda no corpo.

Santo Tomás de Aquino – o outro grande artífice da espiritualidade eucarística ocidental, juntamente com Santo Ambrósio e Santo Agostinho – diz a mesma coisa, ao falar de uma presença de Cristo "segundo a substância" sob as espécies do pão e do vinho. De fato, dizer que Jesus se torna presente na Eucaristia com a sua substância, quer dizer que Se torna presente com a sua realidade verdadeira e profunda, que pode ser compreendida só mediante a fé. No hino Adoro te devote, que reflete de perto o pensamento de Tomás de Aquino e que serviu mais do que muitos livros para moldar a piedade eucarística latina, diz-se: "Os olhos, o tato, o gosto, tudo aqui perde valor; fica só a fé na tua palavra": Visus tactus gustus in te fallitur sed auditu solo tuto creditur".

Cristo está, por isso, presente na Eucaristia num modo único que não tem correspondente noutro lugar. Nenhum adjetivo, por si só, é suficiente para descrever essa presença; nem sequer o adjetivo "real". Real vem de res (coisa) e significa como uma coisa ou objeto. Ora, Jesus não está presente na Eucaristia como uma "coisa" ou um objeto, mas como uma pessoa. Se se quer atribuir um nome a esta presença, seria melhor chamar-lhe presença "eucarística", porque se realiza somente na Eucaristia.

A ação do Espírito Santo: a tradição ortodoxa

A tradição ortodoxa responde à seguinte questão: por quem é operada a presença Eucarística?

A teologia latina apresenta muitas riquezas, mas não esgota – nem poderia fazê-lo – o mistério. Faltou-lhe, pelo menos no passado, o devido relevo ao Espírito Santo, que também é essencial para compreender a Eucaristia. Eis então que nos voltamos para o Oriente, para interrogar a tradição ortodoxa, com uma disposição, todavia, bem diferente da de outrora: já não preocupados com as diferenças, mas felizes pelo complemento que ela traz à nossa visão latina.

Com efeito, na tradição ortodoxa é posta no devido relevo a ação do Espírito Santo na celebração eucarística. De resto, este cotejo já produziu os seus frutos, depois do Concílio Vaticano II. Até então, no Cânon Romano da Missa, a única menção do Espírito Santo, incidentalmente, era a da doxologia final: "Por Cristo, com Cristo, em Cristo... na unidade do Espírito Santo...". Pelo contrário, agora todos os novos cânones trazem uma dupla invocação do Espírito Santo: uma sobre os dons, antes da consagração, e outra sobre a Igreja, depois da consagração.

As liturgias orientais atribuíram sempre a realização da presença real de Cristo no altar a uma operação especial do Espírito Santo. Na anáfora dita de São Tiago, em uso na Igreja antioquena, o Espírito Santo é invocado com estas palavras:

Envia sobre nós e sobre estes santos dons apresentados, o teu santíssimo Espírito, Senhor e dador de vida, que está sentado contigo, Deus e Pai, e com o teu único Filho. Ele reina consubstancial e coeterno; falou na Lei e nos profetas e no Novo Testamento; desceu, sob forma de pomba, sobre Nosso Senhor Jesus Cristo no rio Jordão e repousou sobre Ele; desceu sobre os santos apóstolos, no dia de Pentecostes, sob forma de línguas de fogo. Envia esse teu Espírito três vezes santo, Senhor, sobre nós e sobre estes santos dons apresentados, para que, pela sua vinda, santa, boa e gloriosa, santifique este pão e faça dele o santo corpo de Cristo (Amém), santifique este cálice e faça dele o sangue precioso de Cristo (Amém).

Há aqui muito mais do que um simples acréscimo da invocação do Espírito Santo. Há um olhar amplo e penetrante em toda a História da Salvação que ajuda a descobrir uma dimensão nova do mistério eucarístico. Partindo das palavras do símbolo niceno-constantinopolitano que definem o Espírito Santo "Senhor", e "Aquele que dá a vida", "que falou pelos profetas", amplia-se a perspectiva até traçar uma verdadeira e própria "história" do Espírito Santo.

A Eucaristia leva a cumprimento esta série de intervenções prodigiosas. O Espírito Santo que na Páscoa irrompeu no sepulcro e "tocando" no corpo inanimado de Jesus, O fez reviver, repete na Eucaristia este prodígio. Ele vem no sangue e no vinho que estão mortos e dá-lhes a vida, faz deles o corpo e o sangue vivos do Redentor. Verdadeiramente – como disse o próprio Jesus, falando da Eucaristia – "é o Espírito que dá a vida" (Jo 6,63).

Um grande representante da tradição eucarística oriental, Teodoro de Mopsuéstia, escreve:

"Em virtude da ação litúrgica, o nosso Senhor como que ressuscita dos mortos e espalha a sua graça sobre todos nós, pela vinda do Espírito Santo... Quando o pontífice declara que este pão e este vinho são o corpo e o sangue de Cristo, afirma que se tornaram tais pelo contacto do Espírito Santo. Aconteceu assim com o corpo natural de Cristo, quando recebeu o Espírito Santo e a sua unção. Nesse momento, ao sobrevir o Espírito Santo, nós cremos que o pão e o vinho recebem uma espécie de unção de graça. E a partir daí acreditamos que eles são o corpo e o sangue de Cristo, imortais, incorruptíveis, impassíveis e imutáveis por natureza, como o próprio corpo de Cristo na ressurreição".

É importante, no entanto, levar em conta uma coisa e aqui vemos como até a tradição latina tem algo a oferecer aos irmãos ortodoxos. O Espírito Santo não age separadamente de Jesus, mas dentro da palavra de Jesus. D'ele disse Jesus: "Não falará em seu nome, mas dirá o que escutou... O Espírito da Verdade manifestará a minha glória porque vai receber daquilo que é meu e vo-lo interpretará" (Jo 16,13-14).

É por isso que não se deve separar as palavras de Jesus (“Isto é o meu corpo”) das palavras da epiclese (“O Espírito Santo santifique estes dons para que se convertam no corpo e e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo”).

O apelo à unidade, para os católicos e os irmãos ortodoxos, vem da própria profundidade do mistério eucarístico. Mesmo que, pela natureza das coisas, a recordação da instituição e a invocação do Espírito Santo aconteçam em momentos distintos (o homem não pode exprimir o mistério num só instante), a sua ação, porém, está ligada. A eficácia vem certamente do Espírito (não do sacerdote, nem da Igreja), mas essa eficácia exerce-se dentro da palavra de Cristo e através dela. A eficácia que torna presente Jesus sobre o altar não vem – já o disse – da Igreja, mas – acrescento – não acontece sem a Igreja. Ela é o instrumento vivo, através do qual e juntamente com o qual o Espírito opera. Acontece, para a vinda de Jesus sobre o Altar, como para a vinda final na glória: “O Espírito e a Esposa (a Igreja) ‘dizem’ a Jesus: ‘Vem!’” (Ap 22,17). E ele vem!

A importância da fé: a espiritualidade protestante

A tradição latina colocou em evidência “quem” está presente na Eucaristia, Cristo.

A tradição ortodoxa colocou em evidência “por quem” é operada a sua presença, pelo Espírito Santo.

A teologia protestante coloca em evidência “sobre quem” opera essa presença; por outras palavras, sob que condições o sacramento opera, de fato, em quem o recebe, o que significa.

Estas condições são diversas, mas resumem-se numa só palavra: a fé.

Não vamos deter-nos já nas consequências negativas, derivadas, em certos períodos, do princípio protestante segundo o qual os sacramentos não são senão “sinais da fé”. Ultrapassando os mal-entendidos e a polêmica, consideramos que este enérgico chamado à fé é salutar precisamente para salvar o sacramento e não deixá-lo cair ao nível das “boas obras”, ou a algo que age um pouco mecânica e magicamente, quase sem o homem saber.

Trata-se, no fundo, de descobrir o significado profundo daquela exclamação que a liturgia faz ressoar no final da consagração e, outrora, recordemo-lo, estava inserida inclusive no centro da fórmula da consagração, como que a sublinhar que a fé é parte essencial do mistério: Mysterium fidei, mistério da fé!

A fé não “faz”, apenas “recebe” o sacramento. Só a palavra de Cristo repetida pela Igreja e tornada eficaz pelo Espírito Santo “faz” o sacramento. Mas que aproveitaria um sacramento “feito”, mas não “recebido”? A propósito da Encarnação, homens como Orígenes, Santo Agostinho, São Bernardo, disseram: “Que me aproveita a mim que Cristo tenha nascido uma vez de Maria em Belém, se não nasce também, pela fé, no meu coração?”. A mesma coisa se deve dizer também da Eucaristia: que me aproveita a mim que Cristo esteja realmente presente sobre o altar, se Ele não está presente para mim? Já no tempo em que Jesus estava presente sobre a terra, a fé era precisa; caso contrário – como Ele próprio tantas vezes repetiu no Evangelho –, a sua presença não serviria para nada, senão para condenação: “Ai de ti, Corazim, ai de ti, Cafarnaum!”.

A fé é necessária para que a presença de Jesus na Eucaristia seja, não só “real”, mas também “pessoal”, isto é, de pessoa para pessoa. Uma coisa é “estar”, e outra “estar presente”. A presença supõe alguém que está presente e alguém diante do qual está presente; supõe comunicação recíproca, diálogo entre duas pessoas livres, que tomam conhecimento uma da outra. Por conseguinte, é muito mais do que a simples presença num certo lugar. Esta dimensão subjetiva e existencial da presença eucarística não anula a presença objetiva que precede a fé do homem, antes a supõe e valoriza.

Lutero, que exaltou tanto o papel da fé, é também um daqueles que sustentou com grande vigor a doutrina da presença real de Cristo no sacramento do altar. No decurso de um debate com outros Reformadores acerca deste tema, ele afirmou:

“Não posso entender as palavras “Isto é o meu corpo”, diferentemente de como soam. Toca então aos outros demonstrar que onde a palavra diz: “Isto é o meu corpo”, o corpo de Deus não está lá. Não quero ouvir explicações baseadas na razão. Perante palavras tão claras, não admito perguntas; rejeito o raciocínio e a sã razão humana. Demonstrações materiais, argumentações geométricas: tudo rejeito completamente. Deus está acima de qualquer matemática e é preciso adorar com espanto a Palavra de Deus”.

O rápido olhar que lançamos sobre a riqueza das diversas tradições cristãs foi suficiente para nos fazer entrever que dom imenso se perspectiva na Igreja, **quando as várias confissões cristãs decidem colocar em comum os seus bens espirituais, como faziam os primeiros cristãos, dos quais se dizia que “colocavam em comum todas as coisas” (At 2,44). É esta a ágape maior, a dimensão de toda a Igreja, que o Senhor coloca no nosso coração para desejarmos ver, para a alegria do Pai comum e o fortalecimento da sua Igreja.**

MAS ... ESTAMOS AINDA SEPARADOS!!!

As belíssimas e profundas considerações apresentadas pelo Card. R. Cantalemessa utilizando a metodologia da convergência e da complementariedade visam favorecer o caminho ecumênico rumo à celebração no único cálice, mas, ... ainda estamos separados. As perguntas que se fazem necessárias são as seguintes:

QUAIS SÃO AS POSIÇÕES ECUMÊNICAS alcançadas até agora?

No diálogo ecumênico sobre a Santa Ceia, formaram-se nas últimas décadas entre a maioria das Igrejas cristãs - mas não nas Igrejas ortodoxas - essencialmente os seguintes três conceitos. Com eles, entretanto, as Igrejas se referem a coisas diferentes ao falarem da comunhão eucarística.

1. Hospitalidade eucarística ou comunhão aberta. No caso da “comunhão aberta”, a admissão à Santa Ceia tem o caráter de uma “hospitalidade eucarística”. O convite aberto é feito a quem pode, de boa consciência, compartilhar da fé eucaristica da comunidade celebrantes. Neste caso as Igrejas não recusam a cristãos de outras confissões a participação em sua própria celebração eucarística. No âmbito de Igreja Católica Romana, essa “hospitalidade eucarística” é, até agora tratada apenas de modo restrito como uma admissão unilateral, limitada a casos de emergência e excessão, de cristãos de outras confissões à própria celebração eucarística.

2. Intercomunhão. No caso da “intercomunhão”, a admissão à Santa Ceia tem o caráter de um “convite recíproco” de duas Igrejas para participar da própria celebração da Santa Ceia/Eucaristia, que é enunciado, após um acordo mútuo, em relação aos membros da outra confissão. Essa espécie de acordo e convite existe, por exemplo, entre a Igreja Evangélica Luterana da Alemanha e a Igreja Anglicana ou entre a Igreja Luterana da Alemanha e o Bispado dos Vétero-católicos da Alemanha.

3. Concelebração e intercelebração. A “Concelebração” e a “intercelebração” pressupõem a comunhão Eucarística plena, e, por conseguinte, o pleno reconhecimento mútuo dos sacramentos e dos ministérios. No caso da “Concelebração", os clérigos de confissões distintas dirigem o culto eucarístico conjunto por ocasião de determinadas circunstâncias onde estão presentes membro de suas Igrejas, enquanto que, no caso da “intercelebração”, duas ou m ais Igrejas estão dispostas a permitir mutuamente que os ministros de uma dirijam o culto eucarístico da outra.

Conclusão. Está se trabalhando para conseguir uma Hospitalidade Eucarística aberta como regra para a prática ecumênica porque parece não haver razões teológicas suficientes para reusar esse primeiro passo para uma vida eucarística conjunta de cristãos onde a vida conjunta tornou-se algo óbvio e já existente.

TEM OUTROS ELEMENTOS QUE ABREM PERSPECTIVAS E PODEM AJUDAR A SUPERAR AS NOSSAS DIVISÕES?

O BATISMO

O Batismo em nome do Deus unitrino liga os batizados com Cristo e os integra no corpo de Cristo. Na Santa Ceia, o corpo de Cristo é "dado por vós" e, pela participação nele, os muitos são um só corpo (1Cor 10,17). Por isso é apropriado entender o Batismo como pressuposto para o acesso à Santa Ceia. Tanto o Batismo como a Santa ceia tem a ver com o Corpo de Cristo, mesmo que de maneira diferente: no Batismo ocorre a interação única no Corpo de Cristo, e na Santa ceia o Crucificado ressuscitado constantemente recria, mantém e faz crescer o Corpo de Cristo mediante a auto-doação no Espírito Santo.

Por meio do sacramento do Batismo uma pessoa é realmente incorporada a Cristo e à sua Igreja e é regenerada para participar da vida divina. O Batismo constitui, então, o vínculo sacramental da unidade que existe entre todos aqueles que, por Ele, foram regenerados. Mas ele é apenas "o início e o exórdio" de um caminho sacramental e de fé que leva à plena comunhão com Cristo. Portanto, o Batismo é ordenado à íntegra profissão de fé, à plena integração na obra da salvação tal como Cristo o quis e enfim à total inserção na comunhão eucarística (UR 22).

Apesar dessas afirmações oficiais, até agora não tem sido possível uma celebração conjunta dos fiéis que pertencem à Igrejas diferentes porque entre as diversas igrejas existe una controvérsia a respeito de como se deve definir a relação do Corpo de Cristo com a comunhão perceptível dos fiéis, isto é a pertença à uma Igreja ou Comunidade de fé!

Uma tarefa a ser cumprida refere-se ao modo de entender o ministério. Talvez esse seja o ponto mais delicado e mais sensível para que haja à uma ampla hospitalidade eucarística. Precisa realizar um estudo mais aprofundado a respeito do significado bíblico, teológico e pastoral do ministério ordenado. Para as Igrejas evangélicas o que assegura a continuidade apostólica e que emerge em primeiro plano é a pregação conforme o Evangelho (ministerium Verbi divini) e a correta administração do sacramento, enquanto se dá menor importância ao momento da transmissão ministerial. Nelas não há uma distinção essencial entre a autoridade ministerial e o sacerdócio comum dos fiéis. Já para a Igreja Católica é constitutivo para a própria Igreja que o ministério da pregação e de presidir a Eucaristia seja transmitido a um ministro mediante a imposição das mãos por parte do Bispo. Para a Igreja Católica existe um poder conservatório transmitido por via sacramental como condição de validade da celebração eucarística. Também as Igrejas evangélicas prevêem que normalmente a Celebração da Santa Ceia cabe aos pastores e pastoras ordenados, mas em casos excepcionais é possível que sejam representados por vigários/as e leigos não ordenados. Nelas é colocado em primeiro lugar o princípio pelo qual é Cristo que reúne, ensina e nutre a Igreja. Ele é o Pastor que guia o Povo de Deus. A Eucaristia é recebida do Cristo vivente na sua Igreja. O ministro é apenas um embaixador que representa a iniciativa de Deus e expressa o elo da comunidade local com as outras comunidade locais na Igreja universal.

Resumindo: Com relação à Eucaristia, a Igreja Católica vincula esse sacramento ao sacramento da Ordem. E como não reconhece também a validade das ordenações da maioria das Igrejas da Reforma, consequentemente não reconhece a validade da Ceia celebrada por seu ministros. Isso porém, não significa negar a totalidade da Ceia nas Igrejas da Reforma, nem a ministerialidade na ação dos seus pastores. Por isso, "quando na Santa Ceia comemoram a morte e a ressurreição do Senhor, nela confessam ser significada a vida na comunhão de Cristo e esperam a sua vinda gloriosa. É, por isso, necessário que se tome como objeto de diálogo a doutrina sobre a Ceia do Senhor, sobre os outros sacramentos, sobre o culto e sobre os ministérios da Igreja"(UR 22).

Visão do Papa Francisco

"O ecumenismo é essencialmente batismal . É no Batismo que encontramos o fundamento da comunhão entre cristãos e o anseio de plena unidade visível. É através deste sacramento que podemos afirmar com o Apóstolo Paulo: «Num só Espírito fomos batizados todos nós, para formar um só corpo» (1 Cor 12, 13). Um só corpo: progredir no sentido do reconhecimento mútuo deste sacramento básico parece-me essencial se quisermos confessar, com o Apóstolo, «um só Senhor, uma só fé, um só batismo» (Ef 4, 5)". (Discurso Diálogo teológico Católico-Igrejas Ortodoxas Orientais 23/06/2022)

Anke de Bernardinis, casada com um católico romano, manifestou ao Papa Francisco a sua amargura por «não poderem participar juntos na Ceia do Senhor»; e perguntou: «Que podemos fazer para chegar finalmente à comunhão neste ponto?».

"À sua pergunta - respondeu Francisco - só respondo com outra interrogação: como posso comportar-me com o meu marido, para que a Ceia do Senhor me acompanhe pelo caminho? Trata-se de um problema ao qual cada um deve responder. No entanto, um pastor amigo dizia-me: «Nós cremos que ali o Senhor está presente. Está presente! Também vós acreditais que o Senhor está presente. E qual é a diferença?» — «Pois são as explicações, as interpretações...». A vida é maior do que as explicações e interpretações. Fazei sempre referência ao Baptismo: «Uma só fé, um só Baptismo, um só Senhor», assim nos diz Paulo, e assumir as suas consequências. Nunca ousarei conceder a autorização para fazer isto, porque não é da minha competência. Um só Baptismo, um só Senhor, uma só fé. Falai com o Senhor e ide em frente. Não me atrevo a dizer mais." (Visita à Igreja Luterana de Roma,15/11/2015)

OS MATRIMÔNIOS MISTOS

O documento "Juntos à mesa do Senhor", que foi elaborado por uma comissão mista católico-luterana, trabalha em uma perspectiva fundamental, mas cuja intenção é bem fotografada por esta clara e linear conclusão, que desejo relatar aqui na íntegra:

"O Grupo de Trabalho Ecumênico de Teólogos Evangélicos e Católicos considera teologicamente fundamentada a prática da participação recíproca na celebração da Ceia/Eucaristia no respeito às tradições litúrgicas alheias. Ela é pastoralmente oportuna, especialmente na situação de famílias de confissão mista. Tanto em vista do caso individual quanto como normativa geral, ninguém pode se contentar com as soluções até agora existentes. Esse parecer implica o reconhecimento das respectivas formas litúrgicas, assim como dos serviços de presidência, do modo como assumidos pela comunidade que celebra e convida à celebração, em nome de Jesus Cristo, os batizados de outras confissões. Não se deseja uma nova forma concordada de liturgia eucarística além das tradições que cresceram ao longo da história. Na práxis por nós proposta, pressupõe-se o reconhecimento do batismo como vínculo sacramental da fé e como pressuposto de participação."

Quem experimentou uma "comunhão familiar", que edifica casas, gera filhos, forma as consciências, constrói relações, anunciando desse modo a Boa Nova, mas, enquanto isso, foi forçado a celebrar a comunhão eucarística "na divisão eclesial", compreende que a família se tornou profecia para as Igrejas. As famílias estão à frente, e as Igrejas, até mesmo as Congregações, arrastam-se atrás.

É preciso acrescentar que a questão assumiu, também para os católicos, uma relevância própria somente depois que mudaram algumas condições eclesiais e sociais decisivas entre as quais destacamos os casamentos mistos que, pelo menos em

algumas regiões, intensificaram-se muito (a partir da autodeterminação de homens e mulheres). Na sociedade tradicional, os grupos eclesiais tendiam a se fechar sobre si mesmos.

A fé comum no Senhor Jesus, embora na diversidade das tradições ou, melhor, honrando precisamente essas diferenças, não pode impedir que, em certas circunstâncias, sem torná-la uma norma geral, seja possível "compartilhar a fração do pão" entre fiéis de confissões diferentes.

De modo particular, isso deve valer para aquelas "formas de vida" como o matrimônio, em que a "diversidade de confissão" não impede a vida de uma "Igreja doméstica". A Igreja doméstica já vive a comunhão eucarística nas refeições comuns, nos sonos comuns, no cuidado comum.

Visão do Papa Francisco

"O Senhor nos deu este mandato: «Fazei isto em memória da mim». E quando compartilhamos a Ceia do Senhor, recordamos e imitamos, realizamos aquilo que fez o Senhor Jesus. E haverá a Ceia do Senhor, o banquete final na Nova Jerusalém, mas este será o último. Ao contrário, ao longo do caminho, pergunto-me - e não sei como responder, mas faço minha a sua interrogação - pergunto-me: compartilhar a Ceia do Senhor é o fim de uma vereda, ou constitui o viático para caminhar juntos? Deixo a pergunta aos teólogos, àqueles que entendem." (Visita à Igreja Luterana de Roma,15/11/2015)

A PRÁTICA PASTORAL

"O ecumenismo tem sempre um caráter pastoral . Entre as nossas Igrejas que partilham a sucessão apostólica, o amplo consenso observado pela vossa Comissão não só sobre o Batismo, mas também sobre os outros Sacramentos, deveria encorajar-nos a aprofundar um ecumenismo pastoral . Neste sentido, mesmo sem estar em plena comunhão, já foram assinados acordos pastorais com algumas Igrejas ortodoxas orientais, que permitem que os fiéis «participem nos meios da graça» (UR 8). Penso, em particular, na Declaração conjunta assinada em 1984 pelo Papa João Paulo ii e pelo Patriarca Mar Ignatius Zakka i Iwas da Igreja sírio-ortodoxa de Antioquia, que em determinadas circunstâncias autoriza os fiéis a receberem os sacramentos da Penitência, da Eucaristia e da Unção dos Enfermos numa ou noutra comunidade. Penso também no acordo sobre os matrimónios mistos concluído em 1994 entre a Igreja católica e a Igreja sírio-ortodoxa malancar.] Tudo isto foi possível olhando para a realidade concreta dos membros do Povo de Deus e para o seu bem, superior às ideias e diferenças históricas: considerando a importância de que ninguém fique sem os meios da Graça. Agora, com base no consenso teológico observado pela vossa Comissão, não seria possível alargar e multiplicar tais acordos pastorais, especialmente em contextos em que os nossos fiéis se encontram numa situação de minoria e diáspora? Esta questão é um desafio. Que o Espírito Santo nos inspire formas de progredir neste caminho, que olha para o bem das pessoas, o bem das almas, o bem do povo de Deus, o nosso, tudo, e não para distinções morais, teológicas ou ideológicas. O bem, o povo, está ali. Jesus Cristo encarnou-se, fez-se homem, um membro do povo fiel de Deus. Ele não se fez uma ideia, não, fez-se homem. E devemos sempre procurar o bem dos homens e do povo fiel de Deus." (Discurso Diálogo teológico Católico-Igrejas Ortodoxas Orientais 23/06/2022)

O ECUMENISMO COMO REALIDADE LOCAL

"O ecumenismo já existe como uma realidade primariamente local. Muitos dos fiéis - penso sobretudo nos do Médio Oriente, mas também naqueles que emigraram para o Ocidente - já experimentam o ecumenismo da vida, na cotidianidade das suas famílias, do seu trabalho, das frequentações diárias. E muitas vezes experimentam juntos o ecumenismo do sofrimento, no testemunho comum do nome de Cristo, por vezes até à custa da vida. Portanto, o ecumenismo teológico deve refletir não só sobre as diferenças dogmáticas que surgiram no passado, mas também sobre a experiência atual dos nossos fiéis. Por outras palavras, o diálogo sobre a doutrina poderia ser teologicamente adaptado ao diálogo da vida que tem lugar nas relações locais e quotidianas das nossas Igrejas, que constituem um verdadeiro lugar teológico . Este é o caminho, encontrarmo-nos fraternalmente para nos ouvirmos, partilharmos e caminharmos juntos. É o ecumenismo do caminhar juntos, que se faz caminhando, não só com ideias, mas caminhando. E é bom envolver as gerações mais jovens, ativas na comunidade local, na aproximação das nossas Igrejas, para que o diálogo sobre a doutrina prossiga com o diálogo da vida .

Dimensões batismal, pastoral e local: três perspetivas ecuménicas que me parecem importantes no caminho para a plena comunhão." (Discurso Diálogo teológico Católico-Igrejas Ortodoxas Orientais 23/06/2022)

PERGUNTAS PARA APROFUNDAR EM GRUPOS:

Para os cristãos de diversas confissões que lado a lado estão comprometidos cotidianamente no mesmo território na realização do Reino, no serviço da caridade e que muitas vezes, colocando em comum os recursos próprios ou de suas comunidades, atendem às necessidades dos pobres, não seria admissível a participação à mesma mesa eucarística? "Pão em todas as mesas!"

Diante disso, é possível assumir uma certa "ousadia" em formular novos percursos, relendo à luz dos sinais dos tempos as nossas tradições e praxes litúrgico-sacramentais? Como realizar isso evitando improvisações e experimentações que podem colocar em perigo o que é próprio da doutrina e da prática de cada tradição eclesial?

Não deveríamos reconhecer, com coerência e humildade, que a falta de unidade entre as Igrejas e as comunidades eclesiais é um grande e grave escândalo ainda e hoje diante da história e do mundo? Deixa a tua oferta....

A tradição viva da Igreja Católica e as tradições compartilhadas em diferentes formas pelas outras Igrejas (Orientais separadas e aquelas nascidas da Reforma) e das outras Comunidades eclesiais, não devem se deparar com o anúncio do Evangelho no terceiro milênio marcado por uma mudança de época caracterizada por sensibilidades e perspectivas absolutamente novas?

A "Communicatio in sacris" desde sempre favoreceu, em âmbito católico, as relações com as Igrejas Orientais separadas, ou seja com os irmãos ortodoxos, reconhecendo nessas Igrejas uma riqueza de ritos e de tradições litúrgicas. Acreditamos que esta riqueza esteja presente em cada Igreja e em muitas Comunidades Eclesiais nascidas da Reforma. Afinal professamos o mesmo Símbolo apostólico e o mesmo Credo Niceno-Constantinopolitano! Cada Igreja, portanto, tem algo de bom para propor e compartilhar: a fé em Cristo e o dom da sua Palavra e do Pão partilhado. O cristianismo se nutre de ritos, tradições, culturas e liturgias que o próprio Evangelho suscitou nas Comunidades Eclesiais e nas Igrejas por meio de uma práxis litúrgico-sacramental que manifesta histórica, sociológica e culturalmente a forma visível da presença de Cristo Jesus no mundo. Talvez seja necessário estudar mais as formas e a evolução das praxes litúrgico-sacramentais e pastorais de cada Igreja e das Comunidades eclesiais para não permanecermos no imobilismo doutrinal e enriquecermo-nos reciprocamente.

Para concluir

No livro "Cruzando o limiar da esperança" o Papa João Paulo II responde a esta pergunta muito importante.

PERGUNTA:

Os desígnios de Deus são muitas vezes imperscrutáveis: somente no além nos será dado ver realmente e, portanto, compreender. Entretanto, talvez seja possível obter desde agora um vislumbre de resposta à pergunta que, ao longo dos séculos, foi colocadas pelos crentes, a saber: por que o Espírito Santo teria permitido tantas e tais divisões e inimizades entre aqueles que no entanto se dizem seguidores do mesmo evangelho, discípulos do mesmo Cristo?

RESPOSTA:

Para esta pergunta podemos achar duas respostas. Uma, mais negativa, vê nas divisões o fruto amargo dos pecados dos cristãos. A outra, pelo contrário, mais positiva, é gerada pela confiança nAquele que tira o bem mesmo do mal, das fraquezas humanas: por isso, não poderia ser que as divisões tenham sido também um caminho que levou a Igreja a descobrir as múltiplas riquezas contidas no Evangelho de Cristo e na redenção operada por Cristo? Talvez tais riquezas não pudessem vir à luz de maneira diferente ...

É necessário que o gênero humano alcance a unidade através da pluralidade, que aprenda a reunir-se na única Igreja, mesmo no pluralismo das formas de pensar e de agir, das culturas e das civilizações. Semelhante maneira de entender não poderia ser, em certo sentido, mais coerente com a sabedoria de Deus, à sua bondade e providência?

Neste momento histórico, o empenho de Papa Francisco para recuperar o estilo sinodal na vida e na missão da Igreja Católica é sustentado pela vivência da fé da grande tradição oriental das Igrejas Ortodoxas.

O Testemunho de dois Pastores

Dom Helder

Vi Dom Helder pessoalmente apenas duas vezes: uma aqui no NE e outra no Rio de Janeiro. Não posso afirmar de conhecê-lo. Mas os profetas, os grandes homens e as grandes mulheres influenciam a história e superam os limites do tempo e do espaço. São uma luz penetrante que nos ajuda a enxergar e a encontrar o rumo e o sentido. Emitem uma forte energia pela qual adquirimos esperança e assim temos a coragem de, como eles, abrir e enveredar caminhos novos.

O ecumenismo é um desses caminhos. Permito-me apenas, sob o prisma do ecumenismo, citar alguns de seus pensamentos, à guisa de conclusão.

As fraquezas da Igreja

Pensas, então...
Que as fraquezas da Igreja
Levarão o Cristo a abandoná-la?
Quanto mais
Nossa fragilidade humana
Atingir a Igreja - que é nossa e d'Ele mais -
Ele a sustentará com seu apóio
Com seu carinho.
Abandonar a Igreja
Seria o mesmo que abandonar
Seu próprio corpo...

Esperança

Esperança sem risco
Não é esperança.
Esperança é crer
Na aventura do amor,
Jogar nos homens,
Pular no escuro,
Confiando em Deus.

Unidade

Diante do colar belo como um sonho admirei, sobretudo, o fio que unia as pedras e se imolava anônimo para que todos fossem um!

DOM ACÁCIO RODRIGUES ALVES, Bispo de Palmares
Entrevista na Rádio Quilombo em 1999

Como bispo, como homem e como padre, tem um sonho almejado e não alcançado aqui na diocese?

Como padre, como bispo a gente sonha um mundo ideal, é claro, onde continua a haver pecado, o mal; porém um mundo onde os homens se amassem, se quisessem bem como verdadeiros irmãos.

Eu me tenho esforçado, por exemplo, em promover o espírito ecumênico para que nós que somos cristãos não lutemos uns contra som outros, não falemos mal uns dos outros, mas nos amemos como Jesus nos mandou.

Eu acredito em Jesus, você acredita em Jesus e o mesmo Jesus meu é seu. Ele nos diz: "Amai-vos uns aos outros". Por que nós não nos amamos? Por que não nos unimos, para que Jesus seja mais conhecido, amado e servido? É um sonho! E este sonho vai se realizando aos poucos!

Isso não quer dizer que entre as várias Igrejas uma Igreja grande vai engolindo a outra. Não! Que cada um creia, que cada Igreja cresça em Jesus Cristo. E é Jesus que nos une, Ele que é o verdadeiro e único Pastor. É este Reino de Deus que vai se estendendo!

Que a gente não tenha essa preocupação de superar uns aos outros, mas que a gente, em Cristo, se unisse na caridade e no amor. E que todos nós pudéssemos viver aquele "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei", a ponto de dar a vida um pelo outro. Em vez da gente se digladiar, em vez da gente lutar uns contra os outros, a gente se dar as mãos!

A seguir, lê-se o texto da oficina do arcebispo de Manaus, Dom Leonardo Cardeal Steiner.

EUCARISTIA e as dimensões sacerdotal, profética e régia do Batismo

Dom Leonardo Steiner

Introdução

A reflexão que aqui propomos para inaugurar um diálogo em torno do tema indicado para esta "oficina" toma como ponto de partida o caminho deste XVIII Congresso Eucarístico Nacional e a perspectiva de seu texto base, o Documento Conciliar Lumen Gentium, considera ainda o caminho que fazemos como interlocutores a partir do lugar de onde viemos e falamos – a Arquidiocese de Manaus – sede do IX Congresso Eucarístico Nacional, aquele que nos ofereceu a V Oração com sua teologia mistagógica – mas sobretudo, enquanto uma Igreja que se encarna na Amazônia e lá se faz corpo eucarístico!

O documento Conciliar Lumen Gentium, nos faz perceber a Igreja como Povo de Deus! Povo de Deus, visibilização do Reino de Deus, instaurado pela pregação, morte e ressurreição de Jesus. Somos recebidos no Povo de Deus pelo batismo. É no batismo que fazemos parte de um povo sacerdotal, um povo de profetas e um povo régio. Essas dimensões que desejamos refletir em comum nesta manhã.

"Senhor, vós que sempre quisestes ficar muito perto de nós..."

A reflexão em torno da Eucaristia no contexto que vivemos, com suas nuances de pós pandemia, carência de sentido da existência humana, emergência de modalidades de convivência pautadas por intolerâncias e agressões, ameaças aos sistemas democráticos, crise ambiental, dentre outros, faz emergir a pergunta da presença de Deus. Não se trata simplesmente de um axioma teológico, senão também de uma questão pastoral, evangelizadora, missionária: a capacidade da comunidade eclesial de explicitar esta presença no bojo de seu ensinamento, de sua liturgia, de sua práxis – a fé professada, celebrada e vivida. A compreensão e vivência eucarística estão no centro desta abordagem. Não de menos, nestes tempos recentes de pandemia a Igreja sustentou a "teimosia" da celebração Eucarística, em condições até questionáveis, não para salvaguardar um preceito, mas para permitir o encontro com uma presença.

Nossa opção, portanto, é de um diálogo teológico em perspectiva mais fundamental e pastoral que sistemático.

"...este pão que alimenta e que dá vida, este vinho que nos salva e dá coragem..."

A oração deste Congresso Eucarístico contempla a ação de Deus que prepara uma mesa para o pobre e a solidariedade na encarnação do Verbo, sinais de uma compaixão e presença perene na Eucaristia como memorial do agir de Deus que continua sua ação através da comunidade eclesial a fim de que haja pão em todas as mesas (cf. oração para o XVIII CEN).

Este Congresso se entende em perspectiva de sinodalidade, o "congredio" traduz-se como "caminhar juntos" e insiste na dimensão comunitária - ser Povo de Deus - social e profética da ceia do Senhor, em seu tema e lema. A introdução de nosso texto base retoma estes elementos e situa concretamente a abordagem da Teologia da Eucaristia como profecia diante da realidade, particularmente aquela da sociedade brasileira, oferecendo um estilo de vida cristã, uma comunhão, um modo novo da sociedade humana se organizar (cf. Texto Base 9-16).

"...o Espírito nos uma num só corpo, para sermos um só povo em seu amor..."

Para além dos estereótipos das imagens que pulverizam as redes sociais aprisionando a "Eucaristia" a um ostensório geralmente conduzido por um ministro ordenado, nosso texto base, aborda o mistério eucarístico em relação à assembleia, o que nos permite a partir daí, desenvolver o diálogo sobre o tema do tríplice múnus ou dimensões da vida batismal, como se propõe nesta reflexão. "Não se pode compreender o mistério eucarístico desassociando o corpo de Cristo na eucaristia, do corpo sacramental de Cristo, que é a Igreja", afirma nosso texto base.

Esta corporeidade eucarística na comunidade eclesial fundamenta a autocompreensão da Igreja na Amazônia ao afirmar de si mesma: "A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia". Esta comunhão eucarística sustenta a vida de comunidades eclesiais nas regiões mais remotas que, embora não tendo com a necessária frequência a celebração memorial do sacrifício do Cristo, estruturam-se de modo eucarístico em uma corporeidade ministerial. Mas esta é uma abordagem que queremos retomar mais adiante.

Recentemente os bispos da Amazônia reunidos em Santarém reafirmaram esta concepção eclesiológica que situa a encarnação da Igreja na realidade, como participação no processo encarnatório do Verbo, de modo que "este armar a tenda manifestou-se como um irrenunciável anúncio central da boa nova: anunciar aos povos o Evangelho de Jesus Cristo e de seu Reino como fonte de sentido e de libertação. Anúncio do núcleo do querigma: Jesus Cristo morto e ressuscitado, "caminho, verdade e vida" (Jo 14,6) para todo homem e mulher. Mas também, "Armou sua tenda no meio do povo de tal modo que apareceu um rosto eclesial bem amazônico..." (Doc. Santarém, Gratidão e Profecia, 6).

"O Sínodo para a Amazônia nos enriquece como indicado em seu Documento Final: estes caminhos de encarnação são também caminhos de inculturação e interculturalidade. Neste sentido, a encarnação não pode acontecer sem que os povos amazônidas, acompanhados por seus agentes e pastores, sejam os protagonistas. Encarnação tornou-se também e primeiramente um processo de escuta! (cf. DF, n. 51). Ao mesmo tempo que anuncia sem cessar o querigma a Igreja não para de moldar sua própria identidade na escuta e diálogo com as pessoas, realidades e histórias do território (cf. QA, n. 66)". (Doc. Santarém, Gratidão e Profecia, 7). "É grande esse mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja" (Ef 5, 32)

A retomada da comunidade eclesial como sujeito da ação litúrgica, o sacramento da assembleia como escreve o texto base, possibilita a superação de uma concepção da ministerialidade que gravita em torno da individualidade do ministro, e coloca no eixo o dinamismo da comunidade eclesial. Este é o caminho, por exemplo das diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil ao afirmar o protagonismo das comunidades eclesiais missionárias. Vale aqui também o princípio que nos recorda o Papa Francisco na Evangelii Gaudium: o todo é superior a parte e não necessariamente significa a soma destas. Trata-se do poliedro na pastoral (cf. EG 234-237).

A recente crise da pandemia que nos empurrou para celebrações sem a participação da assembleia trouxe novamente à tona a discussão sobre a identidade da celebração do mistério eucarístico realizado por uma comunidade, presidida por um ministro ordenado, mas sob o risco de se acentuar a compreensão do ato litúrgico como ato do presbítero. O que mais nós incentivamos nos dias difíceis da pandemia? A Missa sem povo ou a oração doméstica? Fato é que a pandemia impôs um jejum eucarístico e provocou a necessidade de uma reflexão sobre a relação entre Eucaristia e assembleia que há décadas as comunidades da Amazônia já vivem!

Passamos agora, a partir desta premissa eclesiológica, a considerar cada uma das dimensões do Batismo, tomadas da teologia do tríplice múnus. Reiteramos que não olhamos a singular vida do batizado, mas a comunidade dos batizados, discípulos missionários. Da mesma forma que analogicamente pressupomos o tríplice múnus como expressão do agir do Cristo na totalidade de sua vida doada, embora carregada de atos fundantes, mas sem gestos inaugurais de um ou outro sacramento.

Eucaristia e Dimensão Profética

"...falando conosco por ele..."

Optar pelo discurso teológico em chave de profecia sobre a Eucaristia, implica envolver a assembleia litúrgica, povo de profetas, numa proclamação de alcance escatológico: "Toda vez que se come deste pão, toda vez que se bebe deste vinho, se recorda a paixão de Jesus Cristo e se fica esperando a sua volta!".

O "múnus" profético de Jesus realiza-se na assembleia pela palavra proclamada, pela proclamação da palavra, por aquele que proclama a palavra. Há, portanto, uma exigência que não seja desperdiçada a força profética presente na celebração da Eucaristia. O pretensioso escopo deste Congresso Eucarístico de "contribuir para que o mundo se organize de um modo novo" indicando um estilo de vida cristã, constitui uma atualização profética do que é anunciado na Eucaristia.

O fazei isto em memória de mim nos remete para a essência da profecia. Os profetas estão sempre a recordar a aliança, a fonte, a origem. As palavras, os gestos, desejam despertar as pessoas, o povo a conversão. Nesse sentido a Eucaristia é sempre um gesto profético, um memorial profético, pois remete a comunidade que celebra para a fonte, a razão do seguimento de Jesus, o amor: amai-vos como eu vos amei (cf. Jo 13,34).

A valorização dos diversos ministérios de serviço à Palavra, não se revestem de "extraordinariedade" e menos ainda de privilégios, mas ressaltam a identidade profética da assembleia eucarística. A assembleia em sua totalidade, participa deste desdobramento para o qual tende a celebração, de modo que o "ite missa est" constitui uma ressonância profética na história, um envio, um múnus!

A Palavra de Deus ressoada profeticamente torna-se "pão para todas as mesas", deste modo, cada membro da assembleia litúrgica no exercício de seu múnus profético garante às mesas da história, mesa dos pobres, mesa da política, mesa do saber, mesa dos desesperançados... uma Palavra de profecia, um juízo de Deus que sacia as grandes buscas do coração humano, até que os mais diversos seguimentos da realidade humana possam proclamar: "...todos nós os escutamos, anunciando as maravilhas de Deus em nossa própria língua!" (At 2,11).

Na perspectiva do tema e do lema deste congresso, a partir de Atos 2,42-47 e 4,32-35, a assembleia que persevera na fração do pão é perseverante também no ensinamento dos apóstolos, assim a fidelidade a esta comunhão gerada na partilha do pão e da palavra inaugura-se uma "nova ética" a qual assegura que não haja necessitados entre eles.

Não é possível vivenciar a profecia se a assembleia não for acolhedora da Palavra e nela perseverar. A Igreja da Amazônia, por exemplo, diz de si, uma Igreja discipula da Palavra. O documento da Assembleia Inter Regional (Norte 1 e Norte 2) de 1997 afirma: "A Igreja, como comunidade dos discípulos e discípulas do Senhor, é permanentemente chamada a se converter à Palavra de Deus e a ser por ela 'evangelizada' dando testemunho de que realmente crê e vive aquilo que prega. A condição de Igreja discípula se concretiza num esforço cada vez maior por tornar a sua organização, palavra e ação mais inspiradas em Jesus Cristo, em sua vida e missão" (n. 23).

"Uma Igreja discípula tem consciência de que a Palavra de Deus se manifesta também no mundo e na diversidade das culturas. O discipulado de Jesus nos torna abertos ao outro e ao diferente, às outras religiões, particularmente as nativas que, em seus caminhos próprios, buscam a Deus, presente no coração de toda realidade humana. Na escola de Jesus, aprendemos a nos relacionar com todos através de um diálogo respeitoso, que não se impõe e nem exclui ninguém. Como Paulo, somo

chamados a nos tornar ianomami com os ianomamis, seringueiro com os seringueiros..., fazendo-nos tudo para todos a fim de salvar a todos (cf. 1Co. 9,20.22)". (n. 25) Profecia e pluralidade não são categorias que se opõem, mas que se desafiam. Pluralidade não limita a abrangência de universalidade da profecia.

Eucaristia e Dimensão Sacerdotal

"...recordamos, o Pai, neste momento, a paixão de Jesus, nosso Senhor, sua ressurreição e ascensão..."

A memória da Páscoa de Jesus, núcleo do mistério eucarístico, é vivenciada por esta comunidade povo sacerdotal. A comunidade, e nela o batizado, é sabedora que a novidade do sacerdócio de Jesus está na oferenda da totalidade de sua vida, por isso um sacrifício perfeito: "É ele o sacerdote verdadeiro que sempre se oferece por nós todos, mandando que se faça a mesma coisa que fez naquela ceia derradeira" (Prefácio V Oração Eucarística). A participação na memória do sacrifício não restringe o sacerdócio do batizado a uma expressão cultual, mas faz deste um participante do mesmo sacrifício do Cristo e com ele se faz oferente: "o Espírito os una num só corpo"; e oferenda: "Recebei, ó Senhor, a nossa oferta"!

O texto base deste Congresso Eucarístico faz um percurso conceitual do "sacrifício" à "entrega máxima do amor" compreendendo a Eucaristia como memória da ação de Jesus que "tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim" (Jo 14,1). A participação no sacerdócio de Jesus conduz à vivência deste amor até o fim. O desdobramento desta dimensão sacerdotal se atualiza como amor; semelhante a profecia, torna ato uma existência nova.

A questão que se abre diz respeito a modalidade de participação na Eucaristia, enquanto atualização da ação sacerdotal de Jesus a partir do sacerdócio comum de todos os batizados e do ofício de um "sacerdócio ministerial". Há quem insista na Eucaristia como bem comum e se incomoda com o que parece ser uma apropriação que o presbítero faz do rito. A demasiada acentuação do aspecto sacrifical, inclusive como articulação do espaço sagrado, proporciona uma distância entre assembleia e altar, distancia-se também a bênção, a festa e o ágape. O texto base do congresso discorre em sua IV parte sobre uma espiritualidade eucarística como convite para cear com o Senhor, e percorre um bonito caminho de atualização das experiências relatadas nas escrituras a serem vivenciadas na liturgia cristã de hoje: a fração do pão, a comensalidade aberta, o comer com os pecadores. Mas no final, nosso texto faz opção pela afirmação da instituição formal de um sacerdócio distinto privilegiando-o. Trata-se de um ministério que assegure o mandato "fazei isto em memória de mim", mas este mandato pode também ser um convite a salvaguarda que não se deixe de promover a comensalidade com um Deus que come na mesa com pecadores. É um mandato de salvaguarda da misericórdia. Esta é a atualidade da Eucaristia, esta é a missão do sacerdócio real num mundo que se esqueceu da compaixão.

Ao privilegiar o monopólio do sacerdócio ministerial pode-se também transferir para as outras dimensões do batismo esta monopolização de modo que a comunidade acaba tendo um papel passivo na profecia e no pastoreio (régio). A sinodalidade torna-se a oportunidade da vivência das dimensões batismais segundo a essência da Igreja. É oportuno que nossos congressos eucarísticos permitam esta discussão teológica, mas nas celebrações que ocorrem nos mesmos é permitido também que a assembleia seja evidenciada?

Presidência da eucaristia e essencialidade da comunidade: o que percebemos nas inúmeras comunidades espalhadas por este Brasil, e de modo mais gritante nas longínquas regiões da Amazônia, são comunidades eucarísticas sem "presidência". O corpo sacerdotal da comunidade não dispõe de um ministério que conduza o memorial da entrega amorosa de Jesus. Os debates e embates não são novos, mas muitas vezes sempre discutidos a partir da individualidade do ministro e não da comunidade sacerdotal. A questão de fundo é sempre como prover este ministério buscando respostas fora da comunidade que é sacerdotal! Ou não é assim?

O que se reclama sobre a abrangência comunitária de um "sacerdócio ministerial" pode-se, analogicamente atribuir ao sacerdócio comum: não tem sentido celebrar a Eucaristia num modelo de espiritualidade intimista. O exercício do sacerdócio comum está implicado com a participação no corpo sacerdotal que é a comunidade, é nela que o batismo nos insere. E isto não aniquila a subjetividade, o caminho pessoal da fé, antes, o define e orienta.

O documento final do Sínodo da Amazônia dedicou alguns números sobre a questão do acesso a Eucaristia como direito das comunidades eclesiais: "Há um direito da comunidade à celebração, que deriva da essência da Eucaristia e do seu lugar na economia da salvação. A vida sacramental é a integração das várias dimensões da vida humana no mistério pascal, que nos fortalece. É por isso que as comunidades vivas clamam verdadeiramente pela celebração da Eucaristia. É, sem dúvida, o ponto de chegada (culminação e consumação) da comunidade; mas é, ao mesmo tempo, o ponto de partida: do encontro, da reconciliação, da aprendizagem e da catequese, do crescimento comunitário". (DF 110)

"Muitas comunidades eclesiais do território amazônico têm enormes dificuldades de acesso à Eucaristia. Às vezes, passam não apenas meses, mas vários anos para que um sacerdote possa regressar a uma comunidade para celebrar a Eucaristia, oferecer o sacramento da reconciliação ou ungir os doentes na comunidade... Considerando que a legítima diversidade não prejudica a comunhão e a unidade da Igreja, mas a manifesta e serve (LG 13; OE 6) o que atesta a pluralidade dos ritos e disciplinas existentes, propomos estabelecer critérios e disposições por parte da autoridade competente, no âmbito da Lumen Gentium 26, para ordenar sacerdotes a homens idôneos e reconhecidos pela comunidade, que tenham um diaconato permanente fecundo e recebam uma formação adequada para o presbiterado, podendo ter uma família legitimamente constituída e estável, para sustentar a vida da comunidade cristã através da pregação da Palavra e da celebração dos Sacramentos nas zonas mais remotas da região amazônica. (DF 111)

Esta é uma questão que se apresenta controversa porque sempre tratada como suplência e a partir do ministério ordenado, talvez tivesse outra conotação se refletida a partir da identidade do povo sacerdotal.

Eucaristia e Dimensão Régia (Pastoral)

"... vivendo conosco no Cristo..."

A comunhão com o Senhor, fazendo-nos um com o seu corpo, é também a participação na sua missão salvífica, no cuidado da vida de homens e mulheres, no cuidado da casa comum. A dimensão pastoral ou régia do batismo pode ser expressa no contexto atual como cuidado. Voltamos ao ponto de partida, a questão da presença de Deus e a urgente sede de cuidado num cenário de sensação de solidão.

A ação do verbo feito carne é indicativa da corporeidade humana assumida no corpo de Jesus, abrindo a esta o destino da ressurreição. O corpo de Jesus torna-se lugar de salvação. O corpo eucarístico torna-se a memória da dignidade que Jesus ofereceu a corporeidade humana a ser cuidada, resgatada, ressuscitada... "Fazei isto em memória de mim"!

"Dai-lhes vós mesmo de comer" (Mt 14,16). O Congresso Eucarístico continuará na Campanha da Fraternidade de 2023. Se afirmamos que não se pode compreender a Eucaristia desassociando o corpo de Cristo eucarístico do corpo eclesial, da mesma forma afirmamos que não se pode desassociar o corpo de Cristo Eucarístico do corpo chagado da humanidade. Este mistério, portanto, como afirma o texto base e cantam as nossas comunidades, nos une a Cristo e aos irmãos.

A dimensão régia do batismo tem como horizonte o Reino de Deus. Não é a comunidade enquanto assembleia eucarística que faz memória da boa nova da Páscoa de Jesus o fim último desta atualização memorial, mas a construção do Reino de Deus, "que também é nosso". As mesmas orações eucarísticas que relatam a ação de graças da comunidade orante, também são permeadas de intercessões inspiradas na vida de Jesus que passou por este mundo fazendo o bem.

A Eucaristia nos envolve numa comunhão, dissemos escatológica no início do nosso discurso, apontando seu alcance meta histórico, e podemos dizer cósmica, quanto à sua abrangência. Neste sentido, a interpelação da ecologia integral, faz com que cada batizado que celebra a memória do Ressuscitado que faz novas todas as coisas, constitui-se como um guardião da casa comum. Podemos também dizer que na celebração memorial, "toda vez que se come deste pão e toda vez que se bebe deste vinho", recordamos a paixão do Senhor, mas anunciamos solenemente um tempo novo. No documento de Santarém recordamos, "Passados 50 anos do Encontro de Santarém em 1972, sentimos a necessidade de reafirmar esse jubileu para Amazônia: "Mais do que em outras épocas de sua história, a Amazônia necessita urgentemente da proclamação de um jubileu que seja um novo tempo de justiça e signifique a libertação da terra e das águas, o direito à cidadania das populações da região e o resgate das dívidas sociais para que haja vida e justiça para todos." (A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia, n. 8).

Ainda sobre Igreja que está na Amazônia, ao assumir e integrar estas dimensões profética, sacerdotal e real podemos afirmar: "A Igreja, discípula do Espírito de Deus, se torna parecida com Jesus Cristo em sua vida, palavra e ação. Assume a misericórdia e a compaixão do Cristo, em relação a todo ser vivo e à vida ameaçada, como princípio de toda a ação evangelizadora, e retoma a convicção fundamental de que Deus não a quis para si mesma, mas em função do Reino da vida, da justiça e da paz." (Doc Santarém, Gratidão e Profecia, 23).

A luta pelo direito dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos (cf. QA, n. 7), torna-se um imperativo para a Igreja que não pode estar menos comprometida, chamada a escutar os clamores do povo e exercer com transparência seu papel profético (cf. QA, n. 19). Na história da Igreja da Amazônia, esta postura sempre permeou as suas opções fundamentais e quando em tempos recentes se escuta um clamor para resgatar a profecia, reconhecemos que nem sempre algumas de nossas Igrejas particulares percorreram este caminho. (Doc Santarém, Gratidão e Profecia, 24)

Resgatar a dimensão do cuidado como atitude própria do batizado que participa do corpo de Jesus, permite ressignificar e reorientar a modalidade de participação na liturgia da Igreja, da piedade eucarística, da adoração a Jesus no Santíssimo Sacramento. Precisamos da audácia da autocrítica, para nos perguntarmos em nossa comunicação e imagem, a que estamos reduzindo o alcance da memória da oferta de vida Jesus, beirando a contradição, quando não negação da comunhão gerada pela Eucaristia em expressões de espiritualidade tão subjetivista, autorreferenciais e negam o outro. Não faltam nas escrituras e na tradição da Igreja exortações para que a ceia não seja desvirtuada por interesses egoístas.

A modo de conclusão

"E a nós, que agora estamos reunidos e somos um povo santo e pecador, dai força para construirmos juntos o vosso Reino que também é nosso"

Eucaristia e dimensões do batismo – pontos para ressonância:

1. Pelo batismo fomos recebidos num Povo que se constituiu pela morte e ressurreição de Jesus e pelo Espírito Santo que foi derramado sobre e em nós.

2. A evangelização como realização da Igreja que torna presente no mundo a memória da ação de Jesus na narrativa de sua Páscoa, o testemunho de comunhão da comunidade eclesial, uma práxis de misericórdia, solidariedade e compaixão diante dos sofrimentos e dramas humanos, a apresentação da presença sacramental do Senhor no pão consagrado - como elementos de diálogo com a história que ofereça a presença amiga de Deus.

3. Consequência do que foi dito acima é apresentar a Eucaristia como profecia, no sentido de ser um autêntico e necessário anúncio, seguro, sólido, que ajude a nortear a reconstrução das relações humanas.

4. Vivência eucarística geradora de sinodalidade como modelo de articulação da comunidade eclesial de modo que as dimensões sacerdotal, profética e real sejam vivenciadas com equilíbrio.

5. A estruturação eucarística do corpo ministerial da comunidade, ou seja, na compreensão do corpo e seus diferentes membros, a diversidade ministerial se articula a partir do todo, da comunidade e não do indivíduo. Isto vale para reflexão sobre a presidência da Eucaristia.

6. O Reino de Deus como horizonte do tríplice múnus ou dimensões do batismo não reduzidas somente como comprometimento com estruturas eclesiais.

7. A casa comum como lugar teológico relacionado com o mistério eucarístico a partir da compreensão da ecologia integral – implicando profecia, espiritualidade e cuidado.

No mesmo horário, houve uma oficina ministrada por Dom Paulo Jackson, bispo de Garanhuns. Abaixo, lê-se o texto da oficina.

EUCARISTIA E AMORIS LAETITIA

O princípio da misericórdia

Dom Paulo Jackson Nóbrega de Sousa
Bispo de Garanhuns

Introdução

A Arquidiocese de Recife e Olinda sediou uma vez mais um Congresso Eucarístico. Desta feita, o décimo oitavo. Devido à pandemia, a preparação foi prejudicada. A experiência, contudo, foi muito bela. Dentre as atividades, aconteceu o Simpósio Teológico, que constou de conferências, oficinas e catequeses públicas. Uma das oficinas me foi confiada: "Eucaristia e Amoris Laetitia". Esse texto quer ser um esquema alargado daquilo que foi apresentado, sem pretensão de ser um artigo científico ou coisa assemelhada. O centro da reflexão está no capítulo oitavo: acolher, acompanhar, discernir e integrar. Ninguém pode ficar excluído. Todos devem ser integrados. Com que critérios? Da mesma forma? As pistas de leitura deste capítulo da Amoris Laetitia e os critérios de discernimento para o possível acesso, de alguém em segunda união, à Eucaristia podem lançar luzes sobre a temática.

Observações gerais

O documento Amoris Laetitia (a partir daqui, AL) é uma Exortação Apostólica Pós-Sinodal e se coloca no âmbito do caminho sinodal, não somente porque retoma muitos elementos dos relatórios dos sínodos de 2014 e 2015, mas também por causa do seu espírito e sua dinâmica. Exortação: transmite um ensinamento sobre um tema específico, com o objetivo de exortar os fiéis para a sua importância; apostólica: porque provém do Santo Padre e está em sintonia com o magistério pontifício; pós-sinodal: porque é o resultado dos dois sínodos sobre a família. Houve o Sínodo Extraordinário de 2014: "Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização"; e o Sínodo Ordinário de 2015: "A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo". O papa recolhe a contribuição dos padres sinodais e lhe dá harmonia e uma organização própria, a partir de uma lógica que brota do seu coração de pastor universal. Ao divulgar os resultados dos dois sínodos, de algum modo, o papa se compromete com eles. A instituição do sínodo foi estabelecida por Paulo VI em 15 de setembro de 1965. Os Sínodos Ordinários já são quinze.

A AL não apresenta uma efetiva mudança doutrinal em relação ao matrimônio e à família. Sua base doutrinal provém da Palavra de Deus, da Gaudium et Spes (1965), da Humanae Vitae (1968) e da Familiaris Consortio (1981). Por outro lado, o documento vai além dos dois sínodos sobre a família. Isso é o que caracteriza o magistério petrino: o papa dá a sua contribuição pessoal e magisterial. Seu magistério, contudo, é um magistério em escuta. Ele recolhe toda uma série de contribuições dos dois sínodos e as reelabora. O papa não quer dar todos os discernimentos prontos ou normativas preestabelecidas. Ele deseja dar critérios para o discernimento espiritual e pastoral, em todo o mundo, para os leigos e leigas, os diáconos, os presbíteros e os bispos. Não se trata de um magistério que deseja definir e dar a última palavra sobre temas tão complexos, mas oferecer critérios para acompanhar o discernimento e encorajar o diálogo das comunidades juntamente com os seus pastores, isto é, definir a unidade na caridade. O Papa Francisco tem a consciência de que cada comunidade e cada fiel também tem um papel efetivo e dinâmico no processo de discernimento, pois isso é dado pelo dom Espírito Santo. Isso constrói o consenso da fé. Talvez esse seja um dos pontos doutrinais mais importantes: o aprofundamento da responsabilidade moral e eclesial de cada fiel e de cada comunidade local à luz do Espírito Santo. O papa os convoca a participar desse trabalho conjunto, já realizado por pastores e teólogos. O processo hermenêutico das situações envolvidas na AL é um processo em que o divino e o humano se encontram. Aí está o verdadeiro processo da encarnação.

A AL tenta elaborar uma síntese, que somente a caridade pode verdadeiramente tornar possível. As perspectivas teológicas e pastorais apresentadas pelo caminho sinodal foram tantas e tão diversas que pareciam inconciliáveis. Por isso, o Papa Francisco optou por dar mais protagonismo às Igrejas Locais no processo de acompanhamento e discernimento das realidades complexas. Assim, abre-se a possibilidade de respostas pastorais inculturadas que melhor respondam às situações concretas de cada região geográfica e cultural pelo mundo afora.

O número 5 coloca a Exortação Apostólica no contexto do Ano da Misericórdia, pois a Igreja deve ser sinal da misericórdia e da proximidade de Deus. Em primeiro lugar, porque esse documento é uma proposta para que as famílias cristãs voltem a apreciar a beleza do matrimônio, do amor e da família; em segundo lugar, porque é um incentivo para que todos sejam sinais da misericórdia de Deus, especialmente onde ela não se realiza plenamente.

Num contexto cultural de sombra, o documento se abre sob o signo do amor e da alegria. Em meio a tantas realidades do mundo atual que ameaçam a família, o papa retoma o diagnóstico feito pelos dois sínodos, especialmente o fato de que o desejo de amor e de família permanece no coração da humanidade, sobretudo dos jovens. Esse é um modo novo de perceber a história, sob o olhar do Cristo Misericordioso, perceber os sinais da presença de Deus na história para encontrar os novos caminhos a percorrer. Trata-se de eliminar todo olhar condenatório, para recuperar um olhar salvífico, o olhar de Jesus. O objetivo é compreender a família e o matrimônio não com um saber apenas cognitivo, racionalista e intelectivo que busca acumular dados e informações, mas uma compreensão totalizante que parte do olhar de Deus.

Com o segundo capítulo, o Papa Francisco supera uma perspectiva idealística de família, para tratar de famílias, no plural: famílias concretas, com muitas belezas, amores e graças, mas também com desafios, sofrimentos e sombras. O papa não parte da família "normal", para depois tratar dos casos especiais ou situações irregulares. A noção fundamental do documento é que estamos todos a caminho; o documento toma em consideração a pessoa em situação, e situada em suas circunstâncias. As pessoas e famílias estão continuamente crescendo, superando etapas. Toda família conhece a graça, a beleza, as alegrias; mas também, o pecado, os tropeços, o fracasso e a necessidade de reconciliação e de sempre recomeçar. Assim, o tom global do documento é de bondade, de benevolência, de proximidade, de compreensão e de empatia. Desse modo, ninguém pode se sentir desprezado ou marginalizado.

O documento foi muito esperado e criou muitas expectativas. De certo modo, é fadado a não agradar nem aos que desejavam nenhuma mudança, nem aos que queriam que o papa simplesmente mudasse a doutrina sobre o matrimônio, divórcio e acesso à Eucaristia. A linguagem é simples sem ser simplista. A abordagem é existencial e com um profundo realismo. A perspectiva é sapiencial, marcada pela lucidez, pela humildade e pela serenidade. O documento traduz um profundo respeito pela pessoa humana, por sua consciência e história, seus caminhos, desafios e ideais. O modo de o papa falar é concreto, direto, cheio de carga emotiva e existencial. Há páginas de uma profundidade teológica, existencial e espiritual que tocam a todos. De modo especial, podemos citar o capítulo 4, sobre o amor no matrimônio, a partir do Hino ao Amor, escrito por Paulo na Primeira Carta aos Coríntios (cap. 13). O texto se apresenta como um mosaico poliédrico, que reflete uma realidade carregada de mistério, de elementos concretos e sensíveis.

No número 4 da AL, o Papa Francisco explicita o triplo objetivo dessa exortação: 1) recolher as contribuições dos dois sínodos sobre a família; 2) orientar a reflexão, o diálogo e a práxis pastoral a partir do círculo hermenêutico marcado pelo diálogo; 3) oferecer coragem, estímulo e ajuda às famílias nas suas múltiplas atividades e nas suas dificuldades.

No terceiro capítulo, o Papa Francisco recolhe o ensinamento da Igreja sobre o matrimônio e a família, além de retomar várias contribuições apresentadas pelos padres sinodais. Eles partiram do olhar de Jesus que olhou para homens e mulheres com amor e ternura. Do ponto de vista do ensinamento da Igreja, o papa retoma os seguintes documentos:

a) Gaudium et Spes: o amor é o centro da família; mútua doação dos cônjuges, que envolve a dimensão sexual e a afetividade; o enraizamento dos esposos em Cristo; os cônjuges vivem uma verdadeira consagração; edificam o Corpo de Cristo e constituem uma Igreja doméstica;

b) Humanae Vitae: vínculo intrínseco entre amor conjugal e geração da vida; consciência da missão da "paternidade responsável"; deveres dos cônjuges para com Deus, para consigo mesmos, para com a família e para com a sociedade;

c) Evangelii Nuntiandi: relação entre família e Igreja, especialmente em relação à tarefa da formação catequética e da evangelização;

d) Familiaris Consortio: vocação ao amor do homem e da mulher; linhas fundamentais para a Pastoral Familiar; presença da família na sociedade; família vocacionada à santidade;

e) Deus caritas est: verdade do amor entre homem e mulher à luz do amor de Cristo; matrimônio como algo baseado no amor exclusivo e definitivo, ícone do relacionamento de Deus com o seu povo.

No número 6, o papa apresenta o esquema global do documento em nove capítulos. O segundo é dedicado ao Ver; o terceiro, o quarto e o quinto, são dedicados ao Julgar; o sexto, o sétimo e o oitavo, ao Agir. O texto se abre e se fecha com dois breves capítulos que têm a função de moldura: o primeiro é dedicado à iluminação da Palavra de Deus; o nono, à espiritualidade conjugal e familiar. Eis os temas de cada capítulo:

1) À luz da Palavra (meditação sobre o Sl 127) – Iluminação bíblica

2) A realidade e os desafios das famílias (análise da realidade das famílias);

3) O olhar fixo em Jesus: a vocação da família (a família no ensinamento de Jesus e da Igreja);

4) O amor no matrimônio (comentário ao Hino ao Amor de 1Cor 13);

5) O amor que se torna fecundo (fecundidade física e alargada);

6) Algumas perspectivas pastorais (organização de uma Pastoral Familiar);

7) Reforçar a educação dos filhos (formação ética; valor do limite; educação sexual; transmissão da fé);

8) Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade (a gradualidade na pastoral e o discernimento das situações "irregulares"; a lógica da misericórdia);

9) Espiritualidade conjugal e familiar – Espiritualidade bíblica

A hermenêutica bíblica e uma interpretação de conjunto

O Papa Francisco usa a Sagrada Escritura não como base servil para verdades doutrinais atemporais, mas como base espiritual e fonte de inspiração na oração. Ele retoma alguns textos bíblicos clássicos sobre o amor, o matrimônio e a família. Há alguns que são explícitos. Alguns são objeto de longas reflexões bíblico-teológicas da parte do papa: destacam-se, especialmente, Gn 1–4, o Salmo 127, o ministério público de Jesus e o Hino ao Amor de 1Cor 13. O princípio hermenêutico bíblico do papa é muito claro: "a Palavra de Deus não se apresenta como uma sequência de teses abstratas" sobre a família. Sua hermenêutica é existencial e sapiencial. Apresenta famílias concretas, plenas de amor, fidelidade, trabalho e festa; mas também, sofrimentos, dores, morte, separações, violência e infidelidades. O Papa Francisco inicia o documento com um capítulo dedicado à fundamentação bíblica. Como base de sua meditação, ele toma o Salmo 127, utilizado tanto nas liturgias matrimoniais tanto judaicas, quanto cristãs. Este salmo é ocasião para uma bela reflexão bíblica a partir dos quatro primeiros capítulos do livro do Gênesis (Gn 1: homem e mulher imagem de Deus; Gn 2: o homem busca uma auxiliar que lhe corresponda; os dois se tornam uma só carne; Gn 3-4: o pecado (queda e rebelião) provoca um rastro de sofrimento e violência, que dilaceram a vida da família.

Um bloco central, do ponto de vista bíblico, é dedicado ao ministério público de Jesus. O Papa Francisco destaca, sobretudo, o realismo de Jesus e o seu olhar de ternura e compaixão para com as famílias reais que ele encontra pelo caminho. Recorda que o próprio Jesus nasce numa família modesta e teve de fugir para uma terra estrangeira; entra na casa de Pedro e cura sua sogra; ressuscita Lázaro e a filha de Jairo; ele se compadece com a viúva de Naim que acabou de perder seu filho único; atende o grito do pai do epiléptico; entra na casa de Zaqueu, declarando que a salvação se realizou naquela família; deixa-se tocar pela mulher pecadora pública na casa de Simão; insere o drama das famílias nas suas parábolas, como as parábolas da misericórdia de Lc 15; compreende o drama da educação dos pais no caso dos filhos com comportamentos difíceis (vou trabalhar; mas não foi); compreende a situação constrangedora do casamento de Caná, em cuja festa falta vinho. Jesus não compreende o matrimônio e a família como um compêndio de teses doutrinais abstratas, mas aponta para as famílias a meta do plano amoroso de Deus. Ao mesmo tempo, no capítulo terceiro, o Papa Francisco recorda a originalidade do ensinamento de Jesus sobre o matrimônio e o divórcio: Jesus reafirma a união indissolúvel entre o homem e a mulher. O matrimônio e a família foram redimidos por Cristo e restaurados à imagem da Santíssima Trindade, mistério de onde brota o verdadeiro amor. Nesse sentido, o primeiro milagre de Jesus, em Caná da Galileia, torna-se paradigmático para a Igreja. Ao mesmo tempo, a família humana de Nazaré se torna modelo de aliança de amor e fidelidade.

O quarto bloco bíblico é dedicado ao Hino à Caridade de Paulo em 1Cor 13. Esse texto é objeto de uma longa e bela meditação bíblico-espiritual. O papa elabora várias dimensões presentes no hino, como: a paciência, a atitude de serviço, a inveja, a arrogância e o orgulho, a amabilidade e o desprendimento, a violência e o perdão, a alegria com o crescimento do outro, a desculpa, a confiança recíproca, a espera, a capacidade de suportar as contrariedades com espírito positivo; a união entre os cônjuges, a ponto e colocar tudo em comum; a beleza do amor que se manifesta, cresce e muda de forma; a capacidade do diálogo; a paixão e o mundo das emoções; a dimensão erótica do amor; o matrimônio, a virgindade e o celibato. Sem sombra de dúvida, este capítulo é a mais plena elaboração sobre o amor em família feita por um pontífice. O Papa Bento XVI já havia feito ensaios na Deus caritas est; o Papa Francisco elabora de modo bastante amplo, maduro e realista o tema do amor conjugal e familiar.

Dois últimos acenos à dimensão bíblica devem ser buscados no texto de 1Cor 11,17-34 (n. 185), onde o papa trata da relação entre família e Eucaristia. A dimensão ética da vivência eucarística é fundamental, pois a família deve ser espaço de acolhimento dos pobres, onde se vive a comunhão com os descartados da sociedade. As famílias que se alimentam da Eucaristia reforçam o seu desejo de fraternidade e o seu compromisso com os necessitados. Finalmente, ao tratar dos pais e dos idosos, o papa comenta o texto de Ex 20,12: o quarto mandamento – honrar pai e mãe.

Percebe-se que se pode ler o texto da AL a partir de diversos ângulos; cada parte só pode ser compreendida à luz do todo. A AL é uma grande meditação sobre a beleza do amor e, portanto, sobre o mistério mesmo de Deus e do ser humano. O leitor é chamado a perceber a realidade da família, mas sempre com uma diversa perspectiva, sem julgamentos que fecham a humanidade à graça, pois nenhuma família é uma realidade perfeita e confeccionada de uma vez por todas. Por outro lado, a Igreja não pode renunciar a propor o ideal do matrimônio, pois o destino da Igreja e da própria humanidade passa pela família.

O centro do documento é a pessoa humana na integralidade de suas relações. Trata-se do amor humano, do matrimônio e da família com a sua raiz na interioridade de cada um e não em sentimentos superficiais e efêmeros. Trata-se do desafio de um esforço que dura, embora inserido numa cultura do provisório. Trata-se de uma cultura da responsabilidade em relação ao outro e não de um elenco de direitos individuais sem limites. Trata-se da atenção a cada pessoa como absolutamente única numa economia do supérfluo e do descartável.

Recepção da *Amoris Laetitia*

Por ocasião da comemoração dos cinco anos da AL, temos oportunidade de perceber o processo de recepção do mesmo. Há grupos que, desde a Familiaris Consortio, constantemente e sistematicamente se opõem a toda tentativa de acolhimento dos casais em segunda união. Agora, inclusive, acusam o Papa Francisco de fragilidade doutrinal. Pretendem dizer que a AL é somente um "documento pastoral", com o objetivo de negar-lhe autoridade teológica. Outros grupos e pessoas aceitam o documento, mas têm discordâncias pontuais. Um terceiro grupo de católicos, inclusive e sobretudo de pastores, aceitam integralmente o documento, mas não dão nenhum passo efetivo no sentido de implementar as mudanças propostas. Há, finalmente, pastores e grupos, especialmente vinculados à Pastoral Familiar, que aceitam plenamente o documento e estão empenhados em vista da conversão pastoral, a fim de que, com criatividade e comunhão plena com o magistério, sejam dados passos significativos na linha do acolhimento de pessoas e famílias em situações especiais.

Fundamentalmente, o que está em jogo, na AL, é a reforma de Francisco. Ele age em várias frentes: nas finanças do Vaticano; na reorganização da Cúria Romana, por meio da Praedicate Evangelium, a fim de qualificar o seu serviço à Igreja e ao mundo; no enfrentamento do tema da pedofilia e dos escândalos sexuais; etc. Podemos dizer que a reforma de Francisco, com a AL, chegou às famílias, à moral sexual, matrimonial e familiar. As mudanças propostas, no documento, atingem a norma geral aplicada a todas as circunstâncias e situações. Atingem o discernimento dos pastores, o funcionamento das secretarias paroquiais, no processo de preparação para o Matrimônio; atingem a prática sacramental, especialmente no que diz respeito à Eucaristia e à Reconciliação; atingem, inclusive, o próprio estudo acadêmico da Teologia Moral, como pede o Papa Francisco no n. 311.

O princípio hermenêutico fundamental adotado por Francisco é o Princípio da Misericórdia. Quando lemos o Evangelho com essa perspectiva, percebemos que Jesus esteve cercado de "pessoas irregulares" e gastou o seu tempo com elas: coxos, cegos, surdos, mudos, encurvados, leprosos, uma mulher com hemorragia constante; endemoninhados, lunáticos e epilépticos; pecadores, ladrões, prostitutas; numa palavra: os pobres, necessitados de Deus, de acolhimento e amor. É preciso revisitar esse universo e perceber que Jesus anunciou uma mensagem nova, alegre, alvissareira, com autoridade, uma mensagem de esperança, que transforma. A Igreja primitiva recebeu essa mesma mensagem do Mestre e continuou a proclamação do Querigma: a Paixão, Morte e Ressurreição, Ascensão e Pentecostes. É para essa força misteriosa, fundada na esperança, que nós devemos dirigir o nosso olhar. A pedido do Papa Francisco, somos convidados a dirigir-nos às periferias físicas e existenciais, somos convidados a nos desinstalarmos, a agir com criatividade para acolher, acompanhar, discernir cada situação e a todos integrar no seio da comunidade eclesial. Nesse contexto, compreende-se o capítulo oitavo da AL e sua relação com a Eucaristia.

Pistas para a leitura do capítulo oitavo da AL

O Capítulo VIII tornou-se o ponto nevrálgico do documento, sobretudo por causa da especulação da imprensa. Trata dos casamentos que faliram e de tantos irmãos e irmãs, membros de nossas comunidades eclesiais, que se sentem excluídos. O Papa Francisco nos lança um convite ao acolhimento, ao discernimento das várias situações e à misericórdia. Não raramente, estes casais são os primeiros a reconhecerem que o modo como vivem comporta certo grau de irregularidade, pois toda ruptura do vínculo matrimonial é contra a vontade de Deus.

O Papa Francisco reconhece que há situações de amor ferido e extraviado. Nestas situações, a Igreja se propõe a ser hospital de campanha, a ser mãe acolhedora, pois, em nossa cultura, os projetos de perenidade estão em profunda crise. Na sociedade do novidadismo, torna-se difícil a decisão de se entregarem mutuamente por toda a vida. Há também uniões marcadas somente pelo casamento civil ou somente convivências livres. O Papa Francisco, retomando São João Paulo II, não propõe a gradualidade da lei, pois a norma geral permanece válida e inalterada. Diz o Papa Francisco: "São João Paulo II propôs a lei da gradualidade, convencido de que o ser humano conhece, ama e cumpre o bem moral segundo diversas etapas de crescimento. Não é, portanto, a gradualidade da lei, mas uma lei da gradualidade, isto é, da nossa capacidade de apreensão e vivência do bem moral que é proposto" (n. 295). Por outro lado, a norma geral deve considerar as circunstâncias atenuantes, que podem mitigar ou até anular a responsabilidade moral (nn. 301-303). Reconhece-se, ademais,

que a norma geral não consegue abarcar todos os casos particulares. Por outro lado, os discernimentos específicos não podem ser elevados à categoria de norma geral (cf. nn. 304-306).

Reconhece-se que há situações várias de irregularidades; nem todos têm o mesmo grau de responsabilidade. O caminho da Igreja é o caminho de Cristo: o da misericórdia, da compaixão e da integração (cf. nn. 296-300). Não somos pastores de noventa e nove ovelhas. Nenhuma ovelha pode sentir-se fora do seu rebanho. Esse Princípio da Misericórdia deve ser assumido, não somente por nós, pastores, mas também pelos leigos e leigas, pelas comunidades eclesiais missionárias e, inclusive, pelos cursos de Teologia Moral (cf. nn. 307-312). O que é importante, portanto, é integrar a todos, tendo em conta as várias formas de pertença à comunidade eclesial (n. 297).

Entre os divorciados e participantes de uma nova união, há situações bem diferentes. O n. 298 dá critérios bastantes claros, a partir das expressões: "uma coisa é"; "coisa bem diferente é". Uma coisa é: nova união consolidada no tempo (união estável e civil); com novos filhos; com fidelidade comprovada e dedicação generosa; com compromisso cristão e participação eclesial; com consciência da irregularidade da situação; com grande dificuldade para voltar atrás, pois se poderia cair em novas culpas; com o compromisso da educação dos filhos; com pessoas que fizeram grandes esforços para salvar a primeira união; com pessoas que sofreram um abandono injusto; com pessoas que têm certeza subjetiva da nulidade do precedente matrimônio. Coisa bem diferente é: uma nova união que vem de um divórcio recente; sem o casamento civil; sem geração de filhos; com consequências e sofrimentos ainda não sanados; com filhos e famílias inteiras afetados; com pessoas que faltaram repetidamente aos seus compromissos como cônjuge ou genitor; com pessoa responsável por traições e infidelidades.

E a Eucaristia?

O ato moral é constituído de objeto (o quê?), intenção e circunstâncias. O problema é quando a defesa de dois nobres valores se conflitam: a indissolubilidade do matrimônio e a misericórdia compassiva de Nosso Senhor Jesus Cristo (via Caritatis). Claro está, no documento, que o Papa Francisco opta por três princípios fundamentais: o querigma proposto por Jesus Cristo, como mensagem de esperança e salvação; a consciência, como sacrário inviolável e que não pode ser substituída, mas formada pelo Evangelho; e o princípio da misericórdia, que a ninguém rejeita, mas a todos integra nas mais variadas modalidades e nos diversos serviços eclesiais (n. 299).

Quanto à possibilidade de comunhão eucarística, são fundamentais dois números: o n. 300 e o n. 305, com suas respectivas notas. Vejamos o que afirmam:

O n. 300 retoma os números 44 a 47 da Evangelii Gaudium. O Papa Francisco mantém a coerência do início: AL não pretende dar uma normativa de tipo canônico geral para todos os casos, uma norma única. Ele incentiva o discernimento pessoal e pastoral. O critério do discernimento é bastante lógico: "uma vez que 'o grau de responsabilidade não é igual em todos os casos, as consequências ou efeitos de uma norma não devem necessariamente ser sempre os mesmos'". Nesse contexto, é introduzida a nota 336:

"E também não devem ser sempre os mesmos [efeitos] na aplicação da disciplina sacramental, dado que o discernimento pode reconhecer que, em uma situação particular, não há culpa grave. Nesse caso, aplica-se o que afirmei noutro documento: cf. EG 44-47" (AL, n. 300, nota 336).

Para o Papa Francisco, a missão se encarna nas limitações humanas. Por isso, "a imputabilidade e responsabilidade de um ato podem ser diminuídas, e até anuladas", pelas circunstâncias atenuantes. A Igreja deve "acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas". O Sacramento da Confissão não deve ser uma experiência de tortura, mas de compaixão (EG, n. 44). A Igreja em saída é mãe de coração aberto, de portas abertas, pronta a acompanhar quem está caído à beira do caminho (EG, n. 46). É a casa aberta do Pai. Diz o Papa: "Há outras portas que também não se devem fechar: todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer" (EG, n. 47). Isso vale especialmente para o Batismo, mas é preciso compreender que "a Eucaristia não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos. Estas convicções têm também consequências pastorais" (EG, n. 47). Está preparado o terreno para a afirmação do número 305 da AL, especialmente da nota 351.

Na AL, n. 305, o Papa Francisco afirma, com total clareza, a possibilidade da comunhão eucarística para casais em nova união, em alguns casos. Uma pessoa, mesmo que viva uma situação objetiva de pecado, pode experimentar tantas circunstâncias atenuantes que possa viver na graça de Deus, possa amar e crescer na caridade, "recebendo para isso a ajuda da Igreja" (AL, n. 305). Essa ajuda acontece de muitos modos: pela escuta e aconselhamento, meditação da Palavra, exercícios espirituais, prática da Caridade ou participação em algum serviço pastoral. Continua o Papa Francisco:

"Em certos casos, poderia haver também a ajuda dos sacramentos. Por isso, 'aos sacerdotes, lembro que o confessionário não deve ser uma câmara de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor' (EG 44). E de igual modo assinalo que a Eucaristia 'não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos' (EG 47)" (AL, n. 305, nota 351).

Está, portanto, estabelecida, a partir do Magistério do Papa Francisco, a possibilidade da comunhão eucarística para casais em nova união. A grande problemática é o discernimento dos critérios. Apresento-lhes o roteiro utilizado pela Diocese de Garanhuns e aconselho vivamente os critérios usados pela Arquidiocese de Buenos Aires.

Critérios de discernimento da Diocese de Garanhuns

A Diocese de Garanhuns, em Pernambuco, depois da publicação da AL, passou a adotar os seguintes critérios de discernimento, que devem seguir o ritmo catecumenal de um ano de acompanhamento da parte do pároco ou de um vigário paroquial. Eis os doze passos do processo:

1. A situação. Os cônjuges são realmente um casal em segunda união? Os dois já foram casados na Igreja Católica? Somente um deles foi casado no religioso? O casal tem consciência de estar vivendo uma união irregular e que houve um fracasso no primeiro casamento?

2. Possibilidade de nulidade. A Igreja não anula um casamento válido, mas pode, por meio de um processo, comprovar a nulidade de um matrimônio inválido. Há algum indício sério de nulidade da primeira união? O cônjuge afetado pela possível nulidade da primeira união já procurou ajuda? Há possibilidade de realização de processo documental por erro de forma? Há possibilidade de realização do rito abreviado diante do bispo diocesano?

3. Exame de Consciência. Começar o processo com um exame de consciência, como possibilidade de arrependimento e conversão. Combinar um itinerário de acompanhamento e discernimento. Qual foi a responsabilidade do cônjuge em segunda união na dissolução do casamento religioso? Houve tentativa de reconciliação? Houve alcoolismo, drogas ilícitas, jogos de azar? Houve traição, violência física ou psicológica? Qual é a situação do parceiro abandonado? Quais as consequências da nova união sobre o restante da família e sobre a comunidade dos fiéis?

4. Filhos da união anterior. O cônjuge em segunda união assumiu ou assume todas as responsabilidades com os filhos gerados no casamento religioso? Presença, visita, acompanhamento, interesse pelos estudos, pensão alimentícia, formação humana e espiritual, etc.?

5. Estabilidade. A nova união já possui estabilidade? Há quantos anos convivem? São casados civilmente? Há ainda alguma possibilidade de retorno à primeira união?

6. Qualidade da nova convivência. Qual é a qualidade da nova convivência entre os cônjuges? Há respeito, afeto profundo, carinho e amor? Há capacidade de superar as provações e sofrimentos, resistência nas provas? Há capacidade de renúncia e abnegação?

7. Formação humana e cristã dos filhos. Há filhos na nova união? Qual é o testemunho dos pais em relação à formação humana dos filhos? Que interesse há pelo processo de iniciação à vida cristã?

8. Vivência da fé eclesial. Como se dá a vivência de fé do casal em segunda união? Participam da comunidade eclesial, têm vida de oração? Leem juntos a Palavra de Deus? Cultivam uma sadia piedade mariana? Participam da Missa dominical?

9. Engajamento pastoral. O casal em segunda união participa de alguma pastoral na comunidade eclesial? Participa de algum grupo de casais em segunda união, vinculado à Pastoral Familiar?

10. Acompanhamento espiritual. O casal em segunda união tem alguma proximidade do pároco e realiza acompanhamento espiritual? Já discerniu sua situação com o pároco ou um outro presbítero?

11. Comunhão espiritual. O casal em segunda união já tem prática de comunhão espiritual? Nutre verdadeiro amor por Jesus Eucarístico? Participa, com frequência, da adoração ao Santíssimo Sacramento?

12. Comunhão Eucarística. Há a possibilidade de acesso à Eucaristia? O casal em segunda união vive a abstinência temporária de relações sexuais para ter acesso à Eucaristia? Há possibilidade de comunhão apenas em algum período do Ano Litúrgico, como Páscoa e Natal? Há possibilidade permanente de comunhão eucarística? Essa prática provocaria grave escândalo na comunidade eclesial? Está sendo feito um processo catequético com a comunidade sobre a possibilidade de comunhão eucarística para esses casais?

Algumas observações conclusivas

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia fez um belo processo, marcado por traços de sinodalidade, com ênfase para o papel das Igrejas Locais, já que, para o papa, é fundamental o critério da busca de soluções inculturadas. O papa não apresenta normas gerais ou soluções acabadas. Pede aos bispos, nas suas dioceses, que moderem o discernimento, fundado na seriedade e na misericórdia. A AL guarda em sua identidade um caráter ao mesmo tempo doutrinal e pastoral. Mantém com o magistério anterior relações de continuidade e originalidade. Estabelece uma práxis pastoral fundamentada no querigma proposto por Jesus Cristo e pela Igreja e na via Caritatis, no princípio da misericórdia. O documento é um entrelaçado de elementos. Desta forma, cada parte só pode ser entendida à luz do todo. Na verdade, AL é uma meditação sobre a beleza do amor, mistério do ser humano e do próprio Deus. Esse é o ideal que a Igreja deve propor diuturnamente.

A família é um projeto artesanal. Superamos, assim, a mentalidade idealística de família. O Papa Francisco retoma e estabelece um princípio muito importante: a consciência, como sacrário inviolável, deve ser formada e não substituída. O princípio norteador de sua formação é o querigma da misericórdia. Assim, a moral cristão nem é autônoma, nem heterônoma. Ela é teônoma, pneumatônoma. É uma moral da pessoa nas suas circunstâncias concretas, marcadas por situações verdadeiramente atenuantes.

Por isso, deve-se fugir de uma hermenêutica preguiçosa, baseada no "pode" ou "não pode". É hora de os pastores ajudarem as pessoas no seu discernimento. Ninguém pode ficar de fora, pois Jesus é pastor de cem ovelhas; não de noventa e nove. Neste contexto, inserem-se os casais em segunda união. A modalidade da inserção varia de caso a caso e deve ser discernida. Em alguns casos específicos e feito um criterioso discernimento, a Amoris Laetitia oferece a possibilidade da comunhão eucarística (cf. n. 300, nota 336; n. 305, nota 351). A pessoa, em situação objetiva de pecado, com circunstâncias atenuantes, pode viver na graça e receber a ajuda da Igreja, inclusive dos sacramentos. Esses dois números devem ser lidos à luz do conjunto do documento: método; fundamentações teológicas; amor como marco doutrinal; misericórdia como alma do Evangelho. O título do capítulo VIII resume bem a lógica do Papa Francisco: acolher, acompanhar, discernir para inserir e integrar no seio da comunidade eclesial. Isso será um grande sinal da misericórdia de Deus.

14/11/2022: Aberto pelo Pe. Josenildo Tavares, OMI, o terceiro dia do simpósio teve como conferencista principal Dom Walmor Oliveira de Azevedo, arcebispo de Belo Horizonte e presidente da CNBB.

EUCARISTIA: ALIMENTO PARA A MISSÃO

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Considerações iniciais: traço um itinerário espiritual e missionário para proporcionar a importante compreensão, e efetivo efeito, ao abordar a temática desta conferência: "eucaristia: alimento para a missão". A escolha é pela construção de um itinerário místico-espiritual, talvez menos acadêmico, assim considerando atender melhor o propósito de abordagem teológica durante um congresso eucarístico. Precisamos superar o risco de compreender e explicar a temática como três importantes referências distintas, sem ser separadas, e profundamente interligadas sendo cada uma com riquezas próprias. O propósito é fazer uma abordagem que permita perceber na temática elementos intrinsecamente relacionados. A dimensão intrínseca entre os três elementos imposta a riqueza desta temática, em se considerando o desafio posto à nossa Igreja de posicionar-se em atitude de reação missionária, considerado o conjunto das circunstâncias e vicissitudes no contexto atual do mundo global e especificamente na sociedade brasileira.

A consideração deste contexto não é simplesmente por sofrer a Igreja Católica os impactos das considerações estatísticas que mostram o incontestável crescimento de outras denominações cristãs; mas, sobretudo, em se considerando a realidade de um cristianismo que desconsidera elementos inegociáveis de sua identidade, como também a facilitação de misturas e entendimentos que, incontestavelmente, distanciam os discípulos e discípulas de seu único mestre e senhor. Distanciam e comprometem, também, no interno da Igreja, enfraquecendo por rigidez e fechamentos a indispensável força profética e mística da Igreja, particularmente neste momento gravíssimo na sociedade brasileira. Vou começar emoldurando o quadro a contemplar com as referências de três indicações conceituais tiradas das incomensuráveis riquezas da tradição e do ensinamento da doutrina da fé cristã católica. Vale sublinhar a riqueza incomensurável e inesgotável do ensinamento da Igreja, nesta sua história bimilenar, para nos possibilitar compreensão mística e profeticamente muito alargada, pertinente e interpelante, com força de transformação e de produção de vigor missionário.

Cabe aqui, antes da iluminação das três indicações conceituais, uma iluminação bíblica, com propriedades para explicitar o tema. Refiro-me à passagem bíblica narrada por São João, 6,1-71, apresentada em cenas variadas, culminando na cena dos versículos 66-71, ápice do diálogo do Mestre com seus discípulos, tornando patente que a resposta de Pedro, reagindo à pergunta de Jesus, motivada porque muitos se afastaram e não andavam com ele ("Vós também quereis ir embora?), na resposta de Pedro, vs. 68 (A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos firmemente que Tu és o Santo de Deus) o compromisso de assumir a missão pela compreensão lúcida e corajosa da palavra forte e desafiadora, dita pelo mestre, especialmente, em duas intervenções nos vs.32-36: "Jesus respondeu: em verdade em verdade vos digo, não foi Moisés quem vos deu o pão do céu, pois o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo". Eles então pediram "Senhor

dá-nos sempre deste pão! Jesus lhes disse; “Eu Sou o Pão da vida. Quem vem a mim nunca mais tem fome, e quem crer em mim nunca mais terá sede. Eu, porém, vos disse que, embora me tenhais visto, continuais a não crer”; e na cena dos vs 51-58: “Eu sou pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão, viverá eternamente. E o pão que eu darei é minha carne, para a vida do mundo. Os judeus discutiam entre si: “como pode ele nos dar a sua carne a comer?” Jesus disse: “Em verdade, em verdade eu vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Com efeito, minha carne é verdadeira comida e meu sangue verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim, e eu nele. Como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também o que comer de mim viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu. Não é como o maná que vossos pais comeram e morreram. Quem come deste pão viverá para sempre”.

Esta narrativa bíblica contém o fundamento e o alcance da temática: Eucaristia, alimento para a missão. O alcance da doação eucarística de Jesus é a condição do sustento da missão. Assimilá-la, no silêncio da oferta de si, incluindo sacrifícios de todo amanho, é o único caminho para uma missão vigorosa e fecunda, mostrada nos resultados e, sobretudo, em adesões místicas e proféticas, com força de temperar o mundo e a sociedade com o sabor do Evangelho de Jesus, com conquistas como a urgência “de pão em todas as mesas”.

1. Avançando, tomo três focos para iluminar o conjunto do quadro desta interpelante temática teológica: a primeira luz focalizando o quadro “eucaristia, alimento para a missão”, tomo da exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis, do papa Bento XVI, sobre a Eucaristia Fonte e Ápice da Missão da Igreja, de 22 de fevereiro de 2007.

1.1 Inegociável é o entendimento, fundamental e insubstituível do sentido do Sacramento da Caridade como dito no n.1: “a santíssima Eucaristia é a doação que Jesus Cristo faz de Si mesmo, revelando-nos o amor infinito de Deus por cada homem. Neste sacramento admirável, manifesta-se o amor «maior»: o amor que leva a «dar a vida pelos amigos» (Jo 15, 13). De facto, Jesus «amou-os até ao fim» (Jo 13, 1). Com estas palavras, o evangelista introduz o gesto de infinita humildade que Ele realizou: na vigília da sua morte por nós na cruz, pôs uma toalha à cintura e lavou os pés aos seus discípulos. Do mesmo modo, no sacramento eucarístico, Jesus continua a amar-nos « até ao fim », até ao dom do seu corpo e do seu sangue. Que enlevo se deve ter apoderado do coração dos discípulos à vista dos gestos e palavras do Senhor durante aquela Ceia! Que maravilha deve suscitar, também no nosso coração, o mistério eucarístico!”

1.2 Compreende-se como tarefa espiritual o exercício de deixar-se encharcar pelo sentido desta realidade e de sua consequente experiência. Isto é, experimentar um enlevo espiritual próprio da celebração e testemunho da Eucaristia como fonte perene de alimentação do vigor missionário enquanto testemunho de um encantamento assentado sobre os princípios do amor a Deus e ao próximo, desdobrados em pleno sentido de cuidado do conjunto da criação.

2. A segunda luz colocando em devido foco o quadro, “Eucaristia: Alimento para a missão”, é a referência ao alimento da verdade à luz do n.2 da Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis.

Somos chamados a compreender o alcance da Eucaristia como alimento, alimento para a missão. O alcance de sua significação ultrapassa a simples consideração ritual respeitada no seu sentido e importância. Como alimento é o sustento e fogo abrasador da coragem martirial e do destemor profético dos apóstolos, incendiando o mundo pela paixão por Cristo, único Senhor e Salvador. Assim se expressa o n.2: *“No sacramento do altar, o Senhor vem ao encontro do homem, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 27), fazendo-Se seu companheiro de viagem. Com efeito, neste sacramento, Jesus torna-Se alimento para o homem, faminto de verdade e de liberdade. Uma vez que só a verdade nos pode tornar verdadeiramente livres (Jo 8, 36), Cristo faz-Se alimento de Verdade para nós. Com agudo conhecimento da realidade humana, Santo Agostinho pôs em evidência como o homem se move espontaneamente, e não constrangido, quando encontra algo que o atrai e nele suscita desejo. Perguntando-se ele, uma vez, sobre o que poderia em última análise mover o homem no seu íntimo, o santo bispo exclama: «Que pode a alma desejar mais ardentemente do que a verdade?» De facto, todo o homem traz dentro de si o desejo insuprimível da verdade última e definitiva. Por isso, o Senhor Jesus, «caminho, verdade e vida» (Jo 14, 6), dirige-Se ao coração anelante do homem que se sente peregrino e sedento, ao coração que suspira pela fonte da vida, ao coração mendigo da Verdade. Com efeito, Jesus Cristo é a Verdade feita Pessoa, que atrai a Si o mundo. «Jesus é a estrela polar da liberdade humana: esta, sem Ele, perde a sua orientação, porque, sem o conhecimento da verdade, a liberdade desvirtua-se, isola-se e reduz-se a estéril arbítrio. Com Ele, a liberdade volta a encontrar-se a si mesma».* ***No sacramento da Eucaristia, Jesus mostra-nos de modo particular a verdade do amor, que é a própria essência de Deus. Esta é a verdade evangélica que interessa a todo o homem e ao homem todo. Por isso a Igreja, que encontra na Eucaristia o seu centro vital, esforça-se constantemente por anunciar a todos, em tempo propício e fora dele (opportune, importune: cf. 2 Tm 4, 2), que Deus é amor. Exatamente porque Cristo Se fez alimento de Verdade para nós, a Igreja dirige-se ao homem convidando-o a acolher livremente o dom de Deus”.***

O horizonte largo e interpelante deste VIII Congresso Eucarístico Nacional, “Pão em todas as mesas”, iluminando o caminho missionário da Igreja e o mundo inteiro, olhando singularmente a sociedade brasileira, neste momento na geografia do mapa da fome, tem um ensinamento que articula mística e profecia, lucidez de entendimentos que entrelaçam práticas da caridade e o desafio de políticas públicas desenhando cenários de igualdade social, racial, cultural. Assim, somos chamados a compreender e explicitar os três pilares na temática desta reflexão: Eucaristia, Missão e Alimento.

3. A terceira luz iluminando o quadro, “Eucaristia: alimento para a missão” tomo de riquezas sempre novas da Exortação Apostólica Pós- Sinodal, de Papa Paulo VI, Evangelii Nuntiandi, 8 de dezembro de 1975, n. 14: Evangelização, vocação própria da Igreja, para lucidamente impostar o sentido e a razão da missão na vida e natureza da Igreja:

A Eucaristia é, pois, fonte de alimentação da missão, enquanto, “a Igreja sabe-o bem, ela tem consciência viva de que a palavra do Salvador, "Eu devo anunciar a Boa Nova do reino de Deus", se lhe aplica com toda a verdade. Assim, ela acrescenta de bom grado com São Paulo: “Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; é, antes uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho”. Foi com alegria e reconforto que se ouviu, no final da grande assembleia de outubro de 1974, estas luminosas palavras: "Nós queremos confirmar, uma vez mais ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja"; tarefa e missão, que as amplas e profundas mudanças da sociedade atual tornam ainda mais urgentes. Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição. Compreende-se o sentido inseparável da realidade da Eucaristia, celebrada, professada e testemunhada, como fonte e ápice da missão, enquanto verdadeiro alimento. Por isso, a Igreja nasce e vive da Eucaristia. A missão nos seus desdobramentos e na configuração de seus afazeres e projetos não pode distanciar-se do sentido e realidade da Eucaristia, sob pena de perder vigor, consistência e assertividade missionária.

PRIMEIRO PILAR

A Eucaristia é fonte e sustentáculo da missão, com alcances próprios e desdobramentos que tocam o conjunto da realidade da vida e suas circunstâncias

Eucaristia, mistério vivido/anunciado,

Sacramentum Caritatis, n. 84-93

1. Eucaristia e missão

Explicito este sentido com a beleza do n 84. Da Exortação Pós Sinodal, Sacramentum Caritatis, em referência à homilia durante a celebração eucarística com que solenemente Papa Bento XVI deu início ao seu ministério na Cátedra de Pedro, disse: *"Não há nada de mais belo do que ser alcançado, surpreendido pelo Evangelho, por Cristo. Não há nada de mais belo do que conhecê-Lo e comunicar aos outros a amizade com Ele». (233) Esta afirmação cresce de intensidade, quando pensamos no mistério eucarístico; com efeito, não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar n'Ele. Por isso, a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua missão: «Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária». Havemos, também nós, de poder dizer com convicção aos nossos irmãos: « Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais também em comunhão conosco» (1 Jo 1, 2-3). Verdadeiramente não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos! Aliás, a própria instituição da Eucaristia antecipa aquilo que constitui o cerne da missão de Jesus: Ele é o enviado do Pai para a redenção do mundo (Jo 3, 16-17; Rm 8, 32). Na Última Ceia, Jesus entrega aos seus discípulos o sacramento que atualiza o sacrifício que Ele, em obediência ao Pai, fez de Si mesmo pela salvação de todos nós. Não podemos abeirar-nos da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os homens; assim, a tensão missionária é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã".*

2. Eucaristia e testemunho

N.85: "A missão primeira e fundamental, que deriva dos santos mistérios celebrados, é dar testemunho com a nossa vida. O enlevo pelo dom que Deus nos concedeu em Cristo, imprime à nossa existência um dinamismo novo que nos compromete a ser testemunhas do seu amor. Tornamo-nos testemunhas quando, através das nossas ações, palavras e modo de ser, é outro que aparece e se comunica. Pode-se afirmar que o testemunho é o meio pelo qual a verdade do amor de Deus alcança o homem na história, convidando-o a acolher livremente esta novidade radical. No testemunho, Deus expõe-Se por assim dizer ao risco da liberdade do homem. O próprio Jesus é a testemunha fiel e verdadeira (Ap 1, 5; 3, 14); veio para dar testemunho da verdade (Jo 18, 37). Nesta ordem de ideias, apraz-me retomar um conceito caro aos primeiros cristãos, mas que nos interpela também a nós, cristãos de hoje: o testemunho até ao dom de si mesmo, até ao martírio, sempre foi considerado, na história da Igreja, o apogeu do novo culto espiritual: « Oferecei os vossos corpos » (Rm 12, 1). Pense-se, por exemplo, na narração do martírio de São Policarpo de Esmirna, discípulo de São João: o seu caso, dramático, é todo ele descrito como uma liturgia; mais ainda, como se o próprio mártir se tornasse Eucaristia.(235) Pensemos também na consciência eucarística que Inácio de Antioquia exprime tendo em mente o seu martírio: considera-se «trigo de Deus» e, pelo martírio, deseja transformar-se em « pão puro de Cristo». O cristão, quando oferece a sua vida no martírio, entra em plena comunhão com a páscoa de Jesus Cristo e, assim, ele mesmo se torna Eucaristia com Cristo. Não faltam, ainda hoje, à Igreja os mártires, nos quais se manifesta de modo supremo o amor de Deus. E, mesmo que não nos seja pedida a prova do martírio, sabemos, porém, que o culto agradável a Deus postula intimamente esta disponibilidade e encontra a sua realização no feliz e convicto testemunho perante o mundo duma vida cristã coerente nos diversos sectores onde o Senhor nos chama a anunciá-lo".

3. Jesus Cristo, único Salvador

N.86: "Sublinhar a ligação intrínseca entre Eucaristia e missão faz-nos descobrir também o conteúdo supremo do nosso anúncio. Quanto mais vivo for o amor pela Eucaristia no coração do povo cristão, tanto mais clara lhe será a incumbência da missão: levar Cristo; não meramente uma ideia ou uma ética n'Ele inspirada, mas o dom da sua própria Pessoa. Quem não comunica a verdade do Amor ao irmão, ainda não deu bastante. A Eucaristia enquanto sacramento da nossa salvação chama-nos assim, inevitavelmente, à unicidade de Cristo e da salvação por Ele realizada a preço do seu sangue. Por isso, do mistério eucarístico acreditado e celebrado nasce a exigência de educar constantemente a todos para o trabalho missionário, cujo centro é o anúncio de Jesus, único Salvador. Isto impedirá de confinar, em chave meramente sociológica, a obra decisiva de promoção humana que todo o processo de evangelização autêntico sempre implica".

4. Eucaristia, pão repartido para a vida do mundo

N.88: "«O pão que Eu hei-de dar é a minha carne que Eu darei pela vida do mundo» (Jo 6, 51). Com estas palavras, o Senhor revela o verdadeiro significado do dom da sua vida por todos os homens; as mesmas mostram-nos também a compaixão íntima que Ele sente por cada pessoa. Na realidade, os Evangelhos transmitem-nos muitas vezes os sentimentos de Jesus para com as pessoas, especialmente doentes e pecadores (Mt 20, 34; Mc 6, 34; Lc 19, 41). Ele exprime, através dum sentimento profundamente humano, a intenção salvífica de Deus que deseja que todo o homem alcance a verdadeira vida. Cada celebração eucarística atualiza sacramentalmente a doação que Jesus fez da sua própria vida na cruz por nós e pelo mundo inteiro. Ao mesmo tempo, na Eucaristia, Jesus faz de nós testemunhas da compaixão de Deus por cada irmão e irmã; nasce assim, à volta do mistério eucarístico, o serviço da caridade para com o próximo, que « consiste precisamente no facto de eu amar, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não somente com os meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo ». Desta forma, nas pessoas que contacto, reconheço irmãs e irmãos, pelos quais o Senhor deu a sua vida amando-os «até ao fim» (Jo 13, 1). Por conseguinte, as nossas comunidades, quando celebram a Eucaristia, devem consciencializar-se cada vez mais de que o sacrifício de Jesus é por todos; e, assim, a Eucaristia impele todo o que acredita n'Ele a fazer-se «pão repartido» para os outros e, consequentemente, a empenhar-se por um mundo mais justo e fraterno. Como sucedeu na multiplicação dos pães e dos peixes, temos de reconhecer que Cristo continua, ainda hoje, exortando os seus discípulos a empenharem-se pessoalmente: «Dai-lhes vós de comer» (Mt 14, 16). Na verdade, a vocação de cada um de nós consiste em ser unido a Jesus, pão repartido para a vida do mundo".

N.89: "Na perspectiva da responsabilidade social de todos os cristãos, o sacrifício de Cristo é mistério de libertação que nos interpela e provoca continuamente; daí o sentido de um apelo a todos os fiéis para que se tornem realmente obreiros de paz e justiça: «Com efeito, quem participa na Eucaristia deve empenhar-se na edificação da paz neste nosso mundo marcado por muitas violências e guerras, e, hoje de modo particular, pelo terrorismo, a corrupção econômica e a exploração sexual»; problemas, estes, que geram, por sua vez, outros fenômenos degradantes que causam viva preocupação. Sabemos que estas situações não podem ser encaradas de modo superficial. Precisamente em virtude do mistério que celebramos, é preciso denunciar as circunstâncias que estão em contraste com a dignidade do homem, pelo qual Cristo derramou o seu sangue, afirmando assim o alto valor de cada pessoa".

5. Compromisso social da Igreja

N.91: "O mistério da Eucaristia habilita-nos e impele-nos a um compromisso corajoso nas estruturas deste mundo para lhes conferir aquela novidade de relações que tem a sua fonte inexaurível no dom de Deus. O pedido que repetimos em cada Missa: « O pão nosso de cada dia nos dai hoje », obriga-nos a fazer tudo o que for possível, em colaboração com as instituições internacionais, estatais, privadas, para que cesse ou pelo menos diminua, no mundo, o escândalo da fome e da subnutrição que padecem muitos milhões de pessoas, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento. Particularmente o leigo cristão, formado na escola da Eucaristia, é chamado a assumir diretamente a sua responsabilidade político-social; a fim de poder desempenhar adequadamente as suas funções, é preciso prepará-lo através duma educação concreta para a caridade e a justiça".

6. Santificação do mundo e defesa da criação

N.92: "Enfim, para desenvolver uma espiritualidade eucarística profunda, capaz de incidir significativamente também no tecido social, é necessário que o povo cristão, ao dar graças por meio da Eucaristia, tenha consciência de o fazer em nome da criação inteira, aspirando assim à santificação do mundo e trabalhando intensamente para tal fim. A própria Eucaristia projeta uma luz intensa sobre a história humana e todo o universo. Nesta perspectiva sacramental, aprendemos, dia após dia, que cada acontecimento eclesial possui o caráter de sinal, pelo qual Deus Se comunica a Si mesmo e nos interpela. Desta maneira, a forma eucarística da existência pode verdadeiramente favorecer uma autêntica mudança de mentalidade no modo como lemos a história e o mundo. As condições ecológicas em que a criação subjaz em muitas partes do mundo suscitam justas preocupações, que encontram motivo de conforto na perspectiva da esperança cristã, pois esta compromete-nos a trabalhar responsavelmente na defesa da criação; de fato, na relação entre a Eucaristia e o universo, descobrimos a unidade do desígnio de Deus e somos levados a individuar a relação profunda da criação com a «nova criação» que foi inaugurada na ressurreição de Cristo, novo Adão. Dela participamos já agora em virtude do Batismo (Col 2, 12s), abrindo-se assim à nossa vida cristã, alimentada pela Eucaristia, a perspectiva do mundo novo, do novo céu e da nova terra, onde a nova Jerusalém desce do céu, de junto de Deus, « bela como noiva adornada para o seu esposo » (Ap 21, 2)".

SEGUNDO PILAR

Neste segundo pilar, vem focalizada a dimensão essencial da Eucaristia como alimento para a missão. O sentido e alcance deste alimento é o exercício de intimidade dos discípulos com o seu Mestre e Senhor, fortalecidos para a missão. Retomo reflexões e indicações da Carta Encíclica Deus Caritas Est, de Papa Bento XVI, sobre o amor Cristão, 25 de dezembro de 2005

1. Jesus Cristo – o amor encarnado de Deus

N.12: "Na morte de cruz de Jesus, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo — o amor na sua forma mais radical. O olhar fixo no lado trespassado de Cristo, de que fala João (cf. 19, 37), compreende que «Deus é amor» (1 Jo 4, 8). É lá que esta verdade pode ser contemplada. E começando de lá, pretende-se agora definir em que consiste o amor. A partir daquele olhar, o cristão encontra o caminho do seu viver e amar".

N.13: "Jesus deu a este ato de oferta uma presença duradoura através da instituição da Eucaristia durante a Última Ceia. Antecipa a sua morte e ressurreição entregando-Se já naquela hora aos seus discípulos, no pão e no vinho, a Si próprio, ao seu corpo e sangue como novo maná (cf. Jo 6, 31-33). Se o mundo antigo tinha sonhado que, no fundo, o verdadeiro alimento do homem — aquilo de que este vive enquanto homem — era o Logos, a sabedoria eterna, agora este Logos tornou-Se verdadeiramente alimento para nós — como amor. A Eucaristia arrasta-nos no ato oblativo de Jesus. Não é só de modo estático que recebemos o Logos encarnado, mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação. A imagem do matrimónio entre Deus e Israel torna-se realidade de um modo anteriormente inconcebível: o que era um estar na presença de Deus torna-se agora, através da participação na doação de Jesus, comunhão no seu corpo e sangue, torna-se união. A «mística» do Sacramento, que se funda no abaixamento de Deus até nós, é de um alcance muito diverso e conduz muito mais alto do que qualquer mística elevação do homem poderia realizar".

N.14: "Temos agora de prestar atenção a outro aspecto: a « mística » do Sacramento tem um carácter social, porque, na comunhão sacramental, eu fico unido ao Senhor como todos os demais comungantes: «Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão» — diz São Paulo (1 Cor 10, 17). A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou tornarão Seus. A comunhão tira-me para fora de mim mesmo projetando-me para Ele e, deste modo, também para a união com todos os cristãos. Tornamo-nos « um só corpo », fundidos todos numa única existência. O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a Si. Assim se compreende por que o termo ágape se tenha tornado também um nome da Eucaristia: nesta a ágape de Deus vem corporalmente a nós, para continuar a sua ação em nós e através de nós. Só a partir desta fundamentação cristológico-sacramental é que se pode entender corretamente o ensinamento de Jesus sobre o amor. A passagem que Ele faz realizar da Lei e dos Profetas ao duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo, a derivação de toda a vida de fé da centralidade deste preceito não é uma simples moral que possa, depois, subsistir autonomamente ao lado da fé em Cristo e da sua reatualização no Sacramento: fé, culto e ethos compenetram-se mutuamente como uma única realidade que se configura no encontro com a ágape de Deus. Aqui, a habitual contraposição entre culto e ética simplesmente desaparece. No próprio «culto», na comunhão eucarística, está contido o ser amado e o amar, por sua vez, os outros. Uma Eucaristia que não se traduza em amor concretamente vivido, é em si mesma fragmentária".

2. Amor a Deus e amor ao próximo

N.17: "Na história de amor que a Bíblia nos narra, Ele vem ao nosso encontro, procura conquistar-nos — até à Última Ceia, até ao Coração trespassado na cruz, até às aparições do Ressuscitado e às grandes obras pelas quais Ele, através da ação dos Apóstolos, guiou o caminho da Igreja nascente. Também na sucessiva história da Igreja, o Senhor não esteve ausente: incessantemente vem ao nosso encontro, através de homens nos quais Ele Se revela; através da sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia. Na liturgia da Igreja, na sua oração, na comunidade viva dos crentes, nós experimentamos o amor de Deus, sentimos a sua presença e aprendemos deste modo também a reconhecê-la na nossa vida quotidiana. Ele amou-nos primeiro, e continua a ser o primeiro a amar-nos; por isso, também nós podemos responder com o amor. Deus não nos ordena um sentimento que não possamos suscitar em nós próprios. Ele ama-nos, faz-nos ver e experimentar o seu amor, e desta «antecipação» de Deus pode, como resposta, despontar também em nós o amor. No desenrolar deste encontro, revela-se com clareza que o amor não é apenas um sentimento. Os sentimentos vão e vêm. O sentimento pode ser uma maravilhosa centelha inicial, mas não é a totalidade do amor. Ao início, falamos do processo das purificações e amadurecimentos, pelos quais o eros se torna plenamente ele mesmo, se torna amor no significado cabal da palavra. É próprio da maturidade do amor abranger todas as potencialidades do homem e incluir, por assim dizer, o homem na sua totalidade. O encontro com as manifestações visíveis do amor de Deus pode suscitar em nós o sentimento da alegria, que nasce da experiência de sermos amados. Tal encontro, porém, chama em causa também a nossa vontade e o nosso intelecto. O reconhecimento do Deus vivo é um caminho para o amor, e o sim da nossa vontade à d'Ele une intelecto, vontade e sentimento no ato globalizante do amor. Mas isto é um processo que permanece continuamente em caminho: o amor nunca está «concluído» e completado; transforma-se ao longo da vida, amadurece e, por isso mesmo, permanece fiel a si próprio. Idem velle atque idem nolle — querer a mesma coisa e rejeitar a mesma coisa é, segundo os antigos, o autêntico conteúdo do amor: um tornar-se semelhante ao

outro, que leva à união do querer e do pensar. A história do amor entre Deus e o homem consiste precisamente no fato de que esta comunhão de vontade cresce em comunhão de pensamento e de sentimento e, assim, o nosso querer e a vontade de Deus coincidem cada vez mais: a vontade de Deus deixa de ser para mim uma vontade estranha que me impõem de fora os mandamentos, mas é a minha própria vontade, baseada na experiência de que realmente Deus é mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio. [10] Cresce então o abandono em Deus, e Deus torna-Se a nossa alegria (cf. Sal 73/72, 23-28)".

N.18: Revela-se, assim, como possível o amor ao próximo no sentido enunciado por Jesus, na Bíblia. Consiste precisamente no fato de que eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não somente com os meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo. O seu amigo é meu amigo. Para além do aspecto exterior do outro, dou-me conta da sua expectativa interior de um gesto de amor, de atenção, que eu não lhe faço chegar somente através das organizações que disso se ocupam, aceitando-o talvez por necessidade política. Eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o olhar de amor de que ele precisa. Aqui se vê a interação que é necessária entre o amor a Deus e o amor ao próximo, de que fala com tanta insistência a I Carta de João. Se na minha vida falta totalmente o contacto com Deus, posso ver no outro sempre e apenas o outro e não consigo reconhecer nele a imagem divina. Mas, se na minha vida negligencio completamente a atenção ao outro, importando-me apenas com ser «piedoso» e cumprir os meus «deveres religiosos», então definha também a relação com Deus. Neste caso, trata-se duma relação «correta», mas sem amor. Só a minha disponibilidade para ir ao encontro do próximo e demonstrar-lhe amor é que me torna sensível também diante de Deus. Só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama. Os Santos — pensemos, por exemplo, na Santa Teresa de Calcutá — hauriram a sua capacidade de amar o próximo, de modo sempre renovado, do seu encontro com o Senhor eucarístico e, vice-versa, este encontro ganhou o seu realismo e profundidade precisamente no serviço deles aos outros. Amor a Deus e amor ao próximo são inseparáveis, constituem um único mandamento. Mas, ambos vivem do amor preveniente com que Deus nos amou primeiro. Deste modo, já não se trata de um « mandamento » que do exterior nos impõe o impossível, mas de uma experiência do amor proporcionada do interior, um amor que, por sua natureza, deve ser ulteriormente comunicado aos outros. O amor cresce através do amor. O amor é «divino», porque vem de Deus e nos une a Deus, e, através deste processo unificador, transforma-nos em um Nós, que supera as nossas divisões e nos faz ser um só, até que, no fim, Deus seja «tudo em todos» (1 Cor 15, 28)".

3. O alimento da verdade e a indigência do homem

Concluindo este ponto, retomemos o n.90 da sacramentum caritatis: "Não podemos ficar inativos perante certos processos de globalização, que não raro fazem crescer desmesuradamente a distância entre ricos e pobres a nível mundial. Devemos denunciar quem delapida as riquezas da terra, provocando desigualdades que bradam ao céu (Tg 5, 4). Por exemplo, é impossível calar diante das «imagens impressionantes dos grandes campos de deslocados ou refugiados — em várias partes do mundo — amontoados em condições precárias para escapar a sorte pior, mas carecidos de tudo. Porventura estes seres humanos não são nossos irmãos e irmãs? Os seus filhos não vieram ao mundo com os mesmos legítimos anseios de felicidade que os outros?». O Senhor Jesus, pão de vida eterna, incita a tornarmo-nos atentos às situações de indigência em que ainda vive grande parte da humanidade: são situações cuja causa se fica a dever, frequentemente, a uma clara e preocupante responsabilidade dos homens. De fato, «com base em dados estatísticos disponíveis, pode-se afirmar que bastaria menos de metade das somas imensas globalmente destinadas a armamentos para tirar, de forma estável, da indigência o exército ilimitado dos pobres. Isto interpela a consciência humana. Às populações que vivem sob o limiar da pobreza, mais por causa de situações que dependem das relações internacionais políticas, comerciais e culturais do que por circunstâncias incontroláveis, o nosso esforço comum verdadeiramente pode e deve oferecer-lhes nova esperança». O alimento da verdade leva-nos a denunciar as situações indignas do homem, nas quais se morre à míngua de alimento por causa da injustiça e da exploração, e dá-nos nova força e coragem para trabalhar sem descanso na edificação da civilização do amor. Desde o princípio, os cristãos tiveram a preocupação de partilhar os seus bens (At 4, 32) e de ajudar os pobres (Rm 15, 26). O peditório que se realiza nas assembleias litúrgicas constitui viva reminiscência disso mesmo, mas é também uma necessidade muito atual. As instituições eclesiais de beneficência, de modo particular a Caritas nos seus vários níveis, realizam o valioso serviço de auxiliar as pessoas em necessidade, sobretudo os mais pobres. Tirando inspiração da Eucaristia, que é o sacramento da caridade, aquelas tornam-se a sua expressão concreta; por isso, merecem todo o aplauso e estímulo pelo seu empenho solidário no mundo".

TERCEIRO PILAR

Importante é compreender e ter clareza sobre o sentido e alcance da missão. Tomo, então, a Exortação Apostólica Pós Sinodal, Evangelii Nuntiandi,

Papa Paulo VI, 1975

1. Laços recíprocos entre a Igreja e a evangelização

N.15: "A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos doze. Nascida da missão, pois, a Igreja é por sua vez enviada por Jesus, a Igreja fica no mundo quando o Senhor da glória volta para o Pai. Ela fica aí como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus, sacramento da sua partida e da sua permanência, Ela prolonga-o e continua-o. Ora, é exatamente toda a sua missão e a sua condição de evangelizadora, antes de mais nada, que ela é chamada a continuar. A comunidade dos cristãos, realmente, nunca é algo fechado sobre si mesmo. Nela, a vida íntima, vida de oração, ouvir a Palavra e o ensino dos apóstolos, caridade fraterna vivida e fração do pão, não adquire todo o seu sentido senão quando ela se torna testemunho, a provocar a admiração e a conversão e se desenvolve na pregação e no anúncio da Boa Nova. Assim, é a Igreja toda que recebe a missão de evangelizar, e a atividade de cada um é importante para o todo. Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor. Povo de Deus imerso no mundo, e não raro tentado pelos ídolos, ela precisa de ouvir, incessantemente, proclamar as grandes obras de Deus, (41) que a converteram para o Senhor; precisa sempre ser convocada e reunida de novo por ele. Numa palavra, é o mesmo que dizer que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescor, alento e força para anunciar o Evangelho. O Concílio Ecumênico Vaticano II recordou e depois o Sínodo de 1974 (42) retomou com vigor este mesmo tema: a Igreja que se evangeliza por uma conversão e uma renovação constantes, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade. A Igreja é depositária da Boa Nova que há de ser anunciada. As promessas da nova aliança em Jesus Cristo, os ensinamentos do Senhor e dos apóstolos, a Palavra da vida, as fontes da graça e da benignidade de Deus, o caminho da salvação, tudo isto lhe foi confiado. É o conteúdo do Evangelho e, por conseguinte, da evangelização, que ela guarda como um depósito vivo e precioso, não para manter escondido, mas sim para o comunicar. Enviada e evangelizadora, a Igreja envia também, ela própria, evangelizadores. É ela que coloca em seus lábios a Palavra que salva, que lhes explica a mensagem de que ela mesma é depositária, que lhes confere o mandato que ela própria recebeu e que, enfim, os envia a pregar. E a pregar, não as suas próprias pessoas ou as suas ideias pessoais, mas sim um Evangelho do qual nem eles nem ela são senhores e proprietários absolutos, para dele disporem a seu bel-prazer, mas de que são os ministros para o transmitir com a máxima fidelidade".

2. Renovação da humanidade

N.18: "Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: "Eis que faço de novo todas as coisas". A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente esta mudança interior; e se fosse necessário traduzir isso em breves termos, o mais exato seria dizer que a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios".

3. Importância primordial do testemunho da vida

N.21: "E esta Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os veem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão conosco? Pois bem: um semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz da Boa Nova. Nisso há já um gesto inicial de evangelização. Daí as perguntas que talvez sejam as primeiras que se põem muitos não-cristãos, quer se trate de pessoas às quais Cristo nunca tinha sido anunciado, ou de batizados não praticantes, ou de pessoas que vivem em cristandades, mas segundo princípios que não são nada cristãos. Todos os cristãos são chamados a dar este testemunho e podem ser, sob este aspecto, verdadeiros evangelizadores. E aqui pensamos de modo especial na responsabilidade que se origina para os migrantes nos países que os recebem".

4. Necessidade de um anúncio explícito

N.22: "Entretanto isto permanecerá sempre insuficiente, pois ainda o mais belo testemunho virá a demonstrar-se impotente com o andar do tempo, se ele não vier a ser esclarecido, justificado, aquilo que São Pedro chamava dar "a razão da própria esperança", (52) explicitado por um anúncio claro e inelutável do Senhor Jesus. Por conseguinte, a Boa Nova proclamada pelo testemunho da vida deverá, mais tarde ou mais cedo, ser proclamada pela palavra da vida. Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados".

EUCARISTIA

alimento para a missão: conclusão interpelante nascida do coração de três profetas, de tempos diferentes, corações e bocas de ouro, igualmente:

1. São João Crisóstomo, na sabedoria de quem escuta a Palavra de Deus e entende a coerência a qual ela convida, chamava a atenção: muitos cristãos saem da Igreja e contemplam fileiras de pobres que formam como muralhas em ambos os lados e passam longe, sem se comover, como se vissem colunas e não corpos humanos. Apertam o passo como se vissem estátuas sem almas em lugar de homens que respiram. E, depois de tamanha desumanidade, se atrevem a levantar as mãos para o céu e pedir a Deus misericórdia e perdão pelos seus pecados.

2. Sobre os compromissos advindos da participação da Eucaristia, ele também afirma: *"Queres honrar o corpo de Cristo? Então não o desprezes nos seus membros, isto é, nos pobres que não tem o que vestir, nem o honres no templo com vestes de seda, enquanto o abandona lá fora ao frio e a nudez. Aquele que disse: 'Isto é o Meu Corpo' (Mt 26,26), e o realizou ao dizê-lo, é o mesmo que disse: 'Porque tive fome e não me deste de comer' (cf. Mt 25,42); e também: 'Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer' (Mt 25,45). (...) Que proveito resulta de a mesa de Cristo estar coberta de taças de ouro, se ele morre de fome na pessoa dos pobres? Sacia primeiro o faminto, e depois adornarás o seu altar com o que sobrar. Fazes um cálice de ouro e não dás 'um copo de água fresca'? (Mt 10,42). (...), por conseguinte, enquanto adornas a casa do Senhor, não deixes o teu irmão na miséria, pois ele é um templo e de todos o mais precioso".*

3. Ensina, também, Santo Hilário: "A mesma realidade com que a carne de cada homem está presente no Senhor, o Senhor está presente no corpo de todos os homens. Assim Ele se torna para cada um O Próximo por excelência. O ódio à injustiça, o amor à lei e todos os outros mandamentos encontram-se resumidos na observância deste único preceito: amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mt 22, 37-39). Maior que holocaustos, maior que sacrifícios, é lembrar que formamos com os outros um único corpo, o de Cristo".

4. Termino com uma poesia orante nascida do coração de Helder Câmara, eterna lembrança desta terra sua, Olinda e Recife: MARIAMA:

"Mariama, Nossa Senhora, mãe de Cristo e Mãe dos homens!

Mariama, Mãe dos homens de todas as raças, de todas as cores, de todos os cantos da Terra.

Pede ao teu filho que esta festa não termine aqui, a marcha final vai ser linda de viver.

Mas é importante, Mariama, que a Igreja de teu Filho não fique em palavra, não fique em aplauso.

Não basta pedir perdão pelos erros de ontem. É preciso acertar o passo de hoje sem ligar ao que disserem.

Claro que dirão, Mariama, que é política, que é subversão. É Evangelho de Cristo, Mariama.

Claro que seremos intolerados.

Mariama, Mãe querida, problema de negro acaba se ligando com todos os grande problemas humanos.

Com todos os absurdos contra a humanidade, com todas as injustiças e opressões.

Mariama, que se acabe, mas se acabe mesmo a maldita fabricação de armas. O mundo precisa fabricar é Paz.

Basta de injustiça!

Basta de uns sem saber o que fazer com tanta terra e milhões sem um palmo de terra onde morar.

Basta de alguns tendo que vomitar para comer mais e 50 milhões morrendo de fome num só ano.

Basta de uns com empresas se derramando pelo mundo todo e milhões sem um canto onde ganhar o pão de cada dia.

Mariama, Senhora Nossa, Mãe querida, nem precisa ir tão longe, como no teu hino. Nem precisa que os ricos saiam de mãos vazias e o pobres de mãos cheias. Nem pobre nem rico.

Nada de escravo de hoje ser senhor de escravo de amanhã. Basta de escravos. Um mundo sem senhor e sem escravos. Um mundo de irmãos.

De irmãos não só de nome e de mentira. De irmãos de verdade, Mariama".

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. Deus Caritas Est. São Paulo: Paulinas, 2006.

___. Sacramentum Caritatis. São Paulo: Paulinas, 2007.

PAULO VI. Exortação Apostólica Evangelii nuntiandi. São Paulo: Loyola, 1976.

Às 11h, no auditório Tabocas, no Centro de Convenções, o assessor Pe. Antônio Niemiec, CSsR, ministrou a oficina "Eucaristia e missão em Aparecida e em Evangelii Gaudium", cujo texto segue abaixo:

Eucaristia e missão em Aparecida e em Evangelii Gaudium

Pe. Antônio Niemiec, CSsR

INTRODUÇÃO

"A *Evangelii Gaudium* quer comunicar esta necessidade: sair. Eu gostaria que se voltasse a essa exortação apostólica com a reflexão e a oração. Ela amadureceu à luz da Evangelii Nuntiandi e do trabalho feito em Aparecida. Contém uma ampla reflexão eclesial"112.

Ao abrir o seu pontificado, o Papa Francisco deu um "programa" pastoral a toda a Igreja: a Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG). Muitos dos conteúdos da Evangelii Gaudium, o Papa assumiu e adotou do Documento de Aparecida (DAp).

Ao reler o Documento de Aparecida percebe-se que quase tudo está sob o postulado de transformação: a realidade (DAp 210), o mundo (DAp 290), a sociedade (DAp 283, 330, 336). Também a Igreja deve entrar nesse processo de transformação: "Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé" (DAp 365).

Nesta reflexão, vamos apresentar algumas chaves que o Documento de Aparecida e a Exortação Apostólica Evangelii Gaudium nos oferecem sobre a Eucaristia e como ela representa o lugar privilegiado do encontro do discípulo missionário com Jesus Cristo. Esse encontro que não é apenas pessoal e individual, mas é o encontro de toda a Igreja com o Senhor presente na celebração eucarística. Esse encontro torna-se, também, fonte da evangelização e impulso à solidariedade, especialmente para com os mais pobres e abandonados; e desperta nos cristãos o forte desejo de anunciar o Evangelho e de o testemunhar na sociedade para que seja mais justa, fraterna e humana. O magistério do Papa Francisco liga Eucaristia e missão.

Na Evangelii Gaudium encontramos as seguintes palavras: "Aquilo que pretendo deixar expresso aqui, possui um significado programático e tem consequências importantes. Espero que todas as comunidades se esforcem por usar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma simples administração. Constituamo-nos em estado permanente de missão, em todas as regiões da terra" (EG 25).

A insistência papal, de então para cá, vem sempre no mesmo sentido de urgência missionária para os verdadeiros discípulos. O Papa o expressou em termos fortes e motivadores: "Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários»" (EG 120).

Devemos aos outros o que nós recebemos de Deus, para que lhes chegue também como dos outros o que chegou a nós, como de Cristo para todos. É por isso que o Papa escreve: "Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Jesus Cristo".

E é por isso também que, na mesma Exortação, ele liga missão e culto eucarístico, em termos tão persuasivos como estes: "A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus [...]. Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos de nos deter em oração para lhe pedir que volte a cativar-nos. [...] Como é doce permanecer diante dum crucifixo ou de joelhos diante do Santíssimo Sacramento, e fazê-lo simplesmente para estar à frente dos seus olhos! Como nos faz bem deixar que Ele volte a tocar a nossa vida e nos envie para comunicar a sua vida nova!" (EG 264).

É neste sentido que a Eucaristia, sacramento do amor de Cristo, se torna fonte permanente da missão que o difunde. Isso acontece por necessidade intrínseca, a mesma que fazia São Paulo escrever aos coríntios: "Sim, o amor de Cristo nos absorve completamente, ao pensar que um só morreu por todos e, portanto, todos morreram. Ele morreu por todos a fim de que, os que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (2Cor 5,14).

Com Cristo, aprendemos que o valor da vida não está em guardá-la para si, mas em dá-la generosamente aos outros e pelos outros: "Não se vive melhor fugindo dos outros, escondendo-se, negando-se a partilhar, resistindo a dar, fechando-se na comodidade. Isto não é senão um lento suicídio" (EG 272); "A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isto é, definitivamente, a missão" (DAp 360). E quem o descobre entra na mesma lógica de amor, em comunhão com o amor universal de Cristo, como o Apóstolo escreve aos colossenses: "Agora, alegro-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja" (Cl 1,24). A alegria em sofrer com Cristo pelo bem de todos é a alma da missão. Essa atitude é elevada à gratuidade total de quem ama, e ama até aos próprios inimigos (cf. Mt 5,44).

Para o Papa Francisco, a fonte da missão só pode ser a Eucaristia celebrada e adorada; dela o discípulo missionário recebe o amor divino. É neste sentido que ele escreve: "A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração, e alegro-me imenso que se multipliquem, em todas as instituições eclesiais, os grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, as adorações perpétuas da Eucaristia" (EG 262).

Terminologia

	Documento de Aparecida	*Evangelii Gaudium*
Eucaristia	**36**	**9**
Celebração eucarística	**3**	
Celebração litúrgica		**3**
Missa	**3**	
Adoração eucarística	**1**	
Forma eucarística	**1**	
Vida eucarística	**1**	
Adoração eucarística	**1**	
Adoração do Corpo de Cristo	**1**	
Assembleia eucarística		**1**
Contexto eucarístico		**1**
Missão	**131**	**46**
Missionários	**150**	**12**
Missionárias	**10**	**2**
Missionário	**57**	**27**
Missionária	**54**	**41**
Missionariedade		**1**
Missão ad gentes	**6**	
Evangelização	**72**	**92**
Evangelizar	**9**	**14**
Sair	**5**	**9**
Igreja em saída		**5**

Importância do encontro com Cristo e suas implicações missionárias

O encontro com Jesus Cristo é fundamental para compreender o cristianismo. O papa emérito Bento XVI afirma isso quando diz que não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia. Começa-se a viver a fé graças ao encontro com Jesus Cristo (cf. Deus Caritas Est, 1).

"Se o fundamental do cristianismo é o encontro com Cristo, é porque a Encarnação mudou tudo na história do mundo. O amor de Deus foi tão grande que enviou o seu Filho único para que compartilhasse tudo o que era nosso, para que assim nós pudéssemos compartilhar tudo o que era d'Ele (cf. Jo 1,14; Jo 3,6). Deus, em Jesus, entrou radicalmente no mundo. Graças a Jesus Cristo conhecemos quem é Deus Pai, como ama, como perdoa, como se encontra conosco. A Encarnação é uma experiência de diálogo: Deus Pai nos falou por meio do Filho que é movido pelo Espírito. O encontro, portanto, é também um acontecimento trinitário, comunitário. E esse encontro se atualiza em cada Eucaristia"113.

O Documento de Aparecida, ao descrever uma espiritualidade trinitária do encontro com Jesus Cristo, fala também dos lugares onde esse encontro pode acontecer e destaca que "a Eucaristia é o lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo" (DAp 251). Com este sacramento, Jesus nos atrai para si e nos faz entrar, em seu dinamismo, em relação a Deus e ao próximo: "A Eucaristia, fonte inesgotável da vocação cristã é, ao mesmo tempo, fonte inextinguível do impulso missionário. Aí, o Espírito Santo fortalece a identidade do discípulo e desperta nele a decidida vontade de anunciar com audácia aos demais o que tem escutado e vivido" (DAp 251).

O encontro profundo com Jesus Cristo, cuja expressão máxima é a Eucaristia, faz nascer verdadeiros discípulos missionários: "Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários" (DAp 11).

Esse encontro com Cristo, na Eucaristia, que implica na renovação da aliança de amor com Ele, é uma experiência não apenas pontual e esporádica, mas algo a ser renovado frequentemente: "O discípulo renova, em cada celebração eucarística, sua aliança de amor em Cristo, com o Pai e com os irmãos. Acolhendo a Palavra de vida eterna e alimentado pelo Pão descido do céu, quer viver a plenitude do amor e conduzir todos ao encontro com Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida" (DAp 350).

Esse dom do encontro com Jesus Cristo impulsiona aqueles que se tornaram discípulos missionários a partilhá-lo com outras pessoas: "Igreja deve formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo" (DAp 14).

A Evangelii Gaudium lembra que o encontro com Jesus Cristo nos humaniza, nos faz sair da autorreferencialidade e nos lança num dinamismo de saída ao encontro de outras pessoas: "Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros? (EG 8).

Quanto mais profunda for a consciência do cristão de pertencer a Cristo, quanto mais autêntica for a experiência do encontro com Cristo, tanto mais sente ele um imperativo interior que o faz sair de si mesmo e o lança num dinamismo de saída para partilhá-la com os outros, rompendo e ultrapassando todas as barreiras e limites: "Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (cf. At 1,8)" (DAp 145). Por isso, o encontro dos discípulos com Jesus na intimidade é indispensável para alimentar a vida comunitária e a atividade missionária.

Sem Eucaristia não existe discípulo missionário

Jesus quis ficar com sua Igreja no sacramento do seu Corpo e Sangue, na Eucaristia. O amor de Deus se deu por completo no Pão e no Vinho, na comida que se compartilha na comunidade. Aparecida diz que "com este Sacramento [a Eucaristia], Jesus nos atrai para si e nos faz entrar em seu dinamismo em relação a Deus e ao próximo" (DA 251). Não se pode entender a Eucaristia sem a Igreja e também não há Igreja, comunidade dos discípulos missionários, sem a celebração eucarística, na qual eles se alimentam: "Em sua Palavra e em todos os sacramentos, Jesus nos oferece um alimento para o caminho. A Eucaristia é o centro vital do universo, capaz de saciar a fome de vida e felicidade: «Aquele que se alimenta de mim, viverá por mim» (Jo 6,57). Nesse banquete feliz participamos da vida eterna e, assim, nossa existência cotidiana se converte em Missa prolongada" (DAp 354).

Também o Papa Francisco nos lembra que o discípulo que vive a experiência de ser amado até ao extremo (cf. Jo 13,1), essa experiência que encontra sua expressão máxima na celebração da Eucaristia, sente-se impulsionado a comunicar e transbordar essa experiência, de modo concreto, para as pessoas que encontra: "A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de a apresentar, de a tornar conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos de nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos. Precisamos de o implorar cada dia, pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida tíbia e superficial. Como é doce permanecer diante dum crucifixo ou de joelhos diante do Santíssimo Sacramento, e fazê-lo simplesmente para estar à frente dos seus olhos! Como nos faz bem deixar que Ele volte a tocar a nossa vida e nos envie para comunicar a sua vida nova! Sucede então que, em última análise, «o que nós vimos e ouvimos, isso anunciamos» (1Jo 1,3)" (EG 264).

Sendo a Eucaristia "o alimento substancial dos discípulos e missionários", "bendizemos a Deus que nos dá na celebração da fé, especialmente na Eucaristia, pão de vida eterna" (DAp 25).

Considerando que sem Eucaristia não existe discípulo missionário, "entende-se, então a grande importância do preceito dominical de «viver segundo o domingo», como necessidade interior do cristão, da família cristã, da comunidade paroquial. Sem uma participação ativa na celebração eucarística dominical e nas festas de preceito, não existirá um discípulo missionário maduro. Por causa disso, é importante promover a «pastoral do domingo» e dar a ela «prioridade nos programas pastorais», para novo impulso na evangelização do povo de Deus no Continente latino-americano" (DAp 252).

A comunhão que nasce da Eucaristia está a serviço da missão: comunhão missionária

Tendo como referência as primeiras comunidades cristãs, também hoje os cristãos se reúnem, em comunidade, para "escutar o ensinamento dos apóstolos, viver unidos e tomar parte no partir do pão e nas orações" (At 2,42). A comunhão da Igreja se alimenta com o Pão da Palavra de Deus e com o Pão do Corpo de Cristo. A Eucaristia, que é participação de todos os cristãos no mesmo Pão de Vida e no mesmo Cálice de Salvação, nos faz membros do mesmo Corpo (cf. 1Cor 10,17). A Eucaristia é a fonte e o ponto mais alto da vida cristã (cf. LG 11), sua expressão mais perfeita e o alimento da vida em comunhão. Na Eucaristia, nutrem-se as novas relações evangélicas que surgem do fato de sermos filhos e filhas do Pai e irmãos e irmãs em Cristo. "A Igreja que a celebra é casa e escola de comunhão, onde os discípulos compartilham a mesma fé, esperança e amor a serviço da missão evangelizadora" (DAp 158).

A diversidade de carismas, ministérios e serviços presente na comunidade eclesial oferece aos cristãos a possibilidade do exercício cotidiano da comunhão, através da qual os dons do Espírito são colocados à disposição dos demais membros da comunidade para que possa circular a caridade (cf. 1Cor 12,4-12). É que cada batizado é portador de dons que deve desenvolver em unidade com os dons de outras pessoas, para formar o único Corpo de Cristo, entregue para a vida do mundo. O reconhecimento dessa unidade e da diversidade de serviços e ministérios dá maior vitalidade missionária à comunidade cristã. Cada cristão, em comunhão com os demais, sendo membro do Corpo de Cristo e alimentando-se do corpo de Cristo, coloca seus carismas e dons a serviço das pessoas; sua vida torna-se uma missão (cf. DAp 162).

Assim como o serviço ao outro não se limita a apenas alguns momentos, ocasiões especiais, algumas horas por dia, mas é um modo de viver do discípulo missionário, que tem como referência a dinâmica de vida do Mestre que veio para servir e dar a vida (cf. Mt 20,28), assim também é o modo de viver a missão do cristão: "A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo." (EG 273).

"No povo de Deus, «a comunhão e a missão estão profundamente unidas entre si. A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão». Nas Igrejas particulares, todos os membros do povo de Deus, segundo suas vocações específicas, somos convocados à santidade na comunhão e na missão" (DAp 163).

É dentro da comunidade paroquial, com suas comunidades, pastorais, movimentos, serviços, organismos e obras, que os cristãos constroem e vivem essa comunhão que nasce da Eucaristia e que está a serviço da missão. "A Eucaristia faz com que nossas paróquias sejam sempre comunidades eucarísticas que vivem sacramentalmente o encontro com o Cristo Salvador" (DAp 175a).

Mas, essa experiência não está limitada apenas ao espaço eclesial. Ao contrário, os que a vivem de modo verdadeiramente cristão e maduro, fazem com que seus frutos sejam experimentados em diversos grupos humanos e em vários âmbitos da sociedade, através do testemunho de vida desses discípulos missionários. O Documento de Aparecida fala também da vivência dessa comunhão missionária: "Seguindo o exemplo da primeira comunidade cristã (cf. At 2,46-47), a comunidade paroquial se reúne para partir o pão da Palavra e da Eucaristia e perseverar na catequese, na vida sacramental e na prática da caridade. Na celebração eucarística, ela renova sua vida em Cristo. A Eucaristia, na qual se fortalece a comunidade dos discípulos, é para a Paróquia uma escola de vida cristã. Nela, juntamente com a adoração eucarística e com a prática do sacramento da reconciliação para comungar dignamente, seus membros são preparados para dar frutos permanentes de caridade, reconciliação e justiça para a vida do mundo" (DAp 175).

A Eucaristia como fonte e cume de toda atividade missionária

Aparecida recorda que, em virtude do sacramento do batismo e da confirmação, somos chamados a ser discípulos missionários de Jesus Cristo e entramos na comunhão trinitária na Igreja. Esta comunhão trinitária tem "seu ponto alto na Eucaristia, que é princípio e projeto da missão do cristão. Assim, pois, a Santíssima Eucaristia conduz a iniciação cristã à sua plenitude e é como o centro e fim de toda a vida sacramental" (DAp 153).

A Eucaristia é a fonte da qual emana o potencial evangelizador da Igreja, porque ela oferece não apenas a força interior, mas também o projeto evangelizador. A Eucaristia é um modo de ser que passa de Jesus para o cristão e, através do seu testemunho e de seu modo de viver, vai irradiar-se na sociedade e na cultura. Mas, para que isto aconteça, o cristão deve assimilar os valores que a Eucaristia exprime, as atitudes que ela inspira, os propósitos de vida que suscita. Quem bebeu da fonte de água viva (cf. Jo 4,14) deve dar de beber também aos outros.

Sendo a Eucaristia a fonte de toda a atividade missionária, os cristãos que dela participam e dela se alimentam sentem um imperativo interior para "dar o testemunho de proximidade afetuosa, escuta, humildade, solidariedade, compaixão, diálogo, reconciliação, compromisso com a justiça social e capacidade de compartilhar, como Jesus o fez. Ele continua convocando, continua convidando, continua oferecendo incessantemente vida digna e plena para todos. Nós somos agora, na América Latina e no Caribe, seus discípulos e discípulas, chamados a navegar mar adentro para uma pesca abundante. Trata-se de sair de nossa consciência isolada e de nos lançarmos, com ousadia e confiança (parrésia), à missão de toda a Igreja" (DAp 363).

A celebração não pode ficar reclusa no templo, não podemos fazer uma Igreja "fechada na sacristia", diz o Papa Francisco. "A Eucaristia, fonte inesgotável da vocação cristã é, ao mesmo tempo, fonte inextinguível do impulso missionário. Ali, o Espírito Santo fortalece a identidade do discípulo e desperta nele a decidida vontade de anunciar com audácia aos demais o que tem escutado e vivido" (DAp 251).

A Eucaristia só fica completa com a consequência da missão. O cristão celebra a Missa para sair a evangelizar. Missa é «missio», envio. É preciso viver o domingo toda a semana. É necessário que a vida de cada pessoa e de toda a Igreja seja uma "missa prolongada". É um chamado à audácia evangélica, ao movimento de seguimento, ao encontro com os outros, sobretudo com os que sofrem114.

A entrega de Jesus, celebrada no templo, ficaria vazia de significado se não reconhecêssemos que esse mesmo Jesus está nas ruas, em nossas praças, em nossos espaços de convivência cotidiana. Isso exige um amadurecimento espiritual do discípulo missionário que, redescobrindo a centralidade da Eucaristia em sua vida, é capaz de colocar-se em marcha atrás dos passos de Jesus que segue na nossa frente na história cotidiana: "Necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de sentido, de verdade e de amor, de alegria e de esperança! Não podemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos templos, mas é urgente ir em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra, que o amor é mais forte, que fomos libertos e salvos pela vitória pascal do Senhor da história, que Ele nos convoca em Igreja, e quer multiplicar o número de seus discípulos na construção do seu Reino em nosso Continente! Somos testemunhas e missionários: nas grandes cidades e nos campos, nas montanhas e florestas de nossa América, em todos os ambientes da convivência social, nos mais diversos "areópagos" da vida pública das nações, nas situações extremas da existência, assumindo ad gentes nossa solicitude pela missão universal da Igreja" (DAp 548).

A Eucaristia não pode jamais separar-se da vida concreta

Em sua bonita reflexão sobre "A dimensão missionária da eucaristia"115, Boris Agustín Nef Ulloa e María Regina Ribeiro Graciani colocam uma ênfase sobre a unidade orgânica que existe entre o mistério da Eucaristia, acreditado e celebrado, e sua vivência no cotidiano da vida do cristão. Trazemos presente aqui um resumo dessa reflexão.

A presença de Cristo junto aos seus discípulos não terminou com sua morte e ascensão: esta continua viva e operante. A Eucaristia é o modo privilegiado de sua comunicação.

Comendo esse único pão, que é o Corpo do Senhor, o cristão torna-se um dos muitos em seu corpo eclesial. Este é o pensamento paulino expresso em 1Cor 10,17 e em todo o contexto de 1Cor 11: há íntima relação entre o corpo eucarístico de Cristo e seu corpo eclesial. Não apenas se come o corpo de Cristo, mas converte-se cada um em corpo de Cristo.

Paulo recorda ainda que, se por um lado, a comunidade fraterna aparece como efeito da celebração (1Cor 10,17), por outro, é condição indispensável para a própria celebração (1Cor 11). O próprio Senhor que se entregou na cruz e se dá agora à sua comunidade, a partir de sua vida gloriosa, por meio da Eucaristia, é uma presença que é e se dá como comunhão para a comunhão. Sua presença não termina no pão e no vinho, mas na comunidade que o recebe.

A ceia do Senhor é incompatível com a ceia dos que se fecham em seus próprios interesses e não permitem aos outros dela participar: isso não se adequa à intenção de Cristo sobre a Eucaristia. É o que sublinha a doutrina de Paulo sobre as

consequências que a Eucaristia deve produzir na vida fraterna dos crentes: o pão, fruto do trabalho humano, deve ser compartilhado para que se possa celebrar a fração do pão eucarístico.

Ao se alimentar de Cristo "entregue por", a comunidade recebe o impulso para viver ela mesma "por Cristo" e também "pelos outros" assimilando o modo de viver do Senhor. Num diálogo salvífico que é, sobretudo, dom de Deus, seu Filho Jesus, e depois nós, respondemos à iniciativa do Pai com a doação de nossa vida, com a nossa entrega por amor.

O sacrifício de Cristo leva à plenitude os sacrifícios antigos (do Antigo Testamento) e nos convida a dele participar. É o que pode ser denominado sacrifício cristão: dom de nós mesmos a Deus e aos outros, como Cristo fez e viveu. É a postura sacrifical de toda a vida de Jesus, desde a encarnação até a morte, sobretudo em sua atitude de serviço. Toda a vida de Cristo foi sacrifício oferecido ao Pai pela humanidade. A cruz foi seu momento mais intenso e expressivo, a culminação de um sacrifício vital, existencial, que já se fazia presente antes, fecundando toda a vida constituída serviço em favor dos irmãos.

Assim, seguindo Cristo, vivemos nossa oferta, nosso sacrifício, dando continuidade à sua prática oblativa, O apresentamos diante do Pai, participando de sua própria atitude de sacrifício pascal e de auto oferenda.

A este sacrifício ritual, celebrado em comunidade, corresponde o sacrifício vivencial, espiritual e existencial de oferenda da vida toda. Celebramos a Páscoa com o Senhor: comungamos com seu sacrifício, com sua ressurreição e sua parusia. A liturgia cristã não somente recorda os acontecimentos que nos salvaram, mas também os atualiza, os torna presentes. O mistério pascal de Cristo é celebrado, não é repetido; o que se repete são as celebrações; em cada uma delas sobrevém a efusão do Espírito Santo que atualiza o único mistério.

Assim, a Eucaristia, para que seja realmente Eucaristia, não pode jamais separar-se da vida concreta. De fato, toda a história, a vida e a realidade humana estão incorporadas ao sacrifício pascal de Cristo.

A Eucaristia ultrapassa até mesmo a Igreja que a celebra, já que ela "faz a Igreja". A Eucaristia torna presente o mundo da ressurreição e da vida em plenitude, que constitui o projeto do Pai: mundo fraterno, de partilha, diálogo e comunhão, mundo filial no Filho. A Eucaristia "faz sair" rumo à encarnação, à vida real e concreta, rumo à vida humana, para que a Igreja possa trabalhar e se constituir uma perita em humanidade, servidora e samaritana: sair com Cristo e, pela oferenda de si unida à sua única oblação, viver uma realidade pascal: "A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva [...]. Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o «cheiro das ovelhas», e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a «acompanhar»" (EG 24).

Eucaristia e o compromisso com os pobres

O encontro com Cristo na Eucaristia suscita o compromisso da evangelização e o impulso à solidariedade; desperta no cristão o forte desejo de anunciar o Evangelho e de o testemunhar na sociedade para que seja mais justa e humana. A Eucaristia que não se torna serviço para os outros, sobretudo aos pequenos, não é Eucaristia celebrada integralmente. A comunidade não pode celebrar a Eucaristia fechada em si mesma, sem se preocupar com o anúncio e testemunho de Jesus ao mundo. A fidelidade à Eucaristia e a dignidade em dela participar reside, sobretudo, no serviço aos mais pobres, na defesa da justiça e da paz, na proclamação do Evangelho da vida e na denúncia de tudo quanto fere e contraria o plano de Deus para a humanidade. A Eucaristia, portanto, compromete profundamente com a missão, abrindo a comunidade para o mundo, que espera o nosso testemunho e ao qual nós somos enviados. Alimentando-se da Eucaristia, os cristãos nutrem a vida e tornam-se vida que sustenta o mundo,

Somente da Eucaristia brotará a civilização do amor. "No decorrer dos séculos, da Eucaristia brotou um imenso caudal de caridade, de participação nas dificuldades dos outros, de amor e de justiça"116.

Aparecida nos lembra que "nesse banquete feliz [da Eucaristia] participamos da vida eterna e, assim, nossa existência cotidiana se converte em Missa prolongada. Porém, todos os dons de Deus requerem disposição adequada para que possam produzir frutos de mudança. Especialmente, exigem de nós espírito comunitário, que abramos os olhos para reconhecê-lo e servi-lo nos mais pobres: «No mais humilde encontramos o próprio Jesus». Por isso, São João Crisóstomo exortava: «Querem em verdade honrar o corpo de Cristo? Não consintam que esteja nu. Não o honrem no templo com mantos de seda enquanto fora o deixam passar frio e nudez»" (DAp 354).

O seguimento de Jesus é testemunhado na comunhão a partir de sua memória, que significa gerar comunhão. "Jesus criou comunhão e fraternidade a partir do pobre, do menos favorecido, do mais necessitado (cf. DAp 26). Nas palavras de Taborda: «cria-se comunhão na solidariedade com o pobre. Toda comunhão que não se baseie nessa solidariedade é falsa, pseudo-comunhão, porque é abstrata, não terá base concreta (cf. Tg 2,14-17). A solidariedade com os pobres é polo de comunhão da comunidade. Onde isso não acontece a comunhão é mentirosa (cf. 1Cor 11,17-34): não é a ceia do Senhor»"117.

A característica do seguimento de Jesus é o amor solidário aos pobres (cf. Lc 14,13): "Solicita-se dedicarmos tempo aos pobres, prestar a eles amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis, escolhê-los para compartilhar horas, semanas ou anos de nossa vida, e procurando, a partir deles, a transformação de sua situação. Não podemos esquecer que o próprio Jesus propôs isso com seu modo de agir e com suas palavras" (DAp 397); "Só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, seus legítimos desejos e seu modo próprio de viver a fé. A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres. Dia a dia os pobres se fazem sujeitos da evangelização e da promoção humana integral: educam seus filhos na fé, vivem constante solidariedade entre parentes e vizinhos, procuram constantemente a Deus e dão vida ao peregrinar da Igreja. À luz do Evangelho reconhecemos sua imensa dignidade e seu valor sagrado aos olhos de Cristo, pobre como eles e excluído como eles. A partir dessa experiência cristã, compartilharemos com eles a defesa de seus direitos" (DAp 398).

Como afirma o Papa Francisco: uma Igreja não deve ter medo e nem vergonha de estar nas periferias geográficas e existenciais: uma "Igreja em saída" (EG 24), "uma Igreja pobre para os pobres" (EG 198). É que a vida do Senhor foi solidariedade com os pobres até a morte: ele, inclusive, morreu pobre, vítima da injustiça.

O Papa continua insistindo: "A Igreja nasceu em saída. Ela estava trancada no Cenáculo e depois saiu. E deve permanecer em saída. Não deve voltar a se trancar no Cenáculo. Jesus quis que fosse assim. E «fora» significa aquelas que eu chamo de periferias, existenciais e sociais. Os pobres existenciais e os pobres sociais impulsionam a Igreja para fora de si"[118].

"A saída de si próprio para o irmão é um dos dois mandamentos que fundamentam toda a norma moral e o sinal para discernir sobre o caminho de crescimento espiritual em resposta à doação absolutamente gratuita de Deus. Por isso, «também o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência». Assim como a Igreja é missionária por natureza, também brota inevitavelmente dessa natureza a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove" (EG 179).

A Eucaristia, que prolonga e faz presente o mistério do Filho de Deus feito homem, nos propõe a exigência de uma evangelização integral: "A imensa maioria dos católicos de nosso continente vive sob o flagelo da pobreza. Esta tem diversas expressões: econômica, física, espiritual, moral etc. Se Jesus veio para que todos tenhamos vida em abundância, a paróquia tem a maravilhosa ocasião de responder às grandes necessidades de nossos povos. Para isso, tem que seguir o caminho de Jesus e chegar a ser a boa samaritana como Ele. Cada paróquia deve chegar a concretizar em sinais solidários seu compromisso social nos diversos meios em que se move. Não pode

ser alheia aos grandes sofrimentos que a maioria de nossa gente vive e que com muita frequência são pobrezas escondidas. Toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcendente do ser humano e por todas as suas necessidades concretas, para que todos alcancem a plenitude que Jesus Cristo oferece" (DAp 176).

Assim, a Eucaristia não se fecha em uma celebração sacramental. Por seu próprio dinamismo de comunhão, ela deve influir na conversão e transformação da vida dos participantes e da Igreja, pois "comungar e adorar o corpo do Senhor, que está sobre o altar, é também saber discernir o corpo do Senhor, que é a humanidade. Em um mundo sofrido e oprimido, os cristãos são chamados a tomar consciência de que a celebração do memorial do Senhor é um projeto eucarístico para o mundo"119.

Um efeito essencial da comunhão eucarística é a caridade que deve penetrar na vida social. É reconhecer o Cristo da Eucaristia no Cristo presente nos irmãos e irmãs, sobretudo nos menos favorecidos, pobres e marginalizados da sociedade, objeto da pregação de Jesus e do sentido de toda a sua vida. É assim que "a Eucaristia mantém a sua mensagem atual, necessária para construir uma sociedade onde prevaleçam a comunhão, a solidariedade, a liberdade, o respeito pelas pessoas, a esperança e a confiança em Deus"120.

"A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes (cf. Mt 9,35-36). Ele, sendo o Senhor, se fez servidor e obediente até à morte de cruz (cf. Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (cf. 2Cor 8,9), ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários. No Evangelho aprendemos a sublime lição de ser pobres seguindo a Jesus pobre (cf. Lc 6,20; 9,58). Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho" (DAp 31).

No serviço da caridade para com os pobres, os pequeninos, os marginalizados, os discípulos missionários celebram a verdadeira Páscoa, a passagem da morte para a vida. Saindo da igreja, após a despedida final da Missa, "sem ilusões, sem utopias ideológicas, nós caminhamos pelas estradas do mundo, levando dentro de nós o Corpo do Senhor. Com a humildade de nos sabermos simples grãos, guardamos a firme certeza de que o amor de Deus encarnado em Cristo é mais forte do que o mal, a violência e a morte.121". Realmente, não se pode estar na história com amor sem a Eucaristia, nem se pode celebrar a Eucaristia sem servir.

A Eucaristia e a missão é o modo de viver do discípulo missionário

Jesus se preocupou, de forma contínua, com a vida de seu povo; sua prática o demonstrou claramente. Sua vida foi uma permanente doação por amor. Ele dá a própria vida pelos seus, para ensiná-los a viver de forma semelhante. Sua palavra confirma sua prática: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos" (Jo 15,13). E ainda diz que o critério pelo qual seus discípulos serão reconhecidos é este: "Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros" (Jo 13,35). O pão repartido na última ceia era o pão da vida. Comer desse pão partido é assumir o ideal do Mestre: amar e partilhar, numa perspectiva de doação suprema da vida! Trata-se de algo permanente e não esporádico.

"Pode-se afirmar que a vida toda de Jesus foi eucarística: ele viveu a compaixão frente à multidão e repartiu o pão (cf. Mc 8,1-10), optou pelos pobres e excluídos (cf. DAp 391-393)122. Para realizar a vontade do Pai buscou, com sua palavra e práxis, incluir a todos num caminho de vida, de vida em abundância (cf. Jo 13,10). Cada gesto do Senhor é eucarístico: todo seu projeto idealizado e realizado em relação à justiça é prática eucarística. Jesus é todo eucarístico! Nesse sentido, a Igreja, nascida do coração de Cristo, é uma Igreja também toda eucarística. É este o projeto de Jesus. É esta a missão da Igreja"123.

A Eucaristia é um modo de ser que passa de Jesus para a Igreja, para o cristão e, através do seu testemunho e de seu modo de viver, vai irradiar-se na sociedade e na cultura.

Pela graça de Deus, a Eucaristia torna os seres humanos irmãos de Cristo, irmãos entre si, participantes do banquete da vida, comum a todos, e comprometidos a fazer da vida um grande banquete. É por isso que se pode afirmar que a Igreja faz a Eucaristia, de modo especial, na missão. A dimensão da celebração da ceia deve ser essencialmente conectada à prática cristã no mundo. "A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão" (DAp 360).

Aparecida recorda que "existe estreito vínculo entre as três dimensões da vocação cristã: crer, celebrar e viver o mistério de Jesus Cristo, de tal modo que a existência cristã adquira verdadeiramente forma eucarística" (DAp 251). Em cada Eucaristia, os cristãos celebram e assumem o mistério pascal tomando parte n'Ele. Portanto, os fiéis devem viver sua fé na centralidade do mistério pascal de Cristo através da Eucaristia, de maneira que toda a sua vida seja cada vez mais vida eucarística.

A intimidade dos discípulos missionários com seu Mestre, isto é, a comunhão de vida que se estabelece na Eucaristia não é algo apenas de momento, limitado cronologicamente ou espacialmente, mas uma experiência de continuidade, de duração, que perdura. É por isso, que a Evangelii Gaudium afirma que "a intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão «reveste essencialmente a forma de comunhão missionária». Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém" (EG 23).

Assumindo esse modo de viver, o modo eucarístico, o cristão vai percebendo, cada vez mais claramente, que "a missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar" (EG 273).

A vida é missão! A Igreja é missão! Jesus Cristo é missão! E a missão é "uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo" (EG, 268). A partir da experiência humana da paixão fica claro que, sendo paixão, envolve tudo – os sentimentos, os pensamentos, a vontade – e a tempo integral. Não se limita para algumas horas por dia ou para alguns dias por semana, como também não se limita para determinados lugares; ao contrário, é vivida em qualquer espaço e contexto. A missão é essência, é identidade, é natureza. A missão é um paradigma para tudo o que se faz na Igreja. Nessa vivência da missão, Deus "pede-nos tudo, mas ao mesmo tempo dá-nos tudo" (EG 12).

O cristão, fazendo uma autêntica experiência da Eucaristia, participando dela, alimentando-se dela, vive necessariamente num constante estado de missão, pois, alimentando-se do Corpo e Sangue de Cristo, se sente impelido a anunciar e testemunhar o amor do seu Senhor com toda sua vida, de maneira permanente e em qualquer âmbito da história.

Ao mesmo tempo, às 11h, em outro auditório, ministrou uma oficina Dom Leomar Brustolin, arcebispo de Santa Maria-RS. O título de sua oficina foi "Eucaristia, fonte e ápice da iniciação cristã".

CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL DE RECIFE

EUCARISTIA, FONTE E ÁPICE DA INICIAÇÃO CRISTÃ

Dom Leomar Antônio Brustolin[124]

Introdução

A Igreja crê como reza, por isso catequese e celebração estão totalmente imbricadas entre si. Cada celebração eucarística é uma profissão de fé. Por isso a catequese, enquanto educação à fé e na fé, precisa compreender, meditar e interiorizar o que celebra a Igreja. Por sua vez, a Eucaristia precisa ser acolhida e compreendida na sua essencialidade, para que todos os que a celebram possam vivenciar de fato o dom dessa memória, presença e profecia. Não se trata de uma compreensão intelectual ou racional, mas sobretudo espiritual e existencial que naturalmente reclama o esforço do intelecto.

Precisar os termos, delimitando o que compreendemos por catequese e Eucaristia, pode ajudar-nos a refletir sem pressuposições ou suposições. Num tempo de fácil acesso às informações e quando nem sempre se comunga das mesmas noções e conceitos, é importante explicitar as fronteiras de nossa abordagem. Primeiro revisitemos o conceito de catequese. O termo catequese não significa, como geralmente se pensa, apenas relativo à preparação para sacramentos de Eucaristia e Crisma, quase que exclusivamente para crianças e jovens. Do grego bíblico, catequese tem sua origem no verbo Katecheo, isto é, informar, contar uma notícia, fazer ecoar. Refere-se igualmente ao anúncio fundamental da mensagem, num primeiro momento, quanto ao seu aprofundamento, num segundo momento. Trata-se de uma reflexão que a pessoa retém ao escutar. Não é o tipo de informação que entra por um ouvido e sai pelo outro, como popularmente se diz. É uma reflexão que muda a vida do ouvinte. Toda homilia, discurso, ensinamento, celebração, rito, curso que aprofunda a fé pode ser catequese. É uma educação à fé e na fé que tende a fortalecer o sentido da vida e da ética a partir da consistência da fé.

Atualmente, entende-se a catequese também como processo de iniciação à vida cristã: definindo os conteúdos, métodos e ritos que permitem que alguém se torne verdadeiramente discípulo de Jesus Cristo. Uma catequese de inspiração catecumenal implica num anúncio vigoroso (querigma) de Jesus Cristo como o Salvador, precisa de uma conversão autêntica do ouvinte para o caminho da salvação e por isso se faz um aprofundamento da fé recebida (catecumenato), se revisa a vida diante da fé cristã (purificação e iluminação) e então se recebem os sacramentos e se aprofundam os mistérios que nos configuram a Cristo (mistagogia). Em síntese, catequese é todo ensinamento que aprofunda a fé com a finalidade de fazer crescer do discipulado.

O vocábulo Eucaristia, por sua vez, denota literalmente “ação de graças”. A partir de fins do século primeiro, o nome que prevaleceu para designar a celebração do memorial da Páscoa do Senhor foi o de Eucaristia: ação de graças. Em toda repetição da ceia do Senhor se dá graças a Deus pelo grande acontecimento, da morte na cruz e ressurreição de Jesus, a Páscoa verdadeira e definitiva.125 É o memorial de Cristo que se entrega sempre ao Pai para a salvação da humanidade. A comunidade dos discípulos participa dessa ceia e sacrifício unindo-se a Cristo Senhor.

A catequese está fundamentada num primeiro encontro efetivo do catequizando com a comunidade que celebra o mistério, de tal forma que a catequese tem plena realização quando esse catequizando participa da vida litúrgica da comunidade, sobretudo na Eucaristia. 126 Essa relação estreita e inseparável entre catequese e liturgia, fé professada e fé celebrada, requer uma experiência pessoal e comunitária de encontro com Jesus Cristo em sua Igreja. Nas catequeses mistagógicas dos Santos Padres a formação cristã sempre acentuou a vivência e a experiência, sem, contudo, negligenciar a inteligência da fé. 127

Para compreender essa relação entre catequese, ou melhor, iniciação à fé e à vida cristã e a Eucaristia, deixo-nos acompanhar pelos ensinamentos de São Paulo ao povo de Corinto, em sua primeira carta:

De fato, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: Na noite em que ia ser

> *entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo entregue por vós. Fazei isto em memória de mim”. Do mesmo modo, depois da ceia, tomou também o cálice e disse: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue. Todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em minha memória”. De fato, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, estareis proclamando a morte do Senhor, até que ele venha. (1 Cor, 11, 23-26).*

Este é um dos relatos mais antigos sobre a Eucaristia, escrito pelo ano 56. São Paulo afirma que “recebeu do Senhor o modo de celebrar a Eucaristia”. Sabemos que ele não recebeu diretamente de Jesus, como ocorreu com os outros apóstolos na última ceia. Ele recebeu mediante a tradição apostólica. Paulo foi encontrado por Jesus no caminho de Damasco. Esse encontro mudou sua vida. Desde então ele também foi iniciado na tradição que os apóstolos receberam de Jesus, como o modo de celebrar a Eucaristia. Paulo, em Corinto na Grécia, passa a comunicar o que recebeu. Catequizar é fazer ecoar a Boa Nova, é comunicar, anunciar o que se aprendeu e se vive.

São Paulo apóstolo, com esse texto da Carta aos Coríntios, certifica-nos que não nos comunica uma doutrina pessoal, mas aquilo que ele mesmo recebeu, indicando que a Eucaristia implica uma Tradição viva. Afinal, a Igreja celebra o sacrifício eucarístico obedecendo ao mandato de Cristo, partindo da experiência do Ressuscitado e da efusão do Espírito Santo.128

Iniciar no mistério

Quando se faz catequese se pretende iniciar alguém no fundamento da fé, no essencial, no núcleo. Não se fala de tudo para que haja desvio do foco. Qual é o núcleo de toda catequese: a comunicação do mistério revelado em Jesus Cristo. O centro de todo anúncio é Jesus.

Antes de tudo, convém delimitar o significado da palavra mistério. Até para entender o significado da Eucaristia, pois quando se termina de proferir as palavras da consagração, quem preside proclama: eis o mistério da fé! Esse mistério celebrado, vivido e ensinado é o fundamento de toda fé cristã. Para os gregos o mistério é concebido como uma realidade que devia permanecer escondida e da qual não se podia falar. Era tido como algo secreto, misterioso no sentido de não ser acessível. Na concepção judaico-cristã, mistério é exatamente o contrário, isto é, a revelação do segredo, do desígnio do amor de Deus que deseja salvar a humanidade. Esse mistério não pode ser conhecido pelo ser humano, a não ser que o próprio Deus o desvele. A revelação do mistério de Deus é um ato do próprio Deus.

Este mistério do amor de Deus que liberta e salva foi revelado ao longo do Antigo Testamento, na História da Salvação, mas chega ao seu ápice em Jesus Cristo. O próprio Cristo não é apenas o revelador do mistério, mas é ele mesmo o mistério de Deus. “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que é Deus e está na intimidade do Pai, foi quem o deu a conhecer” (Jo 1,18). A plena revelação desse mistério se realiza na sua paixão, morte ressurreição. Trata-se do mistério pascal, coração da fé e da celebração da Igreja.

Esse mistério pascal não pode ser apreendido somente pelo intelecto, pois depende de uma iniciação. Essa iniciação no mistério pascal depende de participação na celebração, quanto explicação do que foi visto e admirado na liturgia. O mistério se comunica quando é celebrado. A liturgia é epifania do mistério: é manifestação de Deus na celebração. O encontro vivo e persuasivo com Cristo anunciado por testemunhas autênticas “tem sua fonte e seu ápice na celebração da Eucaristia e se aprofunda na catequese”.129

Não se trata de uma reunião de pessoas que procuram a Deus, mas acima de tudo é manifestação da presença do Senhor junto ao seu povo, sua família e Igreja, congregada, reunida em seu amor. A celebração realiza aquilo que significa: perdoa os pecados, alimenta com corpo e sangue de Cristo, faz participar na vida divina da Trindade. Tudo isso realmente e não simbolicamente.

Esse mistério manifestado na celebração remete à explicação do que foi celebrado. Daí nasceu as catequeses de bispos e padres nos primeiros séculos do Cristianismo. Especialmente no tempo da Patrística, os Padres da Igreja como Santo Ambrósio, São João Crisóstomo e São Cirilo de Jerusalém, entre outros, introduziam os catecúmenos, que se preparavam par ao batismo de adultos, ou os neófitos, recém-batizados, no conhecimento do Batismo e da Eucaristia que estavam por celebrar ou de que já haviam participado. As explicações sobre o mistério celebrado, visto e admirado, eram chamadas de catequeses mistagógicas. Elas visavam fazer repercutir na vida e no testemunho dos cristãos, o que fora acolhido na celebração. Mistagogia é educar, guiar, conduzir ao mistério.

Eis o mistério da fé

Voltemos ao texto da Carta de Paulo aos Coríntios. Na narração da Ceia do Senhor, apresentam-se os elementos fundamentais da instituição da Eucaristia: Jesus é que a institui; pão e vinho constituem a matéria para a Santa Ceia; é sinal da Nova Aliança entre Deus e a humanidade; é sinal do sacrifício de Cristo em favor da humanidade e deve ser sempre celebrada.

A ceia é sacrifício e memorial da presença de Jesus na Igreja até o final dos tempos. Ela deve ser celebrada até que tudo seja consumado na nova vinda de Cristo que transfigurara essa realidade que passa. A Eucaristia é, portanto, memória da última Ceia no Cenáculo *(Na noite em que ia ser entregue, o Senhor Jesus tomou o pão)* e do sacrifício da Cruz no Calvário (Isto é o meu corpo entregue por vós.); é presença real do Cristo Senhor na comunidade reunida em torno Dele (Todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em minha memória); e profecia do Reino que virá, é antecipação no tempo, da eternidade que o Senhor prometeu, mas que somente se realizará na sua Parusia (estareis proclamando a morte do Senhor, até que ele venha).

A catequese em torno da Eucaristia deve fazer memória do fato fundante do mistério pascal, deve fazer o cristão perceber a presença real do Cristo que sustenta sua Igreja e deve remeter ao testemunho de uma esperança de plenitude eterna. Essa catequese implica em reconhecer o significado do rito e uma correta compreensão de suas consequências na vida cristã.

O significado da Eucaristia

Manter viva a memória do que o Senhor realizou entre nós, narra as maravilhas do Senhor é condição fundamental para a transmissão da fé às futuras gerações. Quem renuncia essa tarefa corre o risco de perder-se em sua fé e desviar-se por caminhos estranhos. Catequese e celebrações dependem dessa recordação do fato que se atualiza na narrativa. A liturgia hebraica conhece bem essa tradição seguindo uma prescrição do livro do Êxodo:

Quando tiverdes entrado na terra que o Senhor vos dará, conforme prometeu, observareis este rito. Quando vossos filhos vos perguntarem: 'Que significa este rito?' respondereis: 'É o sacrifício da Páscoa do Senhor, que passou ao lado das casas dos israelitas no Egito, quando feriu os egípcios e salvou as nossas casas'. (Ex 12,25-27)

O filho mais jovem da família pede ao pai que preside a liturgia da Páscoa hebraica: "Que significa este rito?". O pai, então, narra aos filhos os fatos que o Senhor realizou para libertar Israel da escravidão do Egito. Recorda o sentido da Páscoa hebraica, dos feitos de Deus realizados na história de seu povo. Todos os anos repete esse ritual. Isso garante que não se perca a historicidade, o fato e o sentido fundante do que vivem e celebrem na fé. Se perder esse significado original, a liturgia se transforma em magia. Esse risco aparece quando se repete um rito litúrgico sem compreender seu significado.

Por isso a Eucaristia remete sempre à catequese, à mistagogia. Hoje também corremos o risco de muitos que participam da celebração não conhecerem suas origens e seu significado. Por isso pode-se até multiplicar religiosidades, mas igualmente pode carecer de mística. Perdendo o sentido do memoria da Páscoa, a Eucaristia não apreendida como mistério da fé. O rito torna-se mudo, inexpressivo, incapaz de remeter ao encontro com o Deus Vivo que salva na história, por isso liberta, cura, perdoa e alimenta. Nesse caso, o mistério permanece escondido, incompreensível para quem o celebra. Repete-se o rito sem saber o seu sentido e significado.

Os Santos Padres da Igreja faziam suas catequeses mistagógicas mostrando para os cristãos que em toda ação litúrgica estão presentes os eventos da salvação narrados no Antigo e no Novo Testamento. Sobretudo, estão presentes os gestos e palavras de Jesus Cristo, principalmente sua paixão, morte e ressurreição: sua Páscoa!

A mistagogia dos ritos

Aprofundemos o mistério de Deus celebrado e contido na Eucaristia, afinal é essencial para a experiência cristã "a interpretação dos ritos à luz dos eventos salvíficos, em conformidade com a Tradição da Igreja, relendo os mistérios da vida de Jesus, particularmente seu mistério pascal".130 É característica da catequese a iniciação mistagógica, "que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã". 131 Assim, quando a comunidade se reúne para celebrar a Eucaristia, ela propicia uma formação cristã para todos os fiéis, que reconhecem a presença do mistério na liturgia e se configuram cada vez mais a Cristo para ser testemunhas do Reino neste mundo que passa.

A memória da Ceia logo foi denominada de Eucaristia, isto é, ação de graças na qual se realiza a fratio panis (fração do pão). Este foi o gesto escolhido por Jesus para marcar sua presença entre nós: pão-corpo dado; vinho-sangue derramado.

Sob a presidência do sacerdote, toda a assembleia participa ativamente na celebração eucarística, exercendo nela o seu sacerdócio batismal. A presidência da Eucaristia deve estimular-nos a um estilo de vida marcado pela gratidão, doação e adoração. Todo o presbítero não pode esquecer sua essência: é um mistagogo. Ele continuamente deve iniciar os fiéis ao encontro do mistério, do sacramento da fé. Isso ele faz com palavras e sinais que passam necessariamente pelo instrumento que é o seu próprio ser e agir. Ele mesmo é instrumento, mesmo que insuficiente, dessa mistagogia. Sua voz, seus gestos, sua linguagem devem conduzir ao encontro com o Senhor.

A Mesa da Palavra

"Bem-aventurada assembleia, aquela da qual a Escritura testemunha que os olhos de todos estavam fixos neles".132 Os ritos e gestos traduzem o significado do que se celebra. Na procissão de entrada o Evangeliário é carregado com toda a dignidade e colocado sobre a mesa do altar. Nesse gesto, a Igreja venera aquele livro contém a Palavra que se fez carne igualmente aos outros dons eucarísticos, embora não o mesmo culto. Por isso o Concílio Vaticano II ensina que o cristão se alimenta "do pão da vida da mesa tanto da Palavra de Deus quanto do Corpo de Cristo".133

Quando chega a hora de proclamar a o Evangelho, o diácono, ou outro ministro ordenado, retira o Evangeliário do altar e leva-o solenemente até o Ambão, a Mesa da Palavra. Esse rito recorda que os apóstolos receberam o Evangelho do altar da cruz e anunciaram Cristo Crucificado e Ressuscitado. Esse anúncio da paixão salvadora que nos salva pela morte e ressurreição de Jesus, é feito no Ambão, lugar da proclamação da Páscoa. Adequadamente em algumas igrejas no Ambão está a representação das mulheres que saem do sepulcro e vão anunciar o sepulcro vazio: anunciam a ressurreição do Crucificado. Eis o sentido da Liturgia da Palavra: anunciar a Boa Nova da Páscoa de Jesus que nos faz viver e nos salva.

O encontro com Jesus nas Escrituras conduz-nos à Eucaristia, onde essa mesma Palavra atinge a sua máxima eficácia, porque é presença real d'Aquele que é a Palavra viva. Lá o único Absoluto recebe a maior adoração que se Lhe possa tributar neste mundo, porque é o próprio Cristo que se oferece. E, quando O recebemos na Comunhão, renovamos a nossa aliança com Ele e consentimos-Lhe que realize cada vez mais a sua obra transformadora.134

A Mesa da Eucaristia

Para compreender o que acontece na Mesa da Eucaristia com os dons sagrados, vale recordar o que escreveu Santo Agostinho:

O pão que vedes sobre o altar, santificado com a Palavra Deus, é o corpo de Cristo. O cálice, ou melhor, aquilo que o cálice contém, significado com a Palavra de Deus, é o sangue de Cristo. Com esses [sinais], Cristo Senhor quis confira-nos o seu corpo e o seu sangue, que derramou por nós para a remissão dos pecados. Se os recebestes bem, vós mesmos sois aquele que recebestes. 135

Essa afirmação contém a grandeza de sustentar que ao comungar a Eucaristia, "tornamo-nos não apenas cristãos, mas o próprio Cristo".136

Viver a Eucaristia

Depois de lavar os pés dos discípulos, Jesus vestiu o manto e voltou ao seu lugar. Disse aos discípulos: "Entendeis o que eu vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque sou. Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que façais assim como eu fiz para vós". (Jo 13, 12-15)

Entendeis o que eu vos fiz? Foi a pergunta de Jesus aos discípulos naquela Ceia, após lavar seus pés. Esta cena é descrita no Evangelho como se fosse um só dia que culmina na "hora" de Jesus, quando chegou a hora na qual Deus revela a sua glória. Nessa Ceia Jesus deixa seu testamento por meio de diálogos e monólogos que explicam o sentido de sua morte, princípio de vida nova para todos.

A questão de fundo é que Jesus vai deixar seus discípulos. Eles deverão compreender sua nova presença. Jesus lava os pés dos discípulos durante a ceia e não antes desta como era o costume na época. Não é portanto uma "purificação" para a refeição, mas faz parte da própria refeição. É antecipação de sua Páscoa. O gesto de "levantar-se da ceia" é usado para indicar a ressurreição de Jesus. Lavar os pés dos discípulos comunica o seu amor que serve à humanidade até o ponto de dar a sua vida para que todos tenham vida em abundância (Jo10,10). Lavar os pés é um gesto de hospitalidade e acolhida, reservado ao escravo não judeu. Mas é também um gesto de intimidade da esposa para com o esposo e de reverência do filho para com o pai. Aqui o Mestre se revela como o Senhor: não é um patrão, mas um servo. A qualidade mais profunda do amor é a humildade de estar a serviço do outro. O Filho faz aquilo que vê

o Pai fazer. O Pai é o primeiro que serve o Filho, colocando a própria vida à sua disposição. O Filho, por sua vez, faz o mesmo para o bem de seus irmãos e irmãs. Assim ocorre a plena revelação do mistério de Deus: Deus é amor (1Jo 4, 8b).

A pergunta de Jesus aos discípulos nos faz refletir sobre o que ocorreu na ceia. O próprio Jesus explica o seu significado e as consequências para a nossa vida prática. Quem entende o que Jesus fez, Deus Filho, fez por nós, conhece a Deus. O lava-pés é prefiguração da cruz. O mestre, ao lavar os pés revela-se servo de tudo, e então se revela Senhor na Cruz, quando todos forem atraídos a ele.

Lavando os pés dos discípulos Jesus manifesta seu poder e sua sabedoria. É o poder que vence o chefe deste mundo e é a sabedoria que desvela a mentira. A humildade de Deus que lava os pés de suas criaturas é o fundamento de uma existência nova. Somente assim compreendemos o que significa ser santo como Ele é santo! A ética cristã não deriva de um imperativo moral, mas da experiência pessoal com o mestre e Senhor que se faz "meu servo": "Que me amou e se entregou por mim" (Gl 2,20). Essa é a verdade da Eucaristia: Deus nos ama e se entrega sempre na Eucaristia como no Calvário. A Eucaristia é sua nova presença em contínua entrega de amor. Por isso: "eu posso amar do mesmo jeito como sou amado".

Somente compreende a Eucaristia quem entende o que fez Jesus, O Mestre serviu e assim se revelou como Senhor. Doando sua vida, salvou-nos. Todo aquele que comunga seu corpo e sangue, há de seguir o mesmo caminho de humildade e verdade. O chefe deste mundo e a mentira somente são desmascarados com a potência e a sabedoria de Jesus e não com a artimanhas próprias de uma realidade sujeita à vaidade e auto referencialidade.

Eis o significado profunda da Eucaristia, nossa Páscoa: Jesus, Mestre e Senhor, com sua morte na cruz, salva o ser humano da morte e cura as feridas que o pecado deixa em nós. A Eucaristia por sua vez, funda comunidade nova de discípulos que não mais viverão sob a lógica de um mundo submetido à vaidade e mentira, mas consciente de que fora redimido no amor que serve e se humilha para manifestar a sabedoria de Deus. O fruto da Eucaristia é reconhecido naqueles que a acolhem autenticamente. Criam-se novas relações: supera-se o domínio pelo serviço, o ódio pelo perdão, o conflito pela reconciliação. Testemunha-se na vida que Deus é amor e todo que ama permanece em Deus.

Assim entende-se profundamente o que Jesus diz na Eucaristia e se repete toda vez que ocorre a consagração do pão e do vinho "fazei isso em memória de mim". O "fazei" significa que todo aquele que comunga preciosa empenhar-se em fazer aos outros o que Jesus fez por todos nós. O "em memória de mim", equivale a seguir o exemplo de Jesus, é um fazer concreto que transborda o gesto de amor de Cristo,

Comungar a Eucaristia significa estabelecer um vínculo essencial com Cristo e com os comensais. Na relação entre catequese e Eucaristia é determinante a "apresentação do significado dos ritos para a vida cristã em todas as suas dimensões, para evidenciar o elo entre a liturgia e a responsabilidade missionária dos fiéis, além de fazer crescer a consciência de que a existência dos fiéis é gradualmente transformada pelos mistérios celebrados".137

Considerações finais

Os bispos italianos escreveram:

> Apesar dos muitíssimos benefícios trazidos pela reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, frequentemente um dos problemas mais difíceis hoje é justamente a transmissão do verdadeiro sentido da liturgia cristã. Constata-se aqui e ali, certo tédio e também uma tentação de voltar a antigos formalismos ou de se aventurar à busca ingênua dos espetacular. Parece, algumas vezes, que o evento sacramental não é compreendido. Daí a urgência de explicitar a importância da liturgia como lugar educativo e revelador, fazendo emergir a dignidade e a orientação para a edificação do Reino. 138

Aqui vale destacar a necessidade de uma catequese sobre a Eucaristia a toda comunidade. Não somente às crianças da catequese e aos adultos catecúmenos. Todos, ministros e fiéis precisamos aprofundar o sentido original e autêntico do que celebramos para saber o que a Eucaristia realmente significa no conjunto da fé cristã a as consequências de comungar o Cristo para dar testemunho.

Sem uma postura humilde que possibilite a todos revisarem suas noções e interpretações do dado fontal sobre a Eucaristia, continuaremos criticando tanto as celebrações que reduzem tudo ao espetáculo ou desdenhando os rubricismos e formalismos que satisfazem a poucos. Ninguém mudará de opinião e cada um continuará a fazer o que a Igreja não faz: acentuar os subjetivismos. Entretanto, é urgente recordar que "a liturgia eucarística é essencialmente ação de Deus (actio Dei) que nos envolve em Jesus por meio do Espírito, o seu fundamento não está à mercê do nosso arbítrio e não pode suportar a chantagem das modas passageiras".139

A fé cristã é sempre comunitária, porque é resposta à revelação da Trindade que é uma comunidade de amor. Todo ato litúrgico precisa tanto recuperar sua origem histórica para poder transmitir aos outros esse tesouro recebido, quanto compreender o que significa comungar Cristo e viver numa sociedade de contrastes. Somente assim responde-se ao Cristo que lava os pés dos seus discípulos: Sim, Mestre, compreendemos o que o Senhor nos ensinou com seu exemplo.

Referências

BENTO XVI. Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum caritatis. São Paulo: Paulinas, 2007.

CNBB. Comunidade de Comunidades: a conversão pastoral da paróquia. Documento 100. Brasília: Ed. CNBB, 2014.

CNBB. Iniciação à Vida Cristã. Documento 107. Brasília: Ed. CNBB, 2017.

CONGREÇÃO PARA O CULTO DIVINO. Ritual de Iniciação Cristã de Adultos: tradução portuguesa para o Brasil da edição típica. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. Exortação Apostólica Amoris Laetitia. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO. Exortação apostólica Gaudete et exsultate. São Paulo: Paulinas, 2018.

JOÃO PAULO II. A catequese hoje: Exortação apostólica Catechesi Tradendae. São Paulo: Paulinas, 1982.

JOÃO PAULO II, Catecismo da Igreja Católica, São Paulo / Petrópolis: Loyola / Vozes, Paulinas / Paulus / Ave Maria, 1998.

PAULO VI. Evangelii Nuntiandi: Exortação apostólica do Sumo Pontífice sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1976.

PEDROSA, V. M. et alii. Dicionário de catequética. São Paulo: Paulus, 2004.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO. Diretório para a Catequese. São Paulo: Paulus. 2021.

CATEQUESES PÚBLICAS

Numa das reuniões da Comissão Central para o XVIII Congresso Eucarístico Nacional, ainda em julho de 2019, quando se organizava a programação já pensada, nosso bispo auxiliar, Dom Limacêdo Antônio, sugeriu que fossem ofertados momentos de catequese ao público presente, no Centro de Convenções, ao longo dos dias do Congresso.

A sugestão foi aceita pelos presentes, pois viam que, além do que foi feito nos anos de preparação, juntamente com o Simpósio Teológico, nos dias de Celebração do Congresso, momentos de formação poderiam ser oferecidos para ligarmos a Eucaristia, com seus desafios e seus comprometimentos, ao nosso dia a dia. O momento seria aberto e gratuito para todos os interessados, membros das Comunidades da nossa Arquidiocese, congressistas vindos de tantos lugares do Brasil, visitantes da Feira Católica.

Depois da sugestão aprovada, a Comissão Teológico-Pastoral ficou responsável para organizar esses momentos - as Catequeses Populares -, desde o seu local, horários, os temas com seus respectivos assessores e assessoras.

Foi encontrado um ambiente, o palco da Feira Católica, que serviu para apresentações culturais, lançamentos de livros, com quatrocentos lugares disponíveis. Aí aconteceram, com grande afluência de público, seis Catequeses Populares, nas tardes dos dias 12, 13 e 14 de novembro, com os temas e os assessores e assessoras, abaixo elencados:

1ª Catequese

Tema: Eucaristia e Missão
Assessor: Dom Esmeraldo Barreto de Farias
Bispo da Diocese de Araçuaí/MG

2ª Catequese

Tema: Aspectos essenciais da teologia eucarística católica
Assessora: Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro, MDA
Consultora da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedade de Vida Apostólica

3ª Catequese

Tema: Eucaristia e unidade em tempos de polarização
Assessor: Dom Joel Portella Amado
Secretário Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB

4ª Catequese

Tema: Eucaristia e os empobrecidos no contexto da pandemia
Assessor: Prof. Gabriel Marquim
Jornalista, Professor Universitário, Fundador da Comunidade dos Viventes, Mestre em Comunicação

5ª Catequese

Tema: Eucaristia e Sinodalidade na Amazônia: Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral

Assessora: Profª. Márcia Maria Oliveira
Professora da Universidade Federal de Roraima e membro Rede Eclesial Panamazônica - REPAM

6ª Catequese

Tema: Eucaristia, comunicação e evangelização
Assessor: Pe. Reginaldo Aparecido Manzotti
Presbítero da Arquidiocese de Curitiba, Escritor, Fundador da Associação Evangelizar É Preciso.

ENCONTROS DO LEGADO COM GRUPOS ESPECÍFICOS

Às 15 horas do dia 13 de novembro de 2022, o Cardeal António Marto deu a seguinte conferência aos religiosos presentes:

A beleza e a alegria da Vida de Especial Consagração

Escolhi este tema: Descobrir a beleza e a alegria da vocação e missão de especial consagração para que seja evangelho vivo para o mundo de hoje. Tomei como ponto de partida para esta minha meditação o tema do Sínodo sobre a Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. Fui lá respigar aqueles pontos, que, no meu modo de ver, mais ajudarão a descobrir esta beleza e esta alegria, como uma chave de leitura.

Não basta a gente andar a lamentar-se do mundo e das fealdades do mesmo. Não basta sequer andar a planear programas de intervenção e de prevenção, se não houver algo que fascine, que atraia, que faça exclamar: é belo! ... Seguir Jesus é belo; amar a Igreja é belo; servir os irmãos, dedicar-se em serviço aos irmãos é belo! Se não houver esta beleza e esta alegria de viver uma vocação feliz, tanto faz que haja muitos programas, muitas exortações e muitas pregações, que não levam a nada.

Hoje há um risco grande: perder de vista o essencial, a chama que alimenta o fogo, o fervor. Daí uma urgência: reencontrar o motivo e a finalidade do nosso agir em todo as atividades eclesiais (anúncio,liturgia, caridade...), recuperar o sentido espiritual do que somos e fazemos como consagrados e como Igreja. Em vez de ceder à tentação de olharmos a vida consagrada a partir de nós, das nossas agendas, dos nossos programas e problemas, devemos começar a olhá-la a partir de Deus, do seu olhar enamorado sobre nós e da alegria de sermos amados, escolhidos, chamados e acompanhados por Ele. É a chave para compreender a nossa identidade e missão.

As grandes linhas da Exortação Apostólica sobre a Vida Consagrada

Confessio Trinitatis: nas fontes cristológico-trinitárias da vida consagrada

Seguindo o esquema da Exortação Apostólica sobre a Vida Consagrada, começamos por ver esta vida de especial consagração, à luz do Mistério de Deus: de onde ela vem, ao qual está sempre referida e para onde ela caminha. E, como diz o texto, que acho muito belo, "A vida consagrada é antes de mais confessio Trinitatis" - uma proclamação de vida, encarnada, do Mistério do Amor Trinitário. É a parte mais propriamente teológica. Nela, a vida consagrada aparece como testemunho vivo, encarnado desse Amor único e absoluto que é Deus Trinitário. O amor do Pai, que escolhe, com o Seu olhar de eleição, alguns e algumas para Si; que convida a seguir o Filho Jesus Cristo deixando tudo, que é o seguimento radical de Jesus; que, no Espírito Santo, confia uma missão particular na Igreja, através dos diferentes carismas.

A perspectiva trinitária permite-nos compreender e descrever a vida consagrada em termos de consagração, como entrega de todo o coração, sem reservas, a Deus. Significa seguimento radical: seguir Jesus, deixando tudo. O centro não está em deixar tudo, está no encontrar o tesouro da Sua vida. Só encontrando um tesouro é que a gente deixa tudo. O importante é o tesouro do Evangelho, que é Cristo. Então, sim, quando a gente encontra um tesouro, é capaz de deixar tudo o resto, em termos de missão e de santidade.

Neste contexto teologal, compreende-se então o significado profundo dos conselhos evangélicos, no seu fundamento como celebração grata, alegre, reconhecida, do primado de Deus e do seu amor comunicado em Jesus Cristo e no Espírito Santo que nos santifica e chama à santidade. Por isso, caros irmãos e irmãs, os consagrados e consagradas são chamados, antes de mais, a serem homens e mulheres da contemplação do mistério de Deus, do Deus Santo, com a consciência de que esta santidade é a melhor contribuição que os cristãos podem dar para a renovação do mundo e dos homens. Santidade é a expressão da beleza espiritual e moral como dom de Deus para nós. *Os consagrados/as são chamados a levar no seu coração, nos seus olhos e nos seus lábios, esta beleza de Deus-Amor Trinitário. Sem isto, todo o resto fica vazio de sentido.*

Signum fraternitatis: sinal de comunhão na Igreja

Em segundo lugar, a vida consagrada é-nos apresentada como signum fraternitatis sinal da comunhão fraterna na Igreja, porque chamada a viver à imagem e semelhança da comunhão trinitária.

Por conseguinte a vida consagrada, na sua dimensão comunitária, implica uma realização quotidiana da fraternidade. Ela deve ser um sinal forte e eloquente de toda a fraternidade da Igreja. Temos que ter um sentido muito grande da fraternidade da Igreja, desta comunhão fraterna de todos. Costumo parafrasear Santo Agostinho: "Para vós sou Bispo; convosco sou irmão". O irmão está sempre antes de ser bispo. É um irmão que para o serviço dos irmãos foi constituído bispo, sem deixar nunca de ser irmão. Então, a dimensão comunitária da vida consagrada tem que tornar visível e eloquente, de uma maneira forte e bela, esta dimensão da fraternidade. A vida fraterna dos consagrados é sinal e motor daquela vida fraterna que constitui a Igreja como mistério de comunhão.

Servitium caritatis: epifania do amor de Deus no mundo

O terceiro aspecto derivado dos dois anteriores: a vida consagrada, como servitium caritatis, quer dizer epifania que manifesta o amor de Deus pelos homens no meio do mundo. Vivida a partir do Amor Trinitário e em comunhão fraterna, a vida consagrada mostra que o amor de Deus alimenta, motiva e sustenta o nosso testemunho do amor de Deus pelos homens; faz dos consagrados um instrumento para tornar este mundo mais belo com a beleza do Espírito, para que o mundo apareça sempre mais como um "ambiente divino" que participa da beleza de Deus, quer dizer, da beleza do amor que salva, que renova, que transforma, que reúne, que irmana, um ambiente divino a suscitar, mesmo partindo dos nossos limites, das nossas contradições e também dos limites e contradições do mundo. É no meio deste mundo que somos chamados a realizar esta missão. Daqui nasce então o impulso evangelizador, a força profética da vida consagrada no serviço da caridade, nas diversas formas de serviço que pode revestir.

O perfume da vida consagrada: a unção de Betânia

A Exortação Apostólica conclui reafirmando a atualidade da vida consagrada. Serve-se dum ícone bíblico muito belo, a unção de Betânia - a unção de Cristo com o perfume, por Maria de Betânia. O nº 104 começa por interrogar o porquê desta vida consagrada. Não será um "desperdício" de energias tantas pessoas na vida consagrada quando há tanto que fazer no meio do mundo? E responde: "Sempre existiram interrogações semelhantes, como o demonstra eloquentemente o episódio evangélico da unção de Betânia. Maria, tomando uma libra de perfume de nardo puro, de alto preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-os com os cabelos e a casa encheu-se com o cheiro do perfume». A Judas, que, com o pretexto das necessidades dos pobres, se lamentava por tão grande desperdício, Jesus respondeu: "Deixa-a fazer". E então, o Papa João Paulo II, comenta: "o perfume de alto preço, derramado como puro acto de amor e, por conseguinte, fora de qualquer consideração utilitarista, é sinal de uma superabundância de gratuidade, como aquela que transparece numa vida gasta a amar e a servir o Senhor, a dedicar-se à sua Pessoa e ao seu Corpo Místico".

O perfume precioso não está em função de alguma coisa útil, não tem uma função utilitarista; é, antes de mais, um puro ato de amor sem cálculo, sinal de uma superabundância de gratuidade. É como se a Exortação quisesse dizer no final: Para que serve então a vocação consagrada? E responde: É uma efusão gratuita de amor por Jesus e pelo Seu Corpo Místico. E depois acrescenta: mas é desta vida derramada sem reservas, que se difunde um perfume que enche toda a Casa de Deus.

A Igreja é adornada e enriquecida hoje, não menos que outrora, pela presença da vida consagrada, pelo perfume desta vida consagrada. Quer dizer, a Igreja não pode prescindir deste perfume.

Resumindo: a vida consagrada é contemplada então na sua origem trinitária, de onde vem, que é a fonte de onde promana, em cada dia, a comunhão fraterna onde se espelha este mistério da Trindade na sua expansão evangelizadora, e participa em profundidade do Mistério da Igreja. Portanto, é uma expressão, não única, mas específica, sui generis, do mistério da Igreja, pondo em relevo a sua dimensão teocêntrica, onde o seu único Senhor é Deus - Pai, Filho e Espírito Santo - o único Senhor da vida, a quem dedicou todo o seu coração sem reserva.

A Beleza da Vida Consagrada: o ícone da Transfiguração

Vamos agora especificar melhor o ponto concreto da beleza da vida consagrada. Há um ícone bíblico que domina todo o texto da Exortação Apostólica e ocupa o lugar central para exprimir esta beleza: é o ícone da Transfiguração de Jesus no Monte Tabor.

Não se diz que a vida consagrada é importante: quis-se dizer que é bela, porque esta qualificação de beleza contém tudo o resto. Exprime a atração que a vida consagrada deverá exercer se quiser continuar a existir na Igreja. Repito: não se diz que é importante, diz-se que é bela. Nesta beleza está tudo o resto. O tema da beleza duma vida transfigurada pelos conselhos evangélicos entra nesta perspetiva de transfiguração e da sua beleza.

Assim, por exemplo, o nº 15. "Esta luz atinge todos os seus filhos, todos igualmente chamados a seguir Cristo, repondo n'Ele o sentido último da sua própria vida, podendo dizer como o Apóstolo: "Para mim, viver é Cristo". Mas uma singular experiência dessa luz, que dimana do Verbo encarnado, é feita, sem dúvida, pelos que são chamados à vida consagrada. Na verdade, a profissão dos conselhos evangélicos coloca-os como sinal e profecia para a comunidade dos irmãos e para o mundo. Por isso, não podem deixar de encontrar neles um eco particular, as palavras extasiadas de S. Pedro: "Senhor, é bom e belo estarmos aqui!". Como quem diz: "Como é bom e belo estarmos contigo, dedicarmo-nos a Ti, concentrarmos a nossa existência exclusivamente em Ti. De facto, quem recebeu a graça desta especial comunhão de amor com Cristo, sente-se de certa forma arrebatado pela Sua beleza. Ele é o mais belo entre os filhos do homem", o Incomparavelmente Belo.

E depois, no nº 19, podemos ainda ver como "com profunda intuição, os Padres da Igreja qualificaram este caminho espiritual da vida consagrada como filocalia, ou seja, amor pela beleza divina, que é irradiação da Bondade de Deus... Daí, a aparição de múltiplas formas de vida consagrada, através das quais a Igreja é embelezada com a variedade dos dons dos seus filhos e filhas... e fica enriquecida de todos os meios para cumprir a sua missão no mundo".

Há uma vocação cristã que depois se especifica numa múltipla variedade de vocações, e entre elas a vocação à vida consagrada; e dentro desta, há diferentes expressões desta consagração especial. Todas elas são como raios da única beleza de Cristo. E, o nº 20, fala da relação entre os conselhos evangélicos e a SSª Trindade. "A primeira tarefa da vida consagrada é tornar visíveis as maravilhas que Deus realiza na frágil humanidade das pessoas chamadas... Na medida em que a pessoa consagrada se deixa conduzir pelo Espírito até aos cumes da perfeição, pode exclamar como Simeão, o novo teólogo: 'Contemplo a beleza da vossa graça, vejo o seu brilho, irradio a sua luz; fico cativado pelo seu inefável esplendor; acabo arrebatado, longe de mim, sempre que penso no meu próprio ser; vejo como era e no que me tornei. Ó Maravilha! Presto toda a minha atenção, fico cheio de respeito por mim mesmo, de reverência e de temor, como se estivesse diante de Vós mesmo; não sei o que fazer, porque a timidez se apoderou de mim; não sei onde sentar-me, de onde me aproximar, onde repousar estes membros que Vos pertencem; em que iniciativa, em que obra empregar estas encantadoras maravilhas divinas". Deste modo, a vida consagrada torna-se um dos rastos concretos que a Trindade deixa na história, para que os homens possam sentir o encanto e a nostalgia da beleza divina".

Indicações práticas

Até aqui foi uma espécie de contemplação. Agora vamos ver as consequências práticas desta contemplação.

Em relação à Igreja diocesana e universal

A Exortação lembra que a vida consagrada tem o seu lugar e sentido dentro da Igreja particular e universal e da sua missão universal com indicações práticas, para se integrar na vida do povo santo de Deus e não ficar fechada na bolha da autorreferencialidade. A vida consagrada nasce na Igreja, cresce e só pode dar frutos evangélicos na Igreja, na comunhão viva do Povo fiel de Deus. "O Bispo é pai e pastor da Igreja particular inteira. Compete-lhe reconhecer e respeitar, promover e coordenar os vários carismas. Na sua caridade pastoral, portanto, acolherá o carisma da vida consagrada como graça, que não diz respeito apenas a um Instituto, mas reverte em favor de toda a Igreja. Procurará, pois, apoiar e ajudar as pessoas consagradas, para que, em comunhão com a Igreja, se abram a perspectivas espirituais e pastorais que correspondam às exigências do nosso tempo, na fidelidade à inspiração fundadora".

Ao Bispo, a todos os sacerdotes e à comunidade diocesana, é pedido acolher o carisma da vida consagrada como graça para o bem da Igreja. Apoiar e ajudar as pessoas consagradas mediante o ministério da ajuda e da orientação dadas às vocações, mediante o ministério da pregação, do anúncio, da celebração dos Sacramentos, da Eucaristia, da Reconciliação e da Direção Espiritual, do apoio fraterno, etc.

Por outro lado, o nº 49 refere a relação das pessoas consagradas à Igreja particular deste modo: "Por sua vez, as pessoas de vida consagrada não deixarão de oferecer generosamente a sua colaboração à Igreja particular, segundo as próprias forças e no respeito pelo seu carisma, em plena comunhão com o Bispo no âmbito da evangelização, da catequese, da vida das paróquias". Trata-se, pois, de é uma ajuda recíproca.

Em relação a cada consagrado e a cada comunidade

Em relação a cada um dos consagrados e a cada comunidade em particular, sugiro quatro indicações concretas para a vossa meditação.

Um primeiro estímulo para a vida dos consagrados, é evocado no nº 93: um compromisso decidido de vida espiritual. Diz o texto: *"Uma das preocupações muitas vezes manifestada no Sínodo foi a de uma vida consagrada, que se alimente nas fontes de uma espiritualidade sólida e profunda. Trata-se de uma exigência própria, inscrita na própria essência da vida consagrada, uma vez que, como qualquer outro baptizado, e até por motivos ainda mais prementes, quem professa os conselhos evangélicos é obrigado a tender com todas as suas forças à perfeição da caridade". Esta é uma exigência fundamental, e a mais importante: "tender à santidade. Eis o programa de cada vida consagrada, na perspectiva nomeadamente da sua renovação às portas do terceiro milénio".*

A vida espiritual deve estar no primeiro lugar do programa das famílias consagradas, dos Institutos e de cada comunidade em particular. Eis então a pergunta que devem fazer-se, e também uma primeira resposta à interrogação que muitas vezes se levanta. Qual é então o vosso papel de consagrados? Perguntem-se, antes de mais: Somos uma verdadeira escola de espiritualidade evangélica? Porque o texto diz: A vida espiritual deve ocupar o primeiro lugar no programa das famílias de vida consagrada, de tal modo que cada Instituto e cada comunidade se apresentem como escolas de verdadeira espiritualidade evangélica. Desta opção prioritária, desenvolvida no compromisso pessoal e comunitário, depende a fecundidade apostólica, a generosidade no amor pelos pobres, a própria atracção vocacional sobre as novas gerações. Por isso mesmo, antes de nos interrogarmos sobre as formas de actualização de novos apostolados, de novas estratégias em relação às novas vocações, de planear e programar - tudo isso é importante e necessário -, a questão fundamental é sempre a mesma: Somos uma verdadeira casa e escola de espiritualidade? A casa refere-se ao ambiente vivencial, ao ambiente familiar onde vivemos todos os dias; a escola evoca o aspecto de aprendizagem, de formação permanente. Portanto, que isto fique gravado na memória e no coração de cada um e de cada uma de vós e da vossa comunidade.

Primeiro princípio prioritário: antes de tudo somos uma verdadeira casa-escola de espiritualidade evangélica, ou não? "É precisamente esta qualidade espiritual da vida consagrada que pode interpelar as pessoas do nosso tempo, também elas sequiosas de valores infinitos, transformando-se assim num testemunho fascinante".

O compromisso pela qualidade espiritual da vida consagrada é recomendado também em relação ao tema da escassez de vocações. "As novas situações de penúria hão-de ser enfrentadas com a serenidade de quem sabe que a cada um é pedido não tanto o êxito, como sobretudo o compromisso da fidelidade. O que se deve absolutamente evitar é a verdadeira derrota da vida consagrada, que não está no declínio numérico, mas no desfalecimento da adesão espiritual ao Senhor e à própria vocação e missão" (n.63). São palavras muito fortes para as comunidades que correm o risco de cair na paralisia, no desânimo, no desfalecimento, na psicologia da sobrevivência pela diminuição das vocações. Ora a psicologia da sobrevivência tira força aos nossos carismas, resfria os corações, a capacidade de sonhar, a esperança. Convido-vos a meditar bem este aspeto!

A insistência sobre a qualidade da dedicação espiritual retorna no nº 64, onde diz: O convite de Jesus, "Vinde ver", permanece ainda hoje a regra de ouro da pastoral vocacional. Esta visa apresentar, seguindo o exemplo dos fundadores e fundadoras, o fascínio da pessoa do Senhor Jesus e a beleza do dom total de si à causa do Evangelho". É o ideal de seguir Jesus segundo o carisma próprio de cada instituto.

O segundo estímulo concreto da Exortação Apostólica é a escuta da Palavra de Deus: "A Palavra de Deus é fonte de toda a vida espiritual cristã. A cada comunidade religiosa pede-se, segundo as diversas possibilidades, que se façam promotoras de escola de oração, de espiritualidade e de leitura orante da Bíblia" (n. 94). É a Palavra de Deus o verdadeiro lugar que leva a Jesus. S. Jerónimo adverte de modo forte "Ignorar as Escrituras, é ignorar a Cristo". E acrescenta "Se rezas, és tu que falas a Deus; se lês, é Ele que fala a ti"! Eu tenho pena que a nossa Santa Igreja ainda não tenha conseguido, na sua pastoral evangelizadora, levar o livro da Palavra a todo o povo simples e humilde de Deus, para ele ser capaz de uma leitura orante e familiar da Palavra do Senhor. Não se trata de cursos de exegese, trata-se de uma leitura muito simples, que se chama leitura orante de quem escuta a Palavra, de quem escuta a voz do Pai que lhe fala, ali e agora. Claro que, quando a gente recebe uma carta de alguém muito amigo, a gente lê uma vez, lê duas vezes e três vezes e, de cada vez que lê, descobre sempre um aspecto novo. E depois, considerar como é que ela ilumina a nossa vida e a vida da nossa comunidade? ... E depois, a partilha... Mas, para isso, exige um coração capaz de partilhar.

Procurei introduzir isto mesmo nas visitas Pastorais. Pude ver as maravilhas da graça que o Senhor realizou. Não foi o Bispo que realizou essas maravilhas, foi o Senhor. A gente simples e humilde que aderiu à Palavra de Deus, em grupos, que andou de porta em porta nos bairros da Paróquia, nos lugares, a convidar as pessoas para se reunirem em grupos... Os animadores de cada grupo eram formados, tinham preparação. Eu pensei comigo: nós, padres e bispos, andaríamos a bater de porta em porta? Mas o Povo de Deus, as pessoas simples e humildes são capazes. "Sr. Bispo, olhe, andamos de porta em porta, juntámos 23 casais, nem sequer nos conhecíamos, mal dávamos os bons dias quando passávamos uns pelos outros. Depois, estabeleceu-se entre nós uma grande amizade. Foi uma maravilha, porque depois partilhávamos o que o Senhor nos dizia". E então ficavam muito admirados, como a mesma Palavra a um dizia uma coisa e a outro dizia outra. É porque o Senhor ilumina a situação concreta de cada um. E estas coisas não se contradizem; enriquecem-se uns aos outros. Ora bem, *eu gostava de lhes pedir, meus irmãos e minhas irmãs, que sejam os primeiros orantes desta Palavra e introduzam nas vossas comunidades este método da leitura orante e familiar da Bíblia, e possam um dia também, quando vos pedirem, contagiar as comunidades cristãs, levando-as também a fazer esta leitura orante e familiar da Bíblia.*

Passamos à terceira indicação, sem esquecer isto: "Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo". Como é que, de facto, podemos conhecer Jesus Cristo sem essa Palavra?

A terceira indicação concreta é exprimir a alegria da vida fraterna em comunidade. "A vida fraterna, concebida como vida partilhada no amor é sinal eloquente da comunhão eclesial" (nº 42). Por outras palavras: viver a vida fraterna em comunidade é um vosso modo próprio de ser, na Igreja. Para as pessoas consagradas, tornadas num só coração e numa só alma pelo amor derramado nos corações pelo Espírito Santo, torna-se uma exigência interior o colocar tudo em comum: bens materiais e experiências espirituais, talentos e inspirações, como também ideais apostólicos e o serviço caritativo. Pôr tudo em comum. Este "tudo" não são só os bens materiais: é tudo. Isto é lindo, como diz S. Basílio: Na vida comunitária, a energia do Espírito que existe numa pessoa, passa ao mesmo tempo para todos. Nela não só se usufrui do dom próprio, mas este é multiplicado quando se participa aos outros, e goza-se tanto do fruto do dom alheio como do próprio. Na vida da comunidade, também se deve tornar palpável, de algum modo, que a comunhão fraterna, antes de ser instrumento para uma determinada missão, é espaço teologal onde se pode experimentar a presença mística do Senhor Ressuscitado".

Creio que as comunidades religiosas ou de consagrados devem examinar-se seriamente sobre a alegria de uma vida fraterna. Se a vida fraterna não é um momento, um espaço de alegria... para que serve? Eis o que diz o Papa Francisco: "Onde estão os religiosos, aí está a alegria... Somos chamados a experimentar e mostrar que Deus é capaz de encher o nosso coração e de nos tornar felizes, sem necessidade de procurar a nossa felicidade noutro lugar; mostrar que a autêntica fraternidade vivida nas nossas comunidades alimenta a nossa alegria; que o nosso dom total no serviço da Igreja, das famílias, dos jovens, dos idosos, dos pobres nos realiza como pessoas e dá plenitude à nossa vida. Oxalá que entre nós não se vejam rostos tristes, pessoas descontentes e insatisfeitas, porque um seguimento triste é um triste seguimento" (Papa Francisco, Carta Apostólica "A todos os consagrados", 21/11/2014). Se não vivermos o Evangelho com alegria, se não o sentirmos como fonte de alegria pessoal e comunitária, dificilmente podemos contagiar os outros com a beleza da fé e da vocação. É triste ver consagrados com cara de amargura, a lamentarem-se de tudo e de todos, e, pior ainda ,cair na murmuração, na maledicência.

Examinar-se também sobre o pôr tudo em comum precisamente para compreender como circulam os bens materiais e espirituais dentro da comunidade, como os membros da comunidade se aceitam, se amam, mesmo na diferença e valorizam os seus dons reciprocamente; para descobrir se nos fechamos na auto-suficiência de cada um de nós, nos nossos caprichos, na autocomiseração para chamar a atenção dos outros sobre nós... Nós temos modos subtis, por vezes até diabólicos, de que porventura nem tomamos consciência, para perverter a vida de comunidade. Ninguém está isento: nem bispos nem religiosos. Todos somos humanos, pecadores. Devemos estar conscientes da fragilidade da nossa humanidade e, por isso, devemos examinar-nos diante de Deus. É um ponto sobre o qual devemos confessar que estamos sempre em dívida uns com os outros. "Não devais nada a ninguém, senão o amor", diz S. Paulo aos Romanos.

Convido-vos, pois, a examinar-vos; não com amargura, não com complexos de culpabilidade, não como quem quer encontrar um bode expiatório nos outros e deita a culpa sempre para os outros, mas com humildade, com sinceridade, com caridade, com acolhimento, com a correcção fraterna, com benevolência do querer fazer bem, com a misericórdia do Senhor, que d'Ele recebemos em primeiro lugar.

A quarta indicação é a ascese libertadora, purificadora e santificadora.

Falar da ascese hoje não tem grande audiência, não está na moda, nem fora da Igreja nem dentro dela. Mas, a este propósito, desejaria ler-vos uma passagem da Exortação, relativa à luta de Jacob, porque exprime, através de um ícone bíblico, a beleza desta verdade muito esquecida: "O caminho que conduz à santidade comporta, pois, a adoção do combate espiritual. A luta espiritual é um dado exigente, ao qual hoje nem sempre se dedica a necessária atenção. Muitas vezes a tradição viu representado este combate espiritual na luta de Jacob com o Mistério de Deus" (n. 38). Quem não sente esta luta dentro de si, luta que ele enfrenta para ter acesso à sua bênção e à sua visão? Eu acho-lhe muita graça, porque há ali um combate entre Jacob e o Anjo do Senhor. Jacob lutou, foi vencido, acabou por confessar a sua derrota diante de Deus, mas conseguiu o que queria: recebeu a bênção do Senhor, a visão do Senhor, quer dizer, o reconhecimento do Senhor. Mas foi depois dessa luta em que saiu ferido e derrotado, que venceu, como quem diz: Venceste-me, Senhor, mas deste-me a Tua bênção. E era isso o que ele queria.

"Neste episódio dos primórdios da História Bíblica, as pessoas consagradas podem ler o símbolo do empenhamento ascético de que têm necessidade para dilatar o coração e abri-lo ao acolhimento do Senhor e dos irmãos". Há aqui, vejam bem, a ascese libertadora daquilo que nos impede de dilatar o coração à medida do coração de Deus, do coração do Pai, e abri-lo ao acolhimento do Senhor e dos irmãos. Por isso, é uma ascese libertadora da nossa liberdade de filhos de Deus. É uma experiência de purgatório. O purgatório não é só uma realidade para além da morte. Em primeiro lugar, o purgatório é um dom, é uma graça de Deus: a graça purificadora de Deus. É uma experiência de todos os dias. Quanta purificação é necessária para a gente viver,

conviver uns com os outros, para a gente servir, para estar disponível! É uma experiência de purificação que tem duas faces da mesma moeda: a dor e a alegria. A experiência da dor, porque a ascese purificadora implica uma experiência de renúncia, mas, ao mesmo tempo, implica também uma experiência de alegria. São os paradoxos da vida cristã. A alegria de se sentir libertado. Custa? Pois custa, mas depois sentimos a alegria do Senhor que nos libertou...

Dentro desta perspetiva deve ser compreendida a regra comunitária de cada comunidade e não estar sempre com preconceitos contra a regra. Se não há uma regra comunitária para os seus membros, a vida comunitária é um caos: não há comunhão, não há riqueza; cada um, facilmente, fica entregue aos seus caprichos. A regra de vida é fonte de fraternidade, fonte de ascese libertadora, purificadora, santificadora e, por isso também, fonte de alegria. Daqui "o amor à Regra que deve ser a concretização para viver fiel à consagração e ao carisma. De contrário, reduz-se a vida consagrada a caricatura: seguimento sem renúncia; oração sem encontro; vida fraterna sem comunhão; obediência sem confiança; caridade sem transcendência" (Papa Francisco, 02/02/2015). Mostrai que é belo viver segundo uma Regra! Cada um devia ter também a sua regra particular, pessoal, para além da comunitária.

A Eucaristia, coração da Vida consagrada

Estando a celebrar o Congresso Eucarístico Nacional não poderia faltar uma palavra, ainda que breve, sobre a relação íntima e imprescindível entre a vida consagrada e a Eucaristia. Como a vida de todo o cristão e da Igreja, assim a Vida consagrada vive do Cristo eucarístico, de Cristo vivo e presente no sacramento da Eucaristia. É alimentada por Ele e por Ele iluminada.

A Exortação Apostólica recorda nestes termos: "A Eucaristia, memorial do sacrifício do Senhor, coração da vida da Igreja e de cada comunidade, plasma interiormente a oblação da própria existência, o projeto de vida comunitária, a missão apostólica. Todos temos necessidade do viático quotidiano no tempo de Deus que a celebração do memorial da Páscoa torna presente" (n.95). É na celebração, na comunhão e na adoração da Eucaristia que as exigências fundamentais da vida consagrada encontram a sua fonte permanente, o seu modelo, a sua força e a perfeita realização: tudo por Cristo, com Cristo e em Cristo! "Se faltam o deslumbramento e a adoração eucarísticos, não há caminho que nos leve ao Senhor, não haverá sínodo" (Papa Francisco).

Dez Palavras do Papa Francisco sobre a Vida consagrada

Para terminar a nossa reflexão desejaria sintetizar em dez palavras o magistério do Papa Francisco para a Vida consagrada. Ao longo destes anos, o Papa foi indicando muitos desafios à vida consagrada através das suas palavras. Mas outros tantos nos mostrou com o seu "estilo Francisco". Neste estilo somos chamados a reconhecer os sinais do essencial. Vê-se no seu modo de viver franciscano. Sente-se no seu modo de estar com o povo. Toca-se no seu modo de tomar decisões. Admira-se na sua liberdade. Todo um exemplo a seguir. Eis então as dez palavras do magistério do Papa Francisco para a Vida consagrada:

1. Deixai-vos encontrar pelo Senhor! Deixai-vos alcançar e transformar por Ele. Deste encontro brotará o vosso serviço à Igreja a aos homens de hoje. Deixai-vos despertar e guiar, em cada momento, pela memória de Deus na vossa vida. Alimentai a relação com Jesus na inquietação da busca. A fé não é uma "fé-laboratório", mas uma fé a caminho, uma fé histórica, vivida em êxodo de vós mesmos para vos centrardes em Cristo e no seu Evangelho.

2. "Saí do ninho", da zona de conforto, saí para buscar e encontrar; ide às periferias, ao encontro da carne de Cristo, para vos tornardes pobres como o próprio Cristo e consolar os pobres com o anúncio da Boa Nova. Não privatizeis o amor. Abri-vos a todos, procurando sempre o bem do outro.

3. Consolidai a alegria na experiência de fraternidade. Vivei dentro das vossas fraternidades a "ternura eucarística" e "dai calor ao coração" abraçando com ternura os cansados e os frágeis, fazendo-lhes sentir o abraço de Deus. Senti a alegria de levar a consolação de Deus aos homens e às mulheres de boa vontade.

4. Inovai as estruturas a fim de que elas, certamente necessárias, não obscureçam nunca a única verdadeira força que é Deus. "Ele é a nossa força"!

5. Sede audazes, corajosos, criativos. A profecia não é negociável para a vida consagrada.

6. Vivei a "santa inquietação" do amor e não tenhais medo da ternura de Deus! Sede ícones vivos da paternidade/maternidade de Deus e da sua ternura.

7. Sede pais, sede mães, sede fecundos, comunicai vida e assim vivei bem a consagração.

8.Sede servidores da comunhão e do encontro. "Desejaria que sejais quase obsessionados neste sentido".

9. "Despertai o mundo" com a vossa alegria, serenidade e fecundidade que nasce do encontro com Cristo. Despertai o mundo despojando-vos do mundanismo e vivendo diversamente neste mundo.

10. "Alegrai-vos", "consolai".

Com estas palavras e com os seus gestos, o Papa Francisco nos está fazendo sonhar uma Igreja e uma Vida consagrada capazes de acolher o desafio sempre novo de voltar ao essencial, voltar ao Evangelho. Acolhamos este desafio e façamos tornar realidade este sonho: alegremo-nos e consolemos. Eis um programa de vida para quantos queremos seguir Jesus na Vida Consagrada.

E para concluir, nada mais belo do que uma oração a Nossa Senhora, que vem no próprio texto da Exortação Apostólica:

Oração

A Vós, Mãe, que quereis a renovação espiritual e apostólica dos vossos filhos e filhas na resposta de amor e dedicação total a Cristo, dirigimos confiantes a nossa oração. Vós que fizestes a vontade do Pai, pronta na obediência, corajosa na pobreza, acolhedora na virgindade fecunda, alcançai do vosso divino Filho, que quantos receberam o dom de O seguir na vida consagrada saibam testemunhá-Lo com uma existência transfigurada, caminhando jubilosamente, com todos os outros irmãos e irmãs, para a Pátria celeste e para a Luz que não conhece ocaso.

Nós Vo-lo pedimos, para que, em todos e em tudo, seja glorificado, bendito e amado o Supremo Senhor de todas as coisas, que é Pai, Filho e Espírito Santo. Ámen!

+ Cardeal António Marto

Às 15 horas do dia 14 de novembro de 2022, no auditório Beberibe, no Centro de Convenções de Pernambuco, o legado pontifício teve um encontro com os presbíteros. Apresentado pelo Pe. Moisés Ferreira de Lima, o encontro teve a mesa composta por D. Antônio Fernando Saburido, arcebispo de Olinda e Recife, D. André Vital Félix da Silva, SCJ, bispo de Limoeiro do Norte e o cardeal D. António Marto.

D. André Vital apresentou o clero do Brasil ao senhor cardeal, depois de acolhê-lo e cumprimentá-lo. Na mesma ocasião, agradeceu aos presbíteros do Brasil pelo trabalho pastoral desempenhado.

Segue abaixo o texto da conferência do legado pontifício ao clero.

Sacerdotes com coração de Pastor

Hoje, mais que nunca, sentimos a necessidade de recuperar o sentido carismático do sacerdócio. O presbítero não é um simples funcionário de Deus ou da Igreja, um prestador de serviços religiosos, um simples executor de organogramas eclesiásticos. Antes, é um homem livre de testemunhar e desempenhar o seu ministério sacerdotal e a sua missão em conformidade com as exigências mais profundas da sua alma e do seu desejo de servir a Cristo e ao povo de Deus.

Ministério e espiritualidade

Contra o perigo frequente de uma visão psicologizante (buscar a mera autorrealização, bem-estar) e meramente deontológica (ética profissional), aquilo que pode ajudar em profundidade e favorecer mais concretamente uma renovação do ministério presbiteral é a busca de uma espiritualidade. Sem uma espiritualidade adequada, a ação pastoral não tem energia nem respiração evangélica, transcendente. A espiritualidade funciona para a pessoa como o óleo para o motor do carro. O carro pode ter um motor com as peças da tecnologia mais recente. Mas se falta o óleo, não anda. O mesmo é dizer, se o coração não arde, os pés não andam. A espiritualidade é o caminho para que se possa desenvolver uma maturação do presbítero. O problema é que se pode ser também um padre "maduro" (na idade) quanto se queira e não testemunhar sequer uma centelha do mistério cristão. Neste caso estamos perante um clamoroso desvio pelagiano de quem pensa desempenhar o ministério confiando só em si e nas suas forças.

Para desenvolver esta espiritualidade pareceu-me oportuno tomar como tema a feliz expressão do Papa Francisco "Sacerdotes com coração de Pastor" que nos permite apresentar alguns traços do perfil do padre, segundo o pensamento do Papa. De facto, o coração é o órgão vital do nosso corpo e trabalha, sem parar, para desempenhar a função de uma bomba, isto é, distribuir o sangue através das artérias até às periferias do organismo. Do centro às periferias!

Parece-me uma bela expressão do ministério ordenado: o centro da Boa Notícia pela qual fomos surpreendidos e chamados e à qual consagramos a nossa vida e fomos enviados e que deve chegar a todas as periferias do corpo eclesial e daí sair e irrigar de vida e esperança cada pessoa.

Assim é o coração de Deus que nunca para, que é "obstinado no amor". As suas portas permanecem sempre abertas. Jesus, rosto da misericórdia do Pai, fazendo-se bom Pastor do rebanho, mostrou-nos o coração do Pai que pulsa de amor e compaixão, que quer alcançar cada pessoa em qualquer situação em que se encontre, qualquer que seja o percurso da sua existência, mesmo onde sofre a fadiga da própria periferia existencial. Assim deve ser também o coração do padre configurado a Cristo: disposto a trabalhar incessantemente para fazer chegar a todos a luz e a consolação do evangelho.

Uma segunda coisa que desejo lembrar brevemente é o facto de que estamos a assistir a uma mudança significativa no modo de sentir a Igreja. Nos anos do grande otimismo, da confiança no homem, na ciência e progresso, do entusiasmo conciliar, habituámo-nos a imagens de Igreja majestosas e solenes, apoiadas por profundas reflexões bíblicas, como Corpo de Cristo ou Templo do Espírito.

O contexto histórico, cultural, social e religioso mudou notavelmente nos últimos anos. Caiu a confiança no progresso ilimitado, assistimos à queda de mitos e ideais que ofereciam de algum modo uma interpretação da realidade, acabaram as utopias, as esperanças coletivas religiosas ou laicas. Hoje temos diante de nós uma humanidade desiludida, ferida, dividida, desorientada e perdida. Por isso exige-se uma nova imagem de Igreja. Não basta mais pensar na Igreja mãe e mestra, depositária de uma doutrina imutável. As imagens usadas pelo Santo Padre "hospital de campanha" e "oásis de misericórdia" respondem melhor à condição do homem e do mundo contemporâneos. Sugerem uma situação de emergência que é pedida pela situação de mal-estar e desorientação do homem pós-moderno, sem as grandes narrativas que lhe ofereciam sentido, orientação e cura, sem mais confiança em si mesmo.

Estas duas imagens requerem naturalmente um repensamento da identidade e do ministério do sacerdote. Quando dizemos "padres-discípulos configurados a Cristo Pastor", pretendemos indicar um caminho que todos devem começar a percorrer, útil para superar algumas imagens tradicionais em que foi pensada e estruturada a figura do padre e que hoje resultam parciais. O momento presente, inspirado no magistério do Papa Francisco, convida-nos a recuperar um espírito evangélico, a fixar como fonte e símbolo do nosso ser sacerdotes os elementos que caracterizam o coração de Cristo e a sua missão, a saber, a misericórdia, a proximidade, a compaixão, a ternura, a gratuidade e o anseio missionário de sair ao encontro de todos.

Numa Igreja "hospital de campanha", "oásis de misericórdia", há necessidade de samaritanos que descem ao longo das estradas da vida, capazes de mostrar que o verdadeiro culto ao Deus da Nova Aliança se traduz no exercício da caridade evangélica e não se esgota no espaço sagrado, na liturgia: ministros com o coração de Cristo, que páram, se fazem próximos, se inclinam sobre as feridas dos irmãos e os acompanham, derramam sobre eles o óleo da consolação e o vinho da esperança.

Podemos dizer pois: um coração que pulsa em direção às periferias existenciais e que se oferece na compaixão como estalagem ou refúgio, em que são acolhidas, tratadas e curadas as feridas dos irmãos sem exclusão.

É o caminho indicado ao nosso ministério sacerdotal pelo Bom Pastor enviado a procurar quem anda perdido; e pelo bom samaritano vindo a socorrer e levantar a humanidade caída. Ser configurados a Ele como discípulos missionários significa interpretar e viver a própria vida e o próprio serviço eclesial como Pastores no meio do povo, com um coração que busca, acolhe, inclui, que é capaz de "ver dentro" nas profundidades do ser humano, de acompanhar e discernir. E ainda mais, um coração que é capaz de se comover nas vicissitudes da vida do povo, e que torna o padre sensível, capaz de se coenvolver e de chorar. Não é por acaso que o Papa Francisco nos adverte acerca da "doença do empedernimento mental e espiritual" que nos faz "perder a sensibilidade humana necessária para chorar com aqueles que choram e alegrar com aqueles que se alegram" (Discurso à Cúria Romana, 22/12/2014).

Se nos debruçarmos brevemente a contemplar o Coração de Jesus bom pastor podemos descobrir o aspeto fundamental: é um "coração que procura, que se move obstinado ao encontro das ovelhas, que vai à busca da ovelha perdida sem se deixar assustar pelos riscos; sem hesitação aventura-se fora dos lugares da pastagem e fora dos horários de trabalho" (Papa Francisco, Jubileu dos sacerdotes, 3/06/2016). É um coração que se move do centro para as periferias. É expressão e símbolo, por excelência, da viagem de Deus até ao homem, unindo-os a ambos.

Desejo agora debruçar-me precisamente sobre estes dois polos do padre: com o coração voltado para Deus e voltado para o povo de Deus a amar e servir. O primeiro aspecto funda a nossa espiritualidade presbiteral, enquanto o segundo nos pode oferecer alguns aspetos pastorais.

Um coração voltado para Deus

Enquanto sai pelas estradas como Bom Samaritano da humanidade, Jesus mostra-nos o sentido da sua vinda e da missão: foi enviado para reunir o povo e o conduzir ao Pai. O olhar de Jesus está fixo na vontade do Pai: que nenhum se perca e que a alegria dos seus filhos seja plena. Por isso, como bom Pastor, ele chama as ovelhas pelo nome, procura as perdidas, recolhe-as todas no redil, porque é isto que o Pai deseja.

Jesus pode desempenhar esta missão porque o seu coração permanece intimamente unido ao do Pai; porque ele, mesmo partilhando as feridas do povo, se retira para o monte para mergulhar no coração de Deus, porque é uma só coisa com o coração do Pai. Só assim, ele se torna o bom Pastor que chama as ovelhas uma por uma e vai à busca das perdidas.

Convido a nos fixar por um momento neste aspeto para sublinhar a importância fundamental da espiritualidade do padre: Jesus tem o coração do Pastor que busca o homem, só porque permanece continuamente na busca do Pai e da sua vontade. Podemos fazer um exame de consciência sobre a nossa vida de padres começando em particular sobre a atitude interior e a espiritualidade que cultivamos, aquela que oferece a inspiração do nosso ministério e a possibilidade que ele se realiza de modo eficaz.

Penso que cada dia, sobretudo na oração, devemos parar e pôr a nós mesmos algumas interrogações: sou um padre à busca? Sou aberto a Deus e às suas novidades e surpresas, mesmo quando sacodem as minhas comodidades e transtornam os meus projetos?

Por vezes, a gente, para dizer bem de um padre afirma, "é um padre aberto". Embora possa ser entendida de modo superficial, todavia a expressão refere-se a uma atitude fundamental típica do Pastor: ter um coração acolhedor de todos, irmão de todos sem julgar nem excluir. Como se pode ser um padre aberto? "A abertura aos outros vai a par e passo com a nossa abertura ao Senhor. Só Ele, com o seu coração aberto, pode abrir um espaço de paz no nosso coração, aquela paz que nos torna acolhedores dos outros" (Cardeal Bergoglio, Carta aos sacerdotes 01/10/1999).

O padre que se abre a Deus e permanece à busca tem um perfil preciso. Trata-se de um sacerdote que não pretende ter chegado já à meta definitiva, à perfeição total, mas permanece a caminho, como um discípulo a seguir o Mestre. Dia após dia, aprende a sair de si mesmo, deixando-se plasmar pela relação íntima com Deus, mas também pelos acontecimentos quotidianos e pela vida do seu povo – é a isto que chamamos espiritualidade diocesana – e se interroga a si mesmo em profundidade, procura sair da imagem de padre que se fixou dentro dele nos anos, age de modo que os seus medos ou tentações sejam iluminadas pela graça do Senhor. O apóstolo nunca deixa de ser discípulo e penitente!

Vivendo constantemente a caminho, este padre tem os seus ritmos e tempos, nos quais se cruzam acontecimentos de graça e momentos de cansaço. Trata-se de se pôr sempre e de novo em marcha, um pouco como o povo de Israel para encontrar o Senhor e renovar a Aliança com Ele, atravessando também o deserto: o do próprio coração, o da realidade que o rodeia e o de um ministério pastoral por vezes difícil. No deserto, ele pode viver uma luta espiritual em que aprende a discernir quer os movimentos do próprio coração (consolação ou desolação) quer os da realidade pastoral a ele confiada.

Será também bastante normal que um padre corra alguns riscos. Não é preciso assustar-se. É preferível sujar as mãos e se ferir para ter acesso à unção sacerdotal que investe toda a nossa vida, antes que permanecer padres "de laboratório" com a couraça do coração dura e impenetrável e que se acomodam àquilo que sempre fizeram e experimentaram. Antes que nos agarrarmos às seguranças do passado, somos chamados a confiarmo-nos às promessas inesperadas do Senhor e do ministério, que alimentamos com uma vida de oração e de contacto assíduo com a Palavra de Deus.

Em síntese, para ter um coração que busca, como o do Bom Pastor, temos necessidade, antes de mais, de permanecer disponíveis à relação com Deus e dóceis às surpresas do seu Espírito, numa atitude de acolhida, de abandono e de confiança. Assim nos tornamos flexíveis, perspicazes, atentos, capazes de observar a realidade em todos os seus particulares, isto é, tornamo-nos capazes de "buscar o povo". Não apresentamos respostas pré-confecionadas, não etiquetamos as pessoas, não as classificamos dentro de um esquema a preto e branco. Seremos pastores capazes de ter em conta as nuances e as singularidades de cada rosto.

Um coração voltado para o povo

Um coração aberto a Deus é plasmado pela misericórdia, compaixão e ternura do Pai. Por isso é um coração voltado para o povo, desejoso de sentir o seu pulsar, as suas expectativas e disponível a partilhar as suas feridas com compaixão. Podemos observar isto olhando de perto a missão de Jesus.

Encontramos Jesus quase sempre em saída pela aldeias e cidades, com o olhar voltado para os homens e as mulheres do seu tempo. A sua missão começa na sinagoga para anunciar que deve sair do templo a fim de ungir os pobres, libertar os presos, curar os corações desfeitos. Não se trata só de fazer qualquer coisa, mas sobretudo de olhar as pessoas com os olhos de Deus. Assim é o olhar de Jesus. "Ele viu uma grande multidão e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor" (Mc 6, 34),

Assim deve ser também o padre deixando-se contagiar pela vida e pelas feridas das pessoas e pela paixão do anúncio consolador do Evangelho. O caminho para Deus abre-o ao caminho para os irmãos.

Ser Pastores é ter, como Cristo, um coração universal, sem fronteiras, que acolhe, espera, luta com o povo e partilha cada passo com a luz do Evangelho. O Papa Francisco recorda-nos que "O coração do Bom Pastor está voltado para nós, polarizado especialmente em quem está mais distante: para aí aponta a agulha da sua bussola; aí revela um amor particular porque deseja chegar a todos e não perder nenhum. Por isso, também o padre, configurado a Cristo, é ungido pelo povo, não para escolher os próprios projetos, mas para estar próximo da gente concreta que Deus, por meio da Igreja, lhe confiou. Ninguém é excluído do seu coração, da sua oração, do seu sorriso. Com olhar amoroso e coração de pai acolhe, inclui e, quando deve corrigir, é sempre para aproximar. Não despreza ninguém, mas está pronto a sujar as mãos por todos. O Bom Pastor não conhece as luvas" (Jubileu dos sacerdotes, 03/06/2016).

Certamente, vós podeis dizer quanto isto seja importante numa realidade como a vossa. O Brasil é um país fascinante, com muita beleza e riqueza de recursos naturais e sobretudo com um povo maravilhoso rico de espontaneidade, empatia, confiança e festa. Mas também um país cheio de problemas e contradições que lançam diversos e importantes desafios à nova evangelização e ao ministério presbiteral.

Estão diante de vós as periferias existenciais dos nossos dias onde demasiadas pessoas estão feridas pela pobreza, pela insegurança social, falta de trabalho, pela injustiças e desigualdades sociais gritantes, pela criminalidade, enfim tantas pessoas cansadas de lutar e que já perderam a esperança ao ver que as coisas não mudam e outras que perderam a orientação para a vida.

A tentação de ficar parado numa pastoral de conservação/manutenção, fechada em poucas práticas consolidadas, incapazes de incidir na vida e porventura usadas como instrumento para fugir das tempestades do mundo externo, pode ser muito forte. Diante das exigências das paróquias, das fadigas quotidianas do ministério, das expectativas da gente e face aos problemas que às vezes são maiores do que nós e exigiriam uma intervenção da parte de toda a sociedade, podemos ser tomados pelo pela sensação de impotência e pelo desânimo, limitando-nos a codificar a fé em regras e instruções a distribuir ao povo, reduzindo-a a ritualismo e moralismo.

Mas sucede também hoje como no Evangelho: a gente fatigada e cansada segue Jesus porque não impõe pesos, não é distante, não julga as pessoas, não tem pressa. Ao contrário, Ele para e oferece a sua proximidade, ternura e compaixão de que há tanta necessidade para levantar e começar de novo, caminhar em frente com esperança.

Traços do Coração de Pastor

Este coração de Pastor voltado para o povo tem diversos traços. Salientarei alguns:

- A humanidade do padre: Não podemos esquecer que o nosso ministério de pastor se exerce através da nossa humanidade pessoal. Jesus foi rico de humanidade. Cada um de nós deve cultivar a riqueza da sua humanidade. A primeira carta credencial com que o pastor se apresenta é a sua relação humana. Costumo dizer que é o "oitavo sacramento" por onde passa e se comunica o Evangelho. Ouçamos o Papa Francisco: "Um bom padre é, antes de tudo, um homem com a sua própria humanidade, que conhece a própria história, com as suas riquezas e as suas feridas, e que aprendeu a fazer paz com ela, alcançando a serenidade de fundo, própria de um discípulo do Senhor. A formação humana é, pois, uma necessidade para os padres, para que aprendam a não se deixar dominar pelos seus limites, mas antes a por a render os seus talentos. Um padre que seja um homem pacificado saberá irradiar serenidade ao seu redor, mesmo nos momentos de fadiga, transmitindo a beleza da relação com o Senhor. Não é normal que um padre esteja muitas vezes triste, nervoso ou duro de carater. Não vai bem e não faz bem, nem a ele nem ao seu povo" (Papa Francisco, Discurso aos participantes no encontro pelo 50º aniversário de Presbyterorum Ordinis e Optatam totius, 20/11/2015).

- A compaixão: É o caminhar juntamente com as pessoas partilhando a sua vida, escutando os seus gemidos, cuidando das suas feridas. Devemos tornar-nos peritos de ternura, assumir na palavra e no trato um tom sereno e alegre, ser mansos, humildes e pacíficos e sobretudo aprender a cuidar do outro. De facto, vemos Jesus cuidar do rebanho, dos pobres, dos doentes e assim nos comunica que Deus tem a

peito as sortes do seu povo. A Igreja pode e deve ser o lugar em que os fiéis se tornam peritos em humanidade, onde as feridas são reciprocamente cuidadas, uma escola em que se aprende a solidariedade, a acolhida do outro, o superamento dos preconceitos, a defesa do frágil e tudo aquilo que serve para criar um novo tecido de justiça de que a nossa sociedade tem necessidade. Há que promover esta cultura do cuidado nas nossas comunidades.

- A partilha fraterna: neste âmbito – vós o sabeis bem – há angústias e preocupações que podem roubar a paz do coração do nosso povo. É preciso caminhar e trabalhar juntos, em sinodalidade, para criar aquele tecido de comunhão que partindo das paróquias possa alcançar as outras relações humanas e as nossas famílias, que reforçe os vínculos de fraternidade e faça sentir a cada um que não está só. Quando dominam a prepotência, a lei do mais forte, o hábito de "deixar correr" ou quando as relações se tornam frágeis e se rompem, ou ainda quando a pobreza cultural ou material impede as pessoas de se sentirem parte de uma comunidade, a Igreja pode tornar-se um lugar em que se regeneram as relações sociais, um espaço de comunhão, capaz de desenvolver a cultura do encontro e uma casa na qual também os mais frágeis – pobres, crianças, famílias feridas, - podem encontrar acolhida e acompanhamento. Colocamos no nosso ministério a construção de comunidades fraternas? E a amizade sacerdotal?

- A criatividade pastoral: que nos impede de permanecer rigidamente fechados nos nossos esquemas ou no horizonte dos nossos projetos, de fórmulas estereotipados ou modelos pastorais que correm o risco de estar superados face aos novos desafios da evangelização. Somos o povo de Deus que caminha na história, não o esqueçamos.

Diante da tentação do derrotismo, que pode ser obstáculo ao caminhar do povo, os Pastores devem ser animadores capazes de abrir novos horizontes. Vós certamente vos dais conta de que há uma grande fome de esperança que se mistura muitas vezes com uma desconfiança de fundo e uma renúncia a lutar pela mudança. É necessária a colaboração entre os párocos e as paróquias, a sinergia com os recursos humanos do território e um empenho profético e corajoso para fazer crescer o Povo de Deus.

Enquanto os nossos caminhos se tornam muitas vezes o cenário da pobreza, da indiferença, da corrupção, do descarte dos mais frágeis, a Igreja pode converter-se em laboratório de esperança e de profecia, indo para além de uma pastoral reduzida a práticas religiosas, criando e promovendo percursos de formação e projetos de solidariedade capazes de sacudir as consciências, de orientá-las e educá-las para a solidariedade e amizade social, para o bem comum e a justiça. Implica mobilizar todos os recursos pastorais necessários para superar uma fé meramente devocional, favorecer o crescimento de uma consciência ética, solicitar crentes e não crentes a colaborar na recuperação moral e espiritual do próprio território.

Enquanto a indiferença e o desencorajamento podem anestesiar o coração e tornar-nos "padres assépticos", incapazes de nos comovermos, a Palavra de Deus e o magistério do Papa Francisco convidam-nos a sair com coragem para anunciar a alegria do evangelho, ungindo o povo e construindo com os irmãos o Reino de Deus. Em primeiro lugar são os sacerdotes a ser chamados a trabalhar para que o povo se levante da letargia, para que possa aprender do Evangelho e do Espírito Santo o gosto da fraternidade, a beleza da comunhão com o Senhor e os irmãos e o sentido da justiça.

Três desafios à evangelização

As dificuldades que temos na transmissão da alegria da fé estimula-nos a encontrar uma nova paixão pela evangelização, a procurar novos caminhos, métodos, meios e modos, novas linguagens, mudar algumas prioridades pastorais, ir ao essencial.

Há necessidade de anunciar o Evangelho para dar aos homens e mulheres de hoje a alegria da fé. É um anúncio que pede para se encarnar num estilo de vida pessoal e eclesial que possa fazer reacender o desejo do Senhor, infundir esperança, transmitir confiança e credibilidade. Para isso devemos ter presentes três desafios.

O primeiro desafio: tornar Jesus conhecido. Nos desertos espirituais do nosso tempo, gerados pelo secularismo e pela indiferença, é necessário voltar ao primeiro anúncio. Não podemos presumir de comunicar a alegria da fé apresentando aspetos secundários a quem ainda não abraçou o Senhor na vida, ou então só repetindo algumas práticas ou copiando formas pastorais do passado. É preciso encontrar novos caminhos para anunciar o coração do Evangelho a quantos ainda não encontraram Cristo e não o conhecem. Isto pressupõe uma criatividade pastoral para chegar até às pessoas onde elas vivem, não esperando que sejam elas a vir até nós – lá onde vivem! – encontrando ocasiões de escuta, diálogo, encontro e acompanhamento. Precisamos de voltar ao essencial, precisamos de voltar ao entusiasmo dos Atos dos Apóstolos, à beleza de nos sentirmos instrumentos da fecundidade do Espírito hoje. Precisamos de voltar à Galileia, ao encontro com Jesus Ressuscitado para recomeçar depois do fracasso. E cada um de nós tem a sua própria "Galileia", aquela do primeiro anúncio. Precisamos de recuperar esta memória.

Mas, para anunciar o Evangelho, é preciso também sermos credíveis. E aqui está o segundo desafio: o testemunho. Anuncia-se o Evangelho de modo eficaz quando é a vida que fala, que revela aquela liberdade que faz livres os outros, aquela compaixão que nada pede em troca, aquela misericórdia que fala de Cristo sem palavras. "Ide pregar o evangelho, se for preciso com palavras" (São Francisco).

Mas, para isso é preciso começarmos por nós: que os pastores não se sintam superiores aos irmãos e irmãs do Povo de Deus; que os consagrados vivam a fraternidade e a liberdade na obediência em comunidade; que os seminaristas estejam dispostos a ser servidores dóceis e disponíveis e que os agentes pastorais não vejam o seu serviço como poder. Começa-se por aqui. Vós sois os protagonistas e os construtores duma Igreja diferente: humilde, mansa, misericordiosa, próxima, uma Igreja que acompanha os processos e as pessoas (acompanhamento pessoal), que trabalha decidida e serenamente na inculturação, que valoriza cada um e cada diversidade cultural e religiosa, igreja sinodal. Demos este testemunho!

Finalmente, ***o terceiro desafio: a fraternidade.*** A Igreja será testemunha tanto mais credível do Evangelho quanto mais os seus membros viverem a comunhão, criando ocasiões e espaços para que toda a pessoa que se aproxima da fé encontre uma comunidade acolhedora, que saiba escutar, que saiba entrar em diálogo, que promova uma boa qualidade nas relações.

Trata-se de viver numa comunidade cristã que se torne escola de humanidade e fraternidade, onde se aprende a querer-se bem como irmãos e irmãs, dispostos a trabalhar, juntos, pelo bem comum. De facto, no coração do anúncio evangélico, está o amor de Deus, que transforma e torna capaz de comunhão com todos e de serviço a todos. "O amor que Deus nos dá, transborda em amor (...). É um amor que impele o bom samaritano a parar e cuidar do viajante assaltado pelos ladrões. É um amor que não tem fronteiras, que busca o reino de Deus (...) e este reino é universal" (B. Lonergan, The Future of Christianity: A Second Collection: Papers by Bernard F. J. Lonergan SJ, London 1974, 154). A Igreja é chamada a encarnar este amor sem fronteiras, para construir o sonho que Deus tem para a humanidade: serem todos irmãos. Interroguemo-nos: Como está a fraternidade entre nós? Os Bispos entre si e com os padres, os padres entre si e com o Povo de Deus: somos irmãos solidários ou concorrentes, rivais, divididos em fações? E como são as nossas relações com quem não é «dos nossos», com quem não crê, com quem possui tradições e usos diferentes? Este é o caminho: promover relações de fraternidade com todos, com os irmãos e irmãs indígenas, com cada irmã e irmão que encontramos, porque, no rosto de cada um, reflete-se a presença de Deus.

Estes são apenas alguns desafios. Não nos esqueçamos de que só podemos levá-los por diante com a força do Espírito, que sempre devemos invocar na oração. Não deixemos entrar em nós o espírito do pelagianismo, pensando que podemos criar projetos que funcionam sozinhos e com as simples forças humanas, sem Deus. Isso é uma idolatria: a idolatria dos projetos sem Deus. E não nos fechemos nas lamentações e no saudosismo do passado, mas avancemos, com confiança e alegria!

Conversão pastoral pessoal e comunitária

O povo de Deus precisa, hoje como nunca, de sacerdotes de qualidade humana e espiritual que sejam sinal da presença de Deus no meio das tarefas e crises que acompanham os homens e as mulheres de hoje. A referência do divino é um contraponto necessário para que a sociedade avance e não fique presa por leituras

materialistas de curto voo que produzem uma imensa frustração. A fé oferece-nos uma perspetiva da vida que a torna mais plural e interessante, mais complexa e mais rica.

Cada tempo teve os sacerdotes que merecia. Este nosso tempo precisa de sacerdotes muito concretos e corajosos que saibam iluminar este momento de graça que vivemos.

Tudo isto requer uma conversão pastoral pessoal e comunitária. Onde os sacerdotes são homens de Deus e testemunhas credíveis, a Igreja reveste-se de credibilidade e converte-se numa das instituições mais queridas e amadas. Por isso é importante que tipo de sacerdotes queremos para a Igreja deste tempo e dos próximos tempos. Não vale qualquer um. Há estilos de exercer o sacerdócio que geram rejeições generalizadas e que temos de rever com urgência para o bem da comunidade cristã. Só os homens de Deus próximo, compassivo e terno podem conduzir os homens a Deus!

Estando nós a celebrar o Congresso Eucarístico Nacional não poderia faltar uma palavra, ainda que breve, sobre **a relação íntima e imprescindível entre o sacerdócio ministerial e a Eucaristia.** A vida do padre que celebra "in persona Christi" vive, por isso mesmo, do Cristo eucarístico, de Cristo vivo e presente no sacramento da Eucaristia. É alimentada por Ele e por Ele iluminada. "No hoje cansativo do povo de Deus, os sacerdotes vão buscar diariamente esta forma de vida (próximo, compassivo e terno) à Eucaristia. As palavras da instituição traçam a nossa identidade sacerdotal: recordemos que o sacerdote é o homem do dom, do dom de si mesmo todos os dias. Porque a nossa vida não é uma profissão, mas uma doação; não é um emprego, que pode servir também para fazer carreira, mas uma missão" (Papa Francisco, aos sacerdotes da Sicília em 09/06/22). Além disso, a Eucaristia é já em si mesma fonte e cume do dinamismo sinodal da Igreja. Nela, as três palavras-chave do processo sinodal (comunhão, participação, missão) encontram a sua plena síntese não só na compreensão, mas na vivência profunda da comunidade cristã.

"Outro valor (e mais valia) para a vivência do ministério é o de nos confiarmos a Maria, mulher de ternura e consolação, de paciência e compaixão. Entre o sacerdote e a Mãe celeste entrelaça-se, dia após dia, um diálogo secreto que conforta e alivia cada ferida e, sobretudo, atenua os altos e baixos da vida quotidiana que ele atravessa" (Ibidem).

Podemos, pois, realizar o nosso ministério neste tempo com entusiasmo e alegria contemplando Maria Santíssima. As grandes coisas que Deus realizou na Virgem pode realizá-las também em nós se, com a mesma prontidão e generosidade de Maria, lhe oferecemos o nosso sim (eis-me) no nosso trabalho. Embora muitas vezes seja difícil, sentiremos ressoar a voz consoladora do Senhor que sussurra também a cada um "Não tenhas medo. Achaste graça diante de Deus. O Senhor está contigo".

Possa a intercessão de Maria, Mãe da Igreja e Rainha dos Apóstolos, apresentar ao Senhor os desejos, as esperanças, as fadigas e as alegrias da amada Igreja do Brasil e que abençoe todos os sacerdotes do Brasil e todos eles sejam uma bênção para o querido povo brasileiro!

† Cardeal António Marto

EXPOSIÇÃO TESTEMUNHAS DE SANTIDADE

Durante o 18º CEN, uma exposição, no piso superior do Centro de Convenções de Pernambuco, levou-nos a conhecer, mais de perto, algumas irmãs e irmãos que, com suas vidas, nos fazem ver neles a santidade que, como nos dizia um deles, o Servo de Deus Dom Helder Câmara: "ser santo, ser santa não é privilégio de ninguém, mas vocação de todos nós". Foram eles: Benigna Cardoso da Silva; Dom Francisco Expedito Lopes; Dom Hélder Pessoa Câmara; Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, OFMCap; Frei Damião de Bozzano, OFMCap; Lindalva Justo de Oliveira, FDC; Pe. Cícero Romão Batista; Pe. José Antônio de Maria Ibiapina e Pe. Thomas Francisco Geraedtz, SCJ.

A vida desses irmãos e irmãs está sendo estudada, para que a Igreja possa declarar, solenemente, através da canonização, que Deus através deles nos oferece, segundo um dos prefácios dos santos: "um exemplo para a nossa vida, a comunhão que nos une e a intercessão que nos ajuda". Sem dúvida, a Eucaristia, para onde nos levou todo Congresso, foi, para todas e todos, a força necessária para o seguimento a Jesus Cristo, cada um, cada uma, com seus próprios carismas: do serviço aos pobres, da vida missionária, do profetismo, do pastoreio, e, dois deles, Dom Expedito e Irma Lindalva, chegando até o martírio.

FEIRA CATÓLICA

A Feira Católica CEN 2022, fez parte da programação do XVIII Congresso Eucarístico Nacional e aconteceu de 11 a 15 de novembro de 2022, no Centro de Convenções de Olinda – mesmo local da realização do Simpósio.

Para que esse trabalho fosse realizado a Arquidiocese de Olinda e Recife responsável pela realização XVIII Congresso Eucarístico Nacional erigiu, em 2020, uma Comissão de Feira composta por Irmã Ivonete Kurten, fsp, da Editora Paulinas, coordenadora da comissão, Derivado Vieira dos Santos, da Editora Vozes, membro da comissão, Fábio Lemos, da Editora Paulus, membro da comissão e Leonardo Aquino, da Comunidade dos Viventes, membro da comissão. Com a pandemia, no retorno em março de 2022, com a desistência dos membros representantes das editoras Paulus e Vozes, foram inseridas na comissão as Irmãs Paulinas: Irmã Aucilene de Moura Lima e Irmã Flávia Vitório da Livraria Paulinas – Recife, membro da comissão. A comissão tinha como tarefa: organizar, comercializar e realizar a feira do Congresso que foi denominada Feira Católica CEN 2022.

EXPOSIÇÃO DE PASTORAIS SOCIAIS

Dentre as Comissões Pastorais da Igreja no Brasil, há aquela para a Ação Sociotransformadora, articulando os vários serviços sociais. Essa Comissão, nos níveis: nacional, regional, diocesano, paroquial se fez presente no 18º CEN. Não poderia ser diferente. O Padre Hélio Nascimento, presidente da Comissão Arquidiocesana Pastoral para Ação Sociotransformadora da Arquidiocese de Olinda e Recife ressalta a importância da participação das pastorais sociais no 18º CEN: "Pensar num Congresso Eucarístico é acolher as pastorais sociais, levando em consideração o tema que foi proposto: 'Pão em todas as mesas'. É nas pastorais sociais, através do trabalho de tantas pessoas de boa vontade, que encontramos quem está com fome. O lema desta edição, inspirado na Palavra de Deus, justifica essas pastorais: "Repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles" (Cf. At 2,46).

Marcaram presença pastorais, organismos e articulações sociais, tornando mais conhecida a missão desses serviços: fortalecer a participação da Igreja na formação do desenvolvimento humano integral para a construção de uma sociedade justa e solidária e que também promove o respeito aos Direitos Humanos, à luz do Evangelho, da Doutrina Social da Igreja e da opção pelos pobres.

Dentre outras se fizeram presentes as seguintes pastorais: Afro, AIDS; Apostolado do mar; Carcerária; Criança; Menor; Mulher Marginalizada; Nômades; Operária; Pescadores; Pessoa Idosa; Povo da Rua; Rodoviária; Saúde; Sobriedade; Surdos; Terra; Turismo. Organismos e articulações sociais: Cáritas; Centro Nacional de Fé e Política Dom Hélder Câmara; Comissão Brasileira de Justiça e Paz; Conselho Indigenista; Grito dos excluídos; Movimento de Educação de Base; Serviço Pastoral dos Migrantes. A exposição foi um espaço de diálogo, de apresentação das pastorais, mas também de convivência, de troca de experiência entre os agentes das diversas pastorais, fortalecendo a Pastoral de Conjunto.

#18°CEN

A Comissão iniciou os trabalhos fazendo o projeto da feira: Orçamento com três montadoras – para montagem da feira e com bases nos custos da montadora, a tabela de preços do metro quadrado para os expositores. Após aprovação desse passo inicial pela Comissão executiva do Congresso, foi elaborada a planta com estandes de com 5, 10, 15, 20, 50 e 100m^2.

Em seguida a elaboração do Regulamento e do Manual da feira e a proposta comercial a ser oferecida para os clientes/expositores. A preparação da ficha de reserva e o contrato de serviço com os clientes. Com esses documentos aprovados pela comissão Jurídica da AOR foi dado o início do processo de vendas dos estantes.

Com aproximadamente trinta mil visitantes, foi a primeira feira católica na capital do Nordeste – Recife/Olinda de produtos e serviços para a Igreja e Turismo Religioso. Apresentou-se como uma grande vitrine do segmento católico no Brasil para o Nordeste, tendo como um dos objetivos a promoção dos bens e serviços oferecidos aos católicos, proporcionando às pessoas conhecer as marcas e os produtos católicos em todos os segmentos: Editoras católicas, artigos religiosos, móveis, equipamentos e serviços para igrejas, turismo, educação católica e Congregações Religiosas, alimentação e artesanato local. Reuniu 143 expositores vindos de vários estados do Brasil (Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Góias, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco). Foi uma oportunidade para quem compra e para quem vende no mercado religioso. Com um público qualificado: bispos, padres, religiosos/as, leigos e o público em geral das paróquias e comunidades.

Teve também como propósito a promoção da evangelização! E como dizia Padre Tiago Alberione fundador de uma família religiosa na Igreja, a Família Paulina, voltada para a evangelização com a comunicação: "livros, música, filmes, a liturgia e seus objetos e, diria hoje, objetos de devoção, imagens e serviços à Igreja, expressam a fé das pessoas e as ajuda a cultivar e aprofundar a espiritualidade". Por este

motivo a feira foi um espaço concreto e vivo para que os participantes do Simpósio e das catequeses fossem agraciados com uma experiência diferente na vivência da fé eucarística. Gostaríamos de deixar aqui registrado que a grandeza da feira se deu pelo empenho de todas as Comissões de preparação do Congresso e pelo compromisso assumido de fazer da feira um espaço eucarístico. Ela não foi só comércio, mas ponto de encontro entre as pessoas. As pessoas assim se expressavam ao sentir a grandeza da Igreja católica que faz dos produtos expressões da vida eclesial. Uma feira no contexto de um congresso deve estar inserida dentro das programações e assumida por todos. Só assim é possível êxito no empreendimento.

Na feira havia também representantes dos setores do turismo religioso com propostas para viagens a Santuários, rotas de peregrinação e festas religiosas com destinos nacionais e internacionais.

E mais, a feira Católica deu visibilidade a todo o trabalho missionário da Igreja através de sua organização como as Arquidioceses, Congregações religiosas (conventos), Comunidades de vida e missão, Movimentos e Pastorais (Espaço/estande que foi denominado: Vocacional). E todo o trabalho no campo educacional nos colégios e Universidades católicas.

A Feira Católica do XVIII Congresso Eucarístico Nacional contou com a presença do Governo do Estado de Pernambuco e dos municípios de Olinda e Recife que muito colaboraram para que o evento se realizasse trazendo oportunidades de trabalho e renda para a comunidade local. O visitante da feira conheceu, através dos estantes e seus expositores, parte do rico artesanato do estado de Pernambuco e porque não dizer do Nordeste e saboreou a deliciosa culinária - expressão da cultura e da vida nordestina.

Como Arquidiocese de Olinda e Recife nos orgulhamos de ter reunido no espaço da feira empresas que expressam a fé, a cultura e ajudam os fiéis e as pessoas a construírem uma cultura de paz e não violência.

Ir. Ivonete Kuerten.

Discurso de Dom Fernando Saburido na abertura da Feira Católica

Prezados irmãos e irmãs,

Eis que chegou o dia tão esperado, dois anos depois da data prevista, adiado por conta da pandemia de COVID-19. Com imensa alegria, iniciamos, nesta manhã, nosso 18º Congresso Eucarístico Nacional, com a abertura da FEIRA CATÓLICA. Espaço adequado não só para a comercialização de livros e materiais litúrgicos, mas para o encontro, diálogo e troca de experiências.

No dia 24 de setembro deste ano, em Assis - Itália, o Papa Francisco se reuniu com jovens economistas do mundo inteiro e reiterou sua proposta com as seguintes palavras: "Uma nova economia, inspirada em Francisco de Assis, pode e deve ser hoje uma economia amiga da terra, uma economia de Paz. Trata-se de transformar uma economia que mata, como escrevi na Evangelii Gaudium (n.53), em uma economia da vida em todas as suas dimensões. Chegar a àquele "bem viver" que não é a vida fácil de quem passa bem. É a mística dos povos originários que nos ensinam a ter uma relação vital com a Terra".

No final do encontro, foram apresentados 10 importantes princípios. O último deles assegura: "Cremos na solidariedade e no clamor dos povos. Cremos numa economia sustentável, democrática e fraterna, que rompa com desigualdades sociais, proporcione a emancipação humana e garanta o direito à terra, ao teto e ao trabalho, construindo mecanismos de geração de renda que fortaleçam a cooperação, a associação e a autogestão. Cremos numa economia pautada na justiça social, que reconheça as diversidades, e que crie redes entre os movimentos sociais, a partir dos princípios da economia solidária e agroecológica".

Talvez para alguns possa parecer estranho abrirmos uma feira de produtos eclesiais e religiosos no seio de um Congresso Eucarístico Nacional, sobretudo quando temos como tema "Pão em todas as mesas". Lembremo-nos de que a Eucaristia é partilha e a solidariedade é um milagre econômico também. É isso que o Papa chamou de Economia de Francisco, e a que os jovens brasileiros acrescentaram também Clara: o nosso esforço em construir cada vez mais espaços em que refletimos a necessária transição econômica, de um modelo que vem cada vez mais aumentando as desigualdades sociais para uma verdadeira economia pautada pela solidariedade.

Neste Congresso Eucarístico Nacional, inaugurando esta Feira Católica, mais que o comércio, queremos motivar as inspirações do Santo Padre para uma economia social que faça frente às desigualdades, oferecendo direitos semelhantes às pessoas. Também aqui desejamos viver o Congresso, partilhando o pão do saber, da cultura e da arte. Este espaço servirá também para o encontro fraterno e aquisição de artigos religiosos a serem utilizados em nossas residências e comunidades.

Desde já, nosso muito obrigado à querida Irmã Ivonete Kuerten, religiosa da Congregação das Irmãs Paulinas e a toda sua equipe, que se desdobraram para a organização desta feira, assim como aos expositores que muito nos alegram com sua participação.

Desejo a todos e todas uma proveitosa participação na feira católica e nas atividades do Congresso Eucarístico. Que tudo concorra para o nosso bem espiritual e pastoral.

Dom Antônio Fernando Saburido, OSB
Arcebispo de Olinda e Recife

APRESENTAÇÕES CULTURAIS

Durante o Congresso Eucarístico, quatro concertos foram realizados, com presença de grande público. O primeiro (12/11), no Teatro Guararapes (Recife), contou com a participação de 250 músicos e cantores na execução da "Grande Missa Nordestina", do compositor Pernambucano Clóvis Pereira (1932). Na ocasião, participaram o Coro de Câmara do Conservatório Pernambucano de Música, o Coro Sinfônico do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, o Coro Opus 2 (UFPE), a Orquestra de Câmara de Pernambuco e a Orquestra Criança Cidadã, regidos pelo Maestro José Renato Accioly. Na ocasião, que contou com a participação de representantes das instituições parceiras, foram entregues pela Comissão executiva do CEN placas comemorativas registrando o acontecimento da noite e a participação no 18º Congresso Eucarístico Nacional. Encerrando a noite memorável, tivemos a participação do Coro e Orquestra Infantil do Instituto de Música Dom da Paz, que se juntou ao grande coro na execução do hino do CEN.

No dia 13 de novembro tivemos um recital de piano na Basílica de São Bento de Olinda apresentado pela pianista e professora da UFPE, Rachel Casado. O programa trouxe peças de compositores eruditos e brasileiros, como o pernambucano Dierson Torres, encerrando com a célebre Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro, de Louis Gottschalk (1828-1869).

O dia 14 foi dedicado à música litúrgica do Nordeste. Realizado no Teatro de Santa Isabel às 20h, o concerto "Canto do chão: música litúrgica do Nordeste", concebido e coordenado por Roberto Dutra e o Frei Wanderson Freitas, OCarm., trouxe um panorama da produção musical ligada a Arquidiocese de Olinda e Recife que, nas décadas de 1960 e 1970, já a partir do renovado vigor pós-conciliar, teve grande impulso criativo. Na ocasião, foram recitados poemas de Dom Helder compilados pelo IDHeC e foram executadas obras do Pe. Jaime Diniz, Nicolaas Vale, Pe. Sílvio Milanez, Mabel Bezerra, Pe. Geraldo Leite Bastos e Reginaldo Veloso. Encerrando a noite, após palavra do Secretário-geral do 18º Congresso Eucarístico Nacional, Monsenhor José Albérico Bezerra, foi executado arranjo inédito do hino do CEN em ritmo de frevo, escrito por Roberto Dutra. Nessa noite, ficaram registradas as ilustres presenças do Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Fernando Saburido, OSB, do Arcebispo Emérito de Vitória da Conquista e Vigário Geral Dom Luís Pepeu, OFMCap, e do autor do hino do CEN, o Pe. Josenildo Nunes de Oliveira.

A manhã do dia 15 de novembro foi dedicada à música coral. Na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, centro do Recife, foi realizado o encontro de Coros "CEN 2022", que contou com a participação do Coro Opus 2 (UFPE), sob a regência do Maestro Flávio Medeiros; Coro de Câmara do CPM, sob a regência de Mônica Muniz; e o Coro Sinfônico FSTBNB, regido por Hadassa Rossiter. Acompanhados por piano e pequeno grupo instrumental, trouxeram ao grande público peças do repertório sacro em seus mais diversos estilos. Ao final, todos se uniram e cantaram o hino do 18º Congresso Eucarístico Nacional. Na plateia, grande número de bispos e visitantes de todas as regiões do país.

Digna de nota também foi a participação do Coro do Instituto de Música Dom da Paz e da Orquestra Experimental de Frevo da UFPE, que estiveram no encerramento do Congresso na Praça do Carmo, em estrutura montada para a bênção do Santíssimo Sacraento.
Na ocasião, foram executados dobrados do compositor potiguar/pernambucano Pe. Chromácio Leão (1886-1951) e estreado um arranjo do Hino do CEN para orquestra de frevo, escrito pelo dirigente do grupo, Nilsinho Amarante.

Diferentemente do Congresso Eucarístico Nacional de 1939, privilegiamos a execução de música Pernambucana, tendo em vista a importância da valorização da produção local e o próprio protagonismo da música pernambucana para o Brasil e o mundo, tendo expressões como o frevo e o movimento armorial chegado a vários países do globo. Foi nesse espírito que realizamos a programação de concertos do CEN e que, unindo as instituições musicais da região, acolhemos a todos que aqui chegavam para adorar o Cristo presente na Eucaristia e celebrar a partilha e comunhão manifestada no "pão em todas as mesas".

"Na terra dos altos coqueiros, canta, meu povo, que é festa"!

13 Nov | 17h

Teatro Beberibe | Centro de Convenções - Olinda

ENTRADA GRATUITA

CASA DO PÃO

Localizada na Rua do Imperador, bairro Santo Antônio, centro histórico da cidade do Recife/PE, a Casa do Pão é uma iniciativa da Arquidiocese de Olinda e Recife para atender nossas irmãs e irmãos em situação de vulnerabilidade social. Gesto concreto do 18º Congresso Eucarístico Nacional, a Casa do Pão busca, através de parcerias com pessoas físicas, empresas e órgãos públicos, acolher todas as pessoas que dela se aproxima em busca de acolhimento, seja para saciar a fome imediata, seja para iniciar processos de recuperação e inserção na sociedade.

O espaço da Casa é organizado num imóvel que pertence à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Recife e foi cedido, via comodato, à Arquidiocese de Olinda e Recife para instalação da Casa do Pão. Um casarão do início do século XX, dividido em três pisos marcados pelo tempo e pela história que por ali passou. Hoje suas dependências, já reestruturadas, abrigam um refeitório que atende aproximadamente 100 pessoas por vez e uma cozinha equipada para que possa também servir como restaurante-escola. Nas diversas salas distribuídas nos andares, são oferecidos atendimento médico, jurídico, assistência social, apoio psicológico, cursos profissionalizantes e formação humana. Uma ampla lavanderia e banheiros proporcionam um asseio digno para todas as pessoas que buscam uma possibilidade do cuidado com a higiene pessoal e lavagem de roupa.

O coração da Casa do Pão pulsa sob a intercessão de Santa Dulce dos Pobres, padroeira da capela, localizada no segundo andar do edifício. Um espaço sóbrio e acolhedor, que proporciona tranquilidade ao coração que busca Deus, seja na Eucaristia, seja na Palavra, seja na fraternidade da comunidade reunida.

O dia da inauguração

Pela manhã, às 9h, a Casa do Pão foi inaugurada, durante uma cerimônia realizada na Rua do Imperador, seguida de um café da manhã servido para centenas de pessoas, dentre as quais muitas que estão em situação de rua e vulnerabilidade social e visita as instalações da Casa. A cerimônia de inauguração contou com a presença de um significativo número cardeais, bispos, presbíteros e diáconos que participavam do Congresso Eucarístico, além de autoridades públicas e representantes do governo estadual e municipal.

A acolhida aos participantes e a apresentação da Casa do Pão foi feita por Dom Fernando Saburido:

> Sejam muito bem-vindos, meus irmãos e irmãs, à Casa do Pão que, na manhã deste último dia do Congresso Eucarístico, temos a alegria de inaugurar, com a honrosa presença de irmãos e irmãs: bispos, padres, diáconos, religiosos e religiosas, autoridades e, sobretudo, irmãos e irmãs em situação de rua para quem essa casa é especialmente destinada.

MÉXICO
SHANERAY

De 03 a 07 de setembro de 1939, nossa Arquidiocese teve o privilégio de sediar o III Congresso Eucarístico Nacional, durante o pontificado do Papa Pio XII que nomeou como enviado especial o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, acolhido pelo então Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Miguel de Lima Valverde. O Congresso teve como tema geral "A Eucaristia e a Vida Cristã" e deixou como legado a Igreja Santíssimo Coração Eucarístico de Jesus, hoje Matriz da Paróquia do Espinheiro.

Este 18º Congresso Eucarístico Nacional, que tem por tema central "Pão em todas as mesas" e por lema: Repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles (cf. At 2,46), quis deixar como legado essa "Casa do Pão". O Congresso vai passar, mas esta casa perpetuará a memória do mesmo, no esforço de assistir os nossos irmãos e irmãs mais carentes e necessitados do mínimo para que possam viver com dignidade. Uma ação especialmente voltada para os que vivem em situação de rua, oferecendo-lhes não apenas o pão material, mas o pão do amor através de ações concretas no campo da profissionalização, assistência social, ensino básico, assistência jurídica e, sobretudo, formação cristã.

A Eucaristia representa um mundo de partilha e comunhão que é o destino de toda humanidade. É antecipação da vitória do amor sobre o egoísmo, da partilha sobre a avareza e a indiferença. Antecipa a transformação do mundo, de acordo com o projeto divino (Gaudium et Spes, n. 2). A primeira consequência disso é que a Eucaristia é incompatível com a ceia dos que se fecham em seus próprios interesses e não permitem aos outros dela participar. A missão da Igreja e a ação evangelizadora têm uma amplitude muito mais profunda do que apenas a tarefa de converter pessoas a uma igreja ou a uma doutrina. Os evangelhos falam da missão como colheita "A messe é grande, mas os operários são poucos. Orai ao Senhor da messe que mande operários para a sua colheita" (Lc 10, 2). Isso significa que a missão não é tanto levar de fora uma palavra e sim colher o que já está plantado de bom e de amor nas culturas e na vida das pessoas. É bom recordar que a própria figura da colheita nos fala de alimento e de fartura, ou seja, "pão em todas as mesas".

A Eucaristia precisa ser ensaio de um mundo de partilha, sacramento de uma comunidade unida que expressa amor e comunhão. Isso significa eucaristizar a Igreja e o mundo. O Papa Francisco afirmou isso em sua homilia no encerramento do Congresso Eucarístico em Budapeste na Hungria. Trata-se do movimento de unir o mundo a Cristo, a caminho da plenificação trinitária. O Concílio Vaticano II, as encíclicas dos papas sobre a Eucaristia que vieram depois do Concílio, todos os documentos sobre esse assunto propõem que a Eucaristia tenha como consequência a solidariedade e a relação com a realidade.

Para que esse sonho se tornasse realidade, algumas parcerias foram feitas, dentre estas destaco, especialmente, a Santa Casa de Misericórdia do Recife que, entendendo que esse projeto corresponde às aspirações da instituição voltada preferencialmente para os pobres, nos cedeu este edifício, sob a forma de comodato. Para a execução da obra, contamos com parte dos recursos da coleta feita em todas as dioceses do Brasil. Contaremos também com a parceira da Prefeitura da Cidade do Recife que fará funcionar nesse espaço mais um Centro de Referência para a População em Situação de Rua, popularmente conhecido como Centro POP.

Concluo apresentando meus agradecimentos, de maneira impessoal, afinal o evangelho nos ensina a dar sem visar recompensa, a todos e todas que se empenharam para a realização desse projeto: secretaria do congresso, arquiteta e engenheiros, trabalhadores, benfeitores e Prefeitura da Cidade do Recife, através da Secretaria de Desenvolvimento Social, nosso muito obrigado. Finalmente, somos gratos a todos e todas que se empenharam na realização desta obra e que, a partir de hoje, assumem funções específicas, com generosidade, caridade e misericórdia. Deus abençoe a vida e missão de cada um de vocês, nesta Casa do Pão.

Dom Antônio Fernando Saburido, OSB
Arcebispo de Olinda e Recife.

A Casa do Pão: Presença e serviços

Em três meses de atuação, a Casa do Pão tem ofertado um média de 2.000 refeições por semana, além de atendimento jurídico em parceria com a Defensoria Pública do Estado de Pernambuco e a Defensoria Pública da União a mais de 100 pessoas. Mensalmente, são mais de 200 atendimentos médicos feitos por voluntários. A parceria com a Prefeitura da Cidade do Recife, cuja atuação se dá por meio do Centro POP Maria Lúcia, que funciona em um dos pavimentos do prédio, oferece banho, alimentação (café da manhã e almoço), acompanhamento psicossocial, terapia ocupacional, rodas de conversa, lavagem de roupas para 50 pessoas a cada dia.

O voluntariado tem sido determinante para o atendimento às pessoas em situação de vulnerabilidade. Diariamente, grupos de voluntários pertencestes e igrejas, ONGs, famílias, condomínios, paróquias e movimentos, oferecem em entre 300 e 400 refeições no jantar. Os assistidos fazem a refeição no restaurante, enquanto os grupos de voluntários usam a estrutura da casa para servir essas refeições.

Em apenas três meses de funcionamento, a Casa tem se apresentado como um ponto de aglutinação de ações de grupos, movimentos e entidades diversas. A última parceria firmada com a FECOMERCIO, que abrange o SENAC e o SESC, tem possibilitado a concretização de formação profissional, especificamente, para os moradores de rua, nas áreas de gastronomia, serviços e tecnologia. Do mesmo modo, a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFPE), em parceria com a Prefeitura da Cidade do Recife, o Governo do Estado de Pernambuco e a Casa do Pão, tem oferecido formação para sistentes sociais e agentes que trabalham diretamente com pessoas em situação de rua ou de vulnerabilidade em geral. A mais recente ação é o Projeto Letra e Pão para alfabetização de adultos e oferta de alimento. O Tribunal de Justiça de Pernambuco e o Ministério Público de Pernambuco estão firmando novas parcerias de atendimento ao público POP-rua. Ações de atendimento em forma de mutirão e atendimento semanal encontram-se em formalização.

A ação pastoral tem sido intensificada com missa semanal para os assistidos pela casa e para os colaboradores, catequese para crianças em situação de rua ou de ocupações do entorno, além de encontros de evangelização em geral.

Em unidade com a Campanha da Fraternidade 2023, com o tema “Fraternidade e Fome”, a Casa do Pão tem sido procurada por escolas para que seus alunos possam fazer imersão na situação urbana da fome. Centenas de alunos de várias escolas, especialmente as confessionais católicas, tem visitado a Casa do Pão, levando donativos e vivenciando em um horário de expediente, um contato mais próximo com as pessoas em situação de vulnerabilidade, assim levando a uma maior conscientização do papel e protagonismo social de cada um como responsável pelo presente e pelo futuro de uma sociedade mais justa a e solidária.

Secretários de governo de algumas prefeituras, autoridades civis, senadores, deputados, vereadores, empresários e a população em geral tem frequentado a Casa do Pão, no desejo de conhecer in loco, o projeto que já tem sido reconhecido para além dos limites da Cidade do Recife e do Estado de Pernambuco. Tudo isso demonstrando a carência da população em situação de rua e a clareza da Igreja ao responder o apelo de Deus a partir das urgências do povo sofrido e marginalizado.

RELATÓRIO FINANCEIRO DO 18º CEN

Esta grande celebração de fé, que foi 18º Congresso Eucarístico Nacional, com sua beleza e seu êxito, contou com a doação de todo o Brasil. Sabemos todos que um evento de tal porte tem um orçamento elevado para custear todas as suas despesas. Porém, a generosidade foi visível desde a preparação deste congresso. Como esquecer a coleta feita, primeiramente, nas paróquias da Arquidiocese de Olinda e Recife, nas dioceses do Regional NE 2 da CNBB, e , depois, a coleta feita em todo o país, as parcerias com o Governo do Estado e a Prefeitura da Cidade do Recife, o apoio de empresários locais?

Queremos, portanto, apresentar esta prestação de contas tanto para expressar nosso muito obrigado como também para dizer que cada contribuição - podendo ser o "óbolo da viúva" (Mc 12, 41-44) - foi empregada devidamente e, assim, 18º Congresso Eucarístico Nacional pode ser concluído sem restar dívidas ou qualquer saldo negativo. Gratidão a todos!

RECEITAS

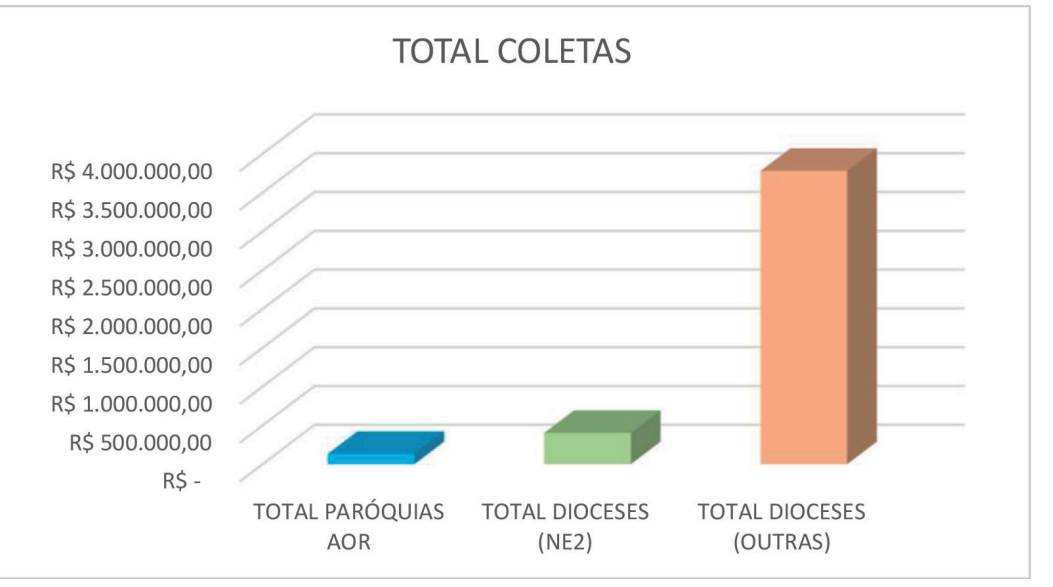
Repasse Saldo do Congresso Anterior	R$	50.000,00
Coleta	R$	4.310.913,99
Camisas	R$	55.635,00
Produtos	R$	151.496,11
Contratos Feira Católica	R$	367.028,34
Doação	R$	155.370,00
Créditos Não Identificados	R$	232.057,59
Ingressos	R$	110.800,00
Juros	R$	28,63
Indevido	R$	7.394,68
Outras Receitas	R$	9.168,95

Total		
	R$	5.449.893,29

DESPESAS

Material de Construção	R$	12.619,89
Material de Escritório	R$	5.692,61
Material de Gráfica	R$	306.581,90
Impressão dos Anais	R$	103.000,00
Produtos Congresso	R$	313.581,45
Produção de Camisas	R$	215.508,40
Produção de Objetos Sacros	R$	172.197,00
Estandes da Feira	R$	400.430,61
Paramentos	R$	511.347,74
Serviços Musicais	R$	149.105,00
Prestação de Serviços	R$	1.140.081,04
Caixa	R$	2.791,99
Imobilizado	R$	26.843,48
Locação	R$	178.514,35
Côngruas	R$	185.046,21
FSC	R$	7.835,30
Folha	R$	225.363,11
Impostos/Encargos	R$	172.457,51
Casa do Pão	R$	1.522.856,40
Relançamento do Congresso	R$	50.710,11
Juros (-)	R$	175,41
Devolução (Recebimento Indevido)	R$	18.568,35
Tarifa	R$	14.648,67
Outras Despesas	R$	39.912,99

Total		
	R$	5.775.869,52



SALDO TOTAL DE ENTRADAS	**R$**	**5.449.893,29**
SALDO TOTAL DE SAÍDAS	**R$**	**5.775.869,52**

SALDO CONTA

R$ 28.482,04

TOTAL DE RENDIMENTOS

R$ 354.458,27

TOTAL COLETAS	**R$**	**4.310.913,99**
TOTAL PARÓQUIAS AOR	**R$**	**130.797,47**
TOTAL DIOCESES (NE2)	**R$**	**401.561,95**
TOTAL DIOCESES (OUTRAS)	**R$**	**3.778.554,57**

CONCLUSÃO

“É graça divina começar bem.
Graça maior persistir na caminhada certa.
Mas a graça das graças é não desistir nunca.”

+ Hélder Câmara

Terminamos! Com a publicação destes Anais do 18º Congresso Eucarístico Nacional, com seu lançamento, nesta Quinta-feira Santa, dia da instituição da Eucaristia, e com os corações transbordantes de ação de graças, colocamos um ponto final na nossa missão como Comissão Executiva, não poupando esforços desde o pré-Congresso, que teve uma duração bem maior daquilo que se tinha inicialmente programado, devido aos dois adiamentos, por causa da pandemia do coronavírus, desembocando nos quatro dias da celebração propriamente dita e, ainda, atividades que aconteceram no pós-Congresso. Foi uma grande festa!

Dentre as grandes vantagens que tem a publicação dos Anais do Congresso, três deverão ser salientadas: primeira, será preservada, em todo o país, através do conteúdo produzido, uma memória, que ficará eternizada, da história tão bonita desse Congresso e que não será simplesmente lembrança, mas algo que nos comprometeu, através da Casa do Pão, marco que ele nos deixou, sinal profético, como cantamos no hino, “de uma Igreja em saída pelo amor aos irmãos, pela Eucaristia”, alimentando nossa esperança de um mundo novo, onde haverá “Pão em todas as mesas”, desde que aprendamos a reparti-lo com alegria. Segunda, os que, por motivos diversos, tanto desejaram e não se fizeram presentes possam, de alguma forma, sentir que participaram de tão grande banquete, pois, conosco estavam em comunhão. Terceira, para que todos os que, em tantas frentes trabalharam, tenham estes Anais como seu certificado, não simplesmente de participação, mas expressão de doação de seu tempo, de suas emoções, de seu entusiasmo, sinais de seu amor e seu comprometimento com a Eucaristia.

Mons. José Albérico Bezerra de Almeida
Secretário Geral do 18º CEN

NOTAS DE RODAPÉ

1 Disponível em: << https://www.arquidioceseolindarecife.org/fieis-participam-do-lancamento-do-xviii-congresso-eucaristico-nacional-na-arquidiocese-de-olinda-e-recife/ >>. Acesso em 16/12/2022.

2 Disponível em: << https://cen2020.com.br/logomarca-xviii-congresso-eucaristico-nacional/ >>. Acesso em 16/12/2022.

3 Disponível em: << https://www.arquidioceseolindarecife.org/livrarias-catolicas-de-todo-brasil-comecam-a-vender-texto-base-do-cen-2020/ >>. Acesso em 17/12/2022.

4 - GUILHERME BARAÚNA, A participação ativa, principio inspirador e diretivo da Constituição Litúrgica, in A Sagrada Liturgia, renovada pelo Concílio, Petrópolis, Vozes, 1964, p. 283.

5 Cf. Grillo, A. EUCARISTIA – AZIONE RITUALE, FORME STORICHE, ESSENZA SISTEMATICA. Queriniana, 2019. p. 76.

6 Cf. Brouard, M. (org). EUCHARISTIA – ENCICLOPÉDIA DA EUCARISTIA. Paulus, 2006. p 946.

7 Cf. BIANCHI, Enzo. Un pane unico per giudei e gentili, in La cena del Signore. Parola Spirito e Vita (Quaderni di lettura biblica, 7). Bolonha: EDB, 1987, p. 97.

8 MARTINI, Carlo Maria, in Editoriale. Ibidem, p. 3.

9 SORCI, Pietro. Mistério pascal. In SARTORE, Domenico – TRIACCA, Achille Maria (org.). Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulus, 2004, p. 771 e seg.

10 Encontram-se referências ao mistério pascal em SC: 7, 104 (na morte dos santos), 106 (na celebração do Domingo), 109 (na Quaresma, preparando a celebração da Páscoa); Lumen Gentium: 8 (a Igreja comparada com o mistério do Verbo encarnado); 26 (nas Igrejas, celebra-se o mistério da Ceia do Senhor); 52 e 59 (mistério da salvação); 54 e 65 (mistério da encarnação); Dei Verbum: 26 (participação no mistério Eucarístico que faz crescer a vida da Igreja); Gaudium et Spes: 22 (o cristão associado ao mistério pascal); Presbyterorum Ordinis: 5 (a Eucaristia na vida pessoal e ministerial dos presbíteros, fonte e cume de toda a evangelização, centro da assembleia dos fiéis); Christus Dominus (sobre o ofício pastoral dos bispos), 15; Optatam Totius (formação sacerdotal). Outras referências ao mistério pascal em Christus Dominus (sobre o ofício pastoral dos bispos), 15; Optatam Totius (formação sacerdotal), 8; Gaudium et Spes (A Igreja no mundo de hoje), 22 e 38.

11 SORCI. Mistério pascal. Op. cit., p. 774, citando N. FÜGLISTER (O significado salvífico da páscoa), escreve: “As circunstâncias providenciais em que o rito se realizou na véspera do Êxodo, circunstâncias descritas de forma épica pelas fontes mais antigas (Ex 12,21-23.27b.29-39), fizeram que a estes ritos ficasse confiada a lembrança do acontecimento salvífico fundamental”... Até o nome pesah, que inicialmente se referia a um saltar ou passar adiante sagrado, ficou inserido neste processo de refundação: ele veio a significar que o Senhor ‘passou adiante das’ (saltou as) casas dos israelitas, poupando-as (Ex 12,27a)”.

12 Cf. ibidem, p. 774.

13 Cf. MARSILI, Salvatore. Sinais do Mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos Sacramentos, espiritualidade e Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 357-361.

14 As prescrições detalhadas do ritual refletem a longa história de composição desse texto (Ex 12,1-13.16). Nota-se a preocupação de oferecer a motivação histórico-salvífica à celebração anual do evento. Desse modo, o sacrifício propiciatório dos nômades se torna memorial (cf. Ex 12,14.27).

15 Mishná (repetição oral). Coletânea jurídica [corpus iuris] da tradição oral judaica, posta por escrito pelo fim do século II da era cristã. Formará mais tarde a base para o Talmude: in GIRAUDO, César. Num só Corpo. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 615.

16 MARSILI. Sinais do Mistério de Cristo. Op. cit., p. 363-364.

17 Cf. VON RAD, Gerhard. Teologia dell’Antico Testamento, I. Teologia delle tradizioni storiche d’Israele. Brescia: Paideia, 1972, p. 149-150.

18 Veja, também, Josué 24,2-13; Salmo 136,10-22.

19 Pode-se ver o modelo desta dimensão histórica da celebração em Ex 19-24.

20 FABRIS, Rinaldo. Storia della Salvezza e momento celebrativo nel Nuovo Testamento, in AA.VV. Celebrare il Mistero di Cristo. Atti della VI settimana di studio dell'Associazione professori di liturgia. Roma, 5-7 settembre 1977. Bologna: Dehoniane, 1978, p. 24-25 (tradução nossa). D'ANNIBALE, Miguel Ángel escreve: "Todo esse complexo acontecimento histórico é símbolo de uma realidade futura em que ocorrerá a libertação definitiva. Por isso, na páscoa tomada como Êxodo e Aliança do Sinai, estamos diante de um fato histórico de natureza e valor simbólico. A Páscoa hebraica perpetuou-se no tempo como uma celebração ritual. (...) O acontecimento salvífico permanece no transcurso da história, não em sua materialidade, mas em sua ação salvífica, de tal maneira que o termo "Páscoa" designa em primeiro lugar sua dimensão ritual": In: CELAM. A celebração do Mistério pascal. Manual de Liturgia, III. Os Sacramentos: sinais do mistério pascal. São Paulo: Paulus, 2005, p. 167-168.

21 D'ANNIBALE. Ibidem, p. 175.

22 SORCI. Mistério pascal. Op. cit., p. 778 (tradução nossa).

23 Shemah [ouve]. "Serviço cultual judaico que consiste na leitura (precedida e seguida de formulários de bênção) de Dt 6,4-9; 11,13-21; Nm 15,37-41", in GIRAUDO. Num só Corpo. Op. cit., p. 617.

24 A Shemoneh Esreh (dezoito bênçãos), nome dado à Tefillá [súplica], a oração de intercessão por excelência, que o fiel é obrigado a recitar individualmente três vezes ao dia: in GIRAUDO. Num só Corpo. Op. cit., p. 219.

25 SORCI. Mistério pascal. Op. cit, p. 779.

26 FABRIS. Storia della Salvezza. Op. cit., p. 30.

27 Com um ensinamento "posto sob a autoridade de Rabbán Gamli'él (neto de Hillel e mestre de Paulo – cf. At 22,3) ou ao neto dele", a celebração pascal atinge seu ponto culminante, determina as "três palavras obrigatórias" da celebração, isto é: páscoa, ázimo, erva amarga. "Quem não diz na Páscoa estas três palavras não cumpre sua obrigação". Olha-se, mas sem elevá-la, a pata [do cordeiro] "A páscoa que nossos pais comiam quando a casa do santuário estava em pé, por que [a comiam]? Porque o Santo – bendito seja Ele! – saltou-por-cima das casas de nossos pais no Egito, como está dito: "E direis: Este é o sacrifício de páscoa para o Senhor, que saltou-por-cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando golpeou o Egito e poupou nossas casas; e o povo se inclinou e se prostrou" [Ex 12,27]. Eleva-se o ázimo: "Este ázimo que comemos, por que [o comemos]? Porque sua massa, a de nossos pais, não teve tempo de fermentar, quando de repente se revelou a eles o Rei dos reis, o Santo – bendito seja Ele! – e os remiu, como está dito: "E fizeram cozer a massa que tinham levado embora do Egito à maneira de pães ázimos, porque não estava fermentada, pois tinham sido lançados fora do Egito e não tinham podido protelar e nem tinham feito provisões" [Ex 12,39]. Eleva-se a erva-amarga. Esta erva-amarga que comemos, por que a comemos? Porque os egípcios amarguraram a vida de nossos pais no Egito, como está escrito: "E amarguraram a vida de nossos pais no Egito, com a argila e os tijolos e com toda servidão no campo, com toda sua servidão, com que os faziam servir, com violência" [Ex 1,14]. In GIRAUDO. Um só Corpo. Op. cit., p. 109-111.

28 ALDAZÁBAL, José. A Eucaristia. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 40.

29 Cf. ibidem, p. 42.

30 BACIOCCHI (de), J. L'Eucaristia. Roma: Desclée & C. – Editori Pontifici, 1968, p. 7-8 (tradução nossa).

31 A Ceia derradeira de Jesus com os seus discípulos, tão importante para a fé dos cristãos, recebeu diferentes nomes ao longo dos séculos. Paulo a chama de Ceia do Senhor (1Cor 11,20); em Atos 2,42 e Lc 24,25, fala-se de fractio panis, fração do pão; em Roma e na África, nos séculos III-IV, dominicum, synaxis ou colecta; a palavra missa (do latim missio ou dimissio) entrará na linguagem eclesial como a mais usada – apesar de sua incerta origem; mais antigamente missarum sollemnia. Antigo é também o termo eucaristia, às vezes, gratiarum actio (já em S. Inácio de Antioquia); sacrificium, oblatio; os gregos, a partir do século IX: leitourguia e, no antigo latim cristão: actio, agenda. Para as espécies consagradas, Corpus Christi, Caro Christi. Ibidem, p. 3 (tradução nossa).

32 Cf. JEREMIAS, Joachim. Le parole dell'ultima cena. Brescia: Paideia, 1973, p. 143-145.

33 Cf. SORCI. Mistério pascal. Op. cit., p. 779.

34 Ibidem, p. 780

35 Ibidem, p. 780-781.

36ALDAZÁBAL. A Eucaristia. Op. cit., p. 125.

37MARSILI. Sinais do Mistério de Cristo. Op. cit., p. 384-85.

38 Citação de LLOPIS, J. in SILVA (da), José Ariovaldo. A celebração do Mistério de Cristo ao longo da história. Panorama histórico geral da liturgia. In AA. VV. A celebração do mistério pascal. Outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja (Manual de liturgia IV). São Paulo: Paulus,2007, p. 486. Resume Aldazábal: "Deixando de lado outros muitos aspectos deteriorados que afetavam a vida eclesial (escassa formação do clero, intromissão do poder civil, pouca dedicação dos bispos à pastoral etc.), é impressionante a lista de 'abusos' enumerada pela comissão designada para isto, sobretudo na sessão de 1562": ALDAZÁBAL. A Eucaristia. Op. cit., p. 191.

39 MARSILI. Teologia da celebração da Eucaristia. In A Eucaristia, teologia e história da celebração. (Anámnesis, 3). São Paulo: Paulinas, 1987, p. 91-92.

40 GIRAUDO. Num só Corpo. Op. cit., p. 452. Nessa obra, p. 448-460, pode-se encontrar uma reconstrução histórica e suas motivações teológicas. Para a história do Cânon Romano (Oração Eucarística I), pode-se ver uma detalhada reconstrução in RIGHETTI, Mario. La messa. Commento storico-liturgico alla luce del Concilio Vaticano II (Manuale di storia liturgica, III). Milão: Àncora, 1966 (3ª edição), p. 342-475.

41 GIRAUDO. Num só Corpo. Op. cit., p. 451. O Giraudo explica as causas desse empobrecimento devido não só à reação contra Berengário, mas também ao estilo dos neoconvertidos povos germânicos: Ib.

42MARSILI. A Eucaristia. Op. cit., p. 94. Nessa época, multiplicam-se as missas pelos defuntos, "para garantir a salvação pronta e segura das almas dos defuntos". "Estabelecido e universalmente praticado o princípio de que a missa era meio infalível para a libertação dos defuntos, era natural pensar que o mesmo devia valer para todas as necessidades espirituais e materiais dos vivos" (...) "muitas vezes, era previsto, para cada missa, o número das velas, o preço da oferta a se fazer ao sacerdote e o número de esmolas aos pobres": ibidem, p. 94-95.

43 Ibidem, p. 95-99.

44 GRILLO, Andrea. Eucaristia. Azione rituale, forme storiche, essenza sistematica. Brescia: Queriniana, 2019, p. 230.

45 Ibidem, p. cit., p. 176.

46 In GIRAUDO. Um só Corpo. Op. cit., p. 461.

47 Em outro escrito, Formula Missae et Communionis (1523), Lutero acrescenta: "Verdadeiramente neste livro deixamos de dizer que a missa [não] é um sacrifício nem uma boa obra, como em outras partes ensinamos abundantemente. Tomemo-la como sacramento ou testamento, ...ou com qualquer outro nome piedoso que nos agrade, desde que não seja emporcalhada com o título de sacrifício ou de obra; e ilustraremos o rito com o que nos parece devê-la usar"; in Ibidem, p. 463.

48 Neunheuser escreve: "Podemos dizer: o último traço da oração eucarística desapareceu; desapareceu o prefácio; no lugar do Pater, uma paráfrase moralizante; o 'recordar-se' do Senhor é reduzido a um fato puramente subjetivo; uma forma vaga de consagração (para obter a presença real) e o banquete sagrado (a Ceia). A preciosa herança dos primeiros séculos, isto é, a ação litúrgica uma e única, a grande Prex Eucharistica, não existe mais": NEUNHEUSER, Burkhard. História da liturgia através das épocas culturais. São Paulo: Loyola, 2007, p. 176-177.

49 Cf. GIRAUDO. Um só Corpo. Op. cit., p. 457-458. Observa Lutero que "na verdadeira missa, entre cristãos autênticos, o altar não deveria permanecer como é e o sacerdote deveria sempre estar voltado para o povo": ibidem, p. 458.

50 Ibidem, p. 77.

51 Ibidem.

52 O Concílio de Constança, com a bula Inter Cunctas, de Martinho V, contra as posições de Hus, e o Concílio de Florença, Decretum pro Armeniis (1439).

53 A audiência da missa apresentada como o maior sinal do cristianismo autêntico, ao ponto de se chegar a dizer: "A primeira eficácia da missa é esta: se alguém ouvir dignamente ainda que uma só missa terá muito mais vantagens do que se distribuir aos pobres os seus bens": AA. VV. A Eucaristia, teologia e história da celebração. MARSILI. Op. cit., p. 69-70.

54 GIRAUDO. Um só Corpo. Op. cit. p.439-440.

55 Ibidem, p. 440.

56 PADOIN Giacinto. Il pane che io darò. Il Sacramento dell'Eucaristia. Roma: Borla, 1983. Op. cit., p. 145 (tradução nossa).

57 GIRAUDO. Op. cit. p. 441. Nas páginas desta grande obra: Num só Corpo, podem-se encontrar ricas informações sobre o assunto, sobretudo, nas páginas 167-169; 438-444; 461-462.

58 Ibidem, p. 441. O Catecismo da Igreja Católica recorda os ensinamentos de Trento, com a afirmações dos Padres da Igreja e de Papa São Paul VI que, na Carta encíclica Mysterium fidei (1965), escreve a respeito da presença de Cristo na Eucaristia: "Esta presença chama-se 'real' não por exclusão, como se as outras não fossem 'reais', mas por antonomásia, porque é substancial e porque, por ela, Cristo, Deus e homem, se torna inteiramente presente": São JOÃO PAULO II: Catecismo da Igreja Católica. Brasília: CNBB, 2013, n. 1374, p. 451. Ao assunto transubstanciação, o Catecismo dedica os números 1373-1377.

59 Ibidem, p. 465-474.

60 Abundantes informações se encontram em GIRAUDO. Um só Corpo. Op. cit., p. 444-448 e RIGHETTI, Mario. La messa. Commento storico-liturgico alla luce del Concilio Vaticano II (Manuale di storia liturgica, III). Milão: Àncora, 1966 (3ª edição), p. 590-614 (sobre o culto ao SS. Sacramento: a contemplação da hóstia, a exposição do SS. Sacramento, as procissões eucarísticas, a bênção com o SS. Sacramento, todas práticas que se desenvolvem ao longo dos primeiros séculos do segundo milênio).

62 GOPEGUI observa: "Não se deve ver na expiação vicária uma espécie de compensação que o justo, com seu sofrimento, pagaria a Deus pela injustiça do pecador. A doutrina bíblica da expiação não deve ser confundida com a doutrina jurídica da satisfação": GOPEGUI, Juan A. Ruiz (de). Eukharistia. Verdade e caminho da Igreja. São Paulo: Loyola, 2008, p. 277.

63 Cf. GIRAUDO. Num só Corpo. Op. cit., p. 475. 478.

64 NEUNHEUSER. História da liturgia. Op. cit., p. 181.

65GIRAUDO. Num só Corpo. Op. cit., p. 479.

66 GOPEGUI. Eukharistia. Op. cit., p. 276.

67 Uma síntese em GOPEGUI. Op. cit., p. 276 e MARSILI. Teologia da celebração da eucaristia. In AA. VV. A Eucaristia, teologia e história da celebração; Op. cit., p. 135-136; GIRAUDO. Num só corpo. Op. cit., p.479-498.

68 GIRAUDO. Num só Corpo. Op. cit., p. 485.

69 Ibidem, p. 486.

70 Na elaboração destas observações, sigo livremente o pensamento de GRILLO. Eucaristia. Op. cit., p. 12-53. O autor me confirmou de ter resumido fielmente o seu pensamento.

71 Nos anos 80 – século passado, Joseph Ratzinger escreveu que "a liturgia em sentido moderno nasceu com a descoberta dessa categoria" (GRILLO, p. 23).

72 Cf. SILVA (da). A celebração do Mistério de Cristo. Op. cit., p. 498-500.

73 NEUNHEUSER. História da liturgia. Op. cit. p. 217.

74 SILVA (da), José Ariovaldo. A celebração do Mistério de Cristo. Op. cit., p. 506.

75 ALDAZÁBAL. A Eucaristia. Op. cit., p. 214. Podem-se encontrar referências ao mistério pascal em outros números de SC: 7, 104 (na morte dos santos), 106 (na celebração do domingo), 109 (na Quaresma, preparando a celebração da Páscoa); Lumen Gentium: 8 (a Igreja comparada com o mistério do Verbo encarnado); 26 (nas Igrejas, celebra-se o mistério da Ceia do Senhor); 52 e 59 (mistério da salvação); 54 e 65 (mistério da encarnação); Dei Verbum: 26 (participação no mistério Eucarístico que faz crescer a vida da Igreja); Gaudium et Spes: 22 (o cristão associado ao mistério pascal); 38 (a atividade humana levada à perfeição no mistério pascal); Presbyterorum Ordinis: 5 (a Eucaristia na vida pessoal e ministerial dos presbíteros, fonte e cume de toda a evangelização, centro da assembleia dos fiéis).

76 Lamento que no texto das edições CNBB se traduza: "Os fiéis cristãos não estejam como estranhos ou mudos espectadores neste mistério da fé, mas entendendo bem os ritos e preces". O meio, é interpretado como objeto do conhecimento. (O mesmo erro na tradução italiana aos cuidados das Dehoniane de Bolonha 1993, p. 385).

77 GRILLO. Eucaristia. Op. cit., p. 313-314 (tradução nossa).

78 Ibidem, p. 314.

79 ALDAZÁBAL. A Eucaristia. Op. cit., p. 213.

80 Nestes últimos pensamentos, sigo livremente o que escreve (meu professor de Teologia) PADOIN. Il pane che io darò. Op. C,it., p. 239-240 (tradução nossa).

81 GOPEGUI. Eukharistia. Op. cit., p. 284.

82 Um homem perplexo: o cristão na sociedade, Mario de França Miranda, São Paulo, Loyola, 1992

83 João 1:46 - Disse-lhe Natanael: Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?

84 Teoliterária V. 1 - N. 1 - 1º Semestre de 2011 https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22946/16614

85 https://www.snpcultura.org/adelia_prado_mistica_e_poesia_sao_bracos_do_mesmo_rio.html

86 https://cebi.org.br/noticias/missa-e-como-um-poema-adelia-prado/

87 O mesmo espírito de Missa sobre o mundo... (Pe. Teilhard de Chardin SJ)

88 Cfr. H. Camara,«L'eucharistie, exigence de justice sociale», in Parole&Pain 42 (1971), pp. 75-76

89 http://www.igrejanova.org.br/eterno.htm

90 Material coletado para introduzir a discussão na oficina do primeiro dia do Simpósio Teológico do 18º Congresso Eucarístico Nacional, Recife, PE (12/11/2022).

91 Cf. Taborda, Francisco. O memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2015, 311-317.

92 Cf. Segoloni Ruta, Simona. Sem presbítero não, sem povo sim? Em: Revista IHU Online. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/597318-sem-presbitero-nao-mas-sem-povo-sim-artigo-de-simona-segoloni-ruta. Acesso em: 05 nov. 2022

93 Missal Romano restaurado por decreto do Sagrado Concílio Vaticano Segundo e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. Tradução portuguesa da 2ª edição típica para o Brasil. 3ª ed. São Paulo; Petrópolis: Paulus; Vozes, 1997, 389. Grifo meu.

94 Missal Romano. Material de Estudo, parte 1. Brasília: Edições CNBB, s/d, 665.

95 Papa Francisco. Discurso aos participantes das 68ª Semana Litúrgica Nacional [da Itália], 24 ago. 2017. Em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html (acesso 06 fev. 2023; grifos meus).

96 Sobre o axioma "lex orandi – lex credendi", cf. Taborda. Ob. cit., 23-39.

97 Cf. Ambrósio, Santo. Os sacramentos IV, 5-6. Em: Id. Os sacramentos e os mistérios: Iniciação Cristã na Igreja primitiva. Petrópolis: Vozes, 2019, p 79-83.

98 Pedro Damião. Undécimo opúsculo: livro que se intitula "O Senhor esteja convosco", para o eremita Leão. Cap. 8 (PL 145, 237). Grifo meu. Observe-se o inciso "também mulheres".

99 Inocêncio III. Seis livros sobre o sagrado mistério do altar, livro III, cap. 3 (PL 217, 844).

100 Ib., cap. 4 (PL 217, 845).

101 Guerric D'Igny (atribuído): Sermão 5 da purificação (PL 185, 87). Informação crítica em: Morson, J.; Costello, H.: Introduction a Guerric D'Igny. Sermons, t. 1 (Paris: Cerf, 1970), em: SChr 166, 7-80 (aqui: 79-80).

102 João Crisóstomo. Homilia 18 sobre a Segunda Epístola aos Coríntios (PG 61, 527). Grifo meu.

103 Teodoro de Mopsuéstia. Homilia 16 (Segunda homilia sobre a missa), 5. In: Théodore de Mopsueste. Homélies catéchétiques. Paris: Migne, 1996, p. 270 (grifos meus). Na Homilia 15, 36, Teodoro já havia usado e explicado essa metáfora. Diz que o pontífice «é como o olho ou a língua. Como olho, vê as obras de todos e, com o cuidado que convém ao sacerdote, corrige e encaminha cada um segundo prescrito. Como língua, apresenta as orações de todos». Ib., p. 261 (grifo meu).

104 Cf. Enciclopedia Treccani. Verbete "Muratóri, Ludovico Antonio". Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/ludovico-antonio-muratori/>. Acesso em 30 de agosto de 2017.

105 Muratori, L. A. Della regolata divozione dei cristiani, cap. 16. Trento: Giambarista Parone Stamp. Vero, 1779, p. 177 (grifo meu). De acordo com o costume de seu tempo, fala, porém, de "assistir", "assistência" e não de "participar" e "participação".

106 Cf. Hünermann, Peter. Theologischer Kommentar zur dogmatischen Konstitution über die Kirche Lumen gentium, em: Hünermann, Peter; Hilberath, Bernd Jochen. Herders theologischer Kommentar, Bd. 2, 263-582 (aqui: 376-377, remetendo a Pio XI, Encíclica Miserentissimus Redemptor, em: AAS 20 [1928] 171, e Pio XII, Encíclica Mediator Dei [DH 3850 e 3852]).

107 Cf. Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos. Instrução Redemptionis Sacramentum. Em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20040423_redemptionis-sacramentum_po.html (acesso 26 nov. 2022)

108 Pio X. Motu proprio Tra le sollecitudini sobre a música sacra, de 22 nov. 1903. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/motu_proprio/documents/hf_p-x_motu-proprio_19031122_sollecitudini.html (acesso 20 nov. 2018). Itálico meu.

109 Grillo, Andrea. La nostalgia e il desiderio de la liturgia: lo spazio delle comunità residuali. Em: Rivista di Pastorale Liturgica. Numero speciale in pdf, marzo 2020, 4-8 (citação: 6).

110 Cf. Chauvet, Louis-Marie. Symbole et sacrement: une relecture sacramentelle de l'existence chrétienne. Paris: Éditions du Cerf, 1990, 189.

111 Papa Francisco. Discurso citado na nota 6. Grifos meus.

112 Papa Francisco, “Diálogo com os superiores gerais de ordens e congregações religiosas masculinas (USG) reunidos em sua 88ª Assembleia Geral (25 de novembro de 2016)”; disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/564781-os-religiosos-e-a-fecundidade-da-profecia-dialogo-entre-o-papa-francisco-e-a-uniao-dos-superiores-maiores >

113 Juan Pablo Espinosa Arce, “Eucaristia e discipulado no Documento de Aparecida”, Revista IHU on-line: http://www.ihu.unisinos.br/568082

114 Juan Pablo Espinosa Arce, “Eucaristia e discipulado no Documento de Aparecida”, Revista IHU on-line: http://www.ihu.unisinos.br/568082

115 Boris Agustín Nef Ulloa, María Regina Ribeiro Graciani, "A dimensão missionária da eucaristía", Theologica Xaveriana 182 (2016): 449-470; em: https://www.redalyc.org/pdf/1910/191049481008.pdf

116 Bento XVI, Discurso na sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe (Aparecida, 13 de maio de 2007), disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html>

117 Boris Agustín Nef Ulloa, María Regina Ribeiro Graciani, "A dimensão missionária da eucaristia", Theologica Xaveriana 182 (2016): 449-470; disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1910/191049481008.pdf>

118 Papa Francisco, Diálogo com os superiores gerais de ordens e congregações religiosas masculinas (USG) reunidos em sua 88ª Assembleia Geral (25 de novembro de 2016); disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/564781-os-religiosos-e-a-fecundidade-da-profecia-dialogo-entre-o-papa-francisco-e-a-uniao-dos-superiores-maiores>

119 Boris Agustín Nef Ulloa, María Regina Ribeiro Graciani, "A dimensão missionária da eucaristia", Theologica Xaveriana 182 (2016): 449-470; disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1910/191049481008.pdf>

120 Schwantes, Milton, “No banquete das origens: comida e bebida em narrações bíblicas”, Estudos de Religião 28, São Bernardo do Campo, Metodista, p.29-45, 2005.

121 BENTO XVI, Homilia na Festa de Corpus Christi, 23 de junho de 2011; disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2011/documents/hf_ben-xvi_hom_20110623_corpus-domini.html>

122 Aparecida interpela a Igreja a reafirmar efetivamente sua opção preferencial pelos pobres: “Dentro dessa ampla preocupação pela dignidade humana, situa-se nossa angústia pelos milhões de latino-americanos e latino-americanas que não podem levar uma vida que corresponda a essa dignidade. A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha [...]” (DAp 391); “Nossa fé proclama que «Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem». Por isso, «a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza». Essa opção nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão (cf. Hb 2,11-12). Opção, no entanto, não exclusiva, nem excludente” (DAp 391); “Se essa opção está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles: «Os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo». Eles desafiam o núcleo do trabalho da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs. Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo: «Tudo quanto vocês fizeram a um destes meus irmãos menores, o fizeram a mim» (Mt 25,40)” (DAp 391).

123 Boris Agustín Nef Ulloa, María Regina Ribeiro Graciani, "A dimensão missionária da eucaristía", Theologica Xaveriana 182 (2016): 449-470; disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1910/191049481008.pdf>

124 Arcebispo de Santa Maria- RS

125 SUBIRANA, J. HEREU R. ARÉS, D. Eucaristia. In PEDROSA, V. M. et alii. Dicionário de catequética. São Paulo: Paulus, 2004, p. 439.

126 PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. Diretório para a Catequese. São Paulo: Paulinas, 2020, n.96.

127 PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. Diretório para a Catequese. São Paulo: Paulinas, 2020, n.97.

128 BENTO XVI. Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum caritatis. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 37.

129 PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. Diretório para a Catequese. São Paulo: Paulinas, 2020, n.97.

130 PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. Diretório para a Catequese. São Paulo: Paulinas, 2020, n.98a.

131 FRANCISCO. Exortação apostólica Evangelii Gaudium. São Paulo: Paulinas, 2013. n.166

132 ORIGENES. Commento al Vangelo di Luca 32,6.

133 Dei Verbum, n. 21.

134 FRANCISCO. Exortação apostólica Gaudete et exsultate. São Paulo: Paulinas, 2018, n. 157.

135 SANTO AGOSTINHO. Propositio. n. 33.

136 SANTO AGOSTINHO. Sermo 227, 1. Patrologia Latina 38, n. 1099.

137 PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. Diretório para a Catequese. São Paulo: Paulinas, 2020, n.98c.

138 CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. Comunicare il vangelo in um mondo che cambia 49, pp. 38-39.

139 BENTO XVI. Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum caritatis. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 37.

PÃO EM TODAS AS MESAS

RECIFE/PE

XVIII CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE
Av. Rui Barbosa, 409 - Graças - Recife - Pernambuco
(81) 3271-4270